



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO E AS PERÍFRASES
IMPERFECTIVAS DE PASSADO EM CONTOS LITERÁRIOS ESCRITOS EM
ESPAÑHOL: UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA**

VALDECY DE OLIVEIRA PONTES

FORTALEZA/CE

2012

VALDECY DE OLIVEIRA PONTES

**O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO E AS PERÍFRASES
IMPERFECTIVAS DE PASSADO EM CONTOS LITERÁRIOS ESCRITOS EM
ESPAÑHOL: UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Descrição e Análise Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Márluce Coan

FORTALEZA/CE

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- P859p Pontes, Valdecy de Oliveira.
O pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado em contos literários escritos em espanhol: um estudo sociofuncionalista / Valdecy de Oliveira Pontes. – 2012.
265 f. : il. color., enc. ; 31 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Descrição e análise linguística.
Orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.
1. Língua espanhola – Tempo verbal. 2. Língua espanhola – Transitividade.
3. Funcionalismo (Linguística). I. Título.

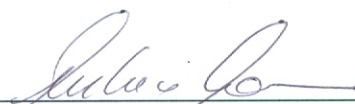
CDD 465.9

VALDECY DE OLIVEIRA PONTES

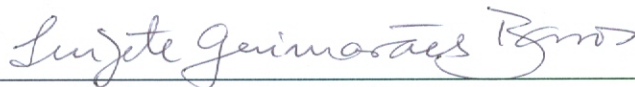
**O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO E AS PERÍFRASES
IMPERFECTIVAS DE PASSADO EM CONTOS LITERÁRIOS ESCRITOS EM
ESPAÑHOL: UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA**

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

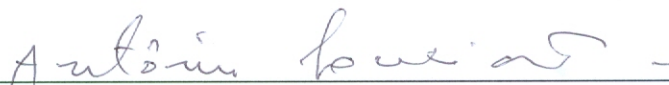
Aprovada em 14/05/2012



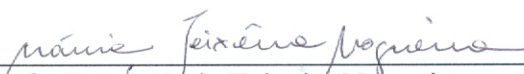
Profª. Dra. Márluce Coan - Orientadora
Universidade Federal do Ceará (UFC)



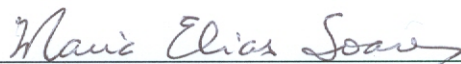
Profª. Dra. Luizete Guimarães Barros
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
1ª Examinadora



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
2º Examinador



Profª. Dra. Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
3ª Examinadora



Profª. Dra. Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)
4ª Examinadora

A meus pais, Selma e Valmiro, que
sempre me incentivaram a estudar.

Dedico esta tese.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que fez claro e inteligente o meu pensamento nas horas difíceis.

À professora Márluce Coan, minha orientadora e amiga, pela perfeita combinação de rigor acadêmico e de confiança. Com seriedade e competência, acreditou neste trabalho e soube ser compreensiva nos momentos difíceis.

Aos meus professores do PPGL/UFC, que me ajudaram a caminhar com firmeza, em busca do meu ideal.

À banca de qualificação do projeto de tese (professoras Dra. Raquel Meister Ko. Freitag e Dra. Márcia Teixeira Nogueira), pelas contribuições e observações precisas.

À examinadora dos seminários de pesquisa II, professora Dra. Hebe Macedo, pelas considerações sobre a tese em andamento.

A todos os meus amigos e colegas do PPGL/UFC, em especial, Carlos Alberto, Olavo, Fábio, kátia e Jeane, pela amizade.

As minhas amigas Alexandra, Leonilda e Letícia, pelo constante apoio e incentivo.

Aos professores da Universidade Complutense de Madri, Dr. Ignacio Bosque e Dr. Luis García Fernández, pelas sugestões de referências bibliográficas e pelo envio de teses, dissertações e artigos.

À Dra. Ana Bravo Martín por suas sugestões e indicações de trabalhos em espanhol sobre as categorias Tempo e Aspecto.

À Dra. Roseli Barros Cunha, professora de Literatura Hispano-americana, pela ajuda na seleção dos contos literários.

Ao Dr. Carlos Augusto, pela versão do resumo em inglês.

Aos colegas do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC, pela amizade e pelas palavras de confiança.

À minha família, pelo amor e carinho.

“Quem não sente a ânsia de ser mais,
não chegará a ser nada.”

Miguel De Unamuno

RESUMO

Esta tese deteve-se no estudo da multifuncionalidade, numa perspectiva sociofuncionalista, do passado imperfectivo em Língua Espanhola, em contextos de uso das perífrases imperfectivas de passado e do pretérito imperfeito do indicativo. Investigou, ainda, a variação entre essas formas nas funções descritiva, habitual, desiderativa e narrativa. Os objetivos que nortearam a nossa pesquisa foram: a) mapear as funções codificadas pelas formas aspectuais imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases verbais) em contos literários escritos em Espanhol; b) descrever o fenômeno de variação linguística nas funções desempenhadas pelas formas aspectuais imperfectivas de passado e c) examinar contextos linguísticos e extralinguísticos prototípicos a cada função e fatores que condicionam as formas sob análise. Deram suporte a nossa pesquisa os pressupostos teóricos do Sociofuncionalismo, de acordo com Tavares (2003), resultado do casamento teórico do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995) e dos postulados da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1978, 1994 e 2001). A pesquisa analisou dados de língua escrita provenientes de 24 contos literários escritos por autores de Língua Espanhola, selecionados a partir de parâmetros extralinguísticos (zona linguística do Espanhol, narrativas e autores). Obtivemos um total de 2093 dados, sendo que 1803 desses são de formas do pretérito imperfeito do indicativo, 86,15% do total, e 290 de perífrases imperfectivas de passado em Espanhol, o que corresponde a 13,85% do total. Esses dados foram analisados conforme os parâmetros de transitividade, de acordo com Hopper e Thompson (1980); tipos de verbo, conforme Vendler (1957,1967); tipos de modificadores aspectuais; relação figura e fundo, conforme Hopper e Thompson (1980); unidades da narrativa, segundo Labov (1972); tipos de discurso; zonas linguísticas; contos e autores selecionados; tipos de relato e vozes da narrativa literária. Ademais, foi realizado o mapeamento funcional e, nas funções em que houve variação, investigamos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram o uso das variantes, submetendo esses dados a tratamento estatístico através do pacote computacional GOLDFARB. No que tange à multifuncionalidade das formas imperfectivas de passado, encontramos, em nossa pesquisa, os valores descritivo (33,84%), narrativo (32,07%), habitual (6%), iterativo (1,53%), presente (3,07%), futuro (1,53%), simultaneidade (3,07%), cortesia (0,28%), desiderativo (8,08%), contrariedade (1,53%) e lúdico (9%). Dessas funções, em quatro, as formas sob análise estão em variação (de acordo com conceito proposto por Labov, 1978). O imperfeito é mais frequente na função descritiva (condicionado por presença de dois ou mais argumentos na oração, plano discursivo fundo 2, objeto não afetado pela ação verbal, estilo dos autores Virgilio Piñera e Roberto Bolaño, ausência de volitividade e verbos dinâmicos e durativos) e na função narrativa (condicionado por modalidade *irrealis*, plano discursivo figura, objeto não afetado pela ação verbal, verbos dinâmicos, sentenças cuja polaridade é negativa e avaliação da narrativa). As perífrases ocorrem, mais frequentemente na função desiderativa (motivadas por ausência de sujeito agentivo e de objeto individuado na oração, plano discursivo fundo [1 e 2] e verbos durativos) e na função habitual (motivadas por sujeito agentivo, estilo dos autores Gabriel García Márquez e Virgilio Piñera, verbos dinâmicos e durativos e presença de modificador aspectual).

Palavras-chave: Sociofuncionalismo. Passado imperfectivo. Língua Espanhola.

ABSTRACT

This dissertation studied the multifunctionality in a sociofunctional perspective of the imperfective past in the Spanish language in the contexts of use of imperfective periphrasis of past and of imperfect of indicative tense. It was also investigated the variation among these forms in the descriptive, habitual, desiderative and narrative functions. The objectives of the research were: a) to map out the encoded functions by the imperfective aspectual forms of past (imperfect of indicative tense and verbal periphrases) in literary short stories written in Spanish; b) to describe the phenomenon of linguistic variation in the functions performed by imperfective aspectual forms of past; c) to examine linguistic and extra-linguistic contexts, prototypical to each function and the factors that constrained the analyzed forms. As theoretical backgrounds, we used principles of Sociofunctionalism by Tavares (2003), as a result of a theoretical connection of the North American approach Linguistic Functionalism (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995), and some assumptions of the Theory of Change and Variation (LABOV, 1972, 1978, 1994 and 2001). The research analyzed data of written language from 24 short stories by Spanish writers, selected based on extra-linguistic parameters (the linguistic zone of Spanish, the narratives and the writers). The results were the following: from 2093 cases, 1803 are in the imperfect past tense of indicative, 86,15% of the total, and 290 in imperfective periphrasis of past in Spanish, which is 13,85% of the total. These data were analyzed according to parameters of transitivity by Hopper and Thompson (1980); types of verbs by Vendler (1957,1967); types of aspectual modifiers; the foreground and background relationship by Hopper e Thompson (1980); narrative unities by Labov (1972); types of discourse; linguistic zones; short stories and selected writers; types of report and voices of the literary narrative. In addition to that, functions were mapped out, and those, which had variation, it was investigated linguistic and extra-linguistic factors, which influenced the use of variants, by subjecting these data to a statistical analysis through the computer program GOLDFARB. Concerning the multifunctionality of imperfective forms of past, it was found, in our research, the following results: descriptive (33,84%), narrative (32,07%), habitual (6%), interactive (1,53%), present (3,07%), future (1,53%), simultaneity (3,07%), courtesy (0,28%), desiderative (8,08%), contrariety (1,53%) and playful (9%). In four of these functions, the analyzed forms vary (according to Labov's concept, 1978). The imperfect tense is more frequent in the descriptive function (constrained by the presence of two or more arguments in the sentence, discursive level background 2, object not affected by the verbal action, the style of the writers Virgilio Piñera and Roberto Bolaño, the absence of volitivity, and dynamic and durative verbs), and in the narrative one (constrained by modality *irrealis*, discursive level foreground, object not affected by the verbal action, dynamic verbs, sentences whose polarity is negative, and the evaluation of the narrative. Periphrases occur more frequently in the desiderative function (motivated by the absence of agentive subject and of individuated object in the sentence, discursive levels background 1 and 2, and durative verbs), and in the habitual function (motivated by agentive subject, the style of the writers Gabriel García Márquez and Virgilio Piñera, dynamic and durative verbs and the presence of the aspectual modifier.

Key-words: Sociofunctionalism. The Imperfective Past. The Spanish Language.

RESUMEN

Esta tesis se centró en el estudio de la multifuncionalidad, bajo una perspectiva sociofuncionalista, del pasado imperfectivo en Lengua Española en contextos de uso de las perífrasis imperfectivas de pasado y del pretérito imperfecto de indicativo. Se investigó, asimismo, la variación de estas formas en las funciones descriptiva, habitual, desiderativa y narrativa. Los objetivos que orientaron nuestra investigación fueron: a) identificar las funciones codificadas por las formas aspectuales imperfectivas de pasado (pretérito imperfecto de indicativo y perífrasis verbales) en cuentos literarios escritos en Español; b) describir el fenómeno de variación lingüística en las funciones desarrolladas por las formas aspectuales imperfectivas de pasado y c) examinar los contextos lingüísticos y extralingüísticos prototípicos de cada función y los factores que condicionan las formas analizadas. Dieron soporte a nuestra investigación los aportes teóricos del Sociofuncionalismo, de acuerdo con Tavares (2003), resultado del casamiento teórico entre el Funcionalismo Lingüístico de vertiente norte-americana (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995) y los postulados de la Teoría de Variación y Cambio (LABOV, 1972, 1978, 1994 y 2001). La investigación analizó datos de lengua escrita provenientes de 24 cuentos literarios escritos por autores de Lengua Española, seleccionados a partir de parámetros extralingüísticos (zona lingüística del Español, narrativas y autores). Obtuvimos un total de 2093 datos, de los cuales 1803 son de formas del pretérito imperfecto de indicativo, 86,15% del total, y 290 de perífrasis imperfectivas de pasado en Español, lo que corresponde a 13,85% del total. Estos datos fueron analizados conforme los parámetros de transitividad, de acuerdo con Hopper y Thompson (1980); tipos de verbo, conforme Vendler (1957, 1967); tipos de modificadores aspectuales; relación entre información prominente y trasfondo, conforme Hopper y Thompson (1980); unidades de la narrativa, según Labov (1972); tipos de discurso; zonas lingüísticas; cuentos y autores seleccionados; tipos de relato y voces de la narrativa literaria. Además, fue realizado el mapeo funcional y, en las funciones en las que hubo variación, investigamos los factores lingüísticos y extralingüísticos que condicionaron el uso de las variantes, sometiendo esos datos a tratamiento estadístico a través del paquete computacional GOLDFARB. Con relación a la multifuncionalidad de las formas imperfectivas de pasado, encontramos, en nuestra investigación, los valores descriptivo (33,84%), narrativo (32,07%), habitual (6%), iterativo (1,53%), presente (3,07%), futuro (1,53%), simultaneidad (3,07%), cortesía (0,28%), desiderativo (8,08%), contrariedad (1,53%) y lúdico (9%). En cuatro de estas funciones, las formas analizadas están en variación (de acuerdo con el concepto propuesto por Labov, 1978). El imperfecto es más frecuente en la función descriptiva (condicionado por presencia de dos o más participantes en la oración, plano discursivo trasfondo 2, objeto no afectado por la acción verbal, estilo de los autores Virgilio Piñera y Roberto Bolaño, ausencia de voluntad, verbos dinámicos y durativos) y en la función narrativa (condicionado por irrealidad de la proposición, plano discursivo información prominente, objeto no afectado por la acción verbal, verbos dinámicos, cláusulas cuya polaridad es negativa y evaluación de la narrativa). Las perífrasis ocurren, más frecuentemente, en la función desiderativa (motivadas por ausencia de agentividad del sujeto y de individuación del objeto en la oración, plano discursivo trasfondo [1 y 2] y verbos durativos) y en la función habitual (motivadas por agentividad del sujeto, estilo de los autores Gabriel García Márquez y Virgilio Piñera, verbos dinámicos y durativos y presencia de modificador aspectual).

Palabras-clave: Sociofuncionalismo. Pasado imperfectivo. Lengua Española.

RÉSUMÉ

Cette thèse s'est tenue à l'étude de la multifonctionnalité dans la perspective sociofonctionnaliste, du passé imperfectif en Langue Espagnole, dans des contextes d'utilisation de périphrases imperfectives de passé et de l'imparfait de l'indicatif. Elle a montré, encore, la variation entre ces formes dans les fonctions descriptive, désiderative habituelle et de la narration. Les objectifs qui ont guidé notre recherche ont été les suivants: a) cartographier les fonctions codées par des formes aspectuelles imperfectives du passé (imparfait et des périphrases verbales) dans des contes littéraires écrits en espagnol; b) décrire le phénomène de la variation linguistique dans les fonctions exercées par des formes aspectuelles imperfectives du passé dans des histoires courtes écrites littéraires en espagnol et c) examiner des contextes linguistiques et extralinguistiques prototypiques à chaque fonction et des facteurs qui influencent les formes en analyse. Notre recherche s'appuie dans la théorie du Sociofonctionnalisme, selon Tavares (2003), résultat du mariage théorique du Fonctionnalisme Linguistique des États-Unis (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995) et les postulats de la Théorie de la Variation et Changement (LABOV, 1972, 1978, 1994 et 2001). La recherche a analysé les données du langage écrit de 24 contes littéraires écrits par des auteurs de Langue Espagnole, sélectionnés à partir des paramètres extralinguistiques (zone de la Langue Espagnole, des récits et des auteurs). Nous avons obtenu un total de 2093 données, dont 1803 sont de la forme imparfaite de l'indicatif, 86,15% du total, et 290, de périphrases imperfectives du passé en espagnol, correspondant à 13,85% du total. Ces données ont été analysées en fonction de la transitivité, selon Hopper et Thompson (1980), les types de verbe, selon Vendler (1957,1967); les types de modificateurs aspectuels, relation premier plan et arrière plan, selon Hopper et Thompson (1980); des unités du récit, selon Labov (1972), les types de discours, les zones linguistiques; des contes et des auteurs sélectionnés, les types de rapports et des voix de récit littéraire. En plus, une cartographie fonctionnelle a été réalisée, et les fonctions dans lesquelles il y avait des variations, nous étudions les facteurs linguistiques et extralinguistiques qui ont conditionné l'utilisation de variantes, en soumettant ces données à l'analyse statistique en utilisant le paquet GOLDFARB calcul. En ce qui concerne les formes de multifonctionnalité imperfectives du passé, nous avons trouvé dans notre recherche, le valeur descriptive (33,84%), le récit (32,07%), l'habituel (6%), l'itératif (1,53%), le présent (3,07%), l'avenir (1,53%), la simultanéité (3,07%), la courtoisie (0,28%), désiderative (8,08%), la gêne (1,53%) et le ludique (9%). Dans ces fonctions, sous quatre, les formes sont en cours d'analyse de variation (en conformité avec le concept proposé par Labov, 1978). L'imparfait est plus fréquent dans la fonction descriptive (conditionné par la présence de deux ou plusieurs arguments dans la phrase, plan discursif niveau fond 2, objet non touché par l'action verbale, le style des auteurs Virgilio Piñera et Roberto Bolaño, l'absence de volitivité et des verbes dynamiques et duratifs) et dans la fonction narrative (conditionné par la modalité *irrealis*, plan discursif figure, objet non affecté par l'action verbale, les verbes dynamiques, des phrases dont la polarité est négative et l'évaluation de la narration). Les périphrases se produisent plus souvent dans la fonction désiderative (motivées par l'absence de sujet agentif et de l'objet individué dans la phrase, des plans discursifs fonds 1 et 2 et les verbes duratives) et dans la fonction habituelle (motivées par le sujet agentif, le style des auteurs Gabriel García Márquez et Virgilio Piñera, les verbes dynamiques et duratives et la présence de modificateur aspectuel).

Mots-clés: Le Sociofonctionnalisme. Le Passé Imperfectif. La Langue Espagnole.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Valores do pretérito imperfeito do indicativo	36
Quadro 2 – Perífrases aspectuais	59
Quadro 3 – Traços das subfunções do Aspecto imperfectivo em Espanhol	62
Quadro 4 – Relação entre Tempo e Modalidade	75
Quadro 5 – Pressupostos do Sociofuncionalismo	110
Quadro 6 – Características prototípicas das formas imperfectivas de passado	242
Figura 1 – Relação entre as modalidades epistêmica, dinâmica, deôntica e alética	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Subfunções do Aspecto imperfectivo e formas imperfectivas de passado	142
Gráfico 02: Oposição fato semelfactivo x fato repetitivo e formas imperfectivas de passado	146
Gráfico 03: Mapeamento funcional das formas aspectuais imperfectivas	151
Gráfico 04: Nível de transitividade em dados válidos	154
Gráfico05: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em todos os dados	154
Gráfico 06: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados do Pretérito Imperfeito	156
Gráfico 07: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados das Perífrases Imperfectivas de Passado	157
Gráfico 08: Modificadores aspectuais e ocorrências de formas imperfectivas	163
Gráfico 09: Tipos de verbos e ocorrências nas formas imperfectivas	168
Gráfico 10: Ocorrência de formas imperfectivas no Plano Textual- Discursivo: Figura/ Fundo	174
Gráfico 11: Vozes da narrativa e ocorrência de formas imperfectivas de passado	192
Gráfico 12: Tipos de narrador	194

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Atuação dos parâmetros de transitividade na codificação das funções categóricas do passado imperfeito	159
Tabela 02 – Atuação do modificador aspectual na codificação das funções categóricas do passado imperfeito	165
Tabela 03 – Quantidade de dados por tipo de verbo	166
Tabela 04 – Atuação do aspecto inerente na codificação das funções categóricas do passado imperfeito	172
Tabela 05 – Atuação do relevo discursivo na codificação das funções categóricas do passado imperfeito	178
Tabela 06 – Atuação das unidades da narrativa na codificação das funções categóricas do passado imperfeito	184
Tabela 07 – Atuação do tipo de discurso na codificação das funções categóricas do passado imperfeito	188
Tabela 08 – Atuação do tipo de relato na codificação das funções categóricas do passado imperfeito	191
Tabela 09 – Atuação das vozes da narrativa na codificação das funções categóricas do passado imperfeito	196
Tabela 10 – Atuação do número de argumentos no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva	199
Tabela 11 – Atuação do tipo de verbo no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva	200
Tabela 12 – Atuação do relevo discursivo no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva	202
Tabela 13 – Atuação do afetamento do objeto no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva	203
Tabela 14 – Atuação dos autores dos contos literários no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva	203
Tabela 15 – Atuação da volitividade no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva	204
Tabela 16 – Ocorrência de formas do pretérito imperfeito de acordo com a agentividade, individuação do objeto, modalidade, polaridade, pontualidade e cinese	206
Tabela 17 – Atuação da modalidade <i>realis</i> no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa	209
Tabela 18 – Atuação do afetamento do objeto no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa	210
Tabela 19 – Atuação do tipo de verbo no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa	211
Tabela 20 – Atuação da polaridade positiva no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa	212
Tabela 21 – Atuação do relevo discursivo no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa	213
Tabela 22 – Atuação da unidade da narrativa no uso do pret. imperfeito <i>versus</i> a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa	214
Tabela 23 – Ocorrência de formas do pretérito imperfeito de acordo com a agentividade, individuação do objeto, volitividade, pontualidade, cinese e número de argumentos	215
Tabela 24 - Ocorrência de formas do pretérito imperfeito de acordo com os autores dos contos literários	216
Tabela 25 – Atuação dos autores dos contos literários no uso da perífrase imperfectiva <i>versus</i> o pret. imperfeito na codificação da função habitual	218
Tabela 26 – Atuação da agentividade no uso da perífrase imperfectiva <i>versus</i> o pret. imperfeito na codificação da função habitual	220
Tabela 27 – Atuação da pontualidade no uso da perífrase imperfectiva <i>versus</i> o pret. imperfeito na codificação da função habitual	221
Tabela 28 – Atuação do uso de modificador aspectual no uso da perífrase imperfectiva <i>versus</i> o pret. imperfeito na codificação da função habitual	222
Tabela 29 – Atuação do tipo de verbo no uso da perífrase imperfectiva <i>versus</i> o pret.	

imperfeito na codificação da função habitual	223
Tabela 30 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com a cinese, número de argumentos, modalidade, polaridade, volitividade, afetamento do objeto e individuação do objeto	225
Tabela 31 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com o relevo discursivo	226
Tabela 32 – Ocorrência de formas das perífrases imperfectivas de passado de acordo com a unidade da narrativa	226
Tabela 33 – Atuação do relevo discursivo no uso da perífrase imperfectiva <i>versus</i> o pret. imperfeito na codificação da função desiderativa	230
Tabela 34 – Atuação da agentividade no uso da perífrase imperfectiva <i>versus</i> o pret. imperfeito na codificação da função desiderativa	231
Tabela 35 – Atuação da individuação do objeto no uso da perífrase imperfectiva <i>versus</i> o pret. imperfeito na codificação da função desiderativa	232
Tabela 36 – Atuação da pontualidade no uso da perífrase imperfectiva <i>versus</i> o pret. imperfeito na codificação da função desiderativa	232
Tabela 37 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com a modalidade, polaridade, afetamento do objeto, cinese, volitividade e número de argumentos	233
Tabela 38 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com os autores dos contos literários	235
Tabela 39 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com o tipo de verbo	235

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	20
2. FORMAS IMPERFECTIVAS DE PASSADO E O COMPLEXO TAM	26
2.1. Tempo	26
2.2. Aspecto	36
2.2.1. Aspecto verbal em Espanhol	45
2.2.2. O Aspecto imperfectivo em Espanhol	61
2.3. Modalidade	66
2.4. Considerações finais do capítulo	76
3. SOCIOFUNCIONALISMO	77
3.1. Sociolinguística	77
3.2. Funcionalismo	85
3.2.1. Princípios funcionalistas	90
3.2.1.1. Iconicidade	90
3.2.1.2. Marcação	93
3.2.1.3. Transitividade	95
3.2.1.4. Gramaticalização	97
3.2.2. Planos da narrativa: Figura e Fundo	101
3.3. Pressupostos do Sociofuncionalismo	105
3.4. Considerações finais do capítulo	109
4. METODOLOGIA	111
4.1. Narrativa como <i>corpus</i> de uma pesquisa	111
4.2. Procedimentos metodológicos	113
4.2.1. O fenômeno em estudo	113
4.2.2. <i>Corpus</i>	115
4.2.3. Grupo de fatores de análise	118
4.2.3.1. Nível semântico-lexical	119

4.2.3.2. Nível semântico-sintático	119
4.2.3.2.1. Parâmetros de transitividade	119
4.2.3.2.2. Tipos de modificadores aspectuais	120
4.2.3.3. Nível textual-discursivo	121
4.2.3.3.1. Figura e fundo	121
4.2.3.3.2. Tipos de discurso	123
4.2.3.3.3. Unidades da narrativa	124
4.2.3.4. Zonas linguísticas do Espanhol	127
4.2.3.5. Contos e autores selecionados	129
4.2.3.6. Tipos de relato	129
4.2.3.7. Vozes da narrativa	130
4.2.4. Análise estatística	133
4.3. Restrições e dados desconsiderados	135
4.4. Considerações finais deste capítulo	136
5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	137
5.1. Mapeamento funcional das formas imperfectivas de passado	137
5.2. Correlação entre forma-função e contextos de uso: configuração dos contextos não variáveis	151
5.2.1. Nível sintático-semântico	151
5.2.1.1. Parâmetros de transitividade	161
5.2.1.2. Tipos de modificadores aspectuais	165
5.2.2. Nível semântico-lexical	165
5.2.2.1. Tipos de verbo	172
5.2.3. Nível textual-discursivo	172
5.2.3.1. Figura e fundo	179
5.2.3.2. Unidades da narrativa	184
5.2.3.3. Tipos de discurso	188
5.2.3.4. Tipos de relato	

5.2.3.5. Vozes da narrativa	191
5.3. Correlação forma-função: análise variacionista	196
5.3.1. Variação entre o pretérito imperfeito e a perífrase imperfectiva na função descritiva	197
5.3.2. Variação entre o pretérito imperfeito e a perífrase imperfectiva na função narrativa	207
5.3.3. Variação entre o pretérito imperfeito e a perífrase imperfectiva na função habitual	216
5.3.4. Variação entre o pretérito imperfeito e a perífrase imperfectiva na função desiderativa	228
5.4. Configuração escalar: tendências de uso	236
5.5. Considerações finais deste capítulo	242
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	243
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	249
8. CORPUS SELECIONADO PARA A ANÁLISE	264

1. INTRODUÇÃO

A Língua Espanhola é uma das línguas mais estudadas na atualidade. De acordo com dados do Instituto Cervantes (2010), é a segunda língua com maior número de falantes nativos e o segundo idioma de comunicação internacional. É a língua oficial de 21 países e, aproximadamente, 450 milhões de pessoas a têm como língua materna, segunda ou estrangeira. Segundo Moreno Fernández (2000, 2010), a Língua Espanhola é a língua oficial da ONU e de todos os organismos ligados às Nações Unidas.

A implantação do Mercosul (bloco econômico formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) proporcionou uma considerável expansão no uso do Espanhol em nosso país. Aumentou a demanda para a aprendizagem desta língua e, como consequência, precisou-se de professores e de materiais didáticos para atender a esse novo mercado.

No Brasil, a partir da aprovação e sanção da lei nº 11.161, de autoria do deputado federal Átila Lira, que torna obrigatória a oferta da Língua Espanhola nas escolas públicas e privadas de Ensino Médio, o ensino de Espanhol vem ganhando espaço no cenário nacional.

No processo de aprendizagem do Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE), os alunos de diferentes nacionalidades deparam-se com várias dificuldades, tais como a diferença entre os verbos “ser” e “estar” e o emprego do pretérito imperfeito *versus* o perfeito. Para a distinção aspectual entre as formas perfectivas e imperfectivas, os professores e livros didáticos apresentam uma série de explicações que, em muitos casos, são muito gerais. Na maioria das vezes, mencionam que as formas perfectivas expressam eventos terminados e que as imperfectivas denotam ações habituais e inacabadas no passado.

Alguns autores têm estudado as diferenças entre os pretéritos perfeito e imperfeito em Espanhol, tais como Garcés (1997), Alegre (2007), Castañeda y Ortega (2001), Baralo (2004), Muñoz y Soto (2000). Para eles, a principal diferença reside no fato de o pretérito imperfeito indicar uma ação no passado, porém, sem informar a sua finalização, em contrapartida, o pretérito perfeito apresenta uma ação passada cujo desfecho é informado. De acordo com os estudos sobre aquisição do Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE), é uma dificuldade para o aluno a utilização desses tempos, e, de acordo com Alegre (2007), até mesmo os docentes, sendo nativos ou não, apresentam uma notável dificuldade na diferenciação aspectual desses tempos.

De acordo com Godoi (1992), o Aspecto é uma categoria ainda mal compreendida: existem muitas definições de Aspecto contraditórias entre si, várias classificações distintas e caracterizações inovadoras. Há caracterizações de algumas formas verbais, consideradas como perfectivas para uns e imperfectivas para outros a depender dos critérios que utilizam em suas definições de Aspecto. Vejamos, agora, algumas definições obtidas da literatura sobre o Aspecto:

- a) Comrie (1976, p 03): Aspecto são diferentes formas de ver a constituição interna de uma situação;
- b) Castilho (1968): Aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo.
- c) Coseriu (1976) postula que o valor aspectual das línguas românicas é muito complexo e não tem semelhança com os sistemas aspectuais de outras línguas;
- d) Marín (1987, p.268): O Aspecto é a expressão de uma ação no que diz respeito a estar terminada ou em progresso;

Além dessas definições serem gerais e bem diversificadas, encontramos limitações no que diz respeito à oposição aspectual perfectivo e imperfectivo. Para estudantes e professores, a ausência de estudos mais concretos sobre essa categoria impossibilita uma real compreensão em relação à caracterização adequada para cada um de seus valores. Muitos autores, como Comrie (1990), Dahl (1985), Castilho (1968), utilizam os critérios de totalidade (aspecto perfectivo) vs distinção em fases (aspecto imperfectivo) para estabelecer essa diferenciação, mas verificar a estrutura interna de uma situação (divisão ou não em fases) resulta muito complexo e abstrato no que se refere à delimitação. Outro critério utilizado nessa diferenciação reside em atribuir telicidade para as formas aspectuais perfectivas e atelicidade para as formas aspectuais imperfectivas: as formas perfectivas ou télicas apresentam, na sentença, um final inerente para a ação desencadeada, como é o caso das formas verbais dos pretéritos perfeito simples e composto; as formas verbais imperfectivas ou atélicas são aquelas que não apresentam um final demarcado para a ação iniciada no passado, é o caso das

formas verbais do pretérito imperfeito. No entanto, encontramos problemas nessa questão de completude ou não da ação desencadeada pelo verbo, pois, de acordo com Castañeda Castro (2001), as formas imperfectivas apenas não informam a culminação da ação, no momento da enunciação da mensagem, isso não significa que a referida ação não tenha sido concluída em um momento posterior. Além disso, esse parâmetro (telicidade) apenas indica a identificação de formas perfectivas e imperfectivas, mas não as define. Por isso, resulta insuficiente para uma caracterização palpável e substancial dessas formas. Isso acarreta uma série de equívocos para a aprendizagem, conforme pesquisas realizadas sobre a aquisição do Aspecto verbal por Andersen (1991), Bardovi-Harling & Reynolds (1995), Bergstrom (1995) e Robinson (1995). A nosso ver, uma proposta consistente para a oposição entre formas perfectivas e imperfectivas ajudaria na compreensão do Aspecto, por exemplo, a associação dessas formas com os parâmetros de transitividade a partir da escala proposta por Hopper e Thompson (1980), com a tipologia verbal proposta por Vendler (1957,1967) e com a relação entre figura e fundo, na narrativa, proposta por Hopper e Thompson (1980).

Ainda que os gramáticos apresentem as formas imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases imperfectivas de passado) com funções e papéis fixos, sabemos que a língua não é um objeto estável e regido por regras fixas e pré-determinadas, ou seja, homogênea. Ao verificarmos o funcionamento de uma língua, percebemos que, nos diferentes contextos, ela se apresenta de forma heterogênea, ou seja, apresenta variações. Tarallo (2005), retomando a proposta de Coseriu (1976), classifica essas variações como: diatópicas (diferenças em função do espaço geográfico); diastráticas (diferenças em função dos aspectos sociais; como sexo, idade, etnia etc.) e diafásicas (diferenças em função da utilização dos diversos estilos de linguagem na comunicação). Nesse sentido, seria oportuno realizar um estudo sobre o fenômeno de variação linguística no que tange às funções desempenhadas pelas formas aspectuais imperfectivas de passado.

No tocante às perífrases imperfectivas de passado em Espanhol, segundo Genta (2008), são escassos os trabalhos que enfoquem os usos e as funções dessas formas. A grande maioria das pesquisas que trata deste tema está centrada em definições de cunho teórico, no que diz respeito à sua natureza categórica ou formal. Como por exemplo, os estudos realizados por Lenz (1935), Gili Gaya (1948), RAE (1983), Gómez Torrego (1988) e Alarcos Llorach (1994).

Há carência de trabalhos, a partir de textos autênticos¹, que focalizem a análise das reais funções desempenhadas pelas formas aspectuais imperfectivas em Espanhol. Seria significativo um estudo que descrevesse as funções que as formas imperfectivas podem apresentar, nos diversos contextos comunicativos em que se realizam. Além disso, que abordasse a co-ocorrência das formas imperfeito/perífrase em contextos de variação, ou seja, quando estas formas assumem funções e significados referenciais correspondentes. No sentido de resolver essa lacuna, uma abordagem sociofuncionalista poderia trazer contribuições bem significativas, pois, segundo Tavares (2003), na perspectiva sociofuncionalista, analisa-se a língua, a sua variação e os processos de mudança, considerando-se a função semântico-discursiva das variantes e se buscam explicações de natureza funcional para os resultados obtidos. A abordagem sociofuncionalista, de acordo com Tavares (2003), associa os postulados do Funcionalismo linguístico (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; HOPPER, 1979, 1991; GIVÓN, 1971, 1979, 1984, 1990, 1991, 1995, 2001, 2002 e 2005) e da Sociolinguística variacionista (LABOV, 1972, 1978, 1982, 1994, 2001e 2010).

Se considerarmos, ainda, as formas aspectuais, no plano textual-discursivo, para Hopper e Thompson (1980), o Aspecto perfectivo apresenta alta transitividade na narrativa, por outro lado, o Aspecto imperfectivo aponta para baixa transitividade, por exemplo, há o uso de formas verbais do imperfeito como fundo (detalhes, descrições) e de formas do perfeito na ordenação dos fatos da narrativa, indicando progressão.

Segundo Muñoz y Soto (2000), a figura corresponde à informação tida como essencial e diz respeito ao desenvolvimento do relato, mediante a apresentação sequencial dos fatos que a constituem e equivale ao esqueleto situacional. Por outro lado, o fundo equivale ao que é considerado como acessório na narração, por exemplo, proposições descritivas, detalhes e comentários.

No entanto, um problema encontrado nessa teoria é que, numa narrativa, encontramos também formas perfectivas atuando como fundo da narrativa e formas imperfectivas atuando na progressão dos fatos, como também, outras funções para estas formas, por exemplo, formas imperfectivas atuando na progressão da narrativa para conferir um efeito de lentificação da ação, com o objetivo de criar uma atmosfera de suspense. É necessário que se discuta essa distinção clássica vigente até hoje. Além

¹Segundo Kramsch, o termo ‘autêntico’ é usado em oposição à linguagem artificial pré-fabricada dos livros-texto e dos diálogos instrucionais; refere-se à forma não-pedagógica de uso da linguagem em situação natural de comunicação. (KRAMSCH, 1993, p. 175).

disso, algumas vezes, é difícil delimitar com precisão o que é figura e o que é fundo na narrativa, pois não se trata de categorias discretas. Logo, seria oportuno um estudo que mapeasse as reais funções que as formas perfectivas e imperfectivas desempenham nos textos narrativos.

Segundo Maldonado (1992), tem-se estudado a imperfectividade no texto narrativo pela relação que apresenta o Aspecto com a narrativa e também por ser a narrativa um tipo de texto que oferece uma grande variedade de usos da imperfectividade. A classificação das partes da narrativa feita por Labov (1972) oferece um marco idôneo para analisar a função da imperfectividade. Ainda de acordo com o autor, a distinção entre orações narrativas e não-narrativas realizada por Labov e Waletzky, ampliada por outros linguistas como Hopper e Thompson (1980) para incluir os conceitos de figura e fundo, está intrinsecamente vinculada à oposição aspectual no texto narrativo. No entanto, estes teóricos consideram que todas as orações narrativas que atuam como figura são perfectivas e as que atuam como fundo são imperfectivas.

Outra questão relevante no estudo do Aspecto imperfectivo é a relação que há entre a utilização das formas imperfectivas e a tipologia de cunho semântico lexical proposta por Vendler (1957, 1967). Muitas pesquisas sobre a aquisição do Aspecto por alunos, tais como as de Andersen (1991), Bardovi-Harling & Reynolds (1995), Bergstrom (1995) e Robinson (1995), têm rebatido ou reafirmado essa relação entre a morfologia e o Aspecto lexical, no entanto não chegaram ainda a um consenso; há, portanto, carência de trabalhos que discutam essa questão a fundo e que busquem explicações concretas para esta suposta relação tão defendida.

Com base no que foi exposto, os objetivos que norteiam a nossa pesquisa são: a) mapear as funções codificadas pelas formas aspectuais imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases verbais) em contos literários escritos em Espanhol; b) descrever o fenômeno de variação linguística nas funções desempenhadas pelas formas aspectuais imperfectivas de passado em contos literários escritos em Espanhol e c) examinar contextos linguísticos e extralinguísticos prototípicos a cada função e fatores que condicionam as formas sob análise.

Por fim, vale ressaltar a relevância científica deste trabalho, já que é grande a carência de estudos descritivos, de natureza sociofuncionalista acerca do pretérito imperfectivo do indicativo e das perífrases aspectuais imperfectivas de passado em Espanhol. O que há são trabalhos voltados para a descrição formal do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado, ou ainda, para a

aquisição do Aspecto. Além disso, esta pesquisa poderá contribuir para futuros estudos sociofuncionalistas que enfoquem essas formas verbais e também auxiliará na compreensão da funcionalidade das formas imperfectivas de passado em textos narrativos. Por último, vale destacar a relevância pedagógica, pois este estudo fornece uma base teórica mais contundente para o tratamento das formas em questão, o que poderá contribuir para o ensino de Língua Espanhola para brasileiros e para falantes de Espanhol como língua materna, já que o professor poderá ter acesso a uma concisa caracterização das formas aspectuais imperfectivas de passado, a partir de textos narrativos.

Esta Tese apresenta cinco capítulos. O primeiro capítulo é constituído pela introdução deste trabalho. No segundo capítulo, tratamos das formas imperfectivas de passado e do complexo TAM. O terceiro capítulo é destinado à exposição de fundamentos teóricos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Lingüístico que convergem para o casamento teórico denominado Sociofuncionalismo. No capítulo 4, por sua vez, expomos o *corpus*, bem como os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Finalmente, no capítulo 5, apresentamos a análise do *corpus* coletado, inicialmente, com uma análise quantitativa, na qual identificamos os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que tendem a favorecer o uso das formas em estudo. Além disso, realizamos o mapeamento funcional do pretérito imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado. Por último, analisamos o fenômeno de variação lingüística nas funções em que o pretérito imperfeito está em competição com a forma perifrástica. Ademais, nas considerações finais sobre o estudo realizado, retomamos as principais discussões e os resultados obtidos nas análises dos dados, a posteriori, tecemos as conclusões a que chegamos com esta pesquisa. Apontamos, ainda, as limitações do nosso estudo e as lacunas a serem preenchidas com pesquisas posteriores.

2. FORMAS IMPERFECTIVAS DE PASSADO E O COMPLEXO TAM

Neste capítulo, serão feitas algumas considerações teóricas sobre as categorias verbais Tempo, Aspecto e Modalidade, principalmente em relação às duas primeiras, que orientarão a análise dos contos literários nos níveis semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo.

2.1. Tempo

Trataremos, nesta seção, da marcação de tempo em Espanhol, especificamente, dos usos dos tempos verbais pretérito perfeito (simples e composto) e pretérito imperfeito em Espanhol. Segundo Ilari (2001, p.8), o estudo do tempo verbal deve dar conta de:

Reconhecer as expressões e construções que indicam tempo, caracterizando sua contribuição à interpretação das sentenças em que ocorrem; desenvolver um conjunto de noções e uma metalinguagem adequada para a descrição das expressões e construções gramaticais que indicam tempo; elaborar representações formais das sentenças que levam em conta as referências temporais nelas contidas.

No que tange à conceituação do tempo correlacionado aos sistemas de tempo verbal, Givón (1984) aponta dois traços como fundamentais: sequencialidade (sucessão de pontos, momentos) e ponto de referência (tempo do ato de fala). Para o autor, o tempo funciona como um mecanismo relacionado a uma extensão relativamente limitada de uma dada situação, frente ao tempo no qual se manifesta a fala. Nesse sentido, o tempo faz parte da situação comunicativa e configura-se, cognitivamente, como um construto mental, conforme Givón (2001; 2005).

Em uma dada situação comunicativa, a categoria Tempo pode ser caracterizada de duas formas, a saber: a) tempo absoluto – categoria não-marcada (vinculado ao momento de fala); b) tempo relativo – categoria marcada (vinculado a outro marcador de tempo envolvido na situação comunicativa). Conforme Comrie (1990), o tempo absoluto tem como ponto de referência o momento presente. Por outro lado, o tempo relativo requer a identificação de um ponto de referência compatível com o contexto da situação comunicativa.

De acordo com Gutiérrez (2000), para que se possa obter o conjunto de significados temporais, devemos levar em consideração dois aspectos fundamentais. São eles:

- a) o falante divide mentalmente a linha temporal em duas partes ou esferas. Nesse sentido, o evento relatado pode se situar em uma dessas esferas;
- b) alguns tempos situam o evento com relação ao momento de fala de forma direta (tempos absolutos) e outros o fazem de forma indireta, por meio do tempo de outro evento (tempos relativos).

Para a caracterização de situações na linha temporal, ao tratar dos verbos do inglês, Reichenbach (1947) propõe três momentos:

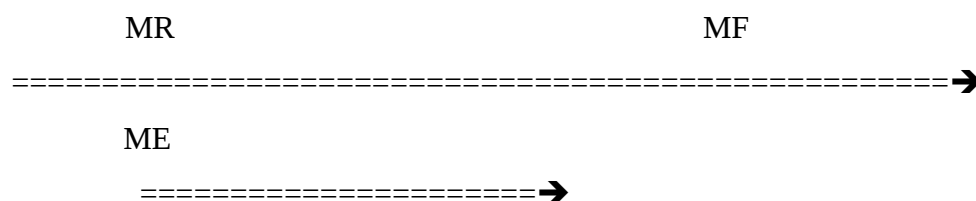
- a) momento de fala, MF;
- b) momento da realização da ação expressa pelo verbo (momento do evento), ME;
- c) momento de referência, MR.

Os tempos verbais, de acordo com o autor, são determinados pela ordenação do momento do evento em relação ao momento de referência e ao momento de fala. A partir da definição do momento de fala, podemos estabelecer três indicações: antes do momento de fala, simultâneo ao momento de fala e posterior ao momento de fala. Esses momentos dão conta somente dos três tempos absolutos (passado, presente e futuro), no entanto, como o número de tempos verbais é maior, é necessária, então, uma interpretação mais complexa. Ademais, o autor analisa as combinações possíveis para o Inglês e não há o pretérito imperfeito nessa língua², embora estenda a análise ao

² As formas do pretérito imperfeito e do pretérito perfeito simples do Espanhol são equivalentes ao *simple past* do Inglês. O *simple past* equivale ao pretérito perfeito simples, quando se refere a situações que aconteceram no passado e, no momento da fala, acham-se concluídas. Por outro lado, quando se refere a

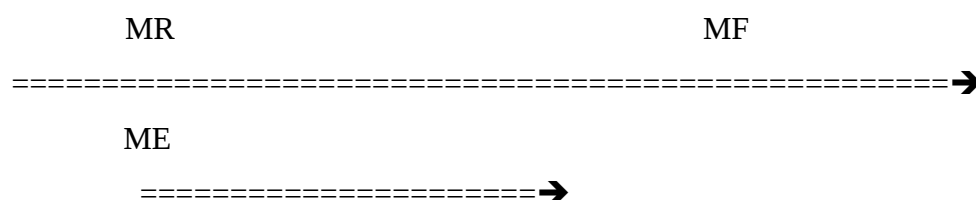
Francês, abordando a diferença entre o *passé défini* e *imparfait*. Ao analisar o *imparfait*, o autor agrega a noção de tempo estendido, em que o momento do evento seria um intervalo temporal entre o início e o final, noção que pode ser aplicada, também, às formas imperfectivas de passado em Espanhol. Nesse sentido, a partir de uma adaptação das combinações elencadas por Reichenbach (1947), propomos os seguintes diagramas para as formas imperfectivas sob análise:

Pretérito imperfeito:



(1) Juan estaba en Ávila³. (Juan estava em Ávila.)

Perífrase imperfectiva:



(2) Juan estaba leyendo un libro. (Juan estava lendo um livro.)

um fato anterior ao momento de fala, mas que ainda dura no momento passado que está sendo mencionado, ou ainda, quando expressa um fato habitual passado, equivale ao pretérito imperfeito. É importante, pontuar, ainda, que, quando o *simples past* equivale ao pretérito imperfeito, em Inglês, há duas formas que podem substituí-lo: o *past progressive* e a construção com *used to*.

³ Visando à exemplificação das discussões propostas, nos capítulos 2 e 3, inserimos exemplos de nossa autoria. Com relação aos exemplos dos autores citados nesses capítulos, faremos a devida indicação no corpo do texto.

O pretérito imperfeito e as perífrases imperfectivas expressam fatos localizados em um tempo anterior àquele em que se encontra o falante, mas os fatos são relatados em seu desenvolvimento e não há informação sobre a sua conclusão. Desse modo, o momento de referência (MR) é anterior ao momento de fala (MF) e o momento do evento (ME), geralmente, inicia-se na extensão do momento de referência (MR) seguindo um contínuo na linha temporal, porém sem um ponto que demarque a sua finalização, conforme o diagrama acima.

De acordo com Ilari (2001, p.14 e 15), a proposta de Reichenbach (1947) atende a duas exigências, que têm por parte do usuário da língua um forte caráter de apelo intuitivo:

a) “em primeiro lugar, fornece instruções para situar o “momento de evento”, isto é, para localizar no tempo a ação expressa pelo verbo. E esse é, intuitivamente, o objetivo último do uso dos tempos verbais”;

b) “em segundo lugar, ao levar sistematicamente em conta o “momento de fala”, confirma a intuição de que o fundamento direto ou indireto da interpretação das formas verbais flexionadas em tempo é a dêixis, isto é, a referência à própria situação da enunciação. De fato, os tempos do verbo compartilham com os dêiticos mais típicos – os pronomes de primeira e segunda pessoas e os demonstrativos **isto**, **isso** e **aquilo** – a capacidade de identificar realidades (no caso, os momentos e períodos de tempo em que ocorrem as ações e os estados expressos pelo verbo) localizando-as relativamente ao ato de fala”.

De acordo com Briones (2001), em Espanhol é difícil delimitar, com total precisão, o uso do pretérito perfeito simples e composto. Além disso, ela aponta que, em Espanhol, usa-se o composto quando o período de tempo a que se faz referência não foi concluído totalmente ou o falante não sente a ação muito distante, conforme exemplo:

(3) Esta mañana **he ido** al médico (Esta manhã **fui** ao médico.)

Nesse exemplo, o dia ainda não acabou. Por outro lado, no exemplo a seguir, o dia já acabou:

(4) Ayer **fui** al médico. (Ontem **fui** ao médico.)

Portanto, a forma composta deve ser combinada aos advérbios que incluem o momento de fala (por exemplo: *hoy* – hoje, *esta noche* – esta noite, *siempre* - sempre); em contrapartida, a forma simples é compatível com os advérbios que excluem o momento de fala (por exemplo: *Ayer* - ontem, *hace un año* - faz um ano). Segundo Briones (2001), em Português, usa-se mais o tempo simples e reserva-se o composto para descrever uma ação reiterativa ou durativa desde o passado até o presente, ou ainda, para se referir a um passado mais próximo do presente.

Com relação aos marcadores de tempo (advérbios e expressões), podemos relacioná-los aos usos do pretérito perfeito composto, conforme o seguinte esquema proposto por Alegre (2007):

a) toda expressão de tempo que contenha em seu significado a relação com o dia atual;

b) toda expressão de tempo determinada pelo demonstrativo “este” (**este mês, este século**), além de expressões como **ultimamente, nos últimos dias**, pois se referem a um tempo próximo;

c) quando não se registra nenhum marcador temporal ou marcadores que não indicam a marca de um tempo e sim a experiência do que se realizou ou não, como expressam as formas: **alguma vez, já, ainda** ou **nunca**.

Por outro lado, os usos do pretérito perfeito simples (indefinido), em Espanhol, encarregam-se de marcar um tempo passado que não mantém relação nenhuma com o presente. Conforme Gómez Torrego (2002), é preciso considerar a perspectiva psicológica do falante para se referir a uma ação no passado; logo, um fato pode ter acontecido há cinco anos, mas o falante, ao utilizar o pretérito perfeito composto, indica que o mesmo não superou a situação, a qual ainda é marcante no seu presente. Verificamos essa situação a partir do exemplo a seguir:

(5) Mi madre se **ha muerto** hace cinco años. (Minha mãe **morreu** faz cinco anos.)

Já o pretérito imperfeito do indicativo indica ações habituais no passado, serve para descrever ações ou situações do passado e ações que se desenvolvem de

forma paralela; usa-se em pedido (forma de cortesia) e também nas referências de tempo (hora, data, estações do ano, etapas da vida), conforme Duarte (2005). Por exemplo:

(6) Todos los domingos **salía** con su hermana. (Todos os domingos **saía** com sua irmã.)

(7) **Quería** que me dieras tu opinión. (**Queria** que me desses a tua opinião.)

(8) **Era** 25 de marzo. (**Era** 25 de março.)

De acordo com Torrens Álvarez (2007, p.109), o pretérito imperfeito conserva o valor descritivo que possuía do latim, derivado de sua caracterização aspectual imperfectiva que o contrapõe ao pretérito indefinido e ao pretérito perfeito composto. Vale salientar, ainda, conforme Garcés (1997), que quando a ação expressa pelo verbo se repete de modo habitual, o verbo costuma ir acompanhado por marcadores temporais, tais como: **cada día, sempre, todo día** etc. Nestes contextos, podemos substituir o imperfeito pela perífrase verbal SOLER (imperfeito) + verbo no infinitivo. Vejamos um exemplo:

(9) María **estudiaba** todos los días en la biblioteca. (Maria **estudava** todos os dias na biblioteca.)

(10) María **solía estudiar** todos los días en la biblioteca. (Maria **costumava estudar** todos os dias na biblioteca.)

O pretérito imperfeito, conforme Brucat (2001, p. 01), apresenta três valores básicos:

1. Aspecto imperfectivo: expressa ações, processos ou estados do passado em uma visão inacabada.

(11) Ao meio-dia, chovia.

2. Coincidência com o passado: expressa ações, processos ou estados do passado como coincidentes temporalmente com outra ação passada existente no contexto.

(12) Ela saiu quando eu chegava.

3. Aspecto iterativo, cíclico ou habitual: a ação se verifica um número indefinido de vezes no passado.

(13) Saía do trabalho às seis.

Vale salientar a diferença entre iteratividade e habitualidade, a primeira diz respeito à repetição de uma determinada ação. Segundo Comrie (1976), um verbo pode expressar iteratividade e também habitualidade ou, ainda, pode expressar uma ação iterativa sem ser habitual. A nosso ver, a habitualidade caracteriza o período de tempo em que uma determinada ação se repete de forma contínua, logo não diz respeito à mera repetição ou à continuidade de uma situação, mas configura o período de tempo em que se enquadra. Vejamos o exemplo a seguir:

(14) Ele sempre ia ao colégio quando era adolescente.

Nesse exemplo, a forma imperfectiva “ia” expressa habitualidade, pois além de fazer menção a uma ação que era repetida com frequência, constitui um hábito da adolescência desta pessoa.

Podemos destacar ainda, os valores secundários do pretérito imperfeito do indicativo, conforme Garcés (1997, p. 33,34 e 35):

- a) Imperfeito com valor de futuro em relação ao passado: consiste no uso do imperfeito no lugar do condicional simples, paralelo ao uso do presente (muito frequente no discurso indireto):

(15) Su amigo dijo que mañana **se iba** de viaje. (Seu amigo disse que amanhã **ia** de viagem.)

(16) Su amigo dijo que mañana **se iría** de viaje. (Seu amigo disse que amanhã **iria** de viagem.)

- b) Imperfeito com valor de futuro: consiste em utilizar o imperfeito no lugar do condicional na oração principal de orações subordinadas adverbiais condicionais, para indicar pequena possibilidade de que ocorra o referido fato no futuro.

(17) Si viniera esta noche, le **preparaba** la cena en un instante. (Se viesse esta noite, **preparava-lhe** o jantar em um instante).

(18) Si viniera esta noche, le **prepararía** la cena en un instante. (Se viesse esta noite, **preparar-lhe-ia** o jantar em um instante).

- c) Desejo: neste caso, o imperfeito apresenta um valor futuro e geralmente está presente em orações cuja entonação é exclamativa.

(19) Qué hambre tengo! De buena gana me **comía** un pollo entero. (Que fome tenho! De bom grado **comeria** um frango inteiro.)

- d) Iminência de ação que não acontece: indica a tentativa imediata de realizar uma determinada ação de caráter pontual. Esse uso equivale à estrutura *estaba a punto de + infinitivo*.

(20) Ya **salía** de casa cuando llegó tu hermano. (Já **saía** de casa quando chegou teu irmão.)

(21) Ya **estaba a punto de salir** de casa cuando llegó tu hermano. (Já **estava a ponto de sair** de casa quando chegou teu irmão.)

- e) Imperfeito com valor de presente: Quando o falante quer pontuar que seu conhecimento sobre o que afirma não é seguro ou, ainda, quando procura se preservar com relação à veracidade dos fatos que diz.

(22) Hoy nos **traían** los muebles. (Hoje nos **traziam** os móveis.)

- f) Imperfeito com valor de surpresa: Faz referência a uma realidade presente que não era esperada. Pode indicar, ainda, contrariedade diante de fatos que nos surpreendem e que nos impedem de realizar nossos propósitos.

(23) **Estaba** yo tan contenta y me vienes tú ahora con esa mala noticia. (Eu **estava** tão contente e você vem agora com essa má notícia.)

- g) Imperfeito lúdico: apresenta um distanciamento da realidade. Faz referência a situações que correspondem a uma fantasia, ficção ou figuração.

(24) Yo **era** el pirata y tú un oficial de la marina. (Eu **era** o pirata e você um oficial da marinha.)

- h) Imperfeito narrativo: Na narrativa, geralmente utiliza-se o pretérito perfeito simples para expressar a ação principal. Por outro lado, utiliza-se o imperfeito com o objetivo de ressaltar ou enfatizar uma determinada ação.

(25) Llegó tarde a la reunión, no pidió disculpas y a los pocos momentos **se iba** sin decir nada. (Chegou tarde à reunião, não pediu desculpas e em poucos momentos **ia** sem dizer nada.)

De acordo com Gutiérrez Araus (1997), é difícil explicar de forma satisfatória o emprego do imperfeito narrativo, pois este uso não aparece no Espanhol falado, restringe-se às narrativas escritas. Segundo a autora, na linguagem literária, utilizam-se as formas imperfectivas na progressão das ações da narrativa, quando se quer enfatizar uma determinada ação. Nesse sentido, o autor rompe a norma, com o objetivo de captar a atenção do leitor, e emprega uma forma imperfectiva no lugar de uma perfectiva.

O quadro proposto por Ruiz Rampillo (2005, p. 10) apresenta outros valores do pretérito imperfeito, além dos expostos anteriormente. Esse autor amplia o quadro de usos do imperfeito em relação a outros autores que têm estudado este tempo em Espanhol.

VALOR DE OPERACIÓN	FUNCIONES		
Nivel raíz	Nivel 1	Nivel 2...	Nivel de interpretación
			1. Imperfecto de habitualidad
			2. Imperfecto descriptivo
			3. Imperfecto de acción secundaria
			4. Imperfecto de causa
			5. Imperfecto con valor de pospretérito
			6. Imperfecto con valor de futuro
			7. Imperfecto de deseo
			8. Imperfecto de acción inminente frustrada
			9. Imperfecto con valor de presente
			10. Imperfecto de discurso anterior presupuesto
			11. Imperfecto de sorpresa
			12. Imperfecto de reproche
			13. Imperfecto de contrariedad
			14. Imperfecto de cortesía
			15. Imperfecto de modestia
			16. Imperfecto lúdico
			17. Imperfecto narrativo de acción principal
			18. ...

(Quadro 01: valores do pretérito imperfeito do indicativo)

Segundo Alegre (2007), o que deve ficar claro em relação ao imperfeito é que, quando nos referimos a ações não acabadas, fazemos referência a um dado momento do passado, mas, no momento atual, a ação, que não foi concluída naquele momento do passado a que fizemos referência, já deve ter sido concluída ou deixada de lado, ou seja, não podemos afirmar, categoricamente, que uma ação expressa pelo pretérito imperfeito não foi concluída em um momento posterior.

Considerando o que foi apresentado nesta seção, temos as considerações sobre a marcação de tempo, bem como os valores atribuídos às formas imperfectivas de passado, que nos auxiliarão na análise das formas verbais no texto narrativo. Ademais, as propostas de sistematização de Reichenbach (1947) e de Comrie (1981) serão úteis, uma vez que o pretérito imperfeito e a forma perifrástica são formas que expressam um intervalo temporal anterior ao momento de fala e simultâneo ao momento de referência.

Na próxima subseção, exporemos a categoria Aspecto. Nesse sentido, discutiremos algumas questões relacionadas ao comportamento dos pretéritos perfeito simples e composto e, principalmente, do pretérito imperfeito e das perífrases verbais.

2.2. Aspecto

Nesta seção, primeiramente, caracterizaremos a categoria Aspecto no que tange à sua expressão e usos. Na sequência, faremos menção ao seu estudo por pesquisadores espanhóis, apresentaremos as principais perífrases aspectuais e, por último, realizaremos uma breve discussão sobre o Aspecto imperfectivo em Espanhol.

O termo Aspecto é uma tradução da palavra russa *vid*, utilizada, na gramática eslava, para a diferenciação entre os verbos perfectivos e imperfectivos, distinção que, conforme Mounin (1968), vem da gramática latina. A divisão entre os verbos *infectum/perfectum* foi proposta, no século I A.C, por Varrón que retoma da gramática grega as noções temporais de ação estendida e completa. Os gramáticos checos, por sua vez, introduziram esta noção no estudo da distribuição aspectual.

De acordo com Genta (2008), a noção de Aspecto nas línguas eslavas se manifesta diferentemente de sua manifestação em outras línguas, pois os sistemas verbais não estão baseados em uma divisão temporal (como ocorre nas línguas românicas), mas têm base aspectual. Por exemplo, nas línguas eslavas, o par perfectivo / imperfectivo não se manifesta somente nas formas aspectuais de passado, mas também em formas de imperativo, infinitivo, etc.

Já o sistema categorial dos verbos românicos tem base tipicamente temporal. Coseriu (1976) propõe uma descrição funcional para o sistema verbal românico. O autor considera que as noções de Tempo e Aspecto estão ligadas e são de difícil delimitação, são categorias correlacionadas. Nessa perspectiva, o Tempo afetaria a posição da ação verbal em sua execução enquanto que o Aspecto afeta a maneira de considerar a ação verbal no tempo (concluída ou em desenvolvimento).

Genta (2008, p. 117 e 118) propõe quatro formas diferentes para a expressão da categoria Aspecto, nas diferentes línguas:

- a) Aspecto em línguas eslavas: o Aspecto é uma categoria primária do sistema verbal, que independe da definição temporal. Por exemplo, em Russo, *Pisat* (escrever – imperfeito) e *Napisat* (escrever – perfeito), são categorias primárias do verbo, ou seja, ocupam o primeiro lugar no sistema verbal. Neste exemplo, o prefixo *Na* denota perfectividade e a ausência dele expressa imperfectividade.

Forma de expressão: conceito verbal que inclui o Aspecto.

b) Aspecto em Grego: afeta os espaços temporais coincidindo com o espaço de tempo estabelecido. No momento em que uma ação expressa tempo, também adquire um valor aspectual. Nesse sentido, o imperfeito grego expressa ao mesmo tempo passado e o traço de imperfectividade. A noção de Aspecto está inserida dentro da categoria Tempo.

Forma de expressão: espaço de tempo incluindo o Aspecto.

c) Aspecto em Inglês: afeta pontos temporais dentro do espaço de tempo. Por exemplo, o presente I write (Eu escrevo) é de Aspecto indefinido e determina pontos temporais simultâneos a sua localização temporal e aspectual (I'm writing [Eu estou escrevendo], I have written [Eu tenho escrito]). Os pontos temporais são responsáveis pela expressão do Aspecto, pois, em Inglês, essa categoria não está expressa pela morfologia do verbo. Por exemplo, a imperfectividade é definida por três critérios: por ter limites implícitos, por não ser dêitica e por representar situações em progresso (ações dinâmicas) ou configuradas em sua existência (estado).

Forma de expressão: espaço de tempo + ponto de tempo incluindo o Aspecto.

d) Aspecto em línguas Românicas: afeta a ação em um ponto do tempo, ou seja, é uma ação que se configura diante de outras ações dentro do mesmo período de tempo. É a visão que determina o Aspecto, ou seja, as diferentes formas de ver a constituição interna do fato (fases inicial, intermediária e final).

Forma de expressão: espaço temporal + ponto temporal + Aspecto (visão da situação).

Ilari (2001) afirma que Aspecto e Tempo, nas línguas românicas, são categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico, mas que, semanticamente falando, a categoria Tempo faz referência ao tempo externo, presente, passado e futuro (e suas subdivisões), enquanto o Aspecto refere-se ao tempo interno, com noção de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Logo,

podemos conceber Aspecto como uma categoria que caracteriza os diferentes modos de perceber a constituição temporal de uma determinada situação. Essa constituição, segundo Comrie (1990), pode dar-se sem distinção de etapas (Aspecto perfectivo) ou em sua constituição interna (Aspecto imperfectivo). Desse modo, o perfectivo expressa uma situação como um todo, ou seja, ela é tratada como um objeto único, sem parcializá-la ou dividi-la em fases internas distintas. Por outro lado, com o imperfectivo, o fato é expresso em sua constituição temporal interna. Essa temporalidade interna, como afirma Costa (1990), pode ser expressa a partir de um fragmento de tempo (cursividade) ou pela seleção de fases dessa temporalidade (fase inicial, intermediária ou final) ou, ainda, por meio de estados resultativos, que confirmam relevância linguística à constituição interna do processo que os antecedeu.

A diferença fundamental entre Tempo e Aspecto consiste no fato de o primeiro considerar somente o tempo externo da situação e o Aspecto considerar o que está relacionado com a idéia de tempo interno da ação. Para Comrie (1976, p 03): “Aspecto são diferentes formas de ver a constituição interna de uma situação.”⁴

Para Comrie (1976), o Aspecto é uma categoria semântica que depende tanto da dinâmica interna do verbo como da escolha do falante que utiliza um ponto de vista (interno ou externo) para focalizar uma determinada ação. Portanto, cabe ao Aspecto a perspectiva temporal da situação e ao Tempo a sua localização temporal. Há duas perspectivas para o falante focar uma ação:

- a) Perfectiva: visão externa e concluída do processo, na qual se destaca o resultado da ação expressa pelo verbo.
- b) Imperfectiva: visão interna do desenvolvimento de uma ação, na qual se destaca alguma parte da sequência temporal em curso.

Smith (1997), por sua vez, analisa a categoria Aspecto a partir de critérios semânticos, sintáticos e pragmáticos. Segundo a autora, é difícil caracterizar uma dada situação como puramente perfectiva ou imperfectiva, pois sempre haverá traços de significados dados pela interação dos pontos de vista do falante. Nesse sentido, ela propõe três manifestações de Aspecto (p. 03):

⁴ Aspects are different ways of viewing the internal constituency of a situation.

- a) Perfectivo: focaliza a totalidade da ação, inclui os pontos de início e de conclusão.
- b) Imperfectivo: focaliza parte da situação, não delimita o início e a finalização.
- c) Neutro: inclui algum ponto inicial ou final e pelo menos uma parte do estado interno da situação. É uma visão flexível, que pode estar presente em diferentes partes do processo de interação verbal.

Costa (1990, p. 21), a partir das concepções de Aspecto de Comrie (1976), de Castilho (1968) e de Lyons (1979), enumera as seguintes características para o Aspecto:

- a) a não-referência à localização no tempo;
- b) a constituição temporal interna;
- c) a vinculação da categoria a situações, processos e estados;
- d) a representação espacial.

No tocante à não-referência à localização no tempo, vale salientar que o tempo verbal trata da distribuição do fato na linha temporal, mas, em contrapartida, o Aspecto trata do referido fato na sua constituição temporal interna, ou seja, estuda o tempo dentro do fato, passível de fragmentação dentro de seus limites. A partir desse pressuposto, o Aspecto só pode tratar de verbos que expressem, segundo Costa (1990), desenvolvimento ou duração do fato verbal. Nesse caso, temos a vinculação desta categoria verbal a situações, processos e estados. Com relação à representação espacial,

a partir da utilização do Aspecto, podemos visualizar o processo ou o estado como uma fração de tempo que apresenta duratividade e que ocupa uma parte da linha do tempo.

A duratividade, de acordo com Spuldaro (2005, p. 48), “é um traço semântico que revela a presença ou a ausência de intervalos internos em determinada situação”. Por exemplo, os verbos que indicam um processo culminado são considerados como durativos, pois expressam situações que duram um determinado período de tempo. Em contrapartida, os verbos de culminação referem-se a situações pontuais, instantâneas e sem intervalos de tempo, ou seja, sem uma estrutura interna.

Outra característica do Aspecto diz respeito à dinamicidade, os verbos que exprimem o traço [+ dinâmico] expressam mudança e/ou movimento em estágios internos distintos, por exemplo, o verbo “caminhar” denota o esforço de alguém ao desenvolver esta atividade física. Por outro lado, os verbos estáticos, como a maioria dos verbos de estado, apresentam estágios internos idênticos e são considerados homogêneos. Estes verbos, geralmente, não expressam mudança e/ou movimento. Por exemplo, o verbo “conhecer” não denota nenhuma mudança e/ou movimento.

Outra distinção refere-se ao Aspecto Lexical e ao Aspecto Gramatical. O primeiro diz respeito ao modo de ação, ou seja, o valor intrínseco do verbo. Trata-se de uma caracterização léxica que faz parte do significado inerente de cada verbo e que permite classificar os verbos em classes diferentes de situações ou eventos, considerando a extensão temporal. Por outro lado, o Aspecto Gramatical é mais subjetivo, e permite ao falante adotar um ponto de vista ou outro no tocante aos predicados, ou seja, ele pode visualizar uma mesma situação a partir de diferentes perspectivas, como ilustraremos mais adiante.

Temos em Vendler (1957, 1967) a classificação mais conhecida dos modos de ação em atividades, estados, processos culminados e culminações, que trata do nível semântico-lexical. Essa classificação traz de forma sistemática uma discussão iniciada, na antiguidade, por Aristóteles e retoma os trabalhos de Ryle e Kenny. Segundo Vendler (1967, p.97), a diferença entre uma e outra classe de verbos não pode ser explicada em termos de tempo somente (presente, passado e futuro); outros fatores entram em jogo, como a presença ou ausência de objeto, condições e estados de coisas pretendidos. Bertinetto (2002) retoma essa proposta e a configura com base em três propriedades: duratividade, dinamicidade e homogeneidade (atelicidade). Com base nessas propriedades, Pontes (2009, p. 86), em seu estudo com narrativas, especifica a tipologia proposta por Vendler (1957, 1967) da seguinte forma:

- a) estados: apresentam uma duração indefinida, são atélicos e estáticos;
- b) atividades: são durativas, atélicas e dinâmicas;
- c) processos culminados: são durativos, télicos e dinâmicos;
- d) culminações: denotam eventos instantâneos, télicos e dinâmicos.

Por outra parte, o Aspecto Gramatical permite ao falante contemplar a ação de modos diferentes. Segundo García Fernández (1998), se verificarmos a situação desde o seu começo até a sua finalização, temos o Aspecto Perfectivo, também conhecido como Aoristo. No entanto, se contemplamos a parte interna da situação, sem começo ou final, temos o Aspecto Imperfectivo ou imperfecto. Por fim, se o que visualizamos são os resultados de um determinado evento, nesse caso, temos o Aspecto perfecto. Vejamos um exemplo, deste último.

(26) A las tres, los diputados ya **habían abandonado** el hemiciclo que se encontraba vacío. (Às três, os deputados já **haviām abandonado** a câmara dos deputados que se encontrava vazia.).⁵

Vale destacar que as formas do futuro e do condicional do Espanhol têm um valor aspectual chamado Neutral, dependendo do contexto: podem apresentar valor de Aspecto Imperfectivo ou de Perfectivo. Vejamos alguns exemplos dados pelo autor García Fernández (1998, p.57):

(27) Juan **llegará** mañana. (Juan chegará amanhã.) – Aspecto Perfectivo.

(28) Juan **llegaría** al día siguiente. (Juan chegaria no dia seguinte.) – Aspecto Perfectivo.

(29) Mi hijo **será** francés, como yo. (Meu filho será francês, igual a mim.) – Aspecto Imperfectivo.

⁵ Exemplo retirado de García Fernández (1998, p. 13).

(30) Su hijo **sería** francés, como ella. (Seu filho seria francês, igual a ela.) – Aspecto Imperfectivo.

No que tange à diferenciação entre o Aspecto Perfectivo e Imperfectivo, Comrie (1981) pontua que é um equívoco considerar que construções perfectivas sempre apresentam ações pontuais e acabadas. Paralelamente, não se pode caracterizar todas as formas durativas como imperfectivas, embora a duratividade de um evento esteja atrelada, geralmente, às formas imperfectivas, no entanto, não há garantia de que isso ocorra em todos os contextos, por isso essa propriedade não serve para caracterizar de forma concreta o Aspecto Imperfectivo. Além disso, segundo Freitag (2007), essa associação entre imperfectividade e ação inacabada e perfectividade e ação acabada nem sempre se sustenta, já que há contextos em que cabem as duas leituras (perfectiva e imperfectiva). Pode-se, por exemplo, conforme García Fernández (1998), utilizar o pretérito imperfeito com verbos de culminação, quando o falante deseja expressar uma ação iminente que foi frustrada. Vejamos:

(31) Eu **abria** a porta, quando o telefone tocou.

Comrie (1990), Dahl (1985) e Castilho (1967) utilizam o critério de totalidade (aspecto perfectivo) *versus* distinção em fases (aspecto imperfectivo) para estabelecer essa diferenciação, mas verificar a estrutura interna de uma situação ou a divisão em fases resulta muito complexo e abstrato, especificamente em relação à delimitação. Porque há contextos nos quais não há informação sobre a finalização ou não da ação, ou ainda, contextos nos quais cabem as leituras perfectivas e imperfectivas.

Para o estudo funcional a que nos propomos, utilizaremos o viés apresentado por Freitag (2007) para a investigação sobre o passado imperfectivo em Português, ou seja, partiremos de um estudo a partir da composicionalidade de traços ligados ao Aspecto Imperfectivo. Segundo a autora:

O aspecto não é marcado exclusivamente por um elemento gramatical. Existem diferentes tipos de manifestação do aspecto. Há o aspecto inerente ao verbo, há o aspecto codificado pela morfologia verbal e, ainda, o aspecto codificado pelos

modificadores adverbiais, todos interagindo entre si e resultando no aspecto da situação (p.75).

De acordo com Givón (2005), em um estudo mais profundo sobre a categoria Aspecto, estão vinculados n elementos que são significativos para a sua devida interpretação e posterior análise. Na composição aspectual, entram em jogo: elementos semânticos; elementos morfossintáticos e elementos de cunho pragmático. Nesse sentido, para a análise composicional das formas imperfectivas de passado, levaremos em consideração o nível da estrutura argumental, o nível da sentença com modificações adverbiais e o nível do contexto. Segundo Genta (2008), a seleção e combinação aspectual permite ao falante expressar uma dada situação de maneiras distintas. No entanto, esta escolha não é aleatória, ou seja, está limitada pelas possibilidades de combinação que a língua estrutura por meio da complexa composição entre Tempo, Aspecto gramatical, Aspecto Lexical, modificadores aspectuais, Modalidade e contexto situacional. Nesse sentido, o falante realiza a sua eleição a partir de fatores de cunho pragmático da situação de interação verbal, das necessidades enunciativas, no espaço epistêmico dado, no que tange às condições de verdade de suas proposições, as implicações e aos efeitos que quer conseguir. A escolha por uma perspectiva aspectual é uma forma de relatar a situação e permite ao falante enfatizá-la, por meio de um determinado ponto de vista. Nesse sentido, narrador não consegue evitar esta eleição aspectual.

Em vários estudos sobre a aquisição de Espanhol como Segunda Língua, realizados por Andersen (1991), Bardovi-Harling & Reynolds (1995), Bergstrom (1995), Robinson (1995), Lafford (2000) e Laguna (2008), observou-se o que segue: (i) a aprendizagem da morfologia verbal está associada com o Aspecto Lexical inerente ao verbo: o pretérito primeiro aparece para expressar culminação, depois para os processos culminados, seguidos pelas atividades e pelos estados; (ii) o imperfeito, segundo está associado a eventos atélicos (estados e atividades) e depois a eventos télicos (processos culminados e culminações).

Vale destacar, ainda, a Hipótese do Discurso para o desenvolvimento do nível de interlíngua⁶, que foi proposta pela primeira vez por Bardovi-Harling, em 1994,

⁶ De acordo com Santos Gargallo (2004), a interlíngua corresponde ao sistema linguístico utilizado pelo aprendiz de uma Língua Estrangeira, possui características da sua Língua Materna e da língua que está

a partir da pesquisa da linguística funcional de Hopper. Essa proposta usa a morfologia verbal para diferenciar a figura e o fundo em narrativas. Bardovi-Harling (1995) analisou narrativas de estudantes de Inglês como segunda língua e observou que as formas do perfeito aparecem inicialmente em ações de primeiro plano (figura) e depois em ações de fundo, mas, conforme Comajoan & Pérez Saldanya (2005), seu uso, geralmente, não ultrapassa ao do primeiro plano.

De acordo com Liskin-Gasparro (1996, 2000), a partir da análise dos níveis de proficiência, o Aspecto Lexical é o primeiro a influenciar no uso da morfologia de Tempo-Aspecto, seguido da distinção entre primeiro plano (figura) e segundo plano (fundo), à medida que o conhecimento do aluno sobre a Língua Estrangeira em estudo aumenta.

Alguns pesquisadores consideraram a possibilidade de que a Hipótese do Aspecto Lexical e a Hipótese do Discurso estejam diretamente relacionadas já que os predicados télicos tendem a estar em ações de primeiro plano (figura), no qual formas do pretérito perfeito ocorrem com maior frequência. Por outro lado, as formas do imperfeito tendem a ser mais comuns nas ações de fundo: o campo de predicados atélicos, conforme afirmam Givón (1984) e Hopper e Thompson (1980). A partir desses estudos, López Ortega (2000) desenvolveu uma pesquisa com o objetivo de comprovar essa tese. Para isso, examinou as entrevistas de quatro imigrantes de Marrocos falantes de Espanhol, residentes em Madri. As entrevistas foram planejadas para se obter narrativas pessoais sobre experiências passadas. De modo geral, os resultados obtidos revelaram que há evidências da interação da Hipótese do Aspecto e da Hipótese do Discurso na aquisição do sistema aspectual. Verificou-se que os verbos de estados tomaram a forma do imperfeito para marcar a informação de fundo, já os verbos de culminação presentificados nas formas do pretérito perfeito foram usados para expressar a informação em primeiro plano (figura).

Outro estudo importante foi o realizado por Harley e Swain (1978). Eles entrevistaram estudantes de francês e constataram o uso do pretérito perfeito para ações, ou seja, que os alunos atrelaram as formas perfectivas aos verbos de culminação e de processo culminado. Por outro lado, as formas do pretérito imperfeito do indicativo foram associadas, principalmente, aos verbos de estado, seguidos pelos verbos de atividade.

aprendendo. Este sistema atravessa sucessivas etapas marcadas por novos elementos da Língua Estrangeira, que o aprendiz interioriza.

Na apresentação dos diversos estudos sobre o Aspecto, verifica-se que cada um deles faz uso de uma gama de traços que se vinculam ao léxico, à morfologia, ou ainda, à informação presente na sentença ou ao contexto comunicativo. Logo, não basta enfocarmos o Aspecto lexical inerente dos verbos, ou às desinências modo-temporais dos verbos, é necessário considerarmos o aspecto da situação por meio da combinação dos recursos morfossintáticos e semântico-pragmáticos. Portanto, para compreender o uso dessa categoria, e, conseqüentemente, das formas aspectuais imperfectivas de passado sob análise, é necessário um estudo que compreenda os níveis semântico-lexical, semântico-sintático e textual- discursivo, ou seja, é preciso considerar o critério da composicionalidade, elencado por Givón (2005).

2.2.1. O Aspecto verbal em Espanhol

As gramáticas de Língua Espanhola, no estudo da morfologia do verbo, de modo geral, não apresentam a categoria Aspecto. Isto acontece porque os autores tomam como modelo de análise a gramática latina, na qual predomina a idéia temporal no estudo do processo verbal.

Andrés Bello (1841,1847), ao tratar do Aspecto verbal em Espanhol, propôs uma classificação para os verbos em permanentes e desinenciais. Os verbos desinenciais correspondem ao que Vendler (1957, 1967) denomina verbos de culminação e de processo culminado; já os verbos permanentes correspondem aos verbos de estado, mas devido ao comportamento que o autor atribui a eles, poderíamos relacioná-los, também, aos verbos de atividade. Ainda que o autor não faça menção, de forma literal, ao termo Aspecto, destaca a importância tanto do evento em relação à enunciação, quanto da duração do evento. Nesse sentido, correlaciona Tempo e Aspecto.

Nas edições da Gramática da Academia Real (RAE), anteriores a 1917, o estudo do sistema verbal limita-se ao tempo, ao modo e a distinção entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito está baseada na noção de evento terminado e não-terminado, conforme Gabardo (2001). De acordo com García Fernández (2004), a exclusão do Aspecto até este momento, deve-se ao fato da tardia incorporação da noção de Aspecto à Linguística européia. No entanto, na Gramática elaborada por Bello (1847), não faltam observações que a literatura atual classificaria como aspectuais.

Na edição de 1931, há inclusão da categoria Aspecto na RAE, no entanto, segundo Gili Gaya (1943), a concepção de Aspecto está atrelada, exclusivamente, à conclusão ou não da ação: as formas compostas são classificadas como perfectivas e as formas imperfectivas são as que não apresentam uma ação como terminada. Para Rojo e Veiga (1999), a estruturação habitual das formas verbais e sua respectiva terminologia eram baseadas praticamente em questões de cunho externo, ou seja, formas simples em oposição às formas compostas. No entanto, surgiu um problema no que diz respeito a como classificar o pretérito perfeito simples, pois este denotava um evento concluído, mas se opunha a sua forma composta (pretérito perfeito composto).

Para resolver essa questão de classificação e de nomenclatura, a RAE passou a denominar a forma simples de forma indefinida, por deixar indeterminada uma ou outra situação, no caso com eventos incipientes, ou seja, eventos passados recentes, sem marcador temporal explícito (ponto de referência). Já Gili Gaya (1943) propõe classificar o pretérito perfeito simples de “pretérito perfecto absoluto” e o pretérito perfeito composto de “pretérito perfecto actual”.

Atualmente, na nova edição da RAE (2009) “Nueva gramática de la lengua española”, esse tempo verbal é chamado de “pretérito perfecto simples”. Essa classificação corresponde a três características: deíctica ou referencial (valor temporal), aspectual (perfectivo) e morfológica (simples).

Vale destacar ainda, outros estudos realizados sobre a categoria Aspecto por pesquisadores espanhóis. José Roca Pons (1958) realizou um estudo relativo ao Aspecto verbal em Espanhol, a partir da noção de culminação do processo verbal. Alarcos Llorach (1978) analisou a significação desta categoria a partir do contraste entre a indicação ou não do término do processo verbal, concluindo que não existem dois tipos de verbos, perfectivos e imperfectivos, opostos entre si como ocorre nas línguas eslavas, mas todos os verbos podem manifestar os traços de um ou outro Aspecto, conforme o contexto. Na pesquisa de W. Bull (1960) sobre Aspecto da Língua Espanhola, o processo verbal é concebido em seu início, desenvolvimento e finalização, que correspondem, respectivamente, ao Aspecto “iniciativo”, “imperfectivo” e “terminativo”.

De acordo com Gabardo (2001, p. 130), atualmente:

Há seguidores de Reichenbach, como Acero (1990) e Rojo (1990), mas há também autores como Silva Corvalán (1983) que atribui ao aspecto um significado pragmático, ou ainda, Veiga Rodríguez (1992) que nega o aspecto como categoria funcional na língua.

As diferenças entre as formas perfectivas e imperfectivas, apontadas pelos autores que defendem o Aspecto como categoria funcional e independente, segundo Veiga Rodríguez (1992), limitam-se a diferenças tipicamente temporais. Para o autor, o Aspecto não se constitui como uma categoria independente, já que é inseparável da categoria Tempo. Na defesa desta mesma tese, Rojo (1990) propõe um sistema verbal pautado na diferença entre tempos absolutos e tempos relativos, proposta que estaria mais próxima da classificação de Bello, mas que teria limitações pelo fato de a temporalidade não poder ser concebida como uma só categoria, já que compreende, pelo menos, duas categorias diferentes: uma, dêitica, que estabelece relações temporais entre o evento descrito e o momento de fala. Outra, não dêitica, que estabelece relações entre o evento descrito e algum outro evento na situação comunicativa. Rojo (1990) caracteriza o Aspecto como essa categoria não dêitica que faz referência ao tempo interno da situação, mas sem relacioná-la com nenhum ponto exterior a ela. No entanto, não sabemos como seria possível se referir ao tempo interno de uma situação, se não a situamos em relação a algum ponto de referência.

Por último, vale destacar o estudo de García Fernández (2006) que retoma muitas das pesquisas recentes e analisa o Aspecto, a partir da relação entre o tempo da situação (tempo do evento) e o tempo do foco (período em que uma determinada afirmação é válida). A partir desses pressupostos, o autor propõe cinco tipos de Aspecto (p. 45):

- a) Imperfeito: o tempo do foco (TF) está incluído no tempo da situação (TS). Focaliza a parte interna da situação sem mencionar o início ou o final.

(32) Hace dos días Juan **pintaba** su casa./ Faz dois dias que Juan **pintava** sua casa.

- b) Perfectivo ou Aoristo: O tempo do foco (TF) inclui todo o tempo da situação (TS), desde seu início a sua finalização.

(33) El presidente **leyó** su discurso a las ocho./ O presidente **leu** o seu discurso às oito.

Neste exemplo, o Aspecto Perfectivo tem uma interpretação ingressiva, ou seja, sabemos que a leitura foi iniciada às oito horas, mas não há a inclusão do ponto de finalização da referida ação, esta é vista em sua totalidade, com um final implícito.

- c) Perfeito: o tempo do foco (TF) é posterior ao tempo da situação (TS). Esta variedade aspectual enfatiza os resultados do evento.

(34) Hace dos días Juan ya **había pintado** su casa. /Fazia dois dias que Juan já **tinha pintado** a casa.

- d) Prospectivo: o tempo do foco (TF) é anterior ao tempo da situação (TS).

(35) Hace dos días Juan **iba a pintar** su casa./ Fazia dois dias que Juan **ia pintar** a sua casa.

- e) Continuativo: o tempo do foco (TF) abrange desde o início do tempo da situação (TS) até um ponto interno de seu desenvolvimento.

(36) Juan **lleva dos horas pintando** su casa./ Juan **gasta duas horas pintando** a sua casa.

A seguir, apresentamos o sistema aspectual do Espanhol, proposto por García Fernández (2006):

- a) Prospectivo: a fase ou período prévio, o TF é anterior ao TS.

- b) Incoativo: focaliza o início da ação.
- c) Continuativo: desde o início até o momento anterior ao final (ponto interno do desenvolvimento da ação).
- d) Imperfeito: posterior ao início e anterior ao final, o TF está incluído no TS.
- e) Progressivo: focaliza somente um instante.
- f) Habitual: repetição que caracteriza a ação como um costume.
- g) Contínuo: focaliza uma situação que se mantém estável durante o intervalo de tempo que se toma como referência.
- h) Aoristo ou Perfectivo: desde o início até o final.
- i) Terminativo: focaliza o final da ação.
- j) Perfeito: focaliza o período posterior ao evento. Temos dois tipos de Aspecto Perfeito:
 - 1) Resultativo: focaliza o resultado de uma ação anterior.
 - 2) Experiencial: estado de coisas que supõe ter tido uma experiência anterior:

(37) Yo ya he comido espaguetis./ Eu já comi espaguetis.

No estudo da Língua Espanhola, em nível morfológico, cabe aos morfemas da conjugação verbal a indicação dos valores aspectuais em cada um dos momentos temporais (anterior, atual e posterior). No entanto, além dos tempos verbais que denotam esta categoria, há outros recursos linguísticos para designar o Aspecto, dentre

os quais, as perífrases verbais constituem um dos meios sintáticos mais utilizados para expressar valores aspectuais, conforme Gómez Torrego (1988).

No estudo das perífrases em Espanhol, de acordo com Genta (2008), a primeira problemática que surge é a enorme dificuldade para se encontrar uma definição clara e uma classificação coerente desta categoria gramatical. Essa dificuldade surge devido a sua estrutura mista (verbal e nominal) e ao valor lexical atribuído a ela. A definição mais aceita é a de que se trata de estruturas complexas formadas por um verbo auxiliar e uma forma principal de estrutura nominal (infinitivo, gerúndio e particípio). No entanto, esta definição se torna imprecisa, no momento em que temos que delimitar os limites do que é ou não uma perífrase verbal, pois há outras categorias gramaticais que apresentam estrutura semelhante, como é o caso das locuções verbais. De acordo com Hernández (2006), a principal diferença entre locução verbal e perífrase verbal reside no fato de a primeira criar um novo significado e a perífrase verbal, conforme García Fernández (2006), ter um dos seus componentes modificando o outro componente, neste caso o verbo auxiliar expressa modalidade, aspectualidade, ou ainda, temporalidade. Vejamos um exemplo da expressão de obrigação e necessidade (modalidade):

(38) Tengo que salir./ Tenho que sair.

Um dos primeiros estudos da gramática espanhola que trata das perífrases verbais de modo sistemático é o trabalho de Rodolfo Lenz (1935). Segundo o autor, em Espanhol, o que há são vozes perifrásticas que estariam no mesmo grupo categorial das vozes ativa, média e passiva⁷. Essa proposta destaca a necessidade de que estas vozes perifrásticas figurem no sistema verbal espanhol com o mesmo espaço que se dá para as outras vozes verbais. De acordo com Genta (2008, p. 45), Lenz (1935) enumera dois critérios fundamentais para a caracterização das perífrases verbais. Vejamos:

- a) A gramaticalização⁸, ou seja, a perda de significado lexical por parte do verbo auxiliar.

⁷ A voz ativa indica que o sujeito é o agente da ação expressa pelo verbo, já na voz passiva, o sujeito recebe a ação denotada pelo verbo. Por último, a voz média expressa a participação e interesse do sujeito na realização da ação verbal, esta ocorre dentro dele ou em relação a ele.

⁸ Genta utiliza o termo “gramaticalização”, na tentativa de atualizar os conceitos utilizados pelo autor. Esta teoria está explicitada na seção 3.2.2.4. do capítulo 03, desta tese.

- b) Uma caracterização sintática: a qualidade distributiva⁹ do pronome clítico “lo” nestas unidades.

Segundo Gili Gaya (1943), a principal característica de uma perífrase verbal é o esvaziamento lexical do verbo auxiliar, ou seja, a perda do seu significado inerente como vocábulo isolado. As perífrases verbais se diferenciam de outras unidades da língua por uma mera questão de expressividade ou estilo. Portanto, para saber se temos uma perífrase verbal, basta considerar a gramaticalização do verbo auxiliar, ou seja, ele perderia totalmente ou parcialmente o seu significado normal e passaria juntamente com a forma nominal do verbo (gerúndio, particípio e infinitivo) a uma nova unidade de significado.

Matte Bon (2003) propõe uma classificação para as perífrases verbais a partir de suas funções. O autor não pretende entrar em discussões teóricas ou ainda, fazer delimitações de cunho semântico (perda de significado do verbo auxiliar) ou sintático. Seu propósito é o de apresentar o funcionamento das perífrases verbais, no sistema de comunicação do Espanhol. Para dar conta desse propósito, recorre a diversos critérios, como o uso modal gradual de perífrases como “tener que/deber/haber que” (ter que/dever/haver que); o valor dos verbos de movimento em perífrases com “ir, venir” (ir, vir), o fato de o verbo “estar” ser auxiliar de muitas perífrases. Ele analisa e descreve o uso e a significação das principais perífrases utilizadas em Espanhol.

As perífrases de particípio e de gerúndio se caracterizam por sua nuance aspectual, perfectiva e imperfectiva respectivamente. As de infinitivo, por seu caráter neutro, ou seja, podem ser utilizadas com muitos valores que podem ser perfectivos ou imperfectivo a depender do contexto situacional. (Alarcos Llorach, 1994)

Coseriu (1976) apresenta os seguintes valores aspectuais para as perífrases de infinitivo:

- a) Aspecto ingressivo: Indica a iminência de uma ação.

⁹ Essa propriedade diz respeito à possibilidade do pronome “lo” substituir ou não uma perífrase em uma oração, quando tratarmos de provas sintáticas para a identificação de uma perífrase verbal. Ilustraremos essa prova sintática no decorrer desta seção.

(39) Está a punto de hablar el presidente./ O presidente está a ponto de falar.

b) Aspecto incoativo: indica o começo da ação.

(40) Empieza a hablar./ Começa a falar.

c) Aspecto Egressivo: expressa a interrupção de uma ação.

(41) Deja de hablar./ Deixa de falar.

d) Aspecto terminativo: aponta a conclusão da ação.

(42) Acaba de hablar./ Acaba de falar.

e) Aspecto reiterativo: indica a repetição da ação.

(43) Vuelve a hablar./ Volta a falar.

f) Aspecto habitual: expressa a repetição habitual.

(44) Suele hablar./ Costuma falar.

O participípio refere-se a um fato anterior ao fato designado pela oração principal. Nesse sentido, de acordo com Gómez Torrego (1988), as perífrases de participípio apresentam valores aspectuais que remetem à idéia de perfectividade do verbo. Essas estruturas expressam a idéia de conclusão com um valor de anterioridade. Vejamos os valores propostos por Gómez Torrego (1988, p. 195):

a) Perfectivo- resultativo:

(45) La lección diez ya está explicada./ A lição dez já está explicada.

b) Perfectivo-acumulativo-reiterativo:

(46) Ya van matriculados quinientos alumnos./ Já estão matriculados quinhentos alunos.

c) Perfectivo- acumulativo:

(47) Tengo escritos ya cincuenta folios./ Já tenho escritas cinquenta folhas.

d) Valor de estado do sujeito como resultado de um processo interior.

(48) Tengo pensado examinarme./ Tenho pensado em me examinar.

De acordo com Genta (2008), as perífrases de gerúndio são definidas claramente com valor aspectual imperfectivo da ação. A construção dessas estruturas ocorre sem nexos (sem preposição) e elas não apresentam características modais. Essas perífrases podem fazer referência a fatos simultâneos ao tempo designado pelo verbo principal, ou ainda, expressar um valor incoativo-progressivo, no qual enfocam o começo da ação ou do estado. Vejamos um exemplo a título de ilustração.

(49) El viejo cambió de postura; se le estaba durmiendo la pierna./ O velho mudou de postura; a perna estava dormindo. (Gómez Torrego, 1988, p. 144):

Estas perífrases podem adquirir, ainda, como no exemplo abaixo, um valor de futuro, de antecipação ou de iminência de uma ação que não ocorreu, mas que para o falante é como se estivesse ocorrendo.

(50) Noto como si estuviera mareándome./ Noto como se eu estivesse ficando enjoado. (Gómez Torrego, 1988, p. 145)

Com relação aos diversos critérios para a identificação de perífrases verbais em Espanhol, destacamos as provas sintáticas, que apesar de terem contraexemplos, ainda são a forma mais clara para delimitar as perífrases verbais no campo sintático. Ilustraremos essa problemática na exposição da terceira prova sintática.

Vale apontar algumas provas sintáticas dos estudos pioneiros de Manacorda de Rosetti (1986) e de Fontanella de Weinberg (1970), além dos estudos de Gómez Torrego (1988). A saber:

- a) A interrogação: temos uma perífrase verbal, quando queremos perguntar sobre a informação expressa pela perífrase de infinitivo ou de gerúndio e não podemos fazê-lo de forma direta com os pronomes interrogativos “qué” e “cómo”. A formulação destas perguntas só é possível com a inclusão de “hacer”. Vejamos:

- Quando não temos uma perífrase verbal:

(51) Necesita trabajar. - ¿Qué necesita? – Trabajar
Necessita trabalhar. - Do que necessita? – Trabalhar

- Quando temos uma perífrase verbal:

(52) Está estudiando. - ¿Qué está haciendo? – Estudiando. (É necessária a inclusão do verbo “hacer”).
Está estudando. – Que está fazendo? – Estudando.

- b) Ênfase: esta prova foi proposta por Gómez Torrego (1988). Segundo o autor, quando não é possível realizar a transformação do infinitivo na forma “ lo que ... es” e o gerúndio em “ como ... es”, temos uma perífrase verbal.

- Quando não temos uma perífrase verbal:

(53) Juan necesita estudiar el tema. – Juan lo que necesita es estudiar el tema.
Juan necessita estudar o tema. – O que Juan necessita é estudar o tema.

- Quando temos uma perífrase verbal:

(54) Voy a estudiar. - * Lo que voy es a estudiar.

Vou estudar. – O que vou é estudar.

- c) Os clíticos¹⁰: esta foi uma das primeiras provas sintáticas para caracterizar as perífrases verbais que consiste na possibilidade de os clíticos virem antes ou depois da perífrase. No entanto, de acordo com Di Tulio (2005), este critério serve apenas como um critério negativo para reconhecer uma perífrase; se um grupo de verbo conjugado + verbo infinitivo não permite o movimento do clítico, não será uma perífrase. Segundo Gómez Torrego (1988), muitas estruturas verbais que não são perífrases também apresentam essa possibilidade para os clíticos, temos, por exemplo, as locuções verbais.

- Não é perífrase verbal, mas aceita a possibilidade dos clíticos:

(55) Consegui hacerlo. Lo conseguí hacer.

Consegui fazê-lo.

Vale salientar, ainda, que, segundo Fernández Soriano (1999, p. 1209 - 1269), nem todas as perífrases admitem que se coloque à esquerda o pronome pessoal clítico. Isso só é possível com perífrases construídas a partir de verbos modais (“deber, tener, poder, querer”), com verbos aspectuais (“seguir, terminar, acabar, estar, ir”), os causativos (“hacer”) e os que têm o mesmo sujeito que o verbo subordinado. Vejamos um exemplo do último caso apontado:

(56) Intentaron explicarlo – Lo intentaron explicar.

Tentaram explicá-lo.

¹⁰ São os pronomes que desempenham a função de objeto direto e objeto indireto.

Por outro lado, de acordo com Fernández Soriano (1999, p.1263), não admitem a possibilidade de colocar o pronome pessoal clítico à esquerda os verbos de opinião, crença ou conhecimento (“creer, saber, afirmar, negar”); os factivos (“lamentar, sentir”), nem os impessoais (“hay que, conviene, parece”). Vejamos um exemplo, a título de ilustração:

(57) Hay que contarlo. - *Lo hay que contar.

Tem de contar.

Em nossa pesquisa, para a identificação e catalogação das perífrases aspectuais imperfectivas de passado, utilizaremos as provas sintáticas que julgamos mais coerentes do ponto de vista da aplicabilidade e as que estão sujeitas a menos equívocos: a interrogação e a ênfase. No tocante ao nível semântico, consideraremos a prova léxico-semântica, elencada por Gómez Torrego (1988). Segundo o autor, para que uma estrutura seja considerada como perífrase, o verbo auxiliar deve perder parte do seu significado inerente para cumprir sua função. No entanto, não consideraremos a gramaticalização total ou parcial da forma auxiliar das perífrases verbais, pois, conforme Gómez Torrego (1988), há alguns verbos que funcionam dentro das perífrases verbais, sem perder seu significado lexical (inerente). Temos, por exemplo, os verbos “empezar” (começar) e “continuar” que conservam o seu significado. Vejamos a perífrase “empezar a estudiar” (começar a estudar), o verbo “empezar” mantém o seu significado ao indicar o início da ação de começar a estudar, ou seja, a forma verbal não perde o seu valor incoativo¹¹.

É importante pontuar, ainda, que não consideraremos as construções que são classificadas como casos intermediários. De acordo com Hernández (2006), há estruturas que não respondem a certos tipos de provas que as validariam como perífrases verbais, mas também, não podemos considerá-las como locuções verbais. O autor classifica essas estruturas como perífrases verbais em formação. Ele destaca que muitos gramáticos, tais como Gómez Torrego (1988), adotaram uma postura muito restritiva para a identificação das perífrases, ou seja, limitaram-se as provas tradicionais e desconsideraram as formas que estão em processo de formação perifrástica e que

¹¹ Focaliza o início da ação verbal.

poderiam ser classificadas como semi-perifrásticas. Hernández (2006, p. 56) caracteriza essas formações da seguinte forma:

- a) o verbo auxiliar não se gramaticalizou e, inclusive, em algumas construções há a manutenção do significado inerente do verbo auxiliar;
- b) o verbo auxiliar e o principal escolhem complementos diferentes;
- c) sua configuração sintática não obedece à tradicional, por isso não são consideradas como perífrases.

Em nossa tese, a partir dos estudos de Coseriu (1976), RAE (1983), Gómez Torrego (1988, 1999), García González (1992), Alarcos Llorach (1994), Matte Bon (2003), García Fernández (1998, 2004, 2006), Bravo Martín (2008) e Genta (2008), consideraremos as seguintes variedades aspectuais:

ASPECTO	FORMAS	EXEMPLO
1) Ingressivo	Ir+a+infinitivo Passar+a+infinitivo Estar a ponto+de+ infinitivo	Iba a decirlo. (Ia dizer)
2) Incoativo	Começar +a+infinitivo Ir+a+infinitivo Pôr-se +a+infinitivo	Se puso a pintar. (Põe-se a pintar)
3) Durativo	Seguir+gerúndio Estar +gerúndio Andar + gerúndio Vir + gerúndio Levar + gerúndio	La historia viene siendo la misma. (A história vem sendo a mesma)
4) Resultativo	Deixar + participío Estar + participío	Quedó satisfecho con sus disculpas. (Ficou satisfeito com as suas desculpas)

	Levar + participío Ter + participío Ficar + participío	
5) Repetitivo	Voltar +a+infinitivo	Volvió a salir a la calle. (Voltou a sair à rua)
6) Egressivo e/ou terminativo	Deixar de +infinitivo Acabar de +infinitivo Cessar de + infinitivo Terminar de + infinitivo	Termino de leer esto y te acompaño. (Termino de ler isto e te acompanho)
7) Habitual	Costumar +infinitivo	Costumbro tomar té. (Costumo tomar chá)

(Quadro 02: perífrases aspectuais)

De acordo com Castro (1974), além das perífrases verbais, é possível expressar o Aspecto através de locuções adverbiais ou preposicionais. Vejamos o exemplo a seguir:

(58) Lo hacía **de tarde em tarde**. / Fazia-o **de tarde em tarde**. (Especifica os intervalos entre as repetições.

Para codificar recenticidade aspectual, há dois tempos em Espanhol: o *pretérito perfecto compuesto de indicativo* e o *pretérito perfecto simple*. O pretérito perfeito composto do indicativo é usado para expressar uma ação acabada, mas recente: *esta mañana he desayunado temprano*. (Esta manhã, tomei café da manhã cedo). O café da manhã foi concluído, mas não faz muito tempo. Para expressar uma ação mais distante e acabada, usa-se o pretérito perfeito simples: *ayer desayuné temprano* (Ontem tomei café da manhã cedo). Trata-se, no entanto, de uma recenticidade relativa, pois também se pode dizer: *Este siglo ha sido muy provechoso para la humanidad*. (Este século foi muito proveitoso para a humanidade), apesar de que se aluda a 100 anos de história, em que o demonstrativo dêitico que indica proximidade do falante imprime a proximidade da frase. Quando não há contexto temporal nas frases, o pretérito perfeito

composto pode ser usado sempre. Pode-se usá-lo, também, em orações negativas absolutas: Nunca **he estado** em Asia. (Nunca **estive** na Ásia). De acordo com Comrie (1990), a diferença entre o pretérito perfeito composto e o pretérito perfeito simples é também aspectual, pois, não se estabelece uma relação entre dois pontos no tempo, e sim a relevância de uma situação passada no momento da enunciação. Por isso, como usamos esses dois tempos para falar do passado, a diferença é aspectual e não temporal. A diferença está no fato de o pretérito perfeito composto apresentar, além do valor de Aspecto perfectivo (conclusão da ação passada), o valor de Aspecto perfeito, ou seja, de consequência presente de uma situação passada, ou ainda da relevância para o falante, no momento da enunciação, de uma ação passada. Vejamos um exemplo em que usamos o pretérito perfeito composto, por trata-se de consequência presente de uma situação pasada:

(59) Pablo se cayó de la bici y se **ha roto** un brazo. (Pablo caiu da bicicleta e quebrou um braço.)

Em narrativas, a sequência e os elementos essenciais são apresentados pelo pretérito perfeito (simples e composto), que atua como figura, correspondente à informação tida como essencial e diz respeito ao desenvolvimento do relato mediante a apresentação sequencial dos fatos. Como pano de fundo para o pretérito perfeito, segundo Weinrich (1973), ocorre o pretérito imperfeito, considerado como acessório na narração, encarrega-se da função de localizar e descrever o fato narrado, ou seja, apresenta, na narrativa, as circunstâncias consideradas como secundárias na constituição global do texto.

De acordo com Castañeda Castro (2006), a diferença principal entre os pretéritos imperfeito e perfeito está no fato de que o primeiro não informa o término da ação, ou seja, não explicita a completude da ação iniciada. Em contrapartida, com o pretérito perfeito, há a informação sobre o término da ação iniciada. A diferenciação entre os pretéritos perfeito e imperfeito se concretiza por meio de uma perspectiva aspectual. As formas perfectivas visualizam a situação de maneira externa e as imperfectivas de maneira interna. Vejamos o exemplo dado por Pérez Saldanya (2004, p. 214):

(60) Ayer vi a Rosana en el mercado y **hablé** un buen rato con ella . Mientras **hablaba** con ella me di cuenta de que no la habíamos invitado a la fiesta.

Ontem vi Rosana no mercado e **falei** um bom tempo com ela. Enquanto **falava** com ela me dei conta de que não a havíamos convidado para a festa.

Neste pequeno texto, temos verbos no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito que se referem à mesma situação. No entanto, a visualização da situação é diferente. Com a forma perfectiva “falei”, o falante visualiza a situação de forma global, ou seja, como um todo, o seu foco é externo. Em contrapartida, com a forma imperfectiva “falava”, temos uma visualização interna da mesma situação, que se apresenta em desenvolvimento.

Nesta seção, tratamos dos principais estudos realizados por espanhóis acerca do Aspecto verbal e das perífrases, visando à apresentação da categoria Aspecto, especificamente, em relação aos usos pretéritos perfeito simples, composto, imperfeito e em relação às perífrases. Na subseção seguinte, com o propósito de abordar a expressão dessa categoria em Espanhol, tecemos considerações sobre pesquisas realizadas sobre o Aspecto Imperfectivo.

2.2.2. O Aspecto imperfectivo em Espanhol

O Aspecto Imperfectivo apresenta três subcategorias diferentes, condicionadas pelo contexto oracional e discursivo. São elas: progressiva, habitual e contínua. O Aspecto imperfectivo progressivo focaliza um determinado instante do evento, expresso morfologicamente pelo presente, pretérito imperfeito e perífrase verbal estar + gerúndio.

(61) Pedro faz o almoço./Pedro fazia o almoço./ Pedro estava fazendo o almoço.

O imperfectivo habitual aparece quando temos uma situação cuja repetição se dá de forma regular, o que gera um hábito ou costume, como em (62).

(62) Siempre comprava naquela loja.

O imperfeito contínuo, exemplificado em 63, pontua uma situação que se mantém estável durante o intervalo de tempo que se toma como referência, ou seja, focaliza um período estável. O contínuo é muito recorrente nos verbos de estado, já que esse tipo de verbo rejeita tanto o progressivo como o habitual.

(63) Estudava enquanto a mãe trabalhava.

A título de ilustração dos traços mais significativos dessas subfunções do Aspecto imperfectivo, vejamos o quadro proposto por Pérez Saldanya (2004, p. 216), que relaciona cada subfunção ao tipo de situação (semelfactiva ou iterativa) e ao momento de referência (duração do evento):

Acepção	Situação	Momento de referência
Progressiva	Única	Pontual ¹²
Habitual	Repetida	Durativo
Continua	Única	Durativo

(Quadro 03: traços das subfunções do Aspecto imperfectivo em Espanhol)

Em nossa pesquisa, tomamos como base, a priori, as subfunções com as respectivas variantes elencadas por Bravo Martín (2008):

a) progressiva: apresenta as variantes pretérito imperfeito do indicativo e a forma perifrástica composta pelo verbo auxiliar ESTAR no pretérito imperfeito do indicativo somado ao verbo principal no gerúndio.

(64) Pedro **leía** el libro cuando entré/ Pedro **lia** o livro quando eu entrei.

(65) Pedro **estaba leyendo** el libro cuando entré/ Pedro **estava lendo** o livro quando eu entrei.

b) habitual: apresenta as variantes pretérito imperfeito do indicativo e a forma perifrástica composta pelo verbo auxiliar SOLER/ COSTUMAR no pretérito imperfeito do indicativo somado ao verbo principal no infinitivo ou, ainda, pelo verbo auxiliar

¹² O autor faz referência a um evento instantâneo.

VOLVER/ VOLTAR no pretérito imperfeito do indicativo somado à preposição A e ao verbo principal no infinitivo

(66) Alicia **leía** el periódico todos los días/ Alicia **lia** o jornal todos os dias.

(67) Alicia **solía leer** el periódico todos los días/ Alicia **costumava ler** o jornal todos os dias.

(68) Alicia **volvía a leer** el periódico todos los días/ Alicia **voltava a ler** o jornal todos os dias.

c) continúa: apresenta apenas a forma do pretérito imperfeito do indicativo para a decodificação de sua função, portanto não apresenta variação.

(69) Pedro **era** de Madrid/ Pedro **era** de Madri.

É importante pontuar, ainda, que um dos problemas para a teoria aspectual diz respeito à existência de formas imperfectivas com valor de Aspecto perfectivo, ou seja, situações com final delimitado. Uma questão muito debatida, atualmente, é o uso do pretérito imperfeito em textos narrativos com valor aspectual perfectivo, situação em que há uma neutralização aspectual. No entanto, não há um estudo que aprofunde algumas questões, como, por exemplo, a delimitação dos contextos prototípicos em que ocorre essa neutralização ou, ainda, um estudo que faça um mapeamento no texto narrativo das reais funções exercidas pelas formas aspectuais imperfectivas. Bertinotto (1986, p. 392), ao tratar do pretérito imperfeito Italiano, nos mesmos contextos em que aparece em Espanhol, afirma que:

[...] Se é verdade que o imperfeito narrativo, especialmente nas formas mais divulgadas da imprensa, sente-se atualmente como uma mera variante (estilisticamente conotada) dos tempos perfectivos, logo não era assim em sua origem. Ademais, é significativo que ao princípio, na novela decimonônica, o imperfeito narrativo tendesse a aparecer exatamente nos mesmos lugares nos quais, normalmente, se costumava utilizar o imperfeito descritivo, ou seja, em frases iniciais, finais ou de transição de uma narração, habitualmente destinadas a delinear o fundo ambiental. A única diferença estava no fato de que o novo imperfeito se inseria diretamente no fio da narração (daqui surge

precisamente a denominação de “narrativo”), em vez de criar pausas puramente descritivas.

Vejamos um exemplo, a título de ilustração:

(70) Llegó tarde a la reunión, no pidió disculpas y a los pocos momentos **se iba** sin decir nada. (Chegou tarde à reunião, não pediu desculpas e em poucos momentos ia sem dizer nada.)

Segundo afirma a RAE (2009), em sua última publicação “Nueva gramática de la lengua española”, o pretérito imperfeito narrativo também é chamado de “ruptura”, porque, geralmente, é usado para apresentar uma ação como desfecho de outras que são introduzidas na continuação da narração. Além disso, salienta que não devemos confundir o imperfeito narrativo com o imperfeito que é utilizado como pano de fundo para as narrativas.

Nesse ponto, não estamos de acordo, pois, conforme Fernández García (2004), a existência de formas imperfectivas com valor perfectivo não se constitui um argumento para se questionar a natureza aspectual dessas formas. O uso de formas imperfectivas, com tal valor, constitui-se a partir da neutralização do valor aspectual imperfectivo, para dar um efeito de lentificação da ação ou, ainda, de suspense na narrativa.

García Fernández (2004) atribui esse valor narrativo de cunho puramente estilístico aos contextos nos quais formas imperfectivas apresentam valor de Aspecto perfectivo. Nesses contextos, também há uma neutralização do valor aspectual imperfectivo, conforme exemplos abaixo.

a) Formas imperfectivas com Antes e Hasta (até):

(71) Yo **era** feliz antes de que tú llegaras. (García Fernández, 2004, p. 76)

Eu **era** feliz antes de você chegar. (Finalização do fato expresso pela forma imperfectiva “era”.)

(72) Yo **era** un desgraciado hasta que te conocí. (García Fernández, 2004, p. 79)

Eu **era** um desgraçado até que te conheci. (Finalização do fato expresso pela forma imperfectiva “era”.)

É importante destacar que há contextos, como nos exemplos abaixo, em que essas construções são agramaticais (não é possível delimitar o final do intervalo) ou, ainda, não expressam a finalização da ação denotada pela forma imperfectiva.

(73) **Vivía** con Marta hasta 1993. (agramatical, pois o imperfeito está atrelado a uma data específica para a finalização da ação.) (García Fernández, 2004, p. 78)

Vivia com Marta até 1993.

(74) Sigrid **sabía** Islandés antes de ir a Islandia. (García Fernández, 2004, p.77)

Sigrid **sabia** islandês antes de ir à Islândia.

O último exemplo não é agramatical, pois não há a finalização da ação, já que Sigrid não deixa de saber Irlandês quando foi à Islândia e também não podemos precisar em que momento ela aprendeu essa língua.

Outra questão sobre os valores das formas imperfectivas é a sua relação com os verbos de percepção e de estado. Nesse caso, o pretérito imperfeito pode representar um núcleo modal nulo de interpretação dinâmica, ou seja, não apresentar valor aspectual imperfectivo. Os verbos de estado podem aparecer subordinados a verbos de percepção, quando estes não estão delimitados. De outra forma, essa combinação entre verbos de estado e de percepção e as formas imperfectivas poderia ser um pouco problemática, já que os verbos de percepção denotam eventos instantâneos e os verbos de estado, por sua vez, apresentam situações de duração indefinida. Vejamos um exemplo da combinação proposta:

(75) Vi que **estaba** pálido. (García Fernández, 2004, p.87)

Vi que estava pálido.

Há, também, contextos nos quais o pretérito imperfeito, atrelado a verbos de culminação, quando não indica habitualidade, pode aparecer com um final delimitado, por exemplo:

(76) [...] vio que la vieja y la niña **salían** de la Plaza y **entraban** en la calle del Ángel.
(Baroja, *El aprendiz de conspirador*)

[...] viu que a velha e a menina **saíam** da praça e **entravam** na rua del Ángel.

Segundo Delfito e Bertinetto (1995, p. 337): “a telicidade é uma função de seu significado léxico. Isto quer dizer que independentemente da realização aspectual em que apareçam, os verbos de culminação sempre pressupõem a consequência do *telos*”. Nesse sentido, o uso de formas imperfectivas com verbos de culminação aparecerá em contextos específicos¹³ que propiciem esta combinação, por exemplo, quando o falante tiver a intenção de tratar de uma ação iminente frustrada. Note-se que, no exemplo a seguir, o foco está na queda de Maria e não no evento de fechar a porta.

(77) María **cerraba** la puerta, cuando se cayó en el suelo. (Maria fechava a porta, quando caiu no chão.).

Das observações acima decorre a necessidade de tratar de Modalidade, pois as formas imperfectivas de passado apresentam vários usos etiquetados de diferentes maneiras, cujo denominador comum é a modalização, ou seja, manifesta a atitude do falante. Esse tema será assunto da próxima seção, em que discutiremos a relação entre Modalidade e as formas imperfectivas em Espanhol, considerando-se a caracterização da categoria Modalidade, os principais tipos de Modalidade e a relação dessa categoria com as formas imperfectivas de passado.

2.3. Modalidade

Nesta seção, trataremos de questões relacionadas à Modalidade e ao Modo no sistema verbal do Espanhol. A Modalidade codifica a atitude do falante, seu julgamento acerca da informação, ou seja, tem a ver com a reação do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado. Modo é uma das formas de codificação da Modalidade, diferenciação proposta por alguns autores cujas definições transcrevemos abaixo.

¹³ Elencamos alguns contextos em que os verbos de culminação podem estar atrelados às formas imperfectivas: lentificação da ação para criar suspense na narrativa, ações habituais, quando o falante não tem muita clareza sobre qual perspectiva aspectual (perfectiva ou imperfectiva) deve expor determinada situação, frustração de uma ação iminente, etc.

- a) (...) eles (subjuntivo, indicativo e imperativo) expressam certas atitudes da mente do falante em relação ao conteúdo da sentença, embora, em alguns casos, a escolha do modo seja determinada não pela atitude do falante real, mas pela própria cláusula e sua relação com o nexos principal da qual é dependente. Ainda é muito importante que falemos de ‘modo’ apenas se a atitude da mente é mostrada na forma do verbo: modo é uma categoria sintática, não uma categoria nocional.

(Jespersen, 1924, p. 313, *apud* Palmer, 1986, p. 9-10)

- b) (...) modo é uma categoria gramatical encontrada em algumas, mas não em todas as línguas. Não pode ser identificada com a modalidade ou força ilocucionária...

(Lyons, 1977, p. 848)

- c) (...) um é gramatical (modo), o outro nocional ou semântico (modalidade)...

(Palmer, 1986, p.7)

- d) (...) modalidade é um domínio conceptual, e modo é sua expressão flexional.

(Bybee *et alii*, 1994, p. 181)

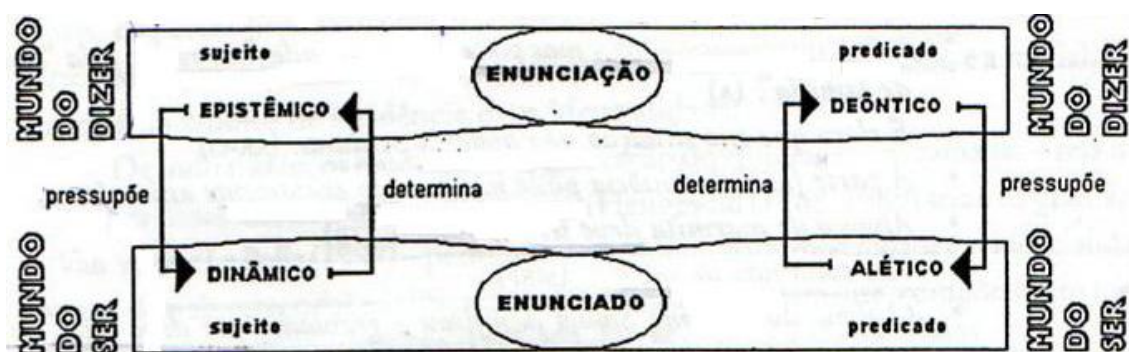
Segundo Palmer (1986), a Modalidade, diferentemente de outras categorias gramaticais, como o Tempo e Aspecto, não se materializa unicamente por meio de afixos flexíveis, mas se manifesta através de um conjunto de estruturas e de índices sintáticos que afetam a oração inteira.

De acordo com Neves (2007, p.167, 168), a Modalidade pode ser expressa:

- a) por um verbo modal: Esse investimento **deve** ser o mais adequado;
- b) por um verbo de significação plena (indicadores de opinião, crença e saber): **Acredito** que essa situação se resolverá em breve;
- c) por um advérbio, que pode estar associado a um verbo modal: **Possivelmente** ele efetue o pagamento hoje;

- d) por um adjetivo, em posição predicativa: **É preciso** que você passe por lá;
- e) por um substantivo: Tenho **convicção** de que dará tudo certo;
- f) pelas próprias categorias gramaticais (Tempo/Aspecto/Modo) do verbo da proposição: Mário **acreditava** que conseguiria pagar o empréstimo junto ao banco;
- g) por expedientes puramente sintáticos: unipessoalização, que se alterna com a 1ª pessoa do singular e minimiza a participação do falante – Eu entendo que você esteja magoada, mas **é preciso** perdoar; intercalação de orações em 1ª pessoa, que produz o efeito contrário ao da unipessoalização – Ele errou muito, mas **eu acho** que todos merecem uma segunda oportunidade; com subordinação a oração em primeira pessoa: – Mas **acho** que fiz a coisa certa.
- h) por meios prosódicos: a entonação.

Neves (2007) elenca quatro tipos de modalidades. São elas: epistêmica, dinâmica, deôntica e alética. As relações entre as quatro modalidades são esquematizadas de acordo com o gráfico a seguir, configurado a partir das indicações de Garcia (1994):



(NEVES, 2007, p.163)

Nessa perspectiva, para a produção do enunciado, conforme Neves (2007, p. 163), essa organização (gráfico) expressa que:

- a) a Modalidade epistêmica é orientada para o sujeito da enunciação. Está pautada no conhecimento, na crença ou na opinião;
- b) a Modalidade dinâmica é orientada para o sujeito do enunciado. Está pautada na capacidade dos sujeitos no que concerne à realização de uma atividade;
- c) a Modalidade deontica é orientada para o predicado da enunciação, implicando o traço [+ controle]. Está pautada no eixo da conduta, refere-se ao que se deve fazer;
- d) a Modalidade alética é orientada para o predicado do enunciado. Está pautada na descrição da relação entre a verdade e a falsidade das proposições.

Realizando-se uma leitura vertical, percebemos que os modais dinâmicos e aléticos conduzem aos epistêmicos e deonticos. Segundo Neves (2007, p. 163): “A relação vertical entre os primeiros epistêmicos e os dinâmicos nasce do fato de que os primeiros são pressupostos para os outros do ponto de vista pragmático”. Por outro

ângulo de visão, na perspectiva horizontal os epistêmicos influenciam no mundo do dizer e os dinâmicos e aléticos no mundo referente.

De acordo com Rodríguez Ramalle (2005), a modalidade epistêmica contempla o grau de compromisso do falante diante do que este expressa, logo não se limita somente à expressão de possibilidade. Vejamos os seguintes exemplos¹⁴ que demonstram a escala de compromisso do falante por meio do advérbio em destaque:

(78) **Difícilmente** seu pai chegará a tempo. (- compromisso do falante).

(79) **Provavelmente** seu pai chegará a tempo. (pouco compromisso do falante).

(80) **Certamente** seu pai chegará a tempo. (+ compromisso do falante).

A modalidade deôntica contempla a expressão de obrigação, de necessidade, de capacidade e de permissão, conforme exemplos abaixo:

(81) Maria **deve** voltar logo.

(82) **Temos que** terminar este trabalho até as 11 horas.

(83) **Podemos** melhorar de vida se estudarmos.

(84) **Posso** sair mais cedo, professora?

Geralmente, no que tange à expressão de obrigação e de permissão, há dois vieses distintos: a) um que emana de uma autoridade externa mediante o estabelecimento de regras e de leis; b) e outro que está vinculado com a expressão de habilidade e de desejo inerentes ao próprio falante, neste caso, ocorre a modalidade dinâmica.

Destacamos, também, a modalidade evidencial, que se distingue da epistêmica pelo fato de o falante asseverar a veracidade dos fatos por meio de provas ou

¹⁴ A maioria dos exemplos desta seção é de nossa autoria. Com relação aos exemplos de outros autores, faremos a devida indicação no corpo do texto.

dados que sustentam a sua afirmação. Vejamos, no exemplo a seguir, a segurança do falante ao proferir uma afirmação, pois está respaldado em uma lei que ele cita:

(85) Segundo a lei 11.161, o Espanhol será implantando em todas as escolas de ensino médio do Brasil em 2010.

Na abordagem funcional norteamericana, a modalidade é tratada no contexto comunicativo e, segundo Givón (1984, p.285), tem seus tipos assim redefinidos numa interpretação pragmático-discursiva: a) pressuposição: a proposição é assumida como verdade (conforme exemplo 86); b) asserção “realis”: a proposição é fortemente declarada como verdade, mas o ouvinte pode refutá-la (conforme exemplo 87); c) asserção “irrealis”: a proposição é fracamente declarada como possível ou como necessária (conforme 88); d) asserção negada: a proposição é fortemente declarada como falsa, comumente contrariando crenças do ouvinte; o falante dispõe de evidências para sustentar seu ponto de vista (conforme exemplo 89).

(86) Joe **cut** a log. (Joe **cortou** um tronco.)

(87) Joe **will cut** a log. (Joe **cortará** um tronco.)

(88) Maybe Joe **caught** a whale. (Talvez Joe **tenha pegado** uma baleia.)

(89) Joe **not wanted** a whale. (Joe **não quis** uma baleia.)

Conforme Givón (2001), no tocante à atitude esboçada pelo falante diante de uma determinada informação, podemos destacar dois julgamentos: a) no âmbito do conhecimento, temos o julgamento epistêmico (verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência); b) no âmbito da conduta, temos o julgamento avaliativo ou ainda deôntico, que diz respeito a: desejo, preferência, intenção, permissão, habilidade, obrigação e manipulação.

É possível, segundo Givón (1995; 2001), prever a distribuição universal das principais modalidades epistêmicas, nos seguintes contextos gramaticais:

a) modalidade inerente de verbos lexicais;

- b) tempo-aspecto e auxiliares;
- c) advérbios modais;
- d) tipo de oração: oração principal declarativa afirmativa, complemento verbal, oração relativa, oração adverbial e atos de fala não declarativos. (Givón (2001, p. 302, 303)).

Em Espanhol, a Modalidade pode ser codificada por diversas formas, dentre as quais o modo verbal e as perífrases modais, aqui destacadas pela natureza do tema deste trabalho: Tempo e Aspecto. Segundo Duarte (2005), no modo indicativo, conforme exemplo (90), expressamo-nos em uma perspectiva objetiva, damos informações novas e o conteúdo do qual falamos se torna algo seguro. Por outro lado, segundo a autora, no modo subjuntivo, conforme exemplo (91), expressamo-nos em uma perspectiva subjetiva, não damos informações novas e o conteúdo do qual falamos é algo duvidoso em certos contextos; em outros, expressamos nossa opinião, nossos sentimentos.

(90) Marina **corre** todas las mañanas. (Marina **corre** todas as manhãs.)

(91) Tal vez **llegue** mañana. (Talvez **chegue** amanhã.)

As formas verbais de indicativo e de subjuntivo normalmente expressam, respectivamente, a oposição entre realidade e não-realidade das ações, não no sentido de ações reais ou irreais em si, mas no sentido de ações concretas, possíveis de se realizar em contraposição a ações hipotéticas, prováveis, que podem não se realizar (Milani (2006)). Ainda, segundo a autora, nas frases de indicativo, afirmamos ou negamos fatos que realmente ocorrem, ocorreram ou vão ocorrer, em contrapartida, nas frases do subjuntivo, os fatos mencionados talvez ocorram, ocorreram ou vão ocorrer realmente. Portanto, o indicativo expressa a efetividade (realidade) na concretização das ações, enquanto o subjuntivo expressa possibilidade, ou seja, a não-efetividade (não-realidade) no cumprimento das mesmas.

Muitas vezes, a escolha do uso do subjuntivo ou do indicativo depende da maior ou menor segurança que se tem (ou quer se dar) sobre a realização ou não do fato ou da ação. Nos exemplos abaixo, o fato de as pessoas voltarem é muito mais duvidoso ou tem muito menos possibilidade de ocorrer na primeira frase do que na segunda.

(92) Espero que **vuelvan**. (Espero que **voltem**.)

(93) Seguro que **volverán**. (Tenho certeza de que **voltarão**.)

Ainda em relação ao modo, convém mencionar o imperativo que, segundo Duarte (2005), é usado pelo falante: a) para dar instruções, ordens, conselhos; b) para conceder permissões e para oferecer algo. Vejamos os exemplos a seguir:

(94) **Abra** la caja, saque la radio y **póngala** ahí. (**Abra** a caixa, retire o rádio e **ponha-o** aí.)

(95) Si quieres cerrar la puerta, **ciérrala**. (Se você quiser fechar a porta, **feche-a**.)

(96) **Bebe** un poco más de zumo. (**Bebe** um pouco mais de suco.)

Os usos modais nos tempos verbais, de acordo com Pérez Saldanya (2004), implicam uma reinterpretação dos valores temporais básicos. Neste caso, os tempos relativos do passado (o pretérito imperfeito e o condicional) passam a expressar fatos irrealis, ou seja, há um distanciamento com relação ao mundo da enunciação, no que tange ao conjunto de expectativas que tem o falante no momento do ato de fala. Vejamos alguns exemplos:

(97) Nos **íbamos** mañana, pero hemos propuesto el viaje. (**Íamos** embora amanhã, mas adiamos a viagem.) (Pérez Saldanya, 2004, p. 225)

(98) Claro que me **iría** contigo al cine, pero tengo que acabar este maldito trabajo. (Claro que eu **iria** contigo ao cinema, mas tenho que acabar esse maldito trabalho. (Pérez Saldanya, 2004, p. 225)

Por outra parte, com respeito aos tempos prospectivos (futuro e condicional), podem ser reinterpretados em termos da modalidade epistêmica, para indicar a falta de compromisso do falante com relação ao que ele afirma, ou ainda, quando o falante quer pontuar que a informação fornecida requer informação mais detalhada. Nesse sentido, os tempos do futuro serão utilizados para fazer referência a conjecturas presentes e os tempos condicionais farão alusão a conjecturas no passado. A título de ilustração, apresentamos exemplos fornecidos por Pérez Saldanya (2004, p. 225):

(99) No les llames por teléfono que aún **estarán durmiendo**. (Não telefone para eles, pois ainda **estarão dormindo**.)

(100) Cuando lo conocí **tendría** unos venticinco años. (Quando o conheci **devia ter** uns vinte e cinco anos.)

Vejamos agora, um quadro que resume a relação entre os tempos verbais e a capacidade de assumirem valores modais.

+ tempo -----> + modalidade

CANTÓ	CANTA	CANTARÁ
_____	CANTABA	CANTARÍA

(Quadro 04: relação entre Tempo e Modalidade, conforme Pérez Saldanya, 2004, p. 225)

Podemos verificar que o pretérito perfeito é a forma que mais dificilmente assumirá valores modais. Por outro lado, as formas condicionais apresentam mais tendência para adquirir valores modais em uma dada situação de interação verbal.

O pretérito imperfeito, segundo García Fernández (2004), é uma forma que se presta muito facilmente à modalização. Por outra parte, os pretéritos perfeitos simples e composto não admitem modalização, ou o fazem com muita dificuldade. O pretérito imperfeito, diferentemente dos pretéritos perfeitos, apresenta uma série de usos

etiquetados de diferentes maneiras, cujo denominador comum é a modalização, ou seja, a atitude do falante. No que diz respeito à modalização, assumiremos o conceito proposto por Lyons (1977), ou seja, consideraremos como modalizados todos os enunciados em que o falante explicita seu compromisso em relação à veracidade da proposição expressada pela oração que enuncia.

Fernández Ramírez (1986), conforme exemplos abaixo, apresenta uma série de empregos dos chamados “imperfeitos modalizados”, ou seja, enunciados nos quais se configura a atitude do falante frente à proposição expressa.

- a) Imperfeito de cortesia: contêm uma idéia de frustração ou de contrariedade de um desejo, mas há certo tom de cortesia.

(101) ¿y usted qué deseaba joven? (Arniches, *La gentuza*)

E o que desejava o senhor? (Fernández Ramírez, 1986, p. 269)

- b) Imperfeito desiderativo: de ocorrência ou inspiração.

(102) De qué buena gana me bebía un vaso, con este calor. (Arniches, *La pobre nina*). (Fernández Ramírez, 1986, p. 269)

De boa vontade bebia um copo, com este calor.

- c) Imperfeito de exclamação ou desculpa: faz referência a fatos recentes e diante destes, o desejo de se desculpar ou, ainda, apresentar uma justificativa.

(103) Ay, si, hijo, que no me acordaba! (Arniches, *La flor del barrio*).
(Fernández Ramírez, 1986, p. 270)

Ai, sim, filho, é que não me lembrava!

- d) Imperfeito de surpresa: o falante expressa a sua surpresa diante dos fatos.

(104) Ah! ¿Pero estudiaba usted para sacerdote? (Arniches, *La pobre niña*). (Fernández Ramírez, 1986, p. 269)

Ah! Mas o senhor estudava para ser sacerdote?

e) Imperfeito lúdico: aparece em jogos infantis e explora a fantasia.

(105) Oye, qué divertido! Tú eres el que iba remando, la mar estaba muy revuelta. (R. Sánchez Ferlosio, *El Jarama*). (Fernández Ramírez, 1986, p. 270)

Oi, que divertido! Você é o que ia remando, o mar estava muito agitado.

Com base no que foi exposto nesta seção, destacamos a necessidade de tratar de Modalidade, uma vez que as formas imperfectivas de passado apresentam vários usos etiquetados de diferentes maneiras, cujo denominador comum é a modalização, ou seja, a atitude do falante. Esses usos serão retomados no capítulo de análise dos dados e a Modalidade será retomada, ainda, na oposição *realis* x *irrealis* em relação aos enunciados que contêm formas imperfectivas de passado.

2.4. Considerações finais do capítulo

No decorrer deste capítulo, tratamos das categorias Tempo, Aspecto e Modalidade e de sua relação com as formas imperfectivas de passado em Espanhol. Sobre Tempo, abordamos marcação de tempo, bem como os valores atribuídos às formas imperfectivas de passado, que nos auxiliarão na análise das formas verbais no texto narrativo. Ademais, destacamos as propostas de sistematização de Reichenbach (1947) e de Comrie (1981), que serão úteis na análise do pretérito imperfeito e das perífrases, formas que expressam um intervalo temporal anterior ao momento de fala e simultâneo ao momento de referência. Em relação ao Aspecto, discutimos algumas questões relacionadas ao comportamento dos pretéritos perfeito simples e composto e, principalmente, do pretérito imperfeito e das perífrases verbais; destacamos, também, a importância de considerar o Aspecto como uma categoria composicional, resultante da interação entre elementos semânticos, elementos morfossintáticos e elementos de cunho pragmático. Essa perspectiva será adotada em nossa análise das formas aspectuais imperfectivas de passado. Já no tocante à categoria Modalidade, explicitamos os

principais tipos de Modalidade e as diferentes atitudes dos falantes em relação à informação enunciada por formas imperfectivas de passado.

Neste capítulo, exploramos o domínio TAM com o objetivo de caracterizar a expressão do passado imperfectivo em Espanhol. No próximo capítulo, faremos uma exposição dos principais pressupostos do Sociofuncionalismo que servirão de base para a análise do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado, já que nossa abordagem é funcional e sociolinguística, pois realizaremos o mapeamento da multifuncionalidade das formas imperfectivas de passado e analisaremos o fenômeno de variação linguística nas funções em que essas formas apresentarem competição, logo, lidaremos, também, com a noção de variável linguística.

3.SOCIOFUNCIONALISMO

Neste capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico (vertente norteamericana) que convergem para o casamento teórico denominado Sociofuncionalismo. A abordagem sociofuncionalista orientará a análise dos contos literários nos níveis semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo, a ser empreendida nesta pesquisa.

3.1. Sociolinguística

A Sociolinguística estuda a língua a partir do seu contexto social, com o objetivo de descrever como os fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam os fenômenos de variação e mudança inerentes às línguas. Os primeiros estudos da Sociolinguística Variacionista surgiram na década de 60, como reação à corrente linguística proposta por Chomsky na década de 50, a gramática gerativa, cujo objeto de estudo é a competência de um falante – ouvinte ideal pertencente a uma comunidade linguística homogênea. Ferdinand de Saussure, considerado como precursor da ciência linguística no século XX, definiu a língua como objeto único e legítimo de estudo: “considerada em si mesma e por si mesma”. Para Saussure, a língua é um sistema abstrato, regido por leis próprias, dotado de homogeneidade e de autonomia. Logo, a fala está excluída de sua análise, do que decorre a dicotomia *langue* e *parole*, sendo a primeira a parte social da linguagem e a segunda, individual. Labov (1972a) propõe um novo modo de fazer Linguística, a partir de estudo empírico das comunidades de fala. Nesse viés, temos soluções para a análise dos dados fornecidos pelas comunidades de fala.

A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”; a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (conforme Weinreich, Labov & Herzog, 1968, p.101). Partindo do pressuposto de que a língua é heterogênea, concebemos o fenômeno de variação como uma realidade social. A variação significa a existência de distintas possibilidades para a expressão de uma determinada função linguística, ou seja, distintas estratégias, recursos linguísticos ou conjuntos de realizações possíveis dentre os recursos expressivos à disposição. Trata-se de escolhas linguísticas diversas que não afetam o processo de

comunicação. Company Company (2003) destaca que a possibilidade de escolha entre uma forma linguística e outra ocorre geralmente:

- (a) entre dois grupos de falantes;
- (b) em um mesmo falante, com a possibilidade de escolha entre duas estruturas e
- (c) na escolha de uma estrutura em uma determinada situação social comunicativa e por outra estrutura em outra situação comunicativa.

Segundo Blas Arroyo (2005), uma das principais tarefas da Sociolinguística Quantitativa é a de analisar a relação probabilística e estatística entre uma série de variáveis dependentes (os fenômenos linguísticos que são objeto de estudo em cada caso) e outras variáveis que denominamos de independentes: linguísticas, estilísticas e sociais. De acordo com Labov (2003), todo falante apresenta alguma variação nas regras fonológicas e sintáticas, do que podem decorrer parâmetros de diferenciação social. (López Morales, 2004).

De acordo com Labov (1978) as variantes constituem os diversos modos de se dizer a mesma coisa, ou seja, remeter ao mesmo estado de coisas, em um mesmo contexto de interação verbal. Os primeiros trabalhos de análise sociolinguística, que se concentravam no âmbito da Fonologia, evidenciaram que diferentes formas de comunicar, que compartilham o mesmo valor de verdade, apresentam diferenças no tocante aos valores sociais e estilísticos. Este fato dá abertura para críticas em relação à manutenção do mesmo significado nas variantes de uma mesma regra variável.

O estudo sobre as construções passivas e ativas, realizado por Weiner e Labov (1977), acarreta críticas por parte da pesquisadora argentina Beatriz Lavandera (1978) que afirma que cada construção sintática possui seu significado próprio, sendo complicado substituir uma forma sintática por outra preservando o mesmo valor de verdade. Para Lavandera, o estudo sobre a variação linguística fora do âmbito da Fonologia fica comprometido. Ela propõe que a condição de mesmo significado seja ampliada para o que chama de comparabilidade funcional, na qual a existência em um mesmo espaço de formas alternantes ou a troca sequencial de uma forma por outra com

o mesmo significado referencial não são livres e nem totalmente condicionadas por fatores extralinguísticos, mas refletem uma escolha funcional do falante tendo em vista atender aos seus propósitos comunicativos. Lavandera critica, também, o fato de que muitas formas que estão fora do campo fonológico não sofrem influências sociais ou estilísticas, apenas linguísticas.

Para responder a essa questão, Labov (1978, p.02) afirma que são variantes os enunciados que possuem o mesmo significado referencial, ou seja, o mesmo significado representacional ou estado de coisas: “dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade”. O autor ratifica o princípio da equivalência semântica e destaca ser necessário que, como variantes de uma regra variável, se aceitem enunciados que possuam o mesmo valor de verdade, no mesmo contexto, mas não rigorosamente o mesmo significado. Seguindo esta lógica, pode haver diferenças em matizes de sentido, desde que o significado referencial não seja afetado. Labov separa o significado referencial em um nível, considerado como primário, e as funções de identificação do falante e de acomodação do ouvinte em outro nível (secundário) que contemplaria os aspectos sociais e estilísticos. Dessa forma, variantes que portam diferenças de cunho pragmático, podem ter o mesmo significado referencial. Labov (1978) argumenta, ainda, que a Sociolinguística é "sócio" não só porque lida com fatores estilísticos e sociais, mas por analisar a língua como componente social. A partir desse argumento, Labov (1978) propõe que a análise linguística deve focalizar, primeiramente, o significado referencial e, em um segundo momento, seguir para as funções de identificação e acomodação. Com base no conceito de regra variável proposto por Labov (1978), analisaremos a competição entre as formas imperfectivas de passado no *corpus* selecionado para esta pesquisa.

Partindo do pressuposto de que a variação linguística constitui uma realidade concreta na comunicação, sendo a língua dinâmica e um meio de identidade social, a mudança é inevitável em todos os âmbitos, mas nem toda variação acarreta mudança, porém toda mudança é precedida por estágios de variação, conforme Labov (1982). De acordo com Gimeno Menéndez (1995), variação e mudança linguísticas estão intimamente ligadas, mas nem toda variação e heterogeneidade na estrutura linguística envolvem mudança. Ademais, nem toda variação sincrônica implica mudança em curso.

De acordo com López Morales (2004), os estudos sobre a mudança linguística têm início em 1968 com os estudos de Weinreich, Labov e Hergoz. A partir daí, surgem várias propostas sobre a estrutura do fenômeno de mudança linguística. Para Cedergren (1987, 1988), a mudança linguística funciona por intermédio de três dimensões, a saber: a) fontes de inovação linguística; b) filtro de seleção; c) filtro de difusão¹⁵.

Pode-se estudar o fenômeno de mudança linguística em tempo aparente e em tempo real. No que tange ao tempo aparente, estuda-se o padrão de distribuição do comportamento linguístico através de grupos de gerações diferentes em um dado momento do tempo. Em relação à mudança em tempo real, estuda-se uma mudança em curso ou já efetivada. Geralmente, contrastam-se dados coletados em épocas diferentes. De acordo com Labov (1994), no estudo de mudança aparente, coletam-se os dados atuais, relacionam-se as variantes às idades dos informantes, partindo-se da hipótese de que a aquisição da língua é finalizada até o final da adolescência e mantém-se intacta no decorrer da vida. Nesse sentido, a partir do uso atual, o pesquisador pode realizar uma projeção sobre o uso passado e sobre os usos futuros. Esta é a visão clássica que propõe a estabilidade do falante, após a puberdade, e a instabilidade da comunidade de fala com o decorrer das décadas. No entanto, é importante considerar, também, outras visões obtidas por outras pesquisas empíricas. Mollica (2007) pontua que pode haver estabilidade por parte da comunidade de fala, mas instabilidade no sistema linguístico do falante, ou ainda, pode ocorrer mudança no sistema linguístico do indivíduo e em sua comunidade de fala. Para refutarmos ou ratificarmos uma ou outra visão é necessária à realização de extensas pesquisas sobre o indivíduo e sua comunidade de fala durante sucessivas gerações.

Labov (2001) faz um paralelismo entre a evolução biológica de Darwin e a linguística: a evolução linguística apresenta o mesmo tipo de seleção natural que a evolução biológica. A sobrevivência ou a preservação de certas palavras em detrimento da existência de outras é a seleção natural. Segundo Labov (2001), a variabilidade genética é um componente importante do mecanismo evolucionário biológico, mas não a condição necessária para a evolução, visto que, sem a seleção

¹⁵ A fonte de inovação corresponde a qualquer mecanismo que propicie o surgimento de uma nova forma, já o filtro de seleção canaliza as pressões estruturais impostas pelo sistema de inovações e o filtro de difusão é o componente social do modelo.

natural, a variabilidade é insuficiente para descrever a rápida evolução de espécies distintas e a irradiação de organismos com diferentes estruturas adaptativas.

A partir desta perspectiva, Labov (2001, p. 15) reformula o paradoxo de Darwin¹⁶ para: “a evolução das espécies e a evolução da linguagem são idênticas na forma, embora o mecanismo daquela esteja ausente nesta”. No entanto, essa reformulação não explica, ainda, as causas da mudança.

No sentido de explicar porque as mudanças ocorrem, Labov apresenta algumas hipóteses para as causas da mudança sonora: princípio do menor esforço – falamos com o menor esforço (articulatório) possível para sermos compreendidos pelo nosso interlocutor, reduzindo a informação fonética que expressamos; princípio da densidade – todo falante adapta a sua fala de acordo com a de seu interlocutor, adotando novas formas ou mudando a frequência de uso das formas, assim, quando uma inovação no modo de falar de um povoado, vila ou cidade estende-se a um distrito, o limite desta difusão certamente estender-se-á ao longo de algumas linhas de enfraquecimento que, como as linhas topográficas, são as ligações entre povoados, vilas e cidades; princípio da imitação – a linguagem é um fenômeno de imitação: novas palavras são adquiridas por moda, por costume, pelo “contágio” de sotaque, pela aquisição de palavras estrangeiras. No entanto, o objetivo não é apenas descrever a trajetória da mudança, mas aumentar nossa compreensão das suas causas fundamentais. Por conta disso, Labov (2001) afirma que é preciso transformar a questão: “Por que as línguas mudam?” para “Quem são os condutores da mudança linguística?”. Se os falantes são os responsáveis pelas inovações linguísticas, é essencial saber sobre a classe social, sexo, etnia, ocupação e idade deles.

De acordo com Labov (2008, p. 21):

... não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força imanente agindo no presente vivo.

¹⁶ O autor apresenta o paradoxo de Darwin: “a evolução das espécies e a evolução da linguagem são idênticas na forma, embora as causas fundamentais sejam completamente diferentes” (LABOV, 2001, p. 14).

Para Labov, à medida que a posição social do falante muda, o seu comportamento linguístico também muda. Nesse sentido, o estudo da variação social oferece comprovação empírica para resolver análises estruturais alternativas no nível funcional, já que o tratamento quantitativo dado às variantes linguísticas permite estudar detalhadamente mudanças em progresso. Dessa forma, a interação social tem papel fundamental no processo de mudança.

Vale destacar, ainda, que, no processo de mudança linguística, de acordo com Labov (2010), os fatores culturais e cognitivos também entram em jogo. Para o autor, os fatores culturais correspondem aos padrões sociais que, de maneira parcial, independem da interação face a face. No tocante aos fatores cognitivos, segundo Labov (2010, p. 02):

Cognição naturalmente não está limitada ao conteúdo do que está sendo dito, mas é sensível a variação sistemática na forma como a mensagem é transmitida, fornecendo informações das características sociais dos falantes e das relações com os seus destinatários ou com a sua audiência.

O autor considera os fatores cognitivos como fatores que influenciam a aquisição do sistema linguístico e que conduzem informações sobre os estados de coisas (Labov, 2010, p.02). Tanto os fatores cognitivos quanto os culturais são vistos como aspectos da capacidade de aprendizes da língua para perceber os padrões gerais da comunidade de fala.

Labov (2008) apresenta três estágios pelos quais passam as variantes e que podem explicar a mudança linguística: *origem* – quando há variação em uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos; *propagação* – a mudança é adotada por inúmeros falantes, passando a variante inovadora a se opor à forma mais antiga; *término* – quando uma das variantes triunfa e a mudança alcança regularidade.

Há, segundo Labov (2008), cinco problemas relacionados à explicação da mudança linguística, já referidos em Weinreich, Labov e Herzog (2006). No entanto, ele afirma que nem todos estão relacionados ao contexto social da mudança: o problema dos condicionamentos universais, que determinam as mudanças possíveis e as condições possíveis para a mudança, independe de uma comunidade particular; o

problema da *transição* correspondente aos estágios intervenientes da mudança entre dois estados da língua, é um problema linguístico interno; o problema do *encaixamento* envolve o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social; o problema da *avaliação*, que diz respeito à reação (positiva ou negativa) dos membros da comunidade de fala à mudança em progresso, relaciona-se ao quadro social da mudança; o problema da *implementação*, já que razões para as mudanças ocorrerem em certa língua em uma dada época, envolvem fatores sociais. A mudança pode ser explicada a partir da tentativa de solucionar esses problemas.

A título de ilustração, apresentamos, a seguir, alguns fenômenos de variação em Língua Espanhola, conforme Aleza Izquierdo & Enguita Utrilla (2010), López Morales (2004) Moreno Fernández (2000, 2010), Gómez Torrego (2002):

Variação no nível morfossintático:

- a) nos pronomes de 2^a pessoa (uso de “tú” (informal) versus “usted” (formal)) (Espanha - Madri).¹⁷
- b) na repartição de leísmo / loísmo / laísmo - uso dos pronomes complemento (objeto direto (“lo” versus “le” - leísmo) e objeto indireto (“le” versus “lo” – loísmo; “le” versus “la” – laísmo - zonas do centro e do norte de Castilha)).

Variação no nível fonológico:

- a) distinção dos fonemas /s/ - /θ/ vs. *seseo* (não diferenciar os fonemas /s/ - /θ/ - ceniza [senísa] – (cinza)). Dessa forma, na palavra “ceniza”, o falante pronuncia as letras “c” e “z” como se fossem uma “s”. Por exemplo, em Alcalá de Henares (Espanha), os falantes fazem essa distinção. Por outro lado, na América, de modo geral, não há essa distinção e, para a pronúncia seseante, há vários alofones para o fonema /s/. Um deles é a pronúncia do fonema /s/ com uma articulação sibilante, frequentemente alveolar (apical ou predorsal), no altiplano

¹⁷ O uso desses pronomes varia na América hispânica de acordo com a zona geoletal.

boliviano (ápico-alveolar), zona nordeste do Chile (fronteira com a Bolívia), terras altas do interior da Colômbia (ápico-alveolar), região amazônica da Colômbia, vale central da Costa Rica (articulação predorsal), zonas do Equador (salvo a região costeira), Guatemala (retroflexa o apical), zonas rurais de Honduras e região de fronteira com Guatemala, Panamá, México (salvo nas zonas costeiras e do noroeste rural).

- b) aspiração do fonema /s/ - este [éhte]. Em algumas zonas a consonante s- em posição pré-nuclear e intervocálica se aspira como nos países centroamericanos (salvo Guatemala e Panamá), zonas interiores da Colômbia, Cuba e República Dominicana.

De acordo com Aleza Izquierdo e Enguita Utrilla (2010), a Língua Espanhola é a língua românica de maior projeção mundial. Sua ampla geografia compreende Espanha, parte sul e oeste dos Estados Unidos, México, América Central e Meridional (com exceção do Brasil e das Guianas), Cuba, República Dominicana e Porto Rico. Além disso, vale apontar, ainda, as ilhas Filipinas, onde o Espanhol é utilizado por grupos minoritários, a Guiné Equatorial e o Saara Ocidental.

Devido à diversidade linguística do Espanhol no mundo e para efeitos metodológicos para o desenvolvimento de nossa pesquisa, propomos, no capítulo de metodologia, uma divisão do Espanhol em 6 zonas, a partir dos estudos de Moreno Fernández (2000, 2010) e de Rama (1982) que desenvolveu os conceitos de “comarcas¹⁸” e de “geração” para tratar das especificidades dos “sistemas literários latino-americanos”. O termo “comarcas” refere-se ao território geográfico, social e cultural das regiões da América Latina que, em alguns estudos, correlacionam às dimensões geográficas do Brasil e da América Hispânica. Para a América, Rama (1982) sugere a sua divisão em cinco comarcas culturais, tomando como base estudos linguísticos, antropológicos e culturais. Moreno Fernández (2000, 2010), também propõe uma divisão para a América e propõe ainda, zonas para a Espanha, tomando como base a fala das cidades mais influentes, ou seja, a norma urbana. A saber:

1. Divisão do espanhol da América:

¹⁸ Conceito elabora por Angél Rama baseado nas diferenças regionais latino-americanas.

A1. Caribe; A2. México e América Central; A3. Andes; A4. Rio da Prata; A5. Chile.

2. Zonas linguísticas do espanhol da Espanha:

E1. Região castelhana; E2. Região andaluza; E3. Região canária.

Em nossa pesquisa, tomando como pressuposto que, em um estudo sincrônico, podemos perceber apenas a mudança em curso, os princípios elencados ajudar-nos-ão nas análises, já que nos propomos a realizar, após mapeamento funcional das formas aspectuais imperfectivas de passado em contos literários, análises das funções em que as formas sob análise são variantes.

3.2. Funcionalismo

As primeiras considerações de cunho funcionalista surgem a partir da Escola de Praga, que se originou no Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 por Vilém Mathesius. Conforme Furtado da Cunha (1998, p. 159): “esses linguistas se opunham à distinção nítida entre sincronia e diacronia, assim como à noção de homogeneidade do sistema linguístico.” Na realidade, há, nessa vertente, uma reação aos princípios propostos pelo estruturalismo, que privilegia a forma em detrimento da função. O Funcionalismo praguense, de acordo com Nogueira (2006, p.25), “caracteriza-se então pela consideração das funções dos meios linguísticos, tendo em vista as necessidades de comunicação e expressão dos indivíduos”.

Há uma tentativa de inserir a interação verbal (fala) nos estudos da língua, já que Saussure concebia a língua como homogênea e excluía a fala, por considerá-la caótica e de difícil sistematização. As duas principais contribuições do funcionalismo praguense são: a noção de perspectiva funcional da sentença e o dinamismo comunicativo. Em oposição à análise focada, exclusivamente, na forma das sentenças, praticada pela maioria dos estruturalistas da época, Mathesius propõe a divisão da sentença em tema (dado), informação conhecida pelo leitor, e núcleo (rema) que constitui um novo dado acrescido ao tema. O dinamismo comunicativo, conceito proposto principalmente pelo checo Firbus, segundo Nogueira (2006, p. 25): “diz respeito ao fato de que os elementos linguísticos contribuem em medida diferente com o

processo de comunicação, isto é, na frase, distribuem-se elementos com diferentes graus de relevância”.

Outro aporte funcionalista de grande contribuição é o da escola inglesa a partir de Halliday, hoje conhecida como Escola de Sidney. De acordo com Furtado da Cunha (2008, p. 162): “a teoria funcional de Halliday, que surge na década de 1970, está centrada em um conceito amplo de função, que inclui tanto as funções de enunciados e textos quanto as funções de unidades dentro de uma estrutura.” Para Halliday, o sistema linguístico está organizado a partir de um conjunto de componentes funcionais que se organizam em três metafunções: ideacional, textual e interpessoal.

Segundo Pezatti (2004), a função ideacional, mais especificamente a experimental, refere-se à interpretação e à expressão de nossa experiência acerca dos processos dos mundos interior e exterior. Neste sentido, a oração é entendida como uma experiência. Por outra parte, a função textual nos habilita a criar um texto, e a oração é entendida, nesse caso, como uma mensagem. Já a função interpessoal nos habilita a participar da situação da fala, usando a linguagem para expressar um julgamento pessoal, uma atitude e para estabelecer, nas relações com o interlocutor, um determinado papel comunicativo.

Halliday (1978) concebe a gramática como “natural”, porque se propõe a investigar a língua como é utilizada, contemplando o contexto situacional. Além disso, segundo o autor, os componentes do significado na língua são funcionais e os elementos da língua são explicados a partir de sua função dentro do sistema linguístico. A proposta do linguista, conforme Nogueira (2006, p. 26), é de uma teoria sistêmico-funcional do significado como escolha, por meio do qual a língua, como qualquer outro sistema semiótico, é interpretada como rede de opções engrenadas. Portanto, é por meio de uma análise das estruturas linguísticas de um texto, que percebemos o “real” significado de cada termo na construção dos objetivos pretendidos na elaboração do mesmo.

Em se tratando do Funcionalismo holandês, de acordo com Nichols (1984), a gramática funcional de Dik foi desenvolvida com o objetivo de remediar dois defeitos da gramática formal da década de 60: sua incapacidade de distinguir elementos funcionalmente distintos, mas categoricamente idênticos e sua incapacidade de capturar a identidade funcional de elementos categoricamente diferentes. Conforme Nogueira (2006), Dik concebe um modelo de gramática funcional caracterizado como um aporte em que as funções e as regras gramaticais estão intimamente ligadas à pragmática.

Nesse sentido, a língua é vista como um instrumento de interação verbal entre os seus usuários, que assumem um papel primordial nesse processo. Dik (1981) ressalta, nas relações comunicativas, a relação entre a intenção do falante e a interpretação por parte do destinatário e propõe uma relação hierárquica na qual a sintaxe, juntamente com os outros níveis estruturais da língua, é interpretada a partir da codificação de dois domínios funcionais, são eles: a semântica e a pragmática. Sob esta perspectiva, há um estudo mais amplo e complexo, não se restringindo à análise de frases isoladas como faziam os estruturalistas.

Nos Estados Unidos, surge um grupo de linguistas que trata a língua do ponto de vista funcional. Dentre os autores dessa vertente, destacamos: Li e Thompson, DuBois, Givón, Hopper e Thompson. Esses autores, apesar de não terem formulado nenhuma teoria geral, empreenderam várias análises que, segundo Nogueira (2006, p.28), “... se constituíram marcos de orientação funcionalista”. Em nosso trabalho, deter-nos-emos nessa vertente norteamericana, mais especificamente, nas aportações teóricas de Givón (1995) e de Hopper e Thompson (1980).

Givón (1995, p.09) estabelece as seguintes premissas para a linguagem:

- I. A linguagem é uma atividade sociocultural;
- II. A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- III. A estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- IV. Mudança e variação estão sempre presentes;
- V. O sentido é contextualmente dependente e não-atômico;
- VI. As categorias não são discretas;
- VII. A estrutura é maleável e não-rígida;
- VIII. As gramáticas são emergentes.

De acordo com Neves (2004, p.15), a proposta funcionalista de Givón:

...se fixa particularmente no postulado da não autonomia do sistema linguístico, na concepção da estruturação interna da gramática como um organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática (sendo a sintaxe a codificação dos domínios funcionais que são: a semântica, proposicional e a pragmática discursiva) e no exame dos aspectos icônicos da gramática.

Além da busca de princípios substantivos para a explicação de fatos gramaticais, presente nos trabalhos de Givón, vale destacar, ainda, os parâmetros elencados por Hopper e Thompson (1980) para a interpretação da oração. Quanto ao nível sintático-semântico, Hopper e Thompson propõem dez parâmetros de transitividade, para distinguir aquilo que o falante codifica como essencial (figura) e aquilo que serve de suporte (fundo), ou seja, aquilo que é acessório ao que é dito, não contribui para a progressão discursiva. Em uma escala de transitividade (baixa ou alta), os autores apresentam os seguintes parâmetros: a) argumentos; b) cinesia; c) aspecto; d) pontualidade; e) volitilização; f) polaridade; g) modo; h) agentividade; i) afetabilidade de objeto; j) individuação de objeto. Esses parâmetros são explicitados na próxima seção deste capítulo e são utilizados, em nossa pesquisa, na análise das formas imperfectivas selecionadas de contos literários. O complexo de transitividade e seus parâmetros individuais se associam a uma função discursivo-comunicativa: a de assinalar as porções centrais e periféricas de um texto narrativo.

Ao tratarmos do texto narrativo, é importante considerar a perfectividade, Givón (2005) diz que, no discurso cotidiano, a maioria dos verbos é inerentemente perfectivo, constituindo-se como não-marcados (menos complexos, mais frequentes), por sua vez, os imperfectivos são marcados (mais complexos, menos frequentes) no discurso. Em relação ao *perfectness*, o pretérito codifica eventos sequenciais narrados na mesma ordem em que ocorreram, sendo a categoria não-marcada, e a relevância dos eventos dá-se no tempo em que eles ocorreram (por exemplo: *She came in, ate lunch, waited a while and left.*/ Ela chegou, almoçou, esperou um pouco e saiu (GIVÓN, 2005, p. 159), enquanto o *perfect* codifica eventos fora da sequência em que ocorreram, representando a categoria marcada e os eventos têm relevância no tempo de fala (por exemplo: *She came in. She had already eaten lunch. So she waited and then left.*/ Ela chegou. Ela já tinha almoçado. Então, ela esperou um pouco e saiu. (GIVÓN, 2005, p. 159).

De acordo com Givón (2001, p. 287 e 288), a (im)perfectividade pode ser aferida em uma escala gradual, a partir de dois traços: fronteira temporal (nítida vs. difusa) e duração (curta vs. longa):

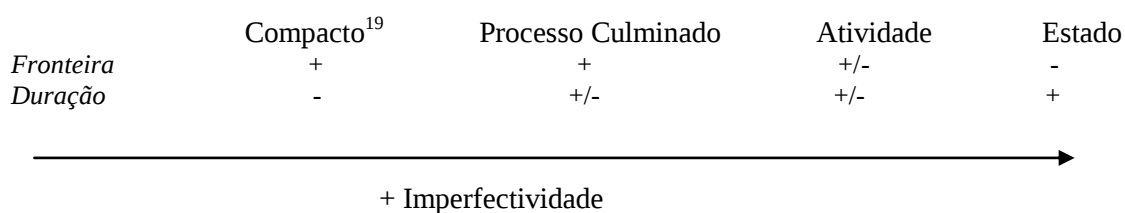
(1) Verbos compactos (culminação): em um extremo da escala de perfectividade, estão os verbos que codificam situações cujas fronteiras inicial e final são definidas e coincidentes.

(2) Verbos de processo culminado: codificam a completude de uma situação. É uma situação com a fronteira final nítida, cuja duração é maior do que a dos verbos de culminação.

(3) Verbos de atividade: a situação codificada por esse tipo de verbo pode ter as fronteiras inicial e final definidas, mas o foco está na duração.

(4) Verbos de estado: no outro extremo da escala de (im)perfectividade, verbos de estado focam a duração do evento, sem delimitação das fronteiras.

Vejamos a escala de (Im)perfectividade e marcação proposta por Givón (2001, p.287 e 288):



Se considerarmos, ainda, a transitividade das formas verbais e o relevo discursivo no texto narrativo, conforme Pezatti (2004, p. 189):

Hopper e Thompson (1980) consideram que há uma alta correlação entre o relevo discursivo e o grau de transitividade da sentença, uma vez que o pensamento e a comunicação humana registram o universo individual como uma hierarquia de graus de centralidade/perifericidade a fim de facilitar tanto a representação interna quanto a sua exteriorização para as pessoas.

¹⁹ Givón (2001) refere-se a verbos de curta duração, o que corresponderia, na classificação de Vendler (1957,1967), aos verbos de culminação.

Devido às suas considerações teóricas, a vertente funcionalista norte-americana (Givón (1995), Hopper e Thompson (1980)) apresenta-se como adequada para fundamentar as análises a serem empreendidas nesta pesquisa, pois se baseia em parâmetros, para a análise de fatos gramaticais de uma dada língua, que envolvem as funções cognitivo-comunicativas e semântico-discursivo-pragmáticas.

3.2.1. Princípios funcionalistas

Nesta seção, apresentaremos algumas considerações sobre pressupostos do Funcionalismo que darão suporte a nossa pesquisa, são eles: iconicidade, marcação e transitividade e os planos semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo. Além disso, trataremos do processo de gramaticalização no que tange à sua caracterização e aos cinco princípios, propostos por Hopper (1991), que auxiliarão na análise das funções desempenhadas pelas formas aspectuais imperfectivas, no *corpus* selecionado para esta pesquisa.

3.2.1.1. Iconicidade

A estrutura da língua reflete, de alguma forma, a estrutura da experiência, portanto o signo linguístico não seria arbitrário, como concebia Saussure, na relação entre significado e significante. Pierce (1940), que discordava parcialmente da noção de arbitrariedade, propôs dois tipos de iconicidade: a imagética e a diagramática. A primeira se refere à estreita relação entre um item e seu referente, no sentido de um espelhar a imagem do outro. Por outra parte, a segunda diz respeito a um arranjo icônico de signos, sem necessária intersemelhança.

Podemos verificar, no uso da língua, que existem casos em que a relação entre a palavra utilizada e o seu respectivo conteúdo apresenta estreita relação. Por outro lado, há contextos de interação verbal, nos quais essa relação não está tão transparente. Conforme Givón (1991), não há 100% de iconicidade, ou seja, alguns elementos estruturais não podem ser emparelhados com funções específicas de um modo óbvio; sincronicamente, a relação pode estar opaca, mas é possível o emparelhamento em estágios prévios.

Portanto, segundo Givón (1991), há uma sutil divergência entre a forma e a função, no caso de uma forma ser utilizada para mais de uma função como, por

exemplo, a partícula “se”, que pode funcionar, de acordo com a sintaxe tradicional, como partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, partícula de realce, pronome reflexivo, pronome recíproco, ou, ainda, como parte integrante do verbo. Vejamos os exemplos a seguir²⁰:

(106) Vive-**se** muito bem aqui. (se – índice de indeterminação do sujeito.)

(107) Reformam-**se** móveis velhos. (se – partícula apassivadora.)

(107) Lá **se** vai mais um caminhão de verduras. (se – partícula de realce.)

(109) O lenhador machucou-**se** com a foice. (se – pronome reflexivo.)

(110) Pai e filho abraçaram-**se** emocionados. (se – pronome recíproco.)

(111) Os atletas queixaram-**se** do tratamento recebido. (se – parte integrante do verbo.)

Segundo Givón²¹ (2001, p.35), o princípio da iconicidade é desdobrado nos subprincípios:

- I. Entonação: acento e previsibilidade, melodia e relevância, pausa e ritmo.
 - Ênfase na previsibilidade: fatias de informação menos previsíveis são mais enfatizadas.
 - Melodia e relevância: fatias de informação que pertencem ao mesmo domínio conceitual são empacotadas sob um contorno melódico único.
 - Pausa e ritmo: o tempo de pausa entre fatias de informação corresponde à distância temática ou cognitiva que existe entre elas.

²⁰ Esses exemplos foram retirados de: a) CEREJA, William. R.; MAGALHÃES, Cochar. T. **Português: linguagens**. São Paulo: Atual Editora, 2005, p. 214; b) **A função das palavras Se, Que e Como**. Disponível em: < <http://www.geocities.com/Atheus/Crete/5951>>. Acesso em: 18 Nov. 2010.

²¹ Givón faz referência ao princípio de iconicidade, de forma mais sucinta, nos trabalhos de 1984, 1991 e 1995. O autor apresenta três subprincípios básicos: proximidade, quantidade e ordenação linear.

II. Espaçamento: proximidade e relevância, proximidade e escopo.

- Proximidade e relevância: fatias de informação que pertencem ao mesmo domínio conceitual são mantidas em proximidade espaço-temporal.
- Proximidade e escopo: operadores funcionais são mantidos mais perto dos operandos aos quais são relevantes.

III. Sequência: ordem e importância, ordem de ocorrência e ordem reportada.

- Ordem e importância: a informação considerada mais importante é colocada no início.
- Ordem de ocorrência e ordem reportada: a ordem temporal em que os eventos ocorreram será refletida na reportagem linguística dos eventos.

IV. Quantidade: zero e previsibilidade, zero e relevância.

- Expressão zero e previsibilidade: informação previsível ou já ativada não será expressa.
- Expressão zero e relevância: informação irrelevante ou sem importância não será expressa.

Na perspectiva de uma gramática emergente e autônoma, segundo Freitag (2007), Givón (2002) propõe a existência de uma proto-gramática que seria uma forma preliminar no processo evolutivo da língua, com regras icônicas, cognitivamente transparentes, não-arbitrárias, expressas nos vários princípios e sub-princípios da iconicidade, apresentados nesta seção. Portanto, uma estrutura que, à primeira vista nos parece arbitrária, provavelmente, no processo de mudança linguística, perdeu certa porção de transparência do código, por isso, muitas vezes nos parece opaca a relação entre forma e função de uma determinada estrutura.

3.2.1.2. Marcação

O princípio da marcação foi introduzido pelos linguistas da escola de Praga. Este conceito seria uma reinterpretação da noção de valor linguístico concebida por Saussure para diferenciar um par contrastivo, ou seja, a distinção entre os membros

de uma determinada categoria se dá por meio da presença de uma dada propriedade em um (elemento marcado) e da ausência desta no outro membro (elemento não-marcado).

Segundo Givón (1995), o conceito de marcação pressupõe a noção de complexidade da estrutura da língua, neste contexto, o autor concebe que o elemento marcado é estruturalmente mais complexo. Por outro lado, o elemento não-marcado é mais simples em sua estrutura. No entanto, a marcação depende do contexto de interação, logo, para a caracterização de um elemento como marcado ou não-marcado, entram em jogo os fatores comunicativos, sócio-culturais, cognitivos e biológicos.

Givón (1990, p. 947) apresenta três critérios para se avaliar a marcação:

- a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.
- b) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada.
- c) complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

No tocante a estes critérios, Givón (1991) orienta que devem ser testados de maneira isolada e somente depois, os resultados devem ser correlacionados. Por outro lado, dada a dificuldade de acessar o grau complexidade cognitiva das formas linguísticas, este subprincípio deve ser indiretamente controlado. Segundo a formulação dada por Givón (1991, p. 38), na concepção do princípio meta-icônico de marcação: “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas”. Nesse sentido, a complexidade cognitiva pode ser atrelada à complexidade estrutural.

Não podemos determinar segundo Givón (1990), a marcação de forma absoluta, pois a estrutura é marcada ou não de acordo com o contexto em que ocorre. Por exemplo, em uma narrativa em que temos os pretéritos perfeito e imperfeito, a forma marcada, nesse contexto, será, provavelmente, o pretérito imperfeito, já que tende a ser mais complexa estruturalmente e cognitivamente e, além disso, menos frequente,

se considerarmos que essa forma atua como pano de fundo da narrativa, enquanto que o pretérito perfeito atua na progressão da narrativa, conforme Hopper e Thompson (1980). Se pensarmos a marcação nos diversos contextos, podemos estabelecer em quais contextos uma dada estrutura será marcada e em quais será menos marcada.

Com o objetivo de estabelecer o equilíbrio cognitivo contextual, a marcação pode atuar, ainda, de acordo com o princípio de expressividade retórica, proposto por Dubois e Votre (1994). Conforme os autores, um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Segundo Dubois e Votre (1994, p. 12): “É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação.” Portanto, formas marcadas podem tender a ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Nesse sentido, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual.

Givón (1990) divide a marcação de categorias gramaticais em quatro tópicos: a) tipos de discurso – a mesma categoria gramatical pode ter diferentes valores de marcação quando colocada em contextos discursivos diferentes; b) tipos de oração – as orações principais, declarativas, afirmativas e ativas têm o *status* de não-marcadas, enquanto que as subordinadas, manipulativas, negativas e passivas ganham o *status* de marcadas; no discurso oral/informal, há o predomínio das orações coordenadas, que são cognitivamente mais fáceis de processar do que as orações subordinadas; c) Modalidades nominais: 1. *papel temático* – hierarquia temática=> papel semântico: agente > dativo/benefactivo > paciente > locativo > instrumento > outros, papel gramatical: sujeito > objeto direto > objeto indireto, agente, dativo/benefactivo e paciente são os mais prováveis para ocupar as posições de sujeito e objeto, portanto, o sujeito/agente e o objeto/paciente são os não-marcados; 2. *referencialidade e individuação* – nomes referenciais e individuais são o caso não-marcado; 3. *definitude* – o sujeito, o objeto direto e o dativo/benefactivo tendem a ser a categoria definida, logo, não-marcada; 4. *status anafórico* – a anáfora zero é a menos marcada; 5. *topicalidade* – a marcação dos referentes tópicos e dos não-tópicos depende da continuidade, ou seja, o referente tópico/contínuo (codificado como zero ou pronome anafórico) é o não-marcado e o referente não-tópico/descontínuo é o marcado; d) Modalidades verbais (*realis* x *irrealis* (mais marcada); perfectiva x imperfectiva (mais marcada) – Givón (1995, p. 55).

Os princípios de marcação e de iconicidade ajudar-nos-ão a explicar o uso de formas imperfectivas em narrativas, considerando-se: complexidade estrutural (imperfeito ou perífrases); distribuição de frequência (de acordo com os planos discursivos); complexidade cognitiva (com base na ordenação e presença de modificadores aspectuais); quantidade de informação (imperfeito ou perífrases); integração (nas perífrases) e ordenação linear (de acordo com a posição das formas imperfectivas em relação aos demais constituintes da oração).

3.2.1.3. Transitividade

De acordo com Givón (2001), a transitividade é um fenômeno de natureza complexa que envolve os componentes sintático e semântico. Logo, a transitividade não é uma categoria discreta, é uma questão de grau. Nesse sentido, um evento é caracterizado de forma escalar no tocante a sua transitividade a partir das propriedades semânticas do agente, paciente e verbo da oração analisada, que também são fornecidas em termos de graus.

Para Hopper e Thompson (1980), a transitividade é uma propriedade gradual, na qual incidem vários parâmetros. Segundo Furtado da Cunha (2008, p.38):

Hopper e Thompson associam a transitividade a uma função discursivo-comunicativa: o maior ou menor grau de transitividade de uma sentença reflete a maneira como o falante estrutura o seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos.

A partir dessa concepção de transitividade, e examinando o modo como as línguas codificam os verbos, Hopper e Thompson definem a transitividade a partir de dez parâmetros que indicarão maior ou menor grau de transitividade dos dados analisados. Os parâmetros e exemplos propostos por Hopper e Thompson são:

a) argumentos: a sentença é considerada de alta transitividade, se tiver dois ou mais argumentos, por exemplo:

(112) *I hugged Sally.* (Eu abracei Sally.)

b) cinese: diz respeito à característica do verbo de expressar ou não uma ação, somente as ações podem ser transferidas, os estados não. Logo, *I hugged Sally* é mais transitivo que *I like Sally*. (Eu gosto de Sally.)

c) aspecto: uma ação télica, ou seja, completa, é mais transitiva que uma atélica, na qual a transferência da ação ocorre de forma parcial, pois não é concluída, como em *I ate it up*. (Eu comi.) # *I am eating it*. (Eu estou comendo.) (113)

d) pontualidade: uma ação pontual, ou seja, sem fase de transição entre o princípio e o seu final, é mais transitiva que uma contínua ou linear, por exemplo: *kick* (chuta – ação pontual) é diferente de *carry* (carregar – ação não-pontual.)

e) volitividade: uma ação deliberada e controlada é mais transitiva que uma involuntária. Vejamos a diferença entre *I wrote your name*. Eu escrevi seu nome. (+ volitiva) e *I forgot your name*. Eu esqueci seu nome. (– volitiva). (114)

f) afirmação: as afirmações são mais transitivas que as negações, pois indicam que a ação ocorreu de fato: *I wrote your name*. (Eu escrevi o seu nome.) (115)

g) modo: uma ação real é mais transitiva que uma ação que não ocorreu ou que poderia ocorrer. A ação irreal é menos efetiva e, portanto, menos transitiva. Considerem-se os exemplos: *I wrote your name*. (Eu escrevi seu nome.) x *I will write your name*. (Eu escreverei seu nome.) (116)

h) agentividade: um sujeito mais agentivo (alto potencial de agentividade na transferência de uma ação para outro) é mais transitivo que um menos agentivo. Vejamos a diferença: *George started me damage*. # *The picture started me damage*.

(George me causou prejuízo) (A pintura me causou prejuízo) (117)

+ agentivo

- agentivo

i) afetamento do objeto: um paciente (objeto) completamente mais afetado pela ação (*I drank the milk*. / Eu bebi o leite. - mais afetado) é mais transitivo que um objeto afetado parcialmente (*I drank some of the milk*. / Eu bebi um pouco do leite. - menos

afetado) (118). O objeto (leite) é mais afetado no primeiro caso, pois foi tomado por completo.

h) individuação do objeto: um paciente (objeto) que se distingue pelas seguintes características: próprio, animado ou humano, concreto, contável, singular, referencial ou definido é mais transitivo que um paciente que apresenta características tais como: comum, inanimado, abstrato, plural, incontável, não-referencial. Por exemplo: *Jerry knocked Sam down*. (Jerry nocauteou a Sam.) (119) – Sam é um objeto individuado devido aos seus traços (próprio, contável, referencial, concreto, humano.)

De acordo com Furtado da Cunha e Souza (2007, p.42):

No que diz respeito aos modelos de Givón e Hopper e Thompson, os pontos em comum estão representados pela descrição sintática e semântica da transitividade, pelo tratamento gradiente, escalar, desse fenômeno, pela utilização da noção de prototipicidade versus desvio, pela consideração de aspectos comunicativos (propósitos interacionais do falante e sua percepção das necessidades informativas de seu interlocutor) e cognitivos (apreensão e codificação da experiência humana) na manifestação da transitividade.

Com base nos parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980), avaliaremos, no capítulo de análise, a transitividade das formas aspectuais imperfectivas em narrativas escritas em Espanhol.

3.2.1.4. Gramaticalização

A primeira alusão direta ao termo gramaticalização tem sua origem nos trabalhos de Meillet (1912). Ele divide as palavras em três tipos, a saber: principais, acessórias e gramaticais. As palavras acessórias intensificam uma expressão e, quando se enfraquecem, passam a ser consideradas instrumentos gramaticais. Segundo o autor, pode haver entre essas palavras uma transição de caráter gradual. Uma restrição às pesquisas sobre gramaticalização dessa época é que havia a desvinculação entre sincronia e diacronia.

Na atualidade, de acordo com Hopper & Traugott (1993), a gramaticalização pode ser entendida como um processo diacrônico no qual uma construção existente composta de um item lexical experimenta avanço de frequência nos diversos contextos linguísticos e adquire funções gramaticais que, seguindo essa tendência, desenvolverá outras funções gramaticais.

A gramaticalização consiste na saída de um fenômeno (pela frequência de uso) do discurso para a gramática, sendo, por isso, responsável pela mudança linguística. (FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA e MARTELOTTA, 2003).

Segundo Freitag (2007, p.45):

A gramaticalização é, ao mesmo tempo, processo e resultado, uma vez que a convencionalização e a adaptação fazem parte da dinâmica do processo. Assim, estendendo aos níveis gramaticais mais altos, a abordagem biolinguística da linha de Talmy Givón define a língua como um produto da adaptação biológica, no sentido proposto por Charles Darwin (cf. Givón, 2002).

Para Givón (1971), há uma evolução cíclica das formas de modo unidirecional: Discurso> Sintaxe>Morfologia>Morfofonêmica>Zero. Uma frase muito conhecida do autor sobre a evolução da língua é: “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem.” O autor defende que, para a compreensão da estrutura de uma língua, é necessário que se entenda os seus estágios de desenvolvimento. A partir da proposta de Givón (1979), há uma expansão do sentido do termo gramaticalização, já que o contexto pragmático é incorporado como fator significativo para o desenvolvimento dos processos de gramaticalização. Hopper e Traugott (1993) destacam, ainda, que o processo de gramaticalização não se limita somente ao percurso de um elemento lexical ao gramatical, mas contempla, também, o fato de um item, depois de gramaticalizado, poder continuar assumindo novas funções na língua.

Apresentamos, agora, os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991), são cinco:

a) estratificação – dentro de um mesmo domínio funcional, há a emergência contínua de camadas novas, não implicando no abandono das camadas velhas, que

podem coexistir e interagir com as novas, como a marcação do Aspecto imperfectivo progressivo que apresenta as variantes pretérito imperfeito do indicativo e a forma perifrástica composta pelo verbo auxiliar ESTAR no pretérito imperfeito do indicativo somado ao verbo principal no gerúndio.

(120) Pedro **leía** el libro cuando entré/ Pedro lia o livro quando eu entrei.

(121) Pedro **estaba leyendo** el libro cuando entré/ Pedro estava lendo o livro quando eu entrei.

De acordo com Tavares (2003, p.72): “podemos dizer que as camadas representam variantes linguísticas no sentido de Labov: duas ou mais formas de mesmo significado passíveis de serem empregadas no mesmo contexto”.

b) divergência – uma forma lexical que sofreu gramaticalização (a um clítico ou afixo) pode ter sua forma original como um elemento autônomo e sofrer novas mudanças. Segundo Hopper (1991, p.22): “a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens comuns”. Um exemplo de divergência é o desenvolvimento da partícula “lo” em Espanhol que assume inúmeros usos. Vejamos alguns:

(122) Admiraba **lo** bello de sus ojos/ Admirava a beleza do seu corpo (lo – artigo neutro).

(123) **Lo** vi ayer. O vi ontem. (lo – pronome complemento (objeto direto)).

Essa partícula assume várias funções em Espanhol, a depender do contexto. No exemplo 122, “lo” funciona como artigo neutro, substantivando o adjetivo “bello” que passa a funcionar, neste contexto, com valor de substantivo. Já no exemplo 123, “lo” funciona como complemento do verbo “vi”.

c) especialização – Hopper (1991, p. 22) explica esse princípio da seguinte forma: “...uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível em um estágio; quando há gramaticalização, essa variedade de escolhas formais estreita-se e o menor número de formas selecionadas assume significados

gramaticais mais gerais”. Por exemplo, o verbo *ter*, antes usado apenas com verbos transitivos (**Tenho encontrado** tempo para sair com os amigos) (124), agora, também, pode ser usado com verbos intransitivos (**Tenho saído** cedo para trabalhar) (125).

d) persistência – quando uma forma sofre gramaticalização, traços do seu significado original podem permanecer, como o *will* do inglês, que, tinha o significado modal de disposição e intenção e passou a ser futuro, quando inanimados foram usados como sujeito.

(126) I **will** to play soccer. / Eu jogarei futebol.

(127) The table **will** be clean in a minute. / A mesa estará limpa em um minuto.

e) decategorização – os itens gramaticalizados têm o seu estatuto gramatical reduzido. Hopper (1991) exemplifica esse princípio com o caso da partícula *pas* do francês, que, originariamente, era um nome e junto ao *ne* indica negação.

(128) Je **ne** sais **pas**. / Eu não sei.

O processo de gramaticalização está estreitamente ligado à correlação forma/função: quando duas ou mais formas representarem uma função ou uma forma representar duas funções, pode, a partir dessa co-ocorrência, haver mudança linguística. Por exemplo, Torres Cacoullos (2001) ao estudar, diacronicamente, a perífrase *estar + gerúndio*, no Espanhol falado do México, verificou que essa forma perdeu o sentido locativo espacial original devido a um processo de gramaticalização, e ampliou o sentido aspectual para imperfeito.

Em várias línguas românicas, formas com função perfectiva, como o Passé composé do Francês e o Pretérito perfecto compuesto do Espanhol (conforme exemplo abaixo), se originaram da construção resultativa “haber” ou “ser” mais um particípio, e essas duas expressões (Haber + particípio) foram transformadas em marcas de perfeito e podem, conforme Heine e Kuteva (2002), desenvolver um valor perfectivo. Estas construções tendem a seguir o mesmo percurso de gramaticalização, ou seja, seguem a

rota semântica: construção resultativa > perfeito > perfectivo/passado simples (Bybee, 2004, p.250).

(129) Nosotros **hemos estudiado** hoy. / Nós estudamos hoje.

No tocante ao valor imperfectivo, Bybee (2004, p. 250) esboça a seguinte rota semântica: progressivo > imperfectivo (contínuo ou durativo e habitual)/presente. Nesse sentido, podemos constatar que as formas aspectuais imperfectivas podem sofrer, também, gramaticalização e adquirir um ou mais usos, ou seja, uma mesma forma pode codificar várias funções. Portanto, no mapeamento funcional e na análise do fenômeno de variação linguística, utilizaremos os princípios de gramaticalização de Hopper (1991) para analisar usos adquiridos pelas formas aspectuais imperfectivas de passado.

3.2.2. Planos da narrativa: Figura e Fundo

Nossa análise envolverá o tratamento da relação entre figura e fundo na narrativa, razão pela qual consideramos a proposta de Hopper e Thompson (1980). De acordo com esses autores, há uma alta correlação entre o relevo discursivo e o grau de transitividade de uma sentença, já que, na organização do pensamento humano e na comunicação, é inevitável a hierarquização de informações, no sentido de estabelecer graus de centralidade/perifericidade, ou seja, numa situação comunicativa, os usuários da língua procuram estabelecer que informações são essenciais (figura) e/ou acessórias (fundo).

Os conceitos de figura e fundo vêm da Gestalt, na Psicologia. De acordo com essa teoria, de fundamento cognitivo, o processo de formação de figura-fundo é dinâmico, a figura depende do fundo sobre o qual aparece; o fundo serve como uma estrutura ou moldura em que a figura está enquadrada ou suspensa, e, por conseguinte, a determina. Hopper e Thompson (1980), a partir desse pressuposto, diferenciam figura e fundo, com base no contexto de interação verbal, considerando que o falante codifica o que percebe como essencial (figura) e o que considera como acessório (fundo).

No tocante ao Aspecto verbal, para Hopper e Thompson (1980), o Aspecto perfectivo apresenta alta transitividade, por outro lado, o Aspecto imperfectivo aponta

para uma baixa transitividade, pois, numa narrativa, por exemplo, há o uso de formas verbais do imperfeito como fundo (detalhes, descrições) e de formas do perfeito na ordenação dos fatos da narrativa, indicando progressão. Como bem afirma Silva (2007, p. 94):

Na literatura a respeito dos planos discursivos, observamos que os autores, comumente, atribuem o seqüenciamento cronológico de um enunciado às formas perfectivas, as quais são ordenadas cronologicamente no discurso e denotam eventos discretos e dinâmicos. Para alguns, as formas imperfectivas não mostram a preocupação do falante com a seqüência dos fatos narrados, mas trazem apenas informações adicionais e circunstanciais que se constituem como suporte para os fatos narrados.

No discurso, segundo Givón (1984), alguns elementos da descrição são considerados a essência, o esqueleto, a linha principal do episódio/descrição/comunicação, constituindo a figura do discurso. Por outro lado, há elementos que são satélites, ficam na margem, são os apoios do episódio/descrição/comunicação, sendo, portanto, o fundo do discurso. Assim, em uma situação de interação, há informações que ficam na centralidade do discurso (figura) e outras, na periferia (fundo). Dessa forma, é a partir da percepção das necessidades do ouvinte que os usuários da língua constroem as sentenças (PEZATTI, 2004). Segundo Givón (1990), a figura corresponde à essência da história, enquanto que o fundo corresponde às lacunas e digressões.

Para Hopper (1979), a figura²² (em inglês, *foreground*) prototípica apresenta as seguintes características:

- seqüência cronológica;
- eventos reais, dinâmicos e completos;
- sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos;

²² A partir da relação entre transitividade e a organização discursiva figura/fundo de Hopper e Thompson (1980), Lima (2009) propôs graus de figuratividade (0 a 4) para analisar o relevo discursivo das orações de não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344. A pesquisadora analisou quatro contextos: a oração em relação ao período, o período em relação ao parágrafo, o parágrafo em relação ao capítulo e o capítulo em relação ao texto. Ela classificou cada construção quanto ao grau de figuratividade que variou de 0 a 4, conforme fosse figura em nenhum dos contextos, ou ainda, atuasse como figura nos quatros contextos.

- codificação morfofossintática através de orações coordenadas, principais ou absolutas;
- formas verbais perfectivas.

O fundo (*background*) apresenta as seguintes características:

- eventos simultâneos;
- eventos não necessariamente completos e reais;
- situações estáticas, descritivas;
- situações necessárias para compreensão de atitudes (subjetividade);
- frequentes trocas de sujeito;
- estrutura sintática através de orações subordinadas (mas o fundo também pode ser codificado por orações coordenadas, absolutas ou principais);
- formas verbais não-perfectivas.

Silveira (1997) aprofunda os estudos de figura e fundo em narrativas e verifica que os planos não são categorias discretas, mas há uma gradação no que tange à figuricidade – que vai da figura até diferentes tipos de fundo. Ela propõe seis categorias que formam esse gradiente:

- Categoria I: é a figura prototípica.
- Categoria II: cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura. Apresentam ou resumem o que vai ser relatado; apresentam o cenário e os participantes; e apresentam a fala dos personagens;
- Categoria III: cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);
- Categoria IV: cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas);
- Categorias V: cláusulas-fundo que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas);

- Categorias VI: cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor. Apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

Chedier (2007) simplifica a proposta de Silveira (1997) e faz o agrupamento das seis categorias em apenas três. Ela mantém a categoria I e reorganiza as categorias II e III em uma categoria que denomina de Fundo I, por estarem mais próximas das características de figura. Ademais, reagrupa as categorias IV, V e VI e as considera como Fundo 2, pois, segundo a autora, elas estão mais distantes das características de figura. Dessa forma, temos a seguinte divisão para analisar a gradualidade que vai de figura até fundo, segundo Chedier (2007, p.49 e 50):

Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfosintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas;

Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário e os participantes; e apresenta a fala dos personagens. Também pode-se encontrar cláusulas-fundo que especificam o modo ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);

Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, opiniões, dúvidas, conclusões.

Em nossa pesquisa, com o objetivo de verificar, nos textos do nosso *corpus*, em quais contextos as formas imperfectivas atuam como fato central (figura) e como informação periférica (fundo), utilizaremos a proposta de Chedier (2007) para distinguir os planos discursivos figura e fundo no texto narrativo.

3.3. Pressupostos do Sociofuncionalismo

Nesta seção, faremos algumas considerações sobre pontos de confluência e de divergência entre os dois modelos teóricos que dão origem ao casamento teórico denominado Sociofuncionalismo.

O aporte teórico Sociofuncionalista foi escolhido para este trabalho, pois, segundo Tavares (2003), nesta perspectiva teórica, analisa-se a língua, a sua variação e os processos de mudança, considerando-se a função semântico-discursiva das variantes, e se buscam explicações de natureza funcional para os resultados obtidos, além disso, focalizam-se relações de diferentes graus entre funções e formas.

Os estudos sociofuncionalistas, no Brasil, já são realizados há algum tempo (PAREDES DA SILVA, 1993; NARO; BRAGA, 2000; entre outros). Podemos citar, inclusive, o grupo de pesquisa formado por esses pesquisadores, vinculado ao PEUL/UFRJ²³. No entanto, vale salientar que Tavares (2003) é a responsável por uma discussão mais profunda sobre o Sociofuncionalismo. A autora, juntamente com Gorski (2006), tem levantado a discussão entre os pontos convergentes e divergentes entre as duas propostas de análise que dão origem a este modelo teórico.

De acordo com Tavares (2003), há grande compatibilidade entre o Funcionalismo da vertente norteamericana e a Sociolinguística variacionista, a saber: prioridade atribuída à *língua em uso*, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança; como a língua não é dissociada de seu uso, os fenômenos linguísticos que constituem o alvo das investigações são analisados em situações de comunicação real em que falantes reais interagem; a língua não é estática, ao contrário, está continuamente se movendo, mudando e interagindo; análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos – todos entendidos como discursivos, pois só ganham existência quando usados. Em se tratando de variação, para a autora, uma convergência possível seria: “camadas/ variantes podem possuir ou não o mesmo significado, conquanto exibam a mesma *função*”, ou seja, uma mesma função codificada por várias formas - camadas/ variantes (p.128).

Os principais postulados da interface entre o Funcionalismo da vertente norteamericana e a Sociolinguística variacionista são assim sintetizados por Tavares (2003, p. 124):

²³ Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, reúne pesquisadores que se dedicam ao estudo da variação e mudança linguísticas na variedade de português falada e escrita no Rio de Janeiro.

- exame da língua em uso;
- a heterogeneidade linguística é compatível com a noção de sistema e a variação é inerente ao sistema;
- análise dos percursos da evolução da língua e suas motivações – essencialmente sociais;
- busca da regularidade da variação pela quantificação dos dados de acordo com variáveis sociais, estruturais e discursivas, com base na crença da existência de forças internas e externas motivando os fenômenos linguísticos;
- tomar por base um processo e verificar suas diferentes formas de expressão, estendendo o conceito de variável a um conjunto de construções ou estruturas mais complexas com uma mesma função/significado abrangente comum;
- incorporação de aspectos de outros campos: discursivo-pragmático e processamento, em especial;
- utilização dos princípios e métodos da sociolinguística laboviana associados a interpretações funcionalistas dos resultados quantitativos para ver as tendências de uso como reflexo da organização do processo comunicativo;
- descrever processos de mudança que evidenciam e favorecem a gramaticalização de itens e construções linguísticas.

Por outro lado, há divergências entre esses dois modelos teóricos. A primeira questão diz respeito ao modo como a mudança é vista: para o Funcionalismo, a variação decorre da mudança; já para a Sociolinguística a mudança decorre da variação. Tavares (2003) destaca, ainda, o papel atribuído por cada modelo teórico para a forma e a função. O Funcionalismo concebe a gramática como um processo, cuja construção

decorre de pressões do uso. Por outro lado, a Sociolinguística concebe a gramática como um sistema de regras variáveis. Desse modo, o Funcionalismo atribui um papel central à função, pois o uso de uma determinada forma linguística é motivado, conforme foi discutido na seção 3.2.2.1., que trata de iconicidade. Já com a Sociolinguística, temos a noção de regra variável e os condicionamentos para o uso de determinada forma. Outra diferença elencada por Tavares (2003) diz respeito ao tratamento dos dados no tocante à análise estatística. O Funcionalismo não possui um instrumento estatístico específico, vale-se de frequência, os fatores decorrem da noção de continuum. A frequência de uso é um dos fatores essenciais à mudança. Quanto mais frequente é uma forma linguística, mais sujeita está a transformações de ordens fonética, morfossintática, semântica e pragmática. Por outra parte, a Sociolinguística, além desse aparato, trabalha com pesos relativos para controlar os grupos de fatores que atuam como variáveis independentes²⁴. Ademais, trabalha com um instrumento estatístico - o programa GOLDVARB²⁵, que realiza uma análise multivariada.

Com base na exposição de alguns pontos, em relação aos quais o Funcionalismo (Gramaticalização) da vertente norteamericana e a Sociolinguística variacionista convergem e divergem, vale salientar que cada um desses modelos teóricos tem um viés distinto e, portanto, um foco diferente. No entanto, a conciliação entre pressupostos de ambas as teorias não é impossível. Em todo casamento teórico ocorrem os ajustes necessários, não há a incorporação efetiva de todos os postulados de cada teoria, o que ocorre é uma conciliação para a sua junção. Tavares (2003, p. 102) pontua, ainda, que, em um casamento de natureza teórica:

Não se trata da soma ou da combinação de pressupostos teórico-metodológicos de um modelo ou de outro, e sim do estabelecimento de pressupostos que resultam da conversa entre os modelos. A cada conversa ocorrem novas convergências e os conceitos são alterados, definindo-se como seres voláteis, transitórios, filiados ao momento e, dessa guisa, sujeitos a re-interpretações e a revisões constantes. Em decorrência, na trajetória de avanço das discussões, o sociofuncionalismo constitui-se e reconstitui-se.

²⁴ De acordo com Tarallo (2005, p. 8): “Variantes linguísticas, são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. Variáveis independentes são aquelas que são manipuladas enquanto que variáveis dependentes são apenas medidas ou registradas.

²⁵ Pacote estatístico criado para o tratamento da regra variável, para quantificar os dados. SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

Da conversa entre o Funcionalismo voltado para a gramaticalização e a Sociolinguística variacionista, Tavares (2003, p.127-129) apresenta algumas convergências que listamos a seguir, as quais serão utilizadas na discussão dos resultados de nossa pesquisa.

FUNCIONALISMO VOLTADO GRAMATICALIZAÇÃO	SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA	CONVERGINDO NO SOCIOFUNCIONALISMO
A <i>frequência</i> das ocorrências é importante para o estabelecimento e para a manutenção da gramática; para a análise dos estágios do processo de gramaticalização; para o estudo da difusão linguística e social da mudança.	A <i>frequência</i> das ocorrências é importante para o estudo da difusão linguística e social da mudança. Há a necessidade de certa recorrência para que as formas possam ser comparadas por meio do instrumental estatístico.	A <i>frequência</i> das ocorrências é importante para o estabelecimento e para a manutenção da gramática; para a análise dos estágios do processo de gramaticalização; para o estudo da difusão linguística e social da mudança. Há a necessidade de certa recorrência para que as formas possam ser comparadas por meio do instrumental estatístico.
O termo <i>mudança</i> abrange: (a) surgimento das inovações; (b) difusão social das inovações.	O termo <i>mudança</i> refere-se à difusão social das inovações. Análise do grau de difusão por meio das distribuições sociais dos itens linguísticos	O termo <i>mudança</i> abrange: (a) surgimento das inovações; (b) difusão social das inovações. Análise do grau de difusão por meio das distribuições sociais dos itens linguísticos, das quais também são derivados indícios de que novidades possam estar emergindo ou vir a emergir futuramente.
Recebe mais destaque a <i>história de uma forma</i> , com a investigação dos <i>estágios de gramaticalização</i> por que passa um só item ou construção. Contudo, o princípio de <i>estratificação</i> (Hopper, 1991) prevê, como consequência da gramaticalização, a convivência de itens como <i>camadas</i> mais novas e mais antigas em um mesmo domínio funcional.	Recebe mais destaque a <i>coexistência de formas variantes</i> em dado momento de sua evolução, investigando-se com detalhe esse fenômeno de <i>variação linguística</i>	Recebem destaque a <i>história e a coexistência de diferentes formas</i> , investigadas como <i>camadas/variantes</i> que convivem em um mesmo domínio funcional, gerando o que pode ser definido como uma situação de <i>estratificação/variação</i> . Também são investigados <i>estágios de gramaticalização</i> , com a hipótese de que a situação de <i>estratificação/variação</i> é influenciada pelo que aconteceu no percurso de gramaticalização de cada item até a chegada ao domínio em questão.
A variação decorre da mudança.	A mudança decorre da	A variação e a mudança decorrem uma da outra.

	variação.	Ao se estudar variação, analisa-se uma etapa de mudança em que convergem os percursos de gramaticalização seguidos por cada uma das formas envolvidas. Ao se estudar gramaticalização, averigua-se diferentes etapas de variação ao longo do tempo.
Soluções possíveis para situações de estratificação: (a) especialização por generalização; (b) especialização por especificação.	Soluções possíveis para situações de variação: (a) uma variante prepondera sobre as demais; (b) as variantes assumem papéis diferentes.	Soluções possíveis para situações de estratificação/variação: (a) especialização por generalização: uma camada/variante prepondera sobre as demais; (b) especialização por especificação: as camadas/variantes assumem papéis diferentes.

Quadro 05: Pressupostos do Sociofuncionalismo (Quadro proposto por Tavares, 2003, p. 127-129)

3.4. Considerações finais do capítulo

Por fim, é importante pontuarmos que o passado imperfeito em Espanhol é tomado, nesta pesquisa, como variável dependente a ser analisado à luz da articulação de pressupostos da Sociolinguística variacionista e do Funcionalismo linguístico de vertente norteamericana. Dessa forma, trabalharemos a partir da abordagem sociofuncionalista, já que realizaremos o mapeamento funcional das formas imperfectivas de passado e nas funções que apresentarem variação linguística, faremos a análise sob o prisma da função semântico-discursiva das variantes e buscaremos explicações de base funcionalista para os resultados quantitativos.

4. METODOLOGIA

Para este trabalho, foi adotada a pesquisa descritiva, definida por Barros e Lehfeld como “descrição do objeto por meio da observação e do levantamento de dados” (1990, p. 34). Com relação ao método, utilizamos a combinação dos métodos indutivo²⁶ e dedutivo (método indutivo-dedutivo), proposta por Givón (1995). O autor afirma que o trânsito entre esses métodos é teoricamente infinito e que muitos linguistas têm sido vítimas de reducionismo, oscilando entre os dois extremos (método dedutivo ou indutivo). Givón (1995, p. 19-21) propõe três etapas para a aplicação do método indutivo-dedutivo, a saber: a) abdução: corresponde ao momento da pesquisa, no qual, as hipóteses são levantadas e as decisões pré-empíricas são tomadas, no que diz respeito à relevância de fatos e à irrelevância de outros; b) indução: é utilizada no tratamento dos dados empíricos, corresponde à quantificação destes dados e aos testes estatísticos; c) dedução: nesta etapa, são analisadas as implicações e desdobramentos das hipóteses propostas e de que modo os resultados obtidos se relacionam com elas.

A partir desta perspectiva, e, com base nas hipóteses propostas, foram levantados dados, visando à análise do *corpus* sob enfoque sociofuncionalista, no que diz respeito ao fenômeno de variação linguística e às funções do passado imperfeito em textos narrativos escritos em Espanhol. Numa etapa posterior, as hipóteses foram retomadas e confrontadas com os resultados obtidos.

4.1. Narrativas como *corpus* de uma pesquisa

Ao iniciar uma pesquisa em nível discursivo, o pesquisador deveria se perguntar qual dos tipos textuais é o mais apropriado, tanto para a natureza do fenômeno em estudo quanto para os fins propostos. Hopper e Thompson (1980) apontam o *status* privilegiado da narrativa na organização de *corpus* em relação aos outros tipos discursivos, pois constitui uma das formas de expressão verbal mais utilizada e é, de acordo com Bassols e Torrent (2006), o tipo de sequência discursiva que gerou o maior número de estudos, análises e reflexões no meio acadêmico. Segundo Labov (2001), a narrativa funciona como um método de recapitular a experiência

²⁶ Segundo Lakatos e Marconi (2010), no método indutivo, partimos das constatações mais particulares para as leis e teorias. Por outro lado, no método dedutivo, partimos das leis e teorias para os fenômenos mais particulares.

passada através do alinhamento entre uma sequência de proposições e uma sequência de situações que ocorreram. Para Gorski (1994, p. 72):

No que se refere especificamente à narrativa, propõe-se que essa propriedade geral correlaciona-se à estocagem organizada de unidades de base semântico-cognitiva – os episódios e os eventos (percebidos como ações/estados que se desenrolam integradamente num espaço e tempo determinados, e cujos elementos estabelecem relações entre si). Assim, apesar de suas naturezas diferenciadas, podemos estabelecer uma correlação entre unidades de base semântico-discursiva, quais sejam, os tópicos e subtópicos, e unidades de base semântico-cognitiva, a saber, os episódios e eventos. Nesse caso, motivações de natureza diversa se conjugam como funções estruturantes no discurso narrativo, configurando um esquema hierarquizado.

Em narrativas de experiências pessoais, há duas práticas discursivas: a primeira diz respeito ao modo como os narradores apresentam uma experiência lógica, incluindo um acontecimento e a resolução de um problema. Neste sentido, podemos afirmar que a narração cumpre uma função referencial. A segunda prática discursiva desempenha um papel adicional de interesse pessoal, determinado por um estímulo gerado pelo contexto, ou seja, expressa o sentido da história e se manifesta através da referência aos motivos, às reações dos personagens e do narrador. Portanto, sua função é de avaliação.

No tocante à estrutura da narrativa, Labov (1972b) distingue dois tipos de relatos: os relatos mínimos, compostos por pelo menos duas cláusulas narrativas no passado, e os relatos completos. Em uma narrativa de experiências pessoais, plenamente formada (relato completo), temos seis unidades estruturais bem definidas: resumo, orientação, complicação da ação, resolução, avaliação e coda.

A base desta proposta nasceu da análise realizada por Labov de relatos orais de experiências pessoais, no bloco de entrevistas que desenvolveu em uma comunidade de fala da cidade de Nova York. Com base neste estudo, Labov postula que uma narração está completa, quando apresenta uma base bem estruturada em três blocos: começo, parte central e final.

Salienta-se a escolha da narrativa como *corpus* por julgarmos apresentar, em maior frequência, as formas aspectuais imperfectivas sob análise (pretérito imperfeito e perífrases imperfectivas), diferentemente do que ocorre com a descrição, com a dissertação e com a injunção. Em nossa pesquisa, utilizamos as seis unidades da narrativa, propostas por Labov (2001). Elas constituem um grupo de fatores de análise que será explicitado, de forma mais contundente na seção 4.2.1.3.3. deste capítulo.

4.2. Procedimentos metodológicos

Nesta seção, descreveremos: o fenômeno em estudo; a amostra utilizada nesta pesquisa, destacando os critérios para a sua seleção; os procedimentos analíticos adotados para o mapeamento da multifuncionalidade das formas imperfectiva de passado e, também, para o estudo da variação nas funções em que essas formas apresentarem competição; as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas a serem controladas.

4.2.1. O fenômeno em estudo

Os passos metodológicos seguidos nesta pesquisa tiveram início com a delimitação do fenômeno de estudo, selecionado a partir da leitura de trabalhos sobre o Aspecto imperfectivo em Espanhol. A perspectiva de passado foi escolhida por ter um maior destaque dentro dos estudos sobre o Aspecto imperfectivo e também devido a sua frequência em textos narrativos. Fizemos o mapeamento das funções das formas imperfectivas (pretérito imperfeito e perífrases imperfectivas) e analisamos o fenômeno de variação linguística nas funções encontradas. Com base em Bravo Martín (2008), foram consideradas, a priori, essas três funções para o Aspecto imperfectivo em Espanhol:

a) progressiva: apresenta as variantes pretérito imperfeito do indicativo e a forma perifrástica composta pelo verbo auxiliar ESTAR no pretérito imperfeito do indicativo somado ao verbo principal no gerúndio.

(130) Luego **volvíamos** la cara para poder ver otra vez hacia arriba y miramos las ramas bajas de los amoles que nos daban tantita sombra... /Logo **voltávamos** o rosto para

cima para poder ver outra vez e vimos os ramos baixos dos amoles que nos davam um pouco de sombra.... (*El llano en llamas* – Juan Rulfo)

(131) **Estaba trabajando** y no es conveniente interrumpirlo.../ **Estava trabalhando** e não é conveniente interrompê-lo. (*Una aventura literaria* – Roberto Bolaño)

b) habitual: apresenta as variantes pretérito imperfeito do indicativo e a forma perifrástica composta pelo verbo auxiliar SOLER/ COSTUMAR no pretérito imperfeito do indicativo somado ao verbo principal no infinitivo ou, ainda, pela forma perifrástica formada pelo verbo auxiliar VOLVER/ VOLTAR no pretérito imperfeito do indicativo somado à preposição A e ao verbo principal no infinitivo; quando a leitura é habitual, geralmente esta perífrase está acoplada a um modificador de natureza temporal.

(132) Ese vicio solitario **se hacía** aún más solitario./ Esse vício solitário **ficava** ainda mais solitário. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

(133) Comprobé a los treinta años que **volvía a ser** vulnerable a pesar de la cama./ Comprovei aos trinta anos que **voltava a ser** vulnerável apesar da cama. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

(134) ...pero entonces comprendí que X **solía recibir** ese tipo de llamadas. / ... mas então compreendi que X **costumava receber** esse tipo de telefonema. (*Llamadas telefónicas* – Roberto Bolaño)

c) contínua: apresenta apenas a forma do pretérito imperfeito do indicativo, portanto não apresenta a variação.

(135) **Montes y yo éramos carne y uña**, siempre juntos en la timba y el café del negro Padilla./ Montes e eu éramos unha e carne, sempre juntos na timba e no café do negro Padilla. (*El móvil* – Julio Cortázar)

4.2.2. *Corpus*

Nos estudos de *corpus*, geralmente são levantadas questões no que tange à representatividade de um *corpus*, à sua extensão, calculada com base no número de palavras. De acordo com Beber Sardinha (2004, p. 22): “o *corpus* é uma amostra de uma população cuja dimensão não se conhece (a linguagem como um todo). Desse modo, não se pode estabelecer o tamanho ideal da amostra”.

Partindo do pressuposto de que a língua é dinâmica e heterogênea, nos deparamos com a impossibilidade de analisá-la em sua totalidade. Nesse sentido, não temos a pretensão de afirmar que o *corpus* selecionado para esta pesquisa representa como a Língua Espanhola é utilizada nos diversos contextos de interação verbal. Selecionamos o *corpus* com o objetivo de, a partir dele, analisar a expressão do passado imperfectivo e apresentar tendências de uso, sem apontarmos generalizações de uso das formas analisadas, para outros contextos.

Optamos por trabalhar com 24 contos literários escritos por autores de Língua Espanhola, selecionados a partir dos parâmetros extralinguísticos (zona linguística do Espanhol, narrativas e autores). A opção por se trabalhar com um *corpus* de contos literários justifica-se pelo fato de o texto literário nos oferecer um vasto repertório de variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas, difícil de conseguir, conforme Naranjo e García (2000). Vale destacar, ainda, a dificuldade para se trabalhar com *corpora* de dados orais que dessem conta da diversidade linguística de todos os países hispânicos. De acordo com Silva (2009), mesmo que, na atualidade, haja uma gama de bancos de dados orais da Língua Espanhola, há diversidade no que diz respeito à metodologia para a coleta dos dados, ao estilo e às datas. Ademais, o acesso para os pesquisadores limita-se à consulta via internet e à aquisição em formato de mídias. Além disso, segundo Sánchez Lobato (1996, p.237): “na manifestação escrita é mais factível, por sua reflexão, reconhecer a norma do sistema da língua, a norma (valor sociocultural) que coesiona todo o sistema espanhol”. Há certas funções das formas imperfectivas de passado que não estão presentes em *corpus* de língua oral. Por exemplo, seria difícil explicar de forma satisfatória o emprego do imperfeito narrativo, pois este uso não aparece no Espanhol falado, restringe-se às narrativas escritas, conforme Gutiérrez Araus (1997).

Para cada autor, seleccionamos quatro narrativas significativas de sua produção literária, tomando por base, para esta seleção, as considerações realizadas pelos estudiosos de suas obras e a disponibilidade delas. O volume textual de cada conto selecionado é de, aproximadamente, 8 a 10 páginas, perfazendo um *corpus* que tem, em média, de 30 a 40 páginas por zona linguística. Vejamos o *corpus* selecionado:

a) Caribe:

PIÑERA, Virgilio. El que vino a salvarme. **In: El que vino a salvarme.** Madrid: Cátedra, 2008.

_____ Unos cuantos niños. **In: El que vino a salvarme.** Madrid: Cátedra, 2008.

_____ Unas cuantas cervezas. **In: El que vino a salvarme.** Madrid: Cátedra, 2008.

_____ El enemigo. **In: El que vino a salvarme.** Madrid: Cátedra, 2008.

b) México e América Central:

RULFO, Juan. El llano en llamas. **In: El llano en llamas.** Madrid: Editorial Planeta, 2007.

_____ Acuérdete. **In: El llano en llamas.** Madrid: Editorial Planeta, 2007.

_____ La noche que lo dejaron solo. **In: El llano en llamas.** Madrid: Editorial Planeta, 2007.

_____ Diles que no me maten. **In: El llano en llamas.** Madrid: Editorial Planeta, 2007.

c) Andes:

MÁRQUEZ, Gabriel García. La santa. **In: Doce cuentos peregrinos.** 17ª edição. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

_____ Me alquilo para soñar. **In: Doce cuentos peregrinos.** 17ª edição. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

_____ Sólo viene a hablar por teléfono. **In: Doce cuentos peregrinos.** 17ª edição. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

_____ El verano feliz de la señora Forbes. **In: Doce cuentos peregrinos.** 17ª edição. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

d) Rio da Prata:

CORTÁZAR, Julio. Las armas secretas. **In: Cuentos completos 1.** 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

_____ El móvil. **In: Cuentos completos 1.** 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

_____ Las puertas del cielo. **In: Cuentos completos 1.** 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

_____ Bruja. **In: Cuentos completos 1.** 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

e) Chile:

BOLAÑO, Roberto. Llamadas telefónicas. **In: Llamadas telefónicas.** Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

_____ La nieve. **In: Llamadas telefónicas.** Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

_____ Una aventura literaria. **In: Llamadas telefónicas.** Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

_____ Clara. **In: Llamadas telefónicas.** Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

f) Espanha²⁷:

CELA, Camilo José. Noventa minutos de rebotica. **In: Cuentos Madrileños.** Padilla, Jose Montero. Madrid: Editorial Castalia. S.A., 2002.

_____ Marcelo Brito. **In: El cuento español 1940-1980.** PÉREZ, Óscar Barrero. Madrid: Editorial Castalia. S.A., 1989.

_____ La eterna canción. **In: Cuentos para leer después del baño.** CORRALES, J. Barcelona: Ediciones Juan Granica. S.A., 1987.

_____ Claudius, profesor de idiomas. **In: Cuentos para leer después del baño.** CORRALES, J. Barcelona: Ediciones Juan Granica. S.A., 1987.

4.2.3. Grupo de fatores de análise

Nesta seção, faremos uma breve exposição dos fatores de análise que foram utilizados nesta pesquisa, são eles:

1) grupos de fatores linguísticos:

a) nível semântico-lexical: tipos de verbo, conforme Vendler (1957, 1967);

²⁷ Devido à dificuldade, no que diz respeito à disponibilidade, tivemos que selecionar os contos em três livros diferentes.

- b) nível sintático-semântico: parâmetros de transitividade, conforme Hopper e Thompson (1980) e tipos de modificadores aspectuais;
- c) nível textual-discursivo: figura e fundo, conforme Hopper e Thompson (1980), unidades da narrativa e tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre.

2) grupos de fatores extralinguísticos:

- a) zonas linguísticas: 6 zonas linguísticas, propostas a partir de Ángel Rama (1982) e Moreno Fernández (2000, 2010);
- b) contos e autores selecionados: desde o “Boom latino” até a literatura atual de Língua Espanhola;
- c) tipos de relato: relato linear, relato retrospectivo e relato antecipativo, conforme Morales (1998);
- d) vozes da narrativa literária: narrador, protagonista, antagonista e personagens secundários.

4.2.3.1. Nível semântico-lexical

Para a análise do nível semântico-lexical, adotamos a classificação, de caráter aspectual, proposta por Vendler (1957, 1967) para os tipos de verbos. Essa classificação trata do modo como os verbos envolvem as noções de duratividade, dinamicidade e de delimitação no eixo temporal. O autor propõe a divisão dos verbos em quatro classes (atividade, estado, processo culminado e culminação), conforme vimos na seção que trata de Aspecto, no capítulo dois desta tese. O controle desse grupo de fator objetiva verificar de que forma o aspecto inerente do verbo atua na composição do passado imperfectivo e na variação entre as formas do pretérito imperfeito e as perífrases imperfectivas de passado.

4.2.3.2. Nível semântico-sintático

4.2.3.2.1. Parâmetros de transitividade

Selecionamos para a análise do nosso *corpus* os parâmetros de transitividade, propostos por Hopper e Thompson (1980), explicitados na seção 3.2.1.3. do capítulo 3. Utilizamos esses parâmetros para a caracterização das formas imperfectivas no nível semântico-sintático.

Analizamos a transitividade numa escala de 0 a 10. Em uma dada oração, se a forma verbal contempla somente de 0 a 04 parâmetros indicadores de transitividade, o nível de transitividade será considerado baixo. Por outro lado, se, na oração em análise, o verbo contemplar 05 parâmetros, então o seu nível de transitividade será considerado mediano, o que segundo Ravagnani e Catelan (2002), equivale ao que a Estatística classifica como o valor da Mediana, pois divide a frequência de ocorrência dos dados ao meio. Neste caso, a quantidade expressa não indicaria nem alto nem baixo valor da transitividade. Desse modo, descartamos os dados que apresentaram 5 como nível de transitividade. Em contrapartida, se a forma verbal contempla de 06 a 10 parâmetros, então o seu nível de transitividade será considerado alto, conforme esquema proposto a seguir.

Escala de Transitividade:

Baixa	Média	Alta
=0 - 4	=05	=06 -----10>

4.2.3.2.2. Tipos de modificadores aspectuais

O Aspecto imperfectivo em Espanhol, na perspectiva de passado, relaciona-se à expressão de progressividade, habitualidade e continuidade, mas as variantes (pretérito imperfeito e perífrase) não são as únicas responsáveis pela codificação dessas funções. Há, conforme Mendes (2005), os adjuntos adverbiais que podem funcionar como modificadores aspectuais: adjuntos que expressam duração, progressão e localização e adjuntos que denotam frequência. Vejamos um exemplo:

(136) **Mientras** los soldados **daban** vuelta alrededor la lumbre, ellos se **mecían**./
Enquanto os soldados davam volta ao redor do fogo , eles se balançavam. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

Foram considerados os marcadores aspectuais acoplados às formas sob análise: imperfeito e perífrases, tomando-se por base a perspectiva da composicionalidade do Aspecto. Nesse sentido, os marcadores aspectuais nos auxiliaram na leitura aspectual da situação, pois fornecem indícios sobre os valores aspectuais.

4.2.3.3. **Nível textual-discursivo**

4.2.3.3.1. **Figura e Fundo**

Os conceitos de Figura e Fundo tentam dar conta dos fenômenos pragmático-discursivos (conforme Hopper e Thompson (1980)). Adotamos este critério em nossa pesquisa, pois é essencial verificarmos qual o papel das formas aspectuais imperfectivas, em relação à organização das informações em uma narrativa e à forma como o falante apresenta a informação, ou seja, de que tipo de forma verbal ele lança mão.

Em uma narração, como em qualquer outro discurso, podemos distinguir estes dois planos da informação. A figura, que corresponde à informação tida como essencial e diz respeito ao desenvolvimento do relato mediante a apresentação sequencial dos fatos que a constituem, e o fundo, que equivale ao que é considerado como acessório na narração. Vejamos:

(137) Ahora **esgrimía** una navaja e **iba inclinando** lentamente el cuerpo mientras me **miraba** fijamente. / Agora **esgrimia** uma navalha e **ia inclinando** lentamente o corpo enquanto me **olhava** fixamente. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

(138) **Montes y yo éramos carne y uña**, siempre juntos en la timba y el café del negro Padilla./ Montes e eu éramos unha e carne, sempre juntos na timba e no café do negro Padilla. (*El móvil* – Julio Cortázar)

No exemplo 137, podemos verificar que as formas verbais indicam a progressão da narrativa, e, portanto, atuam como figura. Por outro lado, no exemplo 138 a forma verbal (*éramos*) contribui para a caracterização dos personagens, configurando-se como fundo da narrativa.

Para a análise das formas imperfectivas, tomamos como base os graus de figuridade propostos Chedier (2007, p.49 e 50):

Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas:

(139) Yo me **ponía a gritar**: camarero, camarero, y entonces **abría** los ojos y **escapaba** de ese sueño desesperante. / Eu **começava a gritar**: garçom, garçom, e então **abria** os olhos e **escapava** desse sonho desesperador. (*Clara* – Roberto Bolaño)

Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário e os participantes; e apresenta a fala dos personagens. Também, pode-se encontrar cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais):

(140) **Era** bello, fino, **se llamaba** Esteban, jamás **quería salir** de la casa./ **Era** belo, fino, **se chamava** Esteban, jamais **queria sair** da casa. (*Bruja* – Julio Cortázar)

Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, apresentam opiniões, dúvidas, conclusões:

(141) Comprobé a los treinta años que **volvía a ser** vulnerable a pesar de la cama./
Comprovou aos trinta anos que **voltava a ser** vulnerável apesar da cama. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

4.2.3.3.2. Tipos de discurso

Na narração, existem três formas de citar a fala (discurso) dos personagens: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre. Para incluir os trechos nos quais o discurso se limita à narração dos fatos explicitados na história de cada conto, propomos uma quarta categoria: o discurso do narrador.

Discurso direto: reprodução literal das palavras do personagem:

(142) No, muchas gracias; yo **quería** un inglés./ Não, obrigado; queria um inglês.
(*Noventa minutos de rebotica* – Camilo José Cela)

Discurso indireto: o conteúdo da fala do personagem é relatado pelo narrador. Além disso, o narrador enumera todos os fatos e demais elementos necessários para a composição da narrativa:

(143) He preguntado al hombre que me lustra los zapatos si no **tenía** miedo de sí mismo./ Perguntei ao homem que lustra meus sapatos se ele não **tinha** medo de si mesmo. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

Discurso indireto livre: a fala do personagem não é destacada pelas aspas, nem introduzida por verbo dicendi ou travessão. A fala surge de repente, no meio da narração, como se fosse do narrador.

(144) ¿**Era** un ser humano? Sí lo **era**, sí lo **era**. / Era um ser humano? Sim **era**, sim **era**.
(*Bruja* – Julio Cortázar)

Discurso do narrador: o narrador não faz referência à fala de nenhum personagem, mas se limita a narrar os fatos da história, ou ainda, a tecer comentários sobre os fatos ou sobre os personagens:

(145) **Era** bello, fino, **se llamaba** Esteban, jamás **quería salir** de la casa./ **Era** belo, fino, **se chamava** Esteban, jamais **queria sair** da casa. (*Bruja* – Julio Cortázar)

4.2.3.3.3. Unidades da narrativa

De acordo com Brioschi e Di Girolamo (2000), boa parte da narrativa literária se ajusta ao modelo proposto por Labov (1972 b) para a narrativa²⁸. Em certos aspectos, compartilham a mesma forma o relato de uma narrativa literária e o relato da narrativa natural, ou seja, o relato oral e improvisado. Os estudos de Labov revelaram, nos exemplos reunidos de narrativa natural, uma estrutura relativamente constante que se articula em várias partes. Analisaremos as unidades da narrativa a partir da proposta de Labov (1972 b), exemplificada abaixo:

- a) resumo: introdução inicial das linhas gerais da ação. Labov (1972a) inclui o resumo como um componente a mais da estrutura narrativa e o define como a unidade da narrativa que a sintetiza. De acordo com González (2009), este mecanismo estrutural adverte o interlocutor que a narração começará e permite que, ao início da narração, já se tome conhecimento ao menos, parcialmente, do resultado dos acontecimentos. Os verbos que aparecem no resumo, geralmente, estão no pretérito indefinido. De acordo com Labov (2001), este componente da narração é o mais completo do relato. Vejamos um exemplo²⁹, no trecho a seguir:

(146) “I: y a l[a] media como que me anduve máh <alargamiento/> avisando ahí/ bueno la experiencia ¿de que? poh/ **la primera pelea poh fue en el liceo poh**// <risas = “E”/> **pegue y me pegaron.”**
(M 193)

A primeira briga poh foi no liceo poh // risos = “E” bati e me bateram.

- b) orientação: introdução dos personagens, do local e do tempo de ação.
Nesta parte do relato, o narrador proporciona informações no que diz

²⁸ Essa divisão já foi usada por Maldonado (1992) na análise da expressão do Aspecto imperfectivo em Língua Inglesa.

²⁹ Não encontramos em nosso *corpus* ocorrências de formas imperfectivas no resumo. Logo, este exemplo foi retirado de entrevistas gravadas entre os anos 2005 e 2009, que compõem o banco de dados do projeto para o Estudo Sociolinguístico do Espanhol da Espanha e da América (PRESEEA).

respeito ao tempo, ao espaço, aos personagens e às atividades ou condutas da narração. Geralmente, a orientação está na parte inicial, mas pode, também, estar distribuída no decorrer do relato. De acordo com Silva – Corvalán (1987), a orientação de maneira geral está marcada por advérbios de tempo ou, ainda, por elementos temporais. Geralmente encontramos o pretérito imperfeito do indicativo. Estes elementos marcam a distância temporal entre o fato narrado e o momento da interação verbal. Vejamos um exemplo, a título de ilustração:

(147) **Era** bello, fino, **se llamaba** Esteban./ **Era** belo, fino, **se chamava** Esteban. (*Bruja* – Julio Cortázar)

- c) complicação da ação: elemento desencadeador e complicador da ação. Segundo González (2009), esta unidade constitui o núcleo da narrativa, no qual aparecem os diversos fatos narrados, constitui o clímax do relato. Este elemento estrutural se caracteriza pelo uso de sequências ou cláusulas narrativas que apresentam verbos no presente e no passado. Nesta parte, o narrador conta o que aconteceu até chegar ao desfecho. Vejamos um exemplo:

(148) Allí **iban** los tres, con la mirada en el suelo, tratando de aprovechar la poca claridad de la noche/ Ali **iam** os três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

- d) resolução: resolução do problema desencadeado. A resolução corresponde à finalização da história, mostra de que forma foi resolvido o problema exposto na complicação da ação. A seguir, apresentamos um exemplo:

(149) Ahora, **esgrimía** una navaja mientras **me miraba** fijamente./ Agora, **esgrimia** uma navalha enquanto **me olhava** fixamente. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

e) avaliação: nesta parte, o narrador procura motivar o seu interlocutor a valorizar o fato narrado. De acordo com González (2009), esta unidade da narrativa é utilizada pelo narrador para validar sua história, ou seja, para deixar clara a razão do seu relato e do seu objetivo ao narrá-lo. Neste sentido, a avaliação marca a parte central de uma narrativa. Esta unidade não se constitui estritamente uma parte, mas está formada por todos os fragmentos que o narrador utiliza para tornar a história interessante ao seu interlocutor. Os mecanismos de avaliação podem ser: modificadores de intensidade, cláusulas livres, cláusulas livres dentro de cláusulas narrativas ou negações para se referir a acontecimentos que poderiam ter ocorrido, mas não ocorreram. Segundo González (2009), a avaliação retarda o desenvolvimento da narração por meio da utilização de cláusulas não narrativas que mantêm a ação suspensa em um ponto temporal. Por meio da avaliação, se narram alguns aspectos da atitude dos falantes ou da importância dos fatos para os personagens ou para quem conta a história. Os tempos verbais que marcam a avaliação são os pretéritos imperfeito e indefinido, podemos ter ainda, verbos no presente. Vale salientar que essa unidade da narrativa, pode ou não aparecer, bem como o resumo e a coda, pois não são elementos essenciais para a história. Portanto, o narrador pode ou não colocar esses elementos em sua narrativa. A continuação, apresentamos um exemplo da avaliação, na narrativa.

(150) Entonces entró en su casa, que **era** verdaderamente hermosa, y se dedicó a amueblarla poco a poco. **Era** divertido./ Então entrou em sua casa, que **era** verdadeiramente bonita, e se dedicou a mobiliá-la pouco a pouco. **Era** divertido. (*Bruja* – Julio Cortázar)

f) coda: finalização do tempo da narrativa. Geralmente, as narrativas finalizam com uma resolução. No entanto, segundo González (2009), em muitas ocasiões, o narrador acrescenta um elemento adicional a sua história (comentário final ou moral da história): a coda, que permite ao interlocutor captar que o relato terminou. Nesse sentido, a coda permite retornar ao tempo presente. A coda é apresentada por meio de cláusulas

livres que aparecem ao final da narrativa, para indicar que ela está sendo finalizada. De acordo com Silva-Corvalán (1987), geralmente aparece o pretérito indefinido nesta unidade da narrativa. É importante destacar que a coda e a resolução têm funções que coincidem parcialmente. A primeira aponta, de forma explícita, que o relato acabou com o uso de expressões como: “e assim termina a história”. Por outro lado, a resolução informa o que aconteceu finalmente no relato. Vejamos um exemplo de coda:

(151) Comprobé a los treinta años que **volvía a ser** vulnerable a pesar de la cama./ Comprovei aos trinta anos que **voltava a ser** vulnerável apesar da cama. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

4.2.3.4. Zonas linguísticas do Espanhol

Para nossa pesquisa, selecionamos os contos literários partindo do período literário conhecido como “Boom latino³⁰”, pois somente a partir desse movimento é que houve um salto na produção literária, nos diversos países de Língua Espanhola. Dessa forma, podemos analisar uma amostra significativa de contos da Espanha e dos países do continente americano que têm o Espanhol como Língua Materna.

Devido à diversidade linguística da Língua Espanhola no mundo e aos estudos de produção literária dos povos da América latina, tomamos por base a divisão da América em comarcas culturais, proposta por Rama (1982), e a classificação para as zonas linguísticas do Espanhol, elaborada por Moreno Fernández (2000, 2010) tomando como base a fala das cidades mais influentes, ou seja, a norma urbana.

Rama (1982) desenvolveu os conceitos de “comarcas³¹” e de “geração” para tratar das especificidades dos “sistemas literários latino-americanos”. O termo “comarcas” refere-se ao território geográfico, social e cultural das regiões da América Latina. Nesse sentido, podemos definir comarca como uma área onde há características em comum, provenientes de elementos naturais, étnicos e culturais. De acordo com Aguiar (2001), nessa proposta temos a comarca pampeana, envolvendo parte da

³⁰ Segundo Lorenzo (2006), o “Boom Latino” foi um fenômeno literário que se desenvolveu nos diversos países da América Latina, nos anos 60.

³¹ Conceito elaborado por Angél Rama baseado nas diferenças regionais latino-americanas.

Argentina, o Uruguai e o extremo Sul do Brasil; uma comarca andina, estendendo-se desde o norte da Argentina até a Colômbia e Venezuela; outra amazônica e ainda uma caribenha, reunindo as ilhas e as costas adjacentes. Em seus estudos Rama trata a literatura como elemento integrante da cultura, e não como um mero objeto artístico independente do sistema cultural das civilizações.

Vale destacar, ainda, que Rama (1982) propôs a divisão da América em comarcas culturais com base em estudos realizados por vários pesquisadores, tais como: Pedro Henrique Ureña, Mariano Picón Salinas, Darcy Ribeiro, Antônio Cândido, etc. De acordo com Cunha (2007, p. 85):

Podemos dizer que Rama projetou o conceito de sistema de Antônio Cândido sobre a América Latina e, com a incorporação dos estudos de antropologia, ao tentar abrangê-la como um todo, procedeu a uma divisão regional, subdividindo-a em comarcas culturais. Nesse procedimento, segundo a concepção de Rama, seriam perceptíveis tanto as diferenças étnicas quanto as sociais.

Moreno Fernández (2000, 2010) também propôs uma divisão para a América e aponta, ainda, zonas para a Espanha. A saber:

1. Divisão do Espanhol da América:

A1. Caribe; A2. México e América Central; A3. Andes; A4. Rio da Prata; A5. Chile.

2. Zonas linguísticas do Espanhol da Espanha:

E1. Região castelhana; E2. Região andaluza; E3. Região canária.

Com base nesses estudos linguísticos, antropológicos e culturais, propomos a divisão da América da seguinte forma:

a) Caribe: Cuba, Panamá, Porto Rico, República Dominicana, Venezuela e Colômbia;

b) México e América Central: Guatemala, Honduras, El Salvador, México, Costa Rica e Nicarágua;

c) Andes: Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia;

d) Rio da prata e do Chaco: Argentina, Paraguai e Uruguai;

e) Chile³².

Com base nessa divisão para a América Hispânica, incluímos, em nossa pesquisa, a Espanha como a sexta zona linguística.

4.2.3.5. Contos e autores selecionados

Para cada zona linguística, selecionamos um autor representativo desde o “Boom latino” até a literatura contemporânea. Tomamos como parâmetro para essa escolha, bem como para a eleição dos contos, a disponibilidade e as considerações sobre estes autores por estudiosos de literaturas de Língua Espanhola, tais como: Carlos Alvar (2001), Eva Lydya Oseguera Chávez (2000), Lorenzo Rocío Barros (2006), Pedro Aullón de Haro (1988), Díaz Plaja (1960), Jean Franco (1987), Trinidad Barrera (2008), Juana Martínez (2008)³³, dentre outros. Os autores e os contos selecionados foram explicitados na seção 4.2.2. deste capítulo.

4.2.3.6. Tipos de relato

De acordo com Morales (1998), toda narrativa tem o seu marco delimitado pelo tempo e pelo espaço. Nesse sentido, os acontecimentos de um relato podem ser narrados de forma cronológica (**relato linear**) ou podem se apresentar de forma alternada; ocorre quando o relato da história é iniciado e em determinada parte são narrados fatos passados (**relato retrospectivo**) ou, ainda, são contadas ações futuras (**relato antecipativo**). Para a

³² O Chile se constitui uma zona linguística em particular, pois, segundo Moreno Fernández (2010), o Espanhol do Chile pode ser considerado inovador em relação aos outros dialetos do Espanhol, principalmente, por sua fonética.

³³ Esses autores expõem em suas obras, cada um em sua área específica de estudo das Literaturas de Língua Espanhola, estudos historiográficos e/ou acadêmicos sobre as literaturas de Língua Espanhola. Além disso, abordam as obras e os autores mais representativos dos diversos países que têm o Espanhol como Língua Materna.

análise dos contos literários, seguimos essa classificação utilizada por Morales (1998) em trabalho sobre comentários linguísticos de textos literários contemporâneos. Vejamos, agora, um exemplo para cada tipo de relato:

(152) De pronto sentí ruido de pisadas muy cerca del respaldar de la cama; abrí mis ojos y allí **estaba** frente a mí, el extraño con todo su cuerpo largo como un kilómetro. / De repente senti um ruído de pisadas muito próximo da cama, abri os olhos e ali **estava** diante de mim, o estranho com todo o seu corpo comprido como um quilômetro. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera) – Relato linear.

(153) Sólo lo hice una vez, dice B, pero entonces comprendí que X **solía recibir** ese tipo de llamadas. Y **creía** que **era** yo./ Somente o fiz uma vez, diz B, mas então compreendi que X **costumava receber** esse tipo de ligação. E **acreditava** que **era** eu. (*Llamadas telefónicas* – Roberto Bolaño) – Relato retrospectivo.

(154) Nicolás Vidal siempre supo que **perdería** la vida por una mujer./ Nicolás Vidal sempre soube que **perderia** a vida por uma mulher. (*La mujer del Juez* – Isabel Allende) – Relato antecipativo.³⁴

4.2.3.7. Vozes da narrativa³⁵

No que tange às variações de tempo na narrativa, segundo Nunes (2008), podem ser apreendidas pela história e pelo discurso por meio do ponto de vista ou foco, do modo de apresentação dos fatos e pela voz dos personagens e do narrador.

A narrativa é centrada num conflito vivido pelos personagens. Diante disso, a importância dos personagens na construção do texto é evidente. Podemos dizer que existe um **protagonista** (personagem principal) e um **antagonista** (personagem que atua contra o protagonista, impedindo-o de alcançar seus objetivos). Há, também, os adjuvantes ou coadjuvantes, esses são **personagens secundários** que também exercem papéis fundamentais na história.

³⁴ Não encontramos nenhuma forma imperfectiva de passado em relatos de antecipação. Neste exemplo, a forma verbal está no condicional simples e não foi retirada de nosso *corpus*.

³⁵ Este termo é utilizado por Pérez (1989), na análise do conto “Marcelo Brito” de Camilo José Cela. Esse conceito diz respeito às vozes dos personagens e do narrador.

Para a análise dos contos literários selecionados, usamos essa classificação apresentada por Brioschi e Girolamo (2000), em seu estudo sobre a estrutura e as formas históricas de um relato literário. Não usamos classificações mais específicas para os personagens, tais como a classificação em personagens planos ou esféricos, pois julgamos que a classificação escolhida atende aos objetivos da pesquisa, já que trabalhamos com contos, que são formas narrativas compactas, e que apresentam, geralmente, apenas um núcleo temático para a situação relatada.

Por outra parte, o narrador, na obra literária, é um ser ficcional criado pelo autor para contar a história e dirige-se a um leitor, também ficcional que é o narratário. Norman Friedman (1955) apresenta seis tipos de narrador:

1) O **Narrador-Observador** é aquele que conta a história através de uma perspectiva de fora da história, isto é, ele não se confunde com nenhum personagem. Este foco narrativo se dá, predominantemente, em terceira pessoa e pode ser dividido em:

a) **Narrador-Observador Onisciente:** é o narrador que tudo sabe sobre o enredo, os personagens e seus pensamentos. A onisciência do narrador pode ou não se limitar a apenas um dos personagens da história.

b) **Narrador-Observador Câmera:** este narrador não tem a ciência do que se passa nas mentes dos personagens da história, mas conhece tudo sobre o enredo e sobre qualquer outra informação que não sejam íntimas da psique dos personagens.

2) O **Narrador-Personagem** é aquele que conta a história através de uma perspectiva de dentro da história, isto é, ele, de alguma forma, participa do enredo, sendo um dos personagens da história, usando a primeira pessoa (eu ou nós) para contar a história. Pode-se classificar o Narrador-Personagem em:

a) **Narrador-Personagem Protagonista:** esse narrador também não é onisciente, não tem acesso ao pensamento dos demais personagens e é limitado, pois narra somente suas percepções, sentimentos e pensamentos, podendo assim modificar a distância entre leitor e história.

b) **Narrador-Personagem Testemunha:** ele narra em primeira pessoa algo de que ele participa ou participou, podendo ser o protagonista ou um personagem secundário. É o próprio testemunho de alguém, nesse sentido, o personagem narrador é limitado, pois

não tem acesso ao pensamento das outras personagens, podendo somente supor algo, sem certeza alguma.

3) **Narrador onisciente:** uma das características do narrador é a possibilidade de fazer comentários sobre a sua vida e a vida dos personagens ou sobre o cenário da narrativa.

a) **Narrador onisciente intruso:** tal narrador coloca-se como bem desejar dentro da narrativa, pode narrar como se estivesse dentro da história, fora, na periferia, no centro ou mudando e adotando várias posições no decorrer da narrativa.

b) **Narrador onisciente neutro:** difere do primeiro porque não dá instruções ou faz comentários, fala em 3ª pessoa, descreve a personagem para o leitor e tende ao sumário utilizando-se da cena, geralmente, em momentos de diálogo e ação.

Essa tipologia, segundo Leite (1985), é organizada do geral para o particular. Além disso, atenta para uma diferença entre narrativas modernas e tradicionais: predominância de cenas nas modernas e do sumário nas tradicionais. Vejamos, agora, exemplos das vozes do protagonista, do narrador e de um personagem secundário dos contos analisados:

(155) No, muchas gracias; yo **quería** un inglés./ Não, obrigado; queria um inglês.
(*Noventa minutos de rebotica* – Camilo José Cela)

(156) **Era** bello, fino, se llamaba Esteban, jamás quería salir de la casa./ **Era** belo, fino, se chamava Esteban, jamais queria sair da casa. (*Bruja* – Julio Cortázar)

(157) Entonces entró en su casa, que **era** verdaderamente hermosa, y se dedicó a amueblarla poco a poco. **Era** divertido./Então entrou em sua casa, que **era** verdadeiramente bonita, e se dedicou a mobiliá-la pouco a pouco. **Era** divertido. (*Bruja* – Julio Cortázar)

4.2.4. Análise estatística

Partindo do pressuposto de que o fenômeno de variação linguística não ocorre de forma aleatória, é de vital importância identificar os grupos de fatores³⁶ linguísticos e extralinguísticos que tendem a favorecer ou desfavorecer o uso de uma determinada variante em estudo. De acordo com Scherre e Naro (2007, p. 148):

Os grupos de fatores são uma forma de operacionalizar hipóteses a respeito do funcionamento dos fenômenos linguísticos variáveis, que podem ou não estar ligados a modelos linguísticos claramente estabelecidos.

Para se obter os valores de cada um dos grupos de fatores, conforme Pintzuk (1988), foi desenvolvido por Rousseau e Sankoff (Cedergren & Sankoff, 1974) o pacote computacional denominado VARBRUL. Este possibilita que o fenômeno de variação linguística seja analisado estatisticamente. Para cada fator (variável independente), na rodada estatística, é atribuído um valor numérico (peso relativo) que indica a probabilidade³⁷ desta variável independente favorecer ou desfavorecer a aplicação de uma regra variável. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 41):

Isso envolve calcular um valor para cada fator da análise; esse valor vem a ser um número entre 0 e 1, que indica em que medida e em que direção o fator afeta a taxa de aplicação da regra. Esses valores são interpretados conforme o seguinte padrão: um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5, corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra (ou seja, em nada contribui para sua maior ou menor aplicação).

Um valor igual a 0,5 é interpretado como neutro e um valor muito próximo de 0 indica que a regra variável nunca se aplicará no contexto daquele fator, temos então um “nocaute”³⁸ negativo”. Por outro lado, se obtemos um valor muito próximo de 1, isso

³⁶ Segundo Guy e Zilles (2007, p.239): “Um grupo de fatores representa uma das variáveis independentes, seja ela linguística ou social, que o pesquisador quer testar como uma possível influência no comportamento da variável dependente.”

³⁷ De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 239): “A probabilidade de um evento representa a chance de ele acontecer”.

³⁸ Há a ocorrência de um nocaute, quando, em um determinado momento da análise, uma variável dependente apresenta valores de frequência de 0% (nocaute negativo) ou, ainda, de 100% (nocaute positivo).

indica que a regra variável sempre será aplicada no contexto daquele fator. Nesse caso, temos um “nocaute positivo” (Guy e Zilles, 2007).

Optamos, em nossa pesquisa, por utilizar o pacote de programas estatísticos do VARBRUL, pois segundo Guy e Zilles (2007, p. 105 e 107):

a) é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada³⁹, especificamente estruturado para acomodar dados de variação linguística;

b) numa rodada típica do VARBRUL, muitas células não têm dado, ou têm somente um dado. A operação do VARBRUL tolera muito bem tais desvios de distribuição equilibrada, mas eles seriam fatais para alguns outros métodos;

c) ele vem com rotinas que permitem recodificação e outros manuseios dos dados, o que é, muitas vezes, difícil ou demorado e inconveniente de fazer em pacotes gerais.

A análise estatística da variação linguística foi realizada através da utilização do programa GOLDVARB⁴⁰, para os cálculos de frequência, pesos relativos e identificação da ordem de significância dos diferentes grupos dos fatores testados. Para identificar a ordem de significância dos grupos de fatores testados, utilizamos testes estatísticos que, de acordo com Guy e Zilles (2007), fornecem valores padronizados de referência; de maneira geral, essa referência é a hipótese nula (Ho) que afirma que nada está acontecendo, que as variáveis independentes não influenciam as dependentes. Por exemplo, se queremos verificar motivações para o uso de pretérito imperfeito x forma perifrástica, precisamos mostrar que a hipótese nula não atua. Para rejeitar a hipótese nula, o pesquisador deve verificar se os resultados são considerados estatisticamente significativos, ou seja, se há menos de 5% ou 1% de chance de que os dados tenham sido extraídos de um universo em que a Ho seja verdadeira. Para calcular a probabilidade de a hipótese nula ser verdadeira, utiliza-se o teste de qui-quadrado que, de acordo com Guy e Zilles (2007, p. 92): “... nos dá, com efeito, uma quantificação de

³⁹ Segundo Guy e Zilles (2007, p. 105): “A análise se chama “multivariada” porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes.”

⁴⁰ Versão do VARBRUL para ambiente Windows, conforme Scherre e Naro (2007).

distribuições ao longo de um contínuo que vai da distribuição equilibrada prevista pela hipótese nula até a distribuição categórica, totalmente, desequilibrada.”⁴¹

Por se tratar de fenômenos variáveis e não categóricos, a presente pesquisa classifica-se como quantitativa, pois desenvolveu a contagem das ocorrências da variável, descreveu as tendências e os fatores que influenciaram o uso de uma ou de outra variante, usando, para isso, métodos estatísticos.

4.3. Restrições e dados desconsiderados

Na análise dos dados, só consideramos as formas verbais repetidas, quando essas se diferenciam na função desempenhada ou, ainda, quando ocorrem em um contexto comunicativo diferente, o que confere outro sentido semântico à forma verbal repetida. Conforme Silva (2007), a repetição de uma mesma forma verbal com o mesmo sentido pode prejudicar o resultado da pesquisa na contagem de ocorrências, já que acarretaria na repetição dos mesmos parâmetros de análise. Nos exemplos abaixo, a mesma forma verbal “volver” foi considerada, pois apresenta uma função diferente para cada contexto comunicativo: no primeiro exemplo, codifica a função progressiva e, no segundo, a função habitual.

(158) Luego **volvíamos** la cara para poder ver otra vez hacia arriba y miramos las ramas bajas de los amoles que nos **daban** tantita sombra... /Logo **voltávamos** o rosto para cima para poder ver outra vez e vimos os ramos baixos dos amoles que nos **davam** um poco de sombra.... (*El llano en llamas* – Juan Rulfo)

(159) Comprobé a los treinta años que **volvía a ser** vulnerable a pesar de la cama./ Comprovou aos trinta anos que **voltava a ser** vulnerável apesar da cama. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

4.4. Considerações finais deste capítulo

⁴¹ Para informações mais detalhadas sobre o cálculo do qui-quadrado e sobre o teste de significância estatística ver Guy e Zilles (2007) e Hernández Campy e Almeida (2005).

Neste capítulo, apresentamos a metodologia que conduziu a realização do estudo da multifuncionalidade das formas imperfectivas de passado em Espanhol e, ainda, da análise da variação linguística nas funções em que essas formas estão em competição. Inicialmente, explicitamos: a) o *corpus* da pesquisa (24 contos escritos por autores de Língua Espanhola, selecionados a partir dos parâmetros extralinguísticos: zona linguística do Espanhol e autores); b) os grupos de fatores distribuídos nos níveis semântico-lexical, semântico-sintático e textual-discursivo e c) considerações acerca dos procedimentos de análise estatística; utilização do GOLDFARB (versão 2005). Além disso, discutimos a utilização da narrativa como *corpus* de uma pesquisa e pontuamos as restrições e os dados desconsiderados. Procederemos, no próximo capítulo, à análise dos dados, a partir da qual identificaremos as funções codificadas pelo pretérito imperfeito e pela perífrase imperfectiva e os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que tendem a favorecer ou desfavorecer o uso das formas em estudo.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão analisados os dados obtidos na coleta, conforme os parâmetros e requisitos da pesquisa expostos no capítulo anterior: tipos de verbo; parâmetros de transitividade; tipos de modificadores aspectuais; relação figura e fundo; unidades da narrativa; tipos de discurso; zonas linguísticas; contos e autores selecionados; tipos de relato e vozes da narrativa literária. Faremos uma análise quantitativa, com o propósito de identificar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que tendem a favorecer o uso das formas em estudo. Além disso, faremos, inicialmente, o mapeamento funcional do pretérito imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado. Ainda, com base no conceito de regra variável proposto por Labov (1978)⁴², analisaremos a competição entre essas formas imperfectivas de passado em algumas funções mapeadas no *corpus*. Nesse sentido, além de explicitar a regra variável, objetivamos, também, identificar os condicionamentos que favorecem a ocorrência de uma ou outra forma. Por fim, com base nos resultados obtidos, proporemos uma configuração escalar para a caracterização das formas imperfectivas de passado em Espanhol.

Foram selecionados e analisados 24 contos literários, nos quais obtivemos um total de 2093 dados, sendo que 1803 desses são de formas do pretérito imperfeito do indicativo, 86,15% do total, e 290 de perífrases imperfectivas de passado em Espanhol, o que corresponde a 13, 85% do total.

5.1. Mapeamento funcional das formas imperfectivas de passado

Nesta seção, com base nos dados dos contos literários escritos em Espanhol, apresentamos o mapeamento das funções codificadas pelas formas aspectuais imperfectivas de passado (pretérito imperfeito do indicativo e perífrases verbais). Primeiramente, analisaremos as três funções elencadas nos estudos de Bravo Martín (2008), García Fernández (2004, 2006) e Genta (2008) para o estudo do Aspecto imperfectivo em Espanhol. Em seguida, faremos uma reanálise das funções para o

⁴² De acordo com Labov (1978), duas ou mais formas que, necessariamente, têm o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, ou seja, portam o mesmo significado referencial, constituem uma regra variável.

passado imperfectivo em Espanhol, codificadas, nos contos literários, pelas formas do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado, levando em consideração o complexo das categorias Tempo, Aspecto, Modalidade, diferentemente das primeiras três funções que focalizam estritamente a perspectiva aspectual, logo, limitam-se à análise da constituição interna dos eventos expressos pelas formas imperfectivas de passado.

De acordo com Bertinetto (1986), o Aspecto Imperfectivo apresenta três subcategorias diferentes, condicionadas pelo contexto oracional e pelo contexto discursivo. São elas: progressiva, habitual e contínua. Segundo Martínez-Atienza (2004), o Aspecto imperfectivo progressivo focaliza um determinado instante do evento. Com relação a sua expressão morfológica, podemos ter o presente, o pretérito imperfeito e a perífrase verbal *estar + gerúndio*.

Em nosso *corpus*, encontramos as variantes pretérito imperfeito do indicativo e a forma perifrástica composta pelo verbo auxiliar *ESTAR* no pretérito imperfeito do indicativo somado ao verbo principal no gerúndio. Das 2093 formas, obtivemos 934 dados de pretérito imperfeito, ou seja, 44,61%. A forma perifrástica *ESTAR* no pretérito imperfeito do indicativo somado ao verbo principal no gerúndio, por sua vez, ocorreu em 193 dados, o que equivale a 9,23%. Vejamos, abaixo, um exemplo⁴³ para cada variante:

(160) Luego **volvíamos** la cara para poder ver otra vez hacia arriba y miramos las ramas bajas de los amoles que nos daban tantita sombra... /Logo **voltávamos** o rosto para cima para poder ver outra vez e vimos os ramos baixos dos amoles que nos davam um pouco de sombra.... (*El llano en llamas* – Juan Rulfo)

(161) **Estaba trabajando** y no es conveniente interrumpirlo.../ **Estava trabalhando** e não é conveniente interrompê-lo. (*Una aventura literaria* – Roberto Bolaño)

Em 160, há uma situação dinâmica e única “voltar a cara” que está em andamento, num determinado momento do passado. Além disso, o marcador “logo” denota o caráter pontual da situação. No exemplo (161), a perífrase “Estar + gerúndio”

⁴³ A maioria dos exemplos deste capítulo foi retirada do *corpus* desta pesquisa. Com relação aos exemplos de outras fontes, faremos a devida indicação no corpo do texto, ou, ainda, em nota de rodapé.

denota uma situação dinâmica que está em andamento em relação a este momento da narrativa, ou seja, está sendo focalizado um único ponto no desenvolvimento da ação de trabalhar. Na narrativa, fica claro que naquele momento não é oportuno interromper a ação expressa pela perífrase, no caso, o trabalho do personagem.

Embora não tenhamos encontrado essa perífrase com valor de habitualidade, em contextos de subordinação substantiva, os infinitivos de predicados dinâmicos, conforme García Fernández (2006), podem ter uma interpretação habitual. Vejamos um exemplo⁴⁴:

(162) Dice **estar haciendo** ejercicio./ Disse **estar fazendo** exercício.

O imperfectivo habitual aparece quando temos uma situação cuja repetição se dá de forma regular, o que gera um hábito ou costume. Em nosso *corpus*, encontramos as variantes pretérito imperfeito do indicativo e a forma perifrástica composta pelo verbo auxiliar SOLER/ COSTUMAR no pretérito imperfeito do indicativo somado ao verbo principal no infinitivo e, ainda, a forma perifrástica formada pelo verbo auxiliar VOLVER/ VOLTAR no pretérito imperfeito do indicativo somado à preposição A e ao verbo principal no infinitivo. Das 2093 formas imperfectivas de passado encontradas, obtivemos 29 formas de pretérito imperfeito, ou seja, 1,39%. Já as perífrases imperfectivas de passado apresentaram um maior número de ocorrências: 97 formas, o que corresponde a 4,61% do total. Vejamos agora, um exemplo para cada variante:

(163) Ese vicio solitario **se hacía** aún más solitario./ Esse vício solitário **ficava** ainda mais solitário. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

(164) Comprobé a los treinta años que **volvía a ser** vulnerable a pesar de la cama./ Comprovei aos trinta anos que **voltava a ser** vulnerável apesar da cama. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

⁴⁴ Este exemplo foi retirado de García Fernández (2006, p. 139).

(165) ...pero entonces comprendí que X **solía recibir** ese tipo de llamadas. / ... mas então compreendi que X **costumava receber** esse tipo de telefonema. (*Llamadas telefónicas* – Roberto Bolaño)

O narrador, em 163, faz referência a um vício costumeiro na sua vida. Por conta disso, faz uso de uma forma imperfectiva e enfatiza a repetição desse vício com a expressão “ainda mais”. Nesse sentido, a forma imperfectiva não faz referência a uma mera repetição, mas configura o período de tempo em que se enquadra. Em 164, o narrador faz referência ao retorno à condição de vulnerabilidade. De acordo com García Fernández (2006), essa perífrase, geralmente, indica a repetição do evento denotado pelo infinitivo sem acrescentar outras especificações. Em 165, a perífrase indica o restabelecimento de estado prévio perdido pelo narrador personagem. Nesse exemplo, temos a constatação de um ato costumeiro, ou seja, o fato do personagem X receber, habitualmente, um certo tipo de telefonema. Para García Fernández (2006), entre as perífrases do Espanhol, esta é uma das que possuem maior grau de gramaticalização. Essa perífrase, no exemplo 165, caracteriza o estado de coisas do sujeito X, neste momento da narrativa.

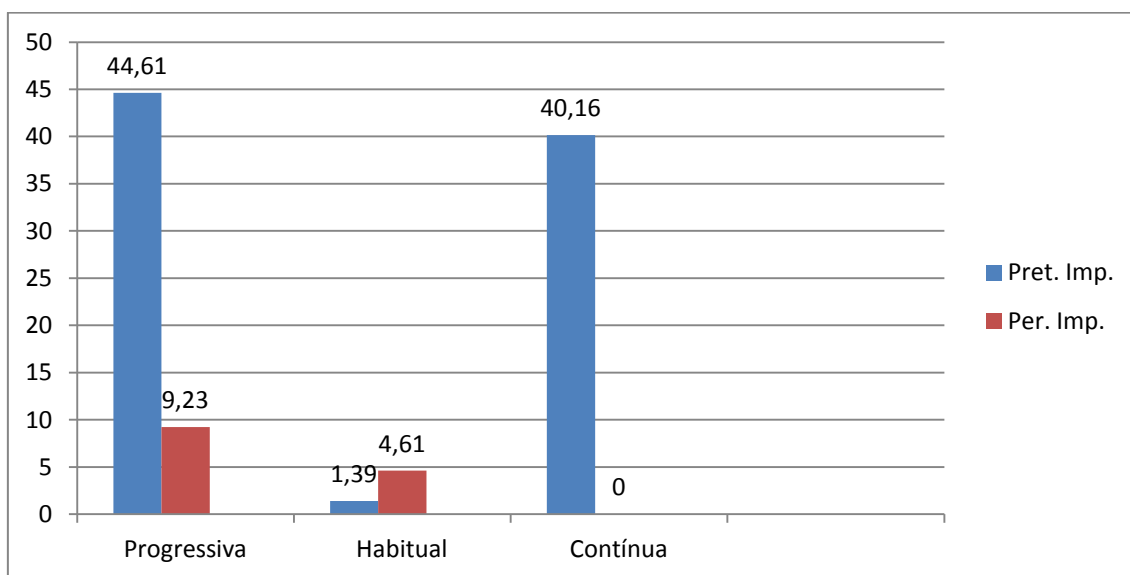
O imperfeito contínuo pontua uma situação que se mantém estável durante o intervalo de tempo que se toma como referência. Em nosso estudo com contos literários, obtivemos apenas a forma do pretérito imperfeito do indicativo para a codificação de sua função, portanto essa função não apresentou variação. Considere-se o exemplo a seguir.

(166) Ahora, **esgrimía** una navaja mientras **me miraba** fijamente./ Agora, **esgrimia** uma navalha enquanto **me olhava** fixamente. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

No exemplo 166, encontramos uma ação “esgrimar” que é única e que se mantém estável durante o tempo em que o carrasco do narrador personagem o olha fixamente, antes da execução. Nesse sentido, as duas ações passadas ocorrem simultaneamente e denotam um caráter contínuo.

Vejamos, agora, um gráfico com as porcentagens das subfunções do Aspecto imperfectivo e as formas de passado imperfectivo:

Gráfico 01: Subfunções do Aspecto imperfeito e formas imperfectivas de passado (%)



Com base nos resultados obtidos, podemos reiterar os traços mais significativos dessas subfunções do Aspecto Imperfeito, conforme quadro proposto por Pérez Saldanya (2004, p. 216):

Acepção	Situação	Momento de referência ⁴⁵
Progressiva	Única	Pontual
Habitual	Repetida	Durativo
Contínua	Única	Durativo

Essa proposta leva em consideração o contexto oracional e discursivo em que a forma imperfectiva é utilizada. Como podemos verificar, a subfunção contínua está no meio do caminho entre as subfunções progressiva e habitual, ou seja, compartilha com a progressiva o fato de referir-se a uma única situação; e com a habitual o momento de referência durativo. Apesar das diferenças, as três subfunções têm em comum a propriedade de serem visualizadas de maneira interna pelo falante, ou

⁴⁵ O autor, na análise das subfunções do Aspecto imperfeito, usa a expressão momento de referência para referir-se ao modo como o falante visualiza a estrutura interna de uma situação no que tange a sua delimitação no tempo interno (focalização pontual x durativa).

seja, em um momento de seu desenvolvimento (progressiva) ou em um intervalo que se repete de maneira regular (habitual), ou, ainda, que se mantém estável (contínuo).

Passemos agora, para a segunda análise das funções do passado imperfectivo em Espanhol, codificadas, nos contos literários, pelas formas do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado. Na primeira análise, nos detivemos em critérios de natureza estritamente aspectual, para que pudéssemos relacioná-la com outras pesquisas realizadas em Espanhol que seguiram esta delimitação. A segunda análise irá para além disso, pois envolverá o domínio funcional no qual se estabelecem as noções de Tempo, Aspecto e Modalidade, ou seja, o complexo TAM. Seguimos a perspectiva de Givón (1984), que limita a separação entre essas três categorias a termos de conveniência expositiva, pois as considera como categorias interconectadas. Seguindo a mesma lógica, Lyons (1977) aponta para a impossibilidade da existência em gramática universal de alguma distinção explícita entre Tempo verbal e Aspecto por um lado e Tempo verbal e Modalidade por outro. Ao referir-se à noção temporal na língua, o falante, considerando a sua experiência pessoal, faz uso de três diferentes pontos de partida que estão interrelacionados, a saber: conceito de tempo como sucessão de momentos em relação ao ato de fala (Tempo); noção de delimitação do período de tempo (Aspecto), ou seja, focaliza o processo verbal de diferentes maneiras: o início, meio e fim; e a atitude do falante em relação à realidade reportada (Modalidade). Nesse sentido, Givón (1984) pontua que, para a interpretação de formas verbais, temos de considerar estas três categorias. Portanto, focalizaremos o complexo TAM, com o objetivo de analisar os traços de cunho semântico, sintático e pragmático que possam se constituir suporte teórico para explicações sobre os usos das formas imperfectivas de passado sob análise.

A partir dessa perspectiva, realizamos o mapeamento funcional com base nos estudos de Garcés (1997), Gutiérrez Araus (1997), Brucat (2001), García Fernández (2004) e Ruiz Rampillo (2005), sobre os valores e usos das formas imperfectivas de passado em Espanhol. A partir destes estudos, os 2093 dados foram distribuídos na codificação das seguintes funções: descritiva, narrativa, iterativa, habitual, cortesia, presente, futuro, simultaneidade, desejo, contrariedade e lúdica.

A primeira função elencada diz respeito ao valor descritivo das formas imperfectivas, geralmente associado ao fundo da narrativa, ou seja, as formas imperfectivas podem ser utilizadas para descrever, comentar e apontar detalhes, ou seja, para fornecer elementos que dão sustentação à narrativa, atuando, neste contexto, como

fundo. Das 2093 ocorrências de formas imperfectivas encontradas nos contos literários, obtivemos 676 formas de pretérito imperfeito, ou seja, 32,31 %. Por outro lado, há poucos dados de perífrases imperfectivas de passado, apenas 32 formas, o que equivale a somente 1,53 % do total. Vejamos um exemplo a título de ilustração:

(167) **Era** bello, fino, **se llamaba** Esteban, jamás **quería salir** de la casa./ **Era** belo, fino, **se chamava** Esteban, jamais **queria sair** da casa. (*Bruja* – Julio Cortázar)

Verificamos que as formas imperfectivas “era”, “se chamava” e “queria sair” apresentam e caracterizam o personagem Esteban. Possuem função meramente descritiva, indicam detalhes do personagem criado pela bruxa da narrativa, portanto, dão suporte aos fatos que serão narrados.

Com relação ao valor narrativo das formas imperfectivas de passado, das 2093 formas de passado imperfectivo encontradas no *corpus* analisado, obtivemos 644 formas de pretérito imperfeito, ou seja, 30,76 %. Por outra parte, apenas 27 formas de perífrases imperfectivas de passado, o que equivale a somente 1,31 % do total.

De acordo com Gutiérrez Araus (1997), é difícil explicar de forma satisfatória o emprego do imperfeito narrativo, pois este uso não aparece no Espanhol falado, restringe-se às narrativas escritas. Segundo a autora, na linguagem literária, utilizam-se as formas imperfectivas na progressão das ações da narrativa, quando se quer enfatizar uma determinada ação. Nesse sentido, o autor rompe a norma, com o objetivo de captar a atenção do leitor, e emprega uma forma imperfectiva no lugar de uma perfectiva.

García Fernández (2004), por sua vez, atribui esse valor narrativo de cunho puramente estilístico aos contextos nos quais formas imperfectivas apresentam valor de aspecto perfectivo. Segundo o autor, nesses contextos também há uma neutralização do valor aspectual imperfectivo. Neste ponto, não estamos de acordo com o autor, pois encontramos formas atuando na progressão da narrativa, sem conferir um valor que fosse necessariamente estilístico, mas atuando no desenvolvimento do relato. Vejamos o exemplo a seguir:

(168) Yo me **ponía a gritar**: camarero, camarero, y entonces **abría** los ojos y **escapaba** de ese sueño desesperante. / Eu **começava a gritar**: garçom, garçom, e então **abria** os olhos e **escapava** desse sonho desesperador. (*Clara* – Roberto Bolaño)

No exemplo (168), verificamos que as formas imperfectivas, em destaque, contribuem para a progressão cronológica dos eventos da narrativa, não sendo meramente estilística. Neste trecho, o narrador faz referência a um fato marcante de seu passado, e, para isso, faz uso de formas imperfectivas para pontuar os eventos de seu relato. Na análise desta função, verificamos que o imperfeito narrativo se diferencia por desempenhar a mesma função das formas perfectivas (progressão da narrativa).

No que diz respeito ao valor iterativo, das 2093 formas de passado imperfectivo encontradas nos contos analisados, obtivemos somente 32 formas de pretérito imperfeito, ou seja, 1,53 %. É importante que se estabeleça a diferença entre iteratividade e habitualidade⁴⁶, a primeira diz respeito à repetição de uma determinada ação. Segundo Comrie (1976), um verbo pode expressar iteratividade e também habitualidade ou, ainda, pode expressar uma ação iterativa sem ser habitual. A habitualidade caracteriza o período de tempo em que uma determinada ação se repete de forma contínua, logo não diz respeito a uma mera repetição ou somente à continuidade de uma situação, mas configura o período de tempo em que se enquadra. Vejamos um exemplo de iteratividade:

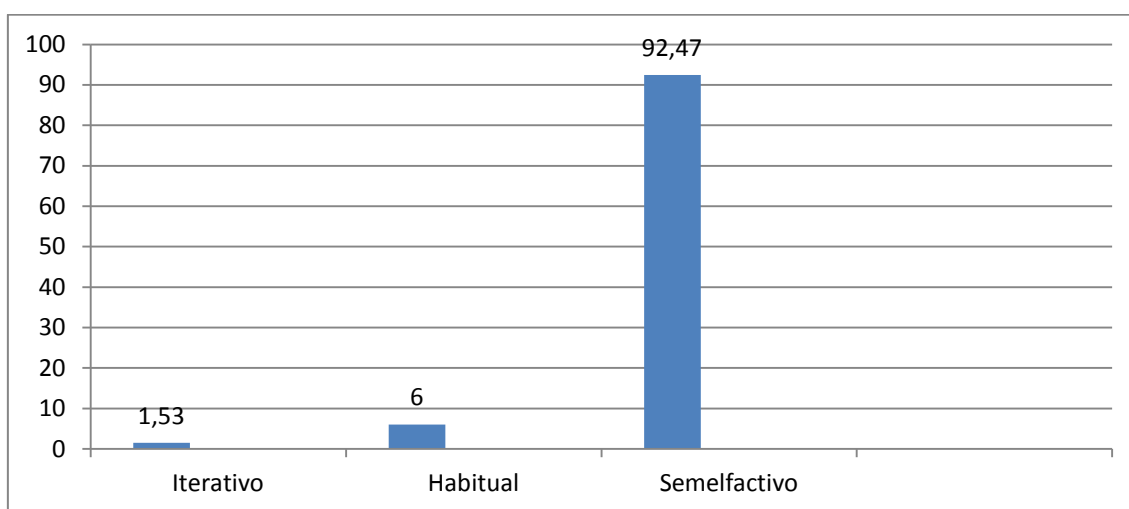
(169) ... con su angustia aún reflejada en su cara, **ignoraba** outra vez “mi angustia” ./ ...com sua angústia ainda refletida em sua cara, **ignorava** outra vez “minha angústia”. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

Neste exemplo, temos uma ação “ignorar” estendida e que se repete mais de uma vez, o que podemos deduzir por meio do marcador temporal “outra vez”. Nesse sentido, temos uma leitura iterativa, já que a forma imperfectiva e o marcador temporal não denotam um costume ou, ainda, uma prática corriqueira, mas descrevem uma ação que se repetiu mais de uma vez em uma ocasião específica, ou seja, nos momentos que antecedem a morte do narrador personagem.

⁴⁶ A função habitual também é identificada e marcada na primeira análise de cunho estritamente aspectual.

A função habitual, já analisada nas subfunções do Aspecto imperfectivo em Espanhol, foi vista, na primeira análise, no que tange a sua natureza de cunho estritamente aspectual. Agora, a partir da perspectiva proposta por Givón (1984), faremos uma análise dessa função, levando em consideração os desdobramentos no entorno de cada uma das categorias que compõem o domínio funcional TAM. Dos 2093 dados de formas imperfectivas de passado encontradas, obtivemos 29 formas de pretérito imperfeito, ou seja, 1,39%. Já as perífrases imperfectivas de passado ocorreram em 97 dados, o que corresponde a 4,61% do total. A partir dos dados obtidos com a iteratividade e com a habitualidade, podemos afirmar que a grande maioria das ocorrências com formas imperfectivas se refere a fatos verbais semelfactivos, ou seja, fatos expressos como únicos e singulares, ocorrendo somente uma única vez. As porcentagens de iteratividade e habitualidade correspondem a 7,53 % do total de ocorrências de formas imperfectivas. Por outro lado, os fatos semelfactivos correspondem a 92,47 % do total de dados. Vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 02: Oposição fato semelfactivo x fato repetido e formas imperfectivas de passado (%)



No tocante ao valor imperfectivo de cortesia, conforme exemplo abaixo, das 2093 formas de passado imperfectivo encontradas nos contos analisados, obtivemos somente 06 formas de pretérito imperfeito, ou seja, 0,28 %. Empregamos este valor, quando queremos fazer uma petição, uma sugestão, um oferecimento de forma mais cortês em determinados contextos. Geralmente, utilizamos verbos que expressam necessidade ou desejo. De acordo com Gutiérrez Araus (1997), a cortesia vem marcada

por uma estratégia de afastamento que leva implícita a idéia de que depende do interlocutor o cumprimento do que se expressa.

(170) No, muchas gracias; yo **quería** un inglés./ Não, obrigado; **queria** um inglês.
(*Noventa minutos de rebotica* – Camilo José Cela)

No exemplo (170), o personagem demonstra a sua insatisfação e realiza de modo cortês a sua petição, ou seja, que consigam uma pessoa de nacionalidade inglesa. Para isso, utiliza a forma imperfectiva com um verbo que expressa desejo, neste caso “queria”.

No que diz respeito ao imperfectivo com valor de presente, das 2093 formas de passado imperfectivo encontradas nos contos analisados, obtivemos somente 64 formas de pretérito imperfeito, ou seja, 3,07 %. Para Garcés (1997), o falante costuma utilizar o imperfeito com valor de presente quando quer pontuar que seu conhecimento sobre o que afirma não é seguro ou, ainda, quando procura se preservar com relação à veracidade dos fatos que afirma. Vejamos um exemplo em que o narrador faz uma suposição acerca do personagem, por isso, utiliza a forma imperfectiva “fazia”, para pontuar que seu conhecimento sobre o que afirma não é seguro.

(171) Ahora el sueño le **hacía** hablar./ Agora o sonho lhe **fazia** falar. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

Das 2093 formas de passado imperfectivo encontradas nos contos analisados, obtivemos apenas 32 formas de pretérito imperfeito com valor de futuro, ou seja, 1,53 %. Garcés (1997) apresenta dois tipos de valores de futuro para as formas imperfectivas, a saber: a) Imperfeito com valor de futuro em relação ao passado: consiste no uso do imperfeito no lugar do condicional simples, paralelo ao uso do presente (muito frequente no discurso indireto); b) Imperfeito com valor de futuro: consiste em utilizar o imperfeito no lugar do condicional na oração principal de orações subordinadas adverbiais condicionais, para indicar pequena possibilidade de que ocorra o referido fato no futuro. Encontramos dados referentes ao primeiro uso, conforme exemplo:

(172) He preguntado al hombre que me lustra los zapatos si no **tenía** miedo de sí mismo./ Perguntei ao homem que lustra meus sapatos se não **tinha** medo de si mesmo. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

No exemplo (172), o narrador relata, através do discurso indireto, a pergunta que havia feito ao seu engraxate. Para isso, utiliza a forma imperfectiva “**tenía**”, no lugar do condicional simples “**tendría**”, para se referir a uma situação passada, mas que poderia prolongar-se até o momento presente, ou ainda, a um momento posterior ao da enunciação.

Para o valor imperfectivo de simultaneidade, conforme exemplo a seguir, obtivemos somente formas de pretérito imperfeito, 65 dados, ou seja, 3,07 %. De acordo com Brucat (2001), esse valor imperfectivo diz respeito a ações, processos ou estados do passado que coincidem temporalmente com outra ação passada existente no mesmo contexto.

(173⁴⁷) Ahora, **esgrimía** una navaja mientras **me miraba** fijamente./ Agora, **esgrimia** uma navalha enquanto **me olhava** fixamente. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

No exemplo 173, há uma ação “**esgrimar**” que é única e que se mantém estável durante o tempo em que o carrasco do narrador personagem o olha fixamente, antes da execução. Nesse sentido, as duas ações passadas ocorrem simultaneamente e denotam um caráter contínuo.

Obtivemos 56 formas de pretérito imperfeito, ou seja, 2,7 %, com o valor imperfectivo de desejo. Por outra parte, as perífrases imperfectivas de passado ocorreram em 113 dados, o que equivale a somente 5,38 % do total. Segundo Gutiérrez Araus (1997), este uso do imperfeito denota uma temporalidade posterior ao momento da enunciação e, geralmente, aparece em enunciados cuja entonação é exclamativa. Vejamos um exemplo para cada tipo de forma imperfectiva:

(174) Integró una biblioteca com volúmenes rosa, tuvo casi todos los discos de Pedro Vargas y algunos de Elvira Ríos; llegó un momento en que ya poco **deseaba**./Integrou

⁴⁷ Este exemplo já foi utilizado para ilustrar o valor de imperfeito contínuo na primeira classificação de cunho estritamente aspectual. Utilizamos o mesmo exemplo, para exemplificar que a simultaneidade está relacionada ao Aspecto contínuo, já que denota um intervalo de tempo (simultaneidade) em que a ação passada se mantém estável.

uma biblioteca com volumes rosa, teve quase todos os discos de Pedro Vargas e alguns de Elvira Ríos; chegou um momento em que já pouco **desejava**. (*Bruja* – Julio Cortázar)

No exemplo 174, não temos, na ação expressa pela forma imperfectiva “desejava”, uma entonação exclamativa. A personagem principal, no caso a bruxa, já não deseja como antes, haja vista ter conseguido tudo o que queria por meio do seu poder. Nesse sentido, a forma imperfectiva refere-se à capacidade da bruxa de desejar, não se trata de um desejo específico que o personagem tenha.

(175) Era bello, fino, se llamaba Esteban, jamás quería salir de la casa: así **tenía que ser**. / Era belo, fino, se chamava Esteban, jamais queria sair da casa: assim **tinha que ser**. (*Bruja* – Julio Cortázar)

No exemplo 175, não temos também, na ação expressa pela forma imperfectiva, uma entonação exclamativa. Neste caso, o narrador utiliza-se do marcador discursivo “assim” acoplado à forma imperfectiva para pontuar o desejo do personagem principal, no caso a bruxa, que havia criado Esteban conforme desejava, por meio do seu poder. A perífrase modal com valor de necessidade tener que + infinitivo, neste contexto, aparece com o verbo auxiliar no pretérito imperfeito e, dessa forma, ao valor de obrigação acrescentamos um valor desiderativo, por parte do personagem principal.

Com base nos valores ora apresentados, podemos sugerir que as formas de passado imperfectivas, com valor desiderativo, apresentam outros usos nos diversos contextos em que aparecem. Nesse sentido, não se limitam aos contextos de orações cuja entonação é exclamativa e, ademais, nem sempre expressam uma temporalidade posterior ao momento da enunciação, conforme dados encontrados no *corpus* analisado. De acordo com os resultados e as considerações teóricas expostas, podemos sugerir que, semelhante ao que ocorreu com as formas imperfectivas de passado na função de imperfeito narrativo, elas assumiram novos usos no decorrer do tempo, ou seja, também sofreram especialização para esta função ora analisada.

No tocante ao valor imperfectivo de contrariedade, não obtivemos perífrases imperfectivas de passado, apenas 32 formas de pretérito imperfeito, ou seja, 1,53%. De acordo com Ruiz Rampillo (2005), principalmente, no discurso conversacional, as formas imperfectivas podem expressar tanto condicionalidade quanto contrariedade. Vejamos um exemplo a título de ilustração:

(176) Los esquemas del crimen se sucedían vertiginosamente. También se habló de honorarios. No **faltaba** más! Asesinos espléndidamente pagados. / Os esquemas do crime aconteciam vertiginosamente. Também se falou dos honorários. Não **faltava** mais! Assassinos esplendidamente pagos. (*Unas cuantas cervezas* – Virgilio Piñera)

No exemplo (176), o narrador relata a sua indignação diante da situação de favorecimento dos criminosos. Para expressar a sua contrariedade (sentimento de frustração), utiliza a forma imperfectiva “faltava” em uma oração cuja entonação é exclamativa. Ademais, temos acoplado à forma imperfectiva o advérbio de intensidade “mais” para reforçar o seu sentimento de insatisfação diante do fato narrado.

O imperfectivo lúdico ocorreu somente com formas de pretérito imperfeito, 188 dados, ou seja, 9%. Este valor, de acordo com Garcés (1997), apresenta um distanciamento da realidade. Faz referência a situações que correspondem a uma fantasia, ficção ou figuração, conforme exemplo a seguir:

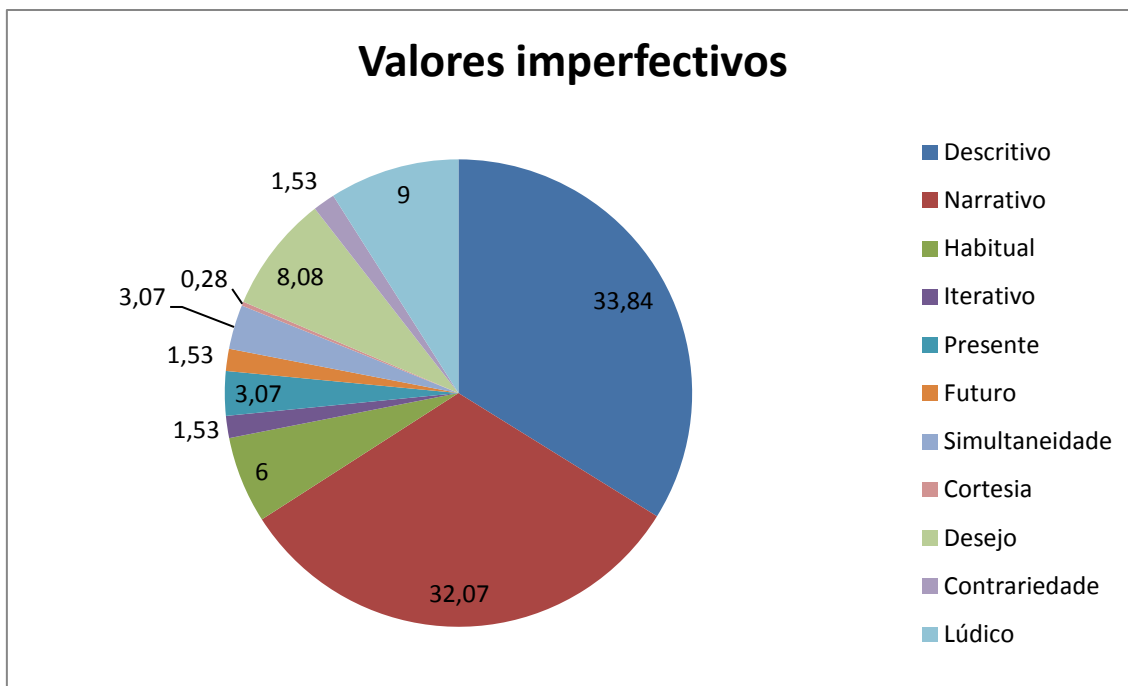
(177) Le **parecía** seguir oyendo a los arrieros⁴⁸ cuando le dijeron: Buenos días! Sintió que sus ojos **eran** engañosos./ **Parecia**-lhe estar ouvindo os arrieros quando disseram: Bom dia! Sentiu que seus olhos **eram** enganosos. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

No exemplo (177), o narrador relata uma situação de alucinação ou imaginação por parte do personagem. Para expressar essa situação fantasiosa, utiliza a forma imperfectiva “parecia” para pontuar o afastamento da realidade por parte do personagem, que não está seguro do que ouve. Já a forma “era” é utilizada na segunda parte do trecho, para reforçar o engano.

No gráfico a seguir, apresentamos as funções encontradas nesta segunda análise das formas imperfectivas de passado com os respectivos percentuais.

Gráfico 03: Mapeamento funcional das formas aspectuais imperfectivas (%)

⁴⁸ Pássaro muito comum nos montes de Cuba.



Com base nos dados percentuais do gráfico acima, podemos verificar que as maiores porcentagens correspondem aos valores descritivo (33,84%) e narrativo (32,07%), o que nos leva a considerá-los, no *corpus* analisado, como valores primários das formas imperfectivas. Por outro lado, os demais valores podem ser considerados como valores secundários, já que apresentaram percentuais bem menores, a saber: cortesia (0,28%), contrariedade (1,53%), iterativo (1,53%), futuro (1,53%), presente (3,07%), simultaneidade (3,07%), habitual (6%), desejo (8,08%), e lúdico (9%).

Com base no que foi exposto no decorrer desta seção, podemos verificar que as formas imperfectivas de passado em Espanhol apresentam múltiplos usos e significados a depender dos contextos comunicativos em que se realizam. A utilização das formas imperfectivas de passado, em um relato, não está limitada ao significado inerente das formas em questão. Portanto, temos de considerar os fatores de cunho pragmático da situação de interação verbal, as necessidades enunciativas, no espaço epistêmico dado, no que diz respeito às condições de verdade de suas proposições, às implicações e aos efeitos de sentido que se quer conseguir. Nas próximas seções, as funções detectadas no *corpus* serão analisadas em duas perspectivas: a) funções codificadas por uma forma (análise dos contextos de uso): cortesia, contrariedade, iteratividade, futuridade, presente, simultaneidade e lúdica; b) funções

em que há variação (análise de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos): narrativa, descritiva, habitual e desejo.

5.2. Correlação entre forma-função e contextos de uso: configuração dos contextos não variáveis

Na etapa anterior de mapeamento funcional, verificamos, *no corpus*, que há funções codificadas apenas pelo pretérito imperfeito do indicativo, ou seja, não há competição entre o pretérito imperfeito e a forma perifrástica. Nesta seção, analisaremos os contextos não variáveis em que essas funções ocorrem, de acordo com os seguintes níveis: a) sintático-semântico: parâmetros de transitividade, tipos de modificadores aspectuais; b) semântico-lexical: tipos de verbo; c) textual-discursivo: relação figura e fundo, unidades da narrativa, tipos de discurso; d) extralinguístico: zonas linguísticas, contos e autores selecionados, tipos de relato e vozes da narrativa literária. Nesse sentido, faremos uma análise dos contextos de uso das seguintes funções: cortesia, contrariedade, iterativa, futuro, presente, simultaneidade e lúdica.

5.2.1. Nível sintático-semântico

5.2.1.1. Parâmetros de transitividade

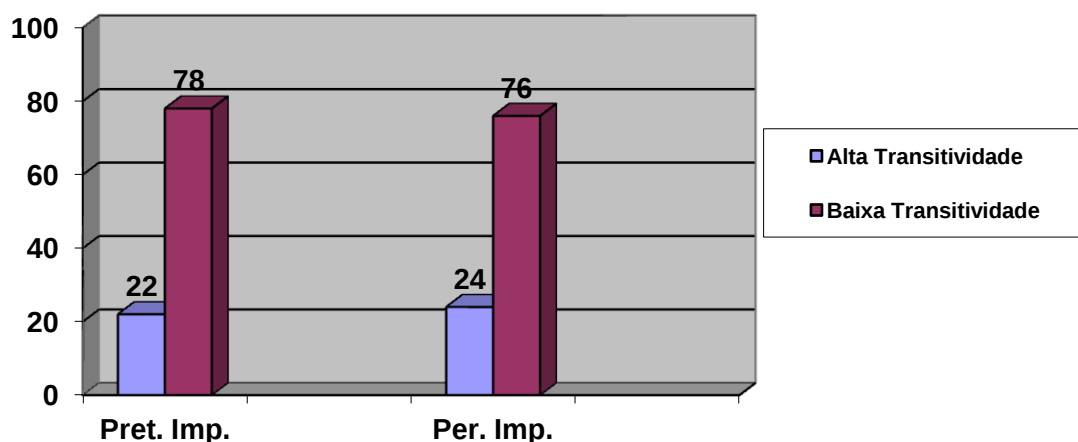
Conforme explicitamos nas considerações teóricas expostas na seção 3.2. do capítulo 3, sobre o Funcionalismo Linguístico, utilizamos a proposta de Hopper e Thompson (1980) para dar suporte a nossas análises, pois esses autores avaliam a transitividade a partir de dez parâmetros, não se limitando a uma simples verificação de sua existência ou ausência, como o faz a tradição gramatical. De acordo com Givón (2001), a transitividade é um fenômeno de natureza complexa que envolve os componentes sintático e semântico. Logo, a transitividade não é uma categoria discreta, é uma questão de grau. Procuramos, então, verificar de que modo as formas verbais das perífrases imperfectivas de passado e do pretérito imperfeito do indicativo em Espanhol relacionam-se com os parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980): argumentos, cineses, aspecto, pontualidade, volitividade, polaridade, modalidade, agentividade, afetabilidade do objeto, individuação de objeto.

Levamos em consideração apenas as formas verbais cujos valores, na aplicação dos parâmetros de transitividade, se encontrassem numa escala de 0 a 4 parâmetros (transitividade baixa (0-2) e médio-baixa (3-4)) ou, ainda, de 06 a 10 parâmetros (transitividade médio-alta (6-7) e alta (8-10)). Temos, na mensuração da transitividade das narrativas, um total de 2022 dados: 1753 formas do pretérito imperfeito do indicativo e 269 formas de perífrases imperfectivas de passado.

Em contrapartida, 71 das formas apresentaram 05 parâmetros de transitividade, 3,39% do total, um valor médio que, em termos estatísticos, não poderia determinar nem alto nem baixo nível de transitividade. Segundo Ravagnani e Catelan (2002), equivale ao que a Estatística classifica como o valor da Mediana, pois divide a frequência de ocorrência dos dados ao meio. Neste caso, a quantidade expressa não indicaria nem alto nem baixo o valor do nível da transitividade. Desse modo, descartamos os dados que apresentam 5 como nível de transitividade.

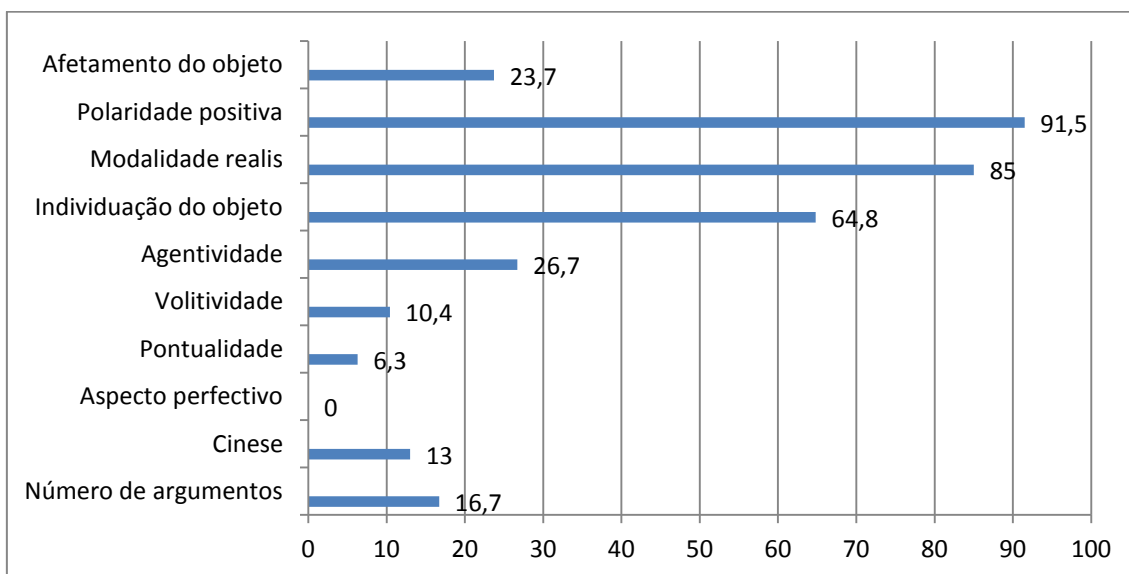
Das 1753 formas do pretérito imperfeito válidas, 1367 delas, 78,%, apresentaram baixo nível de transitividade (baixa: 519 dados e médio-baixa: 848 dados), ou seja, obtiveram de 0 a 4 parâmetros indicadores de transitividade. Por outro lado, 386 formas, 22%, apresentaram de 6 a 10 parâmetros, ou seja, um alto nível de transitividade (médio-alta: 362 dados e alta: 24 dados). Com relação às perífrases imperfectivas de passado, das 269 formas válidas, 204 formas, 76% do total, apresentam baixo nível de transitividade (baixa: 47 dados e médio-baixa: 157 dados). Apenas 65 casos, 24% do total, apresentaram de 6 a 10 parâmetros, ou seja, alta transitividade (médio-alta: 65 dados e alta: 0 dados). Desse modo, num total de 2022 dados válidos analisados nesta pesquisa, dentre as formas do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado, foram obtidos 451 casos (22,3%) de alta transitividade e 1571 casos (77,7%) de baixa transitividade. A partir do que foi exposto, temos o seguinte gráfico:

Gráfico 4: Nível de transitividade em dados válidos (%)



Faremos, a seguir, a descrição dos dados do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado, conforme parâmetros de análise da transitividade. Dessa forma, objetivamos mostrar quais parâmetros aparecem com maior frequência nas formas verbais em estudo. Objetivando uma melhor visualização do nível de transitividade nos dados, apresentamos, a seguir, três gráficos: no primeiro, consideramos os 2093 dados; no segundo, o total de formas do pretérito imperfeito; no terceiro, o total de perífrases imperfectivas de passado.

Gráfico 05: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em todos os dados (%)



Com base no gráfico 05, verificamos alta transitividade em relação à polaridade positiva (91,5%) e à modalidade *realis* (85%). Podemos sugerir, a partir da situação exposta acima, que as narrativas literárias favoreceram a predominância de sentenças afirmativas cujo conteúdo proposicional é real. O resultado obtido pode ser explicado a partir do princípio de marcação, no que tange à complexidade estrutural. Segundo Givón (1995), o elemento marcado é estruturalmente mais complexo. Por outro lado, o elemento não-marcado é mais simples em sua estrutura. No entanto, a marcação depende do contexto de interação, logo, para a caracterização de um elemento como marcado ou não-marcado, entram em jogo os fatores comunicativos, sócio-culturais, cognitivos e biológicos.

Nesse sentido, a marcação pode atuar, ainda, de acordo com o princípio de expressividade retórica, proposto por Dubois e Votre (1994): um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Para os autores (1994, p. 12): “É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação.” Portanto, formas marcadas podem tender a ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Logo, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual, ou seja, as formas imperfectivas (estruturas marcadas), que são consideradas como estruturas mais complexas em relação às formas perfectivas, tendem a aparecer em sentenças afirmativas (contexto não marcado em relação às sentenças negativas) e reais (*realis* - contexto não marcado em relação ao *irrealis*).

Por outro lado, obtivemos baixa transitividade para o Aspecto (0 %) e para a pontualidade (6,3%). Não há ocorrências de Aspecto perfectivo, pois as formas sob análise apresentam o traço menos télico, ou seja, não apresentam um ponto final determinado para a ação iniciada pelo verbo na sentença em análise. No entanto, apesar de não termos encontrado, no *corpus* analisado, nenhuma forma imperfectiva que denotasse uma ação acabada (Aspecto perfectivo), vale salientar que, segundo Freitag (2007), essa associação entre imperfectividade e ação inacabada e perfectividade e ação acabada nem sempre se sustenta. Segundo a autora, há casos em que o falante não tem muita clareza sobre qual perspectiva aspectual (perfectiva ou imperfectiva) deve expor determinada situação. Vejamos um exemplo do Português do Brasil, extraído do banco de dados VARSUL, apresentado por Freitag (2007, p. 76):

(178) Bom, da minha mãe eu não tenho que dizer nada, né? porque ela toda vida assim me tratou muito bem, me deu muito carinho, tudo o que ela pôde me dar, apesar que a gente *era* toda vida *foi* pobre. (SC FLP FAP 03)

Neste exemplo, segundo a autora, o uso do pretérito perfeito “foi” não deixa claro se o falante ainda é pobre ou deixou de ser, ou seja, a forma perfectiva em questão não determina se a ação é acabada ou inacabada. O mesmo ocorre com o uso da forma imperfectiva “era” que não deixa claro se o falante deixou ou não de ser pobre, portanto, neste caso, a forma imperfectiva não está associada ao aspecto inacabado da ação.

A tendência de uso dos parâmetros de transitividade para todos os dados se repete em relação ao pretérito perfeito e à perífrase imperfectiva de passado. Vejamos:

Gráfico 06: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados do Pretérito Imperfeito (%)

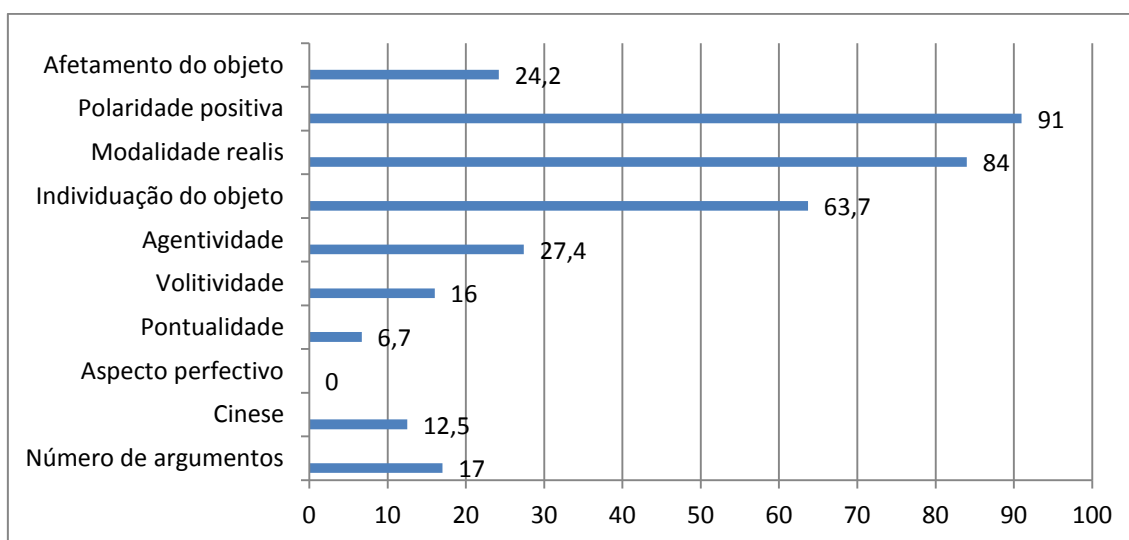
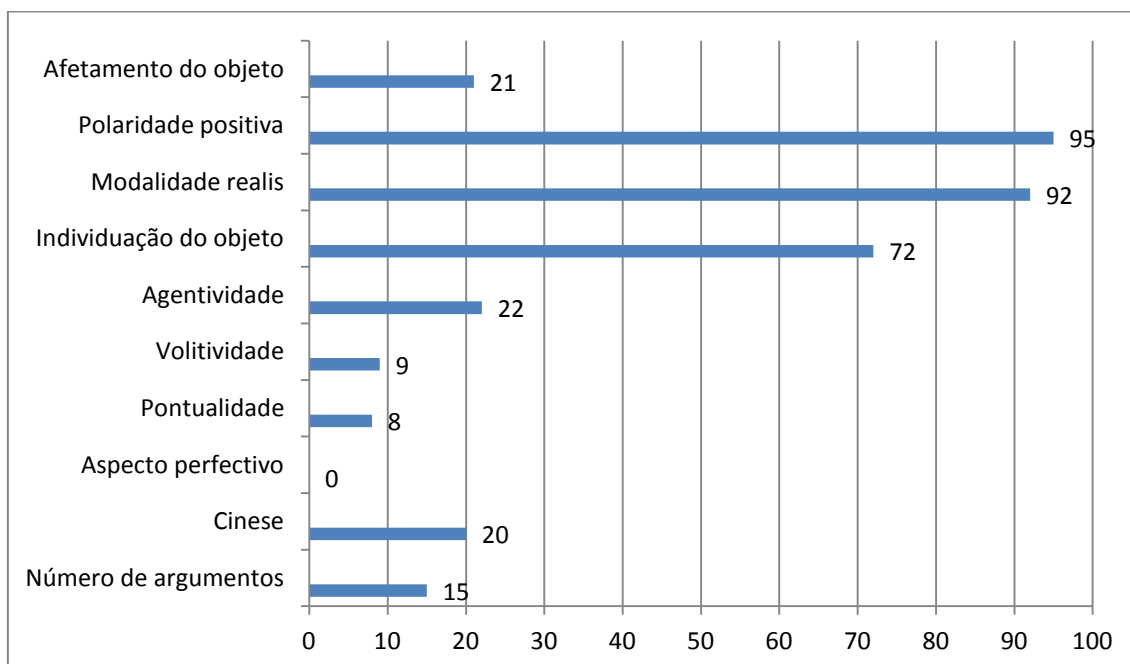


Gráfico 07: Ocorrência dos parâmetros de transitividade em dados das Perífrases Imperfectivas de Passado (%)



O imperfeito apresentou, também, altos valores de transitividade para a polaridade positiva (91%) e para a modalidade *realis* (84%)⁴⁹. A forma perifrástica apresentou resultados muito próximos, ou seja, alta transitividade para a polaridade positiva (95%) e para a modalidade *realis* (92%). A situação se repete em relação aos parâmetros que apresentaram menor transitividade, isto é, o imperfeito e a forma perifrástica apresentaram 0% para o Aspecto perfectivo. Para a pontualidade, o imperfeito apresentou (6,7%) e a forma perifrástica (8%). A partir desses resultados, podemos deduzir que a forma simples e a perifrástica apresentam comportamento semelhante no que tange à transitividade no texto narrativo.

Vejamos, agora, alguns exemplos para os 4 níveis de transitividade analisados: alta (8-10 parâmetros), médio-alta (6-7 parâmetros), médio-baixa (3-4 parâmetros) e baixa (0-2 parâmetros).

(179) ... a veces, él me **regalaba** un pollo./ ... às vezes, ele me **presenteava** um frango.
(*La nieve* – Roberto Bolaño) – 8 parâmetros

⁴⁹ Nesta análise, optamos por destacar os parâmetros que apresentaram porcentagens mais elevadas em relação aos demais.

(180) Los visitantes **bebían** de su té./ Os visitantes bebiam de seu chá. (*Bruja* – Julio Cortázar) – 6 parâmetros

(181) Otro señor que **parecía** alguien. / Outro senhor que **parecia** alguém. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo) – 3 parâmetros

(182) **Tenía que haber** alguna esperanza . / **Tinha de haver** alguma esperança. (*Diles que no me maten* – Juan Rulfo) – 2 parâmetros

De acordo com os parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980), o exemplo 179 ocupa lugar mais alto na escala de transitividade (8- 10), já que contém 8 parâmetros: mais de dois participantes (ele – me - frango), verbo de ação (regalar), sujeito intencional, oração afirmativa, oração *realis*, sujeito agente (ele), objeto afetado e individuado (me – referencial, humano, próprio, singular). No segundo lugar da escala, temos o exemplo 180 que apresenta 6 parâmetros (transitividade médio-alta: 6-7): dois participantes (visitantes e chá), verbo de ação (beber), sujeito intencional, oração afirmativa, oração *realis* e sujeito agente. Ocupando o terceiro lugar da escala, há o exemplo 181 que apresenta 3 parâmetros (transitividade médio-baixa: 3-4): oração afirmativa, objeto individuado e oração *realis*. Por último, a oração com menor grau de transitividade é o exemplo 182 com apenas dois parâmetros (transitividade baixa: 1-2): oração afirmativa e oração *realis*.

Vejamos, agora, como se relacionam os parâmetros de transitividade às funções em que só encontramos dados de pretérito imperfeito: iterativa, presente, futuro, simultaneidade, cortesia, lúdica e contrariedade. Destacamos que a codificação categórica, nesses casos, refere-se ao *corpus* sob análise. Possivelmente, em outros gêneros textuais, haja variação na codificação dessas funções. Na seção 5.3, analisaremos as funções codificadas variavelmente pelo imperfeito e pela forma perifrástica, quais sejam: descritiva, narrativa, habitual e desejo. Nessas funções em que há variação linguística, os dados serão submetidos a tratamento estatístico no programa GOLDVARB⁵⁰.

⁵⁰ Ver seção 4.2.4. do capítulo de metodologia.

Tabela 01 – Atuação dos parâmetros de transitividade na codificação das funções categóricas⁵¹ do passado imperfectivo.

Parâmetros de	Iterativa	Presente	Futuro	Simultaneidade	Cortesia	Lúdica	Contrariet.
Transitividade	Aplicação/Total/ Percentual	Aplicação/Total/ Percentual	Aplicação/ Total/ Percentual	Aplicação/Total/ Percentual	Aplicação/ Total/Per centual	Aplicação/ Total/Perce ntual	Aplicação/ Total/Perce ntual
2 ou + Argumentos	---	02/64/3,1%	----	06/65/9,2%	---	37/188/19,7%	02/32/6,2%
Cinese	02/32/6,2%	03/64/4,7%	---	04/65/6,1%	---	101/188/53,7%	07/32/21,8%
Pontualidade	---	02/64/3,1%	---	---	01/06/16,6%	02/188/1%	---
Volitividade	---	01/64/1,5%	03/32/9,3%	---	02/06/33,4%	04/188/2,1%	---
Agentividade	09/32/28,1%	----	----	23/65/35,3%	---	51/188/27,1%	04/32/12,5%
Individuação	27/32/84,3%	58/64/90,6%	28/32/87,5%	61/65/93,8%	05/06/83,4%	13/188/6,9%	01/32/3,1%
Modalidade <i>realis</i>	28/32/87,5%	---	---	65/65/100%	06/06/100%	---	30/32/93,7%
Afetamento	07/32/21,8%	22/64/34,3%	06/32/18,7%	40/65/61,5%	---	73/188/38,8%	06/32/18,7%
Polaridade Positiva	30/32/93,7%	60/64/93,7%	31/32/96,8%	65/65/100%	06/06/100%	171/188/90,9%	31/32/96,8%

A partir dos dados percentuais expostos na tabela acima, apresentaremos cada parâmetro de transitividade e a sua associação com as funções categóricas imperfectivas de passado. Primeiramente, temos a função iterativa que apresentou resultados mais significativos para a modalidade *realis* (87,5%) e para a polaridade positiva (93,7%). Podemos atribuir este resultado ao fato de esta função focalizar a repetição de ações no passado, logo, prioriza ações reais em orações positivas. Vejamos um exemplo desta função com os respectivos parâmetros:

(183) ... con su angustia aún reflejada en su cara, **ignoraba** otra vez “mi angustia” ./
 ...com sua angústia ainda refletida em sua cara, **ignorava** outra vez “minha angústia”.
 (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

Com relação à função de presente, encontramos resultados mais significativos, na polaridade positiva (93,7%) e na individuação do objeto (90,6%). Na função de presente, ao utilizar a forma imperfectiva, o falante pontua que seu conhecimento sobre o conteúdo proposicional relatado não é seguro, geralmente, conforme Garcés (1997), comenta o que alguém falou. Nesse sentido, o falante tende a

⁵¹ No decorrer desta seção, consideramos essas funções como categóricas para o *corpus* sob análise. No entanto, em outros textos narrativos, é possível que haja variação nessas funções.

detalhar o fato comentado em sentenças afirmativas, ademais, podemos sugerir que haja uma limitação a objetos individuados, já que não há muita segurança em relação ao fato reportado. A seguir, ilustramos o uso desta função com esses dois parâmetros:

(184) Allí **iban** los tres con la mirada en el suelo/ Ali **iam** os três com o olhar no chão.
(*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

Considerando a função de futuro, há maior recorrência, também, para a polaridade positiva (96,8%) e para a individuação do objeto (87,5%). Segundo Garcés (1997), há o uso da forma imperfectiva no lugar do condicional simples, para indicar o valor futuro em relação ao passado, ou seja, não sabemos se o fato ocorreu ou não, por conta disso apresenta somente a modalidade *irrealis*. Em contrapartida, os fatos reportados se referem, preferencialmente, a objetos individuados e há a predominância de sentenças afirmativas, conforme exemplo abaixo:

(185)... buscando a la mujer que **se parecía** a Celina. /... buscando a mulher que **se parecia** com Celina. (*Las puertas del cielo* – Julio Cortázar)

Já para a simultaneidade, encontramos dados significativos para a individuação do objeto (93,8%), modalidade *realis* (100%) e polaridade positiva (100%). A coincidência de ações no passado é favorecida por um contexto em que há incidência da ação verbal sobre o objeto individuado e as duas ações como são simultâneas aconteceram realmente, por conta disso, há a predominância de oração afirmativa, *realis*. Vejamos um exemplo:

(186) Eso **estaba haciendo** mientras **estaba** allí./ Isso estava fazendo enquanto estava ali. (*La noche que lo dejaron* – Juan Rulfo)

Ao analisarmos a função de cortesia, verificamos, também, que os contextos mais favoráveis são os da modalidade *realis* (100%) e da polaridade positiva (100%). Nessa função, o falante, geralmente, utiliza a forma imperfectiva para fazer um pedido de maneira cortês, ou seja, é uma estratégia utilizada para conseguir a realização de seu

objetivo. Dessa forma, em muitos casos, há a intenção ou o propósito do agente ao realizar a ação expressa pelo verbo, logo temos oração afirmativa, *realis*, conforme exemplo abaixo:

(187) No, muchas gracias; yo **quería** un inglés./ Não, obrigado; **queria** um inglês.
(*Noventa minutos de rebotica* – Camilo José Cela)

A função lúdica, por sua vez, apresentou resultados mais significativos para a cinese (53,7%) e para a polaridade positiva (90,9%). Nesta função, essas ações positivas e dinâmicas, conforme Garcés (1997), correspondem a situações imaginárias, fictícias, ou, ainda, fantasiosas. Logo, há o predomínio de verbos de movimento em orações afirmativas, já que esse contexto é propício para se criar uma atmosfera de fantasia.

Por último, temos a contrariedade que está mais presente em contexto de modalidade *realis* (93,7%) e de polaridade positiva (96,8%). De acordo com Ruiz Rampillo (2005), no discurso conversacional, é comum o uso de formas imperfectivas para expressar a contrariedade do falante diante de fatos ocorridos no passado. Por conta disso, temos o predomínio de oração *realis* e positivas, já que se referem a fatos concretos ocorridos no passado. Vejamos um exemplo a título de ilustração:

(188) Los esquemas del crimen se sucedían vertiginosamente. También se habló de honorarios. No **faltaba** más! Asesinos espléndidamente pagados. / Os esquemas do crime aconteciam vertiginosamente. Também se falou dos honorários. Não **faltava** mais! Assassinos esplendidamente pagos. (*Unas cuantas cervezas* – Virgilio Piñera)

Ao final de nossa análise, podemos constatar que o estudo sobre transitividade em relação às formas imperfectivas deve ser bem mais amplo do que apresentam as gramáticas em Espanhol. Elas atribuem simplesmente o valor de existência ou ausência, como se fosse um traço simples de se caracterizar. Caso o professor de Espanhol siga esta orientação, fornecerá uma concepção limitada de transitividade e dos usos das formas imperfectivas ao seu aluno. Por outro lado, se concebermos a caracterização das formas do passado imperfectivo a partir dos 10

parâmetros, poderemos levar o aluno a uma reflexão epilinguística. Segundo Furtado da Cunha (2008, p.38):

Hopper e Thompson associam a transitividade a uma função discursivo-comunicativa: o maior ou menor grau de transitividade de uma sentença reflete a maneira como o falante estrutura o seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos.

5.2.1.2. Tipos de modificadores aspectuais

Nesta seção, analisaremos os marcadores aspectuais acoplados às formas sob análise: imperfeito e perífrases, tomando-se por base a perspectiva da composicionalidade do Aspecto. De acordo com Givón (2005), em um estudo mais profundo sobre a categoria Aspecto, estão vinculados n elementos que são significativos para a sua devida interpretação e posterior análise. Na composição aspectual, entram em jogo: elementos semânticos; elementos morfossintáticos e elementos de cunho pragmático.

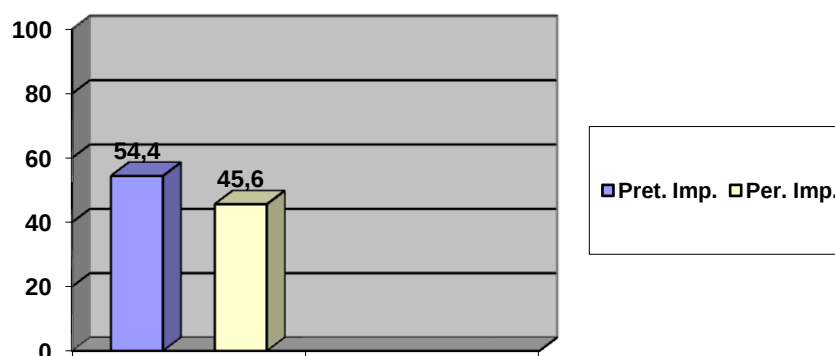
Nesse sentido, os marcadores aspectuais nos auxiliarão na leitura aspectual da situação, pois fornecem indícios sobre os valores aspectuais. Segundo Freitag (2007, p.75):

O aspecto não é marcado exclusivamente por um elemento gramatical. Existem diferentes tipos de manifestação do aspecto. Há o aspecto inerente ao verbo, há o aspecto codificado pela morfologia verbal e, ainda, o aspecto codificado pelos modificadores adverbiais, todos interagindo entre si e resultando no aspecto da situação.

O Aspecto imperfectivo em Espanhol, na perspectiva de passado, relaciona-se à expressão de progressividade, habitualidade e continuidade, mas as variantes (pretérito imperfeito e perífrase) não são as únicas responsáveis pela codificação dessas funções. Há os adjuntos adverbiais que podem funcionar como modificadores aspectuais: adjuntos que expressam duração, progressão e localização e adjuntos que denotam frequência, conforme Mendes (2005).

Do total de formas verbais analisadas, 193 apresentaram-se acopladas a algum modificador de natureza aspectual, ou seja, 9,23%. Destas, 105 formas são do pretérito imperfeito, o que corresponde a 54,4%; 88 formas são de perífrases imperfectivas de passado, 45,6% do total.. Vejamos a ilustração no gráfico a seguir:

Gráfico 08: Modificadores aspectuais e ocorrências de formas imperfectivas (%)



No entanto, temos de salientar que a grande maioria dos dados é formada por formas do pretérito imperfeito, se compararmos as porcentagens por números de dados em separado, teremos uma porcentagem bem diferente para as perífrases imperfectivas de passado e para o pretérito imperfeito, a saber: dos 1803 dados do pretérito imperfeito, apenas 105 formas estão acopladas aos modificadores aspectuais, o que corresponde a 5,82%, valor bem distante da porcentagem total. Por outra parte, dos 290 dados de perífrases imperfectivas, obtivemos 88 formas, o que equivale a 30,3%. Consideremos os exemplos abaixo:

(189) **Solía soñar** con ratas, **solía oírlos** por la noche en su cuarto, y durante meses.../
Costumava sonhar com ratos, costumava ouví-los à noite em seu quarto, e durante meses. (*Clara* – Roberto Bolaño)

Com base no exemplo acima, podemos afirmar que o adjunto adverbial e as perífrases verbais funcionam como coordenada temporal para o passado imperfectivo. O adjunto adverbial de tempo “durante meses” estabelece, acoplado à perífrase imperfectiva de passado “costumava sonhar”, um ponto de referência para a sequência de ações que se repetem e que caracterizam uma situação concreta. Neste sentido,

temos, neste exemplo, o valor imperfectivo habitual, já que o modificador aspectual e a perífrase imperfectiva, que se repete duas vezes, não fazem referência a uma mera repetição ou, ainda, somente à continuidade de uma situação, mas configuram o período de tempo em que se enquadram, no caso, “durante meses”. Vejamos, agora, um exemplo de um modificador aspectual acoplado a uma forma de pretérito imperfeito:

(190) Ahora el sueño le **hacía hablar**./ Agora o sonho lhe **fazia falar**. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

No exemplo acima, podemos afirmar que o adjunto adverbial e a forma verbal “fazia” funcionam como coordenadas de referência temporal para o passado imperfectivo com valor de presente. O adjunto adverbial de tempo “agora” estabelece, acoplado à locução verbal imperfectiva de passado “fazia falar”, um ponto de referência para o que acontece no presente. De acordo com Garcés (1997), esse valor imperfectivo é utilizado quando o falante quer pontuar que seu conhecimento sobre o que afirma não é seguro ou, ainda, quando procura se preservar com relação à veracidade dos fatos que diz.

Todos os modificadores aspectuais encontrados, no *corpus* analisado, são adjuntos adverbiais e conjunções temporais que, acoplados às formas aspectuais imperfectivas de passado, expressaram os valores de habitualidade, imperfectivo com valor de presente, de futuro e de simultaneidade. A título de ilustração, vejamos um exemplo desse último valor mencionado:

(191) **Mientras** los soldados **daban** vuelta alrededor la lumbre, ellos se **mecían**./ Enquanto os soldados davam volta ao redor do fogo, eles se balançavam. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

Nesse exemplo, podemos afirmar que a conjunção temporal “enquanto” ancora as duas ações passadas “dar um volta” e “balançar”, pois estabelece uma relação de simultaneamente entre as duas orações. Logo, o modificador funciona como coordenada temporal para o passado imperfectivo com valor de simultaneidade. De acordo com Brucat (2001), esse valor imperfectivo é utilizado para expressar ações, processos ou estados do passado como coincidentes temporalmente com outra ação passada, existente no mesmo contexto.

Por último, vejamos a correlação entre os modificadores aspectuais e as funções categóricas imperfectivas de passado:

Tabela 02 – Atuação do modificador aspectual na codificação das funções categóricas do passado imperfectivo.

Funções imperfectivas	Modificador Aspectual Aplicação/ Total/ Percentual
Iterativa	---
Presente	64/64/100%
Futuro	10/32/31,2%
Simultaneidade	09/65/13,8%
Cortesia	---
Lúdica	---
Contrariedade	---

A partir da tabela acima, podemos constatar a presença de modificador aspectual atrelada a três funções: presente, futuro e simultaneidade. Destas, destacamos as duas primeiras que apresentaram, respectivamente, os percentuais de 100% e 31,2%. Em relação à primeira função, segundo Gutiérrez Araus (1997), o falante faz referência a uma ação ou estado desenvolvidos no momento da enunciação, ou, ainda, compreendido na mesma zona temporal em que se encontra. Desse modo, o uso de marcadores temporais é essencial como âncora temporal para situar o contexto de interação verbal em que estão inseridos o falante e o seu interlocutor. Para o futuro, ao indicar a pequena possibilidade da realização de uma ação futura, o falante, muitas vezes, pontua a localização temporal do fato reportado por meio de adjuntos adverbiais de tempo. Na função de simultaneidade, também, é comum o uso de marcadores temporais para pontuar a coincidência temporal entre duas ações passadas.

Nesta seção, analisamos a correlação entre forma-função e contextos de uso, na configuração dos contextos não variáveis no nível semântico-sintático. Na próxima

seção, enfocaremos o nível semântico-lexical com o objetivo de verificar de que forma o aspecto inerente do verbo atua na composição do passado imperfeito.

5.2.2. Nível semântico-lexical

5.2.2.1. Tipos de verbo

Nesta seção, faremos uma análise das formas verbais focadas em nossa pesquisa, conforme a classificação proposta por Vendler (1957, 1967). A seguir, apresentamos uma tabela com o total de ocorrências para cada tipo de verbo.

Tabela 03 - Quantidade de dados por tipo de verbo

Tipos de verbos	Culminação		Processo Culminado		Atividades		Estados	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Qtde de verbos	132	6,3	322	15,38	705	33,7	934	44,62
Total de dados analisados	2093							

De acordo com a tabela acima, observamos que a maioria dos 2093 verbos é do tipo estado, 44,62%, ou seja, 934 dados. Podemos sugerir que este resultado pode estar atrelado ao fato de as formas imperfectivas atuarem na narrativa, principalmente, como pano de fundo. Os verbos de estado apresentam estágios internos idênticos e são considerados homogêneos. Estes verbos, geralmente, não expressam mudança e/ou movimento. Por exemplo, o verbo “saber”, no exemplo 192, não denota nenhuma mudança e/ou movimento.

(192) Pues **sabía** cuánto le costaba atravesar la casa entera. / Pois **sabia** quanto lhe custava atravessar a casa inteira. (*El verano feliz de la señora Forbes* – Gabriel García Márquez).

Verificamos a presença desse tipo de verbo, principalmente, em situações de caracterização do espaço físico, dos personagens em situações de posse (conforme exemplo 193) e de juízo de valor (conforme exemplo 194).

(193) ... **tenía** las piernas muy delgadas y los ojos azules/... **tinha** as pernas muito finas e os olhos azuis. (*Clara* – Roberto Bolaño).

(194) **Parecía** un pajarito ensopado./ **Parecia** um pássaro pequeno ensopado. (*Sólo vine a hablar por teléfono* – Gabriel García Márquez).

Em segundo lugar, temos os verbos de atividade em 705 ocorrências, ou seja, 33,7% do total. Esse tipo de verbo indica situações cuja duração temporal não está definida. De acordo com Godoi (1992), as atividades são situações que não apresentam um ponto de culminação, ou seja, não são pontuais e podem ser divididas em fases. Os verbos de processo culminado apresentam 322 dados, ou seja, 15,38% do total de dados analisados. Esse tipo de verbo, conforme Vendler (1967), apresenta um ponto final definido para ação e faz referência a um segmento inteiro de tempo. Podemos atribuir o uso destes verbos aos trechos das narrativas que denotam situações mais dinâmicas, que configurariam funções como: narrativa, simultaneidade, futuro, presente, iterativa, lúdica, contrariedade e cortesia. No decorrer das narrativas, encontramos poucas ações pontuais e instantâneas, ou seja, encontramos poucos verbos de culminação. Das 2093 formas analisadas, 132 formas estão associadas a verbos de culminação, 6,3%. Desse total, 109 formas são do pretérito imperfeito, 82,5%. Já as perífrases imperfectivas de passado somam 23 casos, ou seja, 17,5 %.

Segundo García Fernández (2004), há contextos nos quais o pretérito imperfeito pode estar atrelado a verbos de culminação: quando não indica habitualidade, pode aparecer com um final delimitado. Vejamos um exemplo no qual encontramos um verbo de culminação associado ao valor imperfectivo:

(195) Esteban **cerraba** la puerta./ Esteban fechava a porta. (*Bruja* – Julio Cortázar)

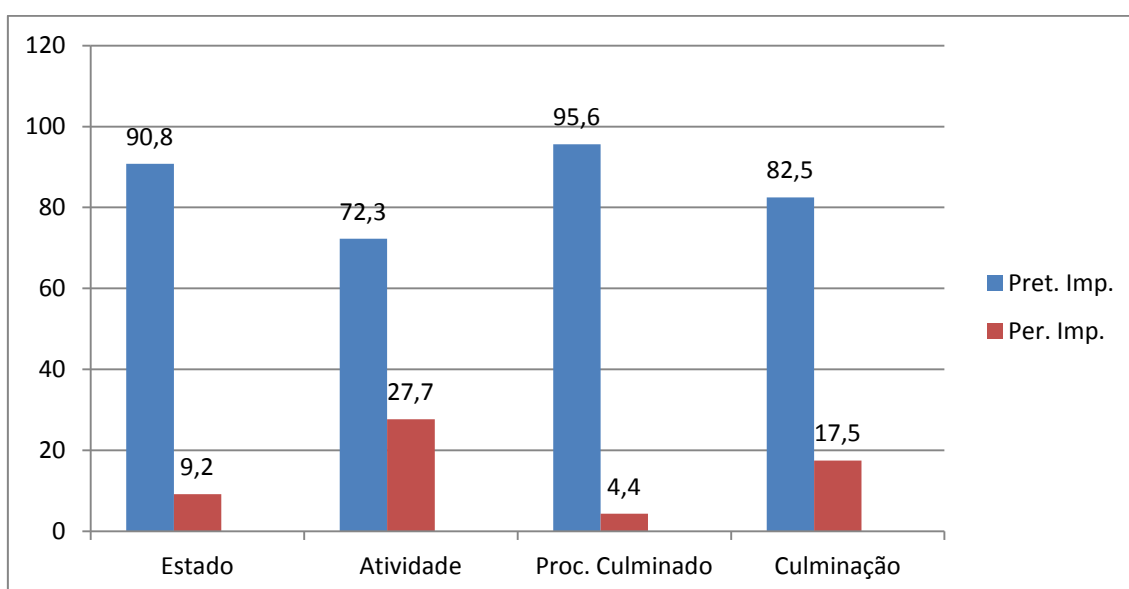
Nesse exemplo, a forma no pretérito imperfeito denota uma ação pontual inerente, ou seja, Esteban fechava a porta, naquele dado momento, não houve nenhuma fase de transição ou duração para estas ações. Por outro lado, essa ação apresenta-se

como inacabada, recurso utilizado na narrativa para conferir uma atmosfera de suspense ou, ainda, como no exemplo acima, para dar um efeito de lentificação da ação.

Segundo Delfito e Bertinetto (1995, p. 337): “a telicidade é uma função de seu significado léxico. Isto quer dizer que, independentemente da realização aspectual em que apareçam, os verbos de culminação sempre pressupõem a consequência do *telos*”. Nesse sentido, o uso de formas imperfectivas com verbos de culminação aparecerá em contextos específicos (elencados anteriormente) que propiciem esta combinação, por exemplo, quando o falante tiver a intenção de tratar de uma ação iminente frustrada.

Apresentamos, a seguir, um gráfico que mostra a distribuição desses tipos verbais em relação ao pretérito imperfeito e às perífrases imperfectivas de passado.

Gráfico 09: Tipos de verbos e ocorrências nas formas imperfectivas



Para os verbos de estado, obtivemos 934 ocorrências, destas 848 foram de pretérito imperfeito, 90,8%. Já as perífrases imperfectivas de passado apresentaram-se em 86 dados, ou seja, 9,2%. Vale salientar que o pretérito imperfeito apresenta um número bem maior de ocorrências no *corpus* que as perífrases imperfectivas de passado. Vejamos um exemplo com o pretérito imperfeito:

(196) ... y los que nos conocían bien **sabían** que éramos malos./... e os que nos conheciam bem **sabiam** que éramos maus.(*La nieve* – Roberto Bolaño)

Nesse exemplo, verificamos o conhecimento de um fato expresso pelo verbo “saber”. Além disso, designa uma situação que ocorre durante todos os pontos de um determinado período ou de um determinado número de momentos, logo, não pode ser dividida em etapas, já que uma pessoa não deixará de saber do fato, que expressa já conhecer, por um período de tempo.

Em segundo lugar, no gráfico, aparecem os verbos de atividades, que não apresentam um ponto final delimitado para a ação. Verificamos uma maior ocorrência de verbos de atividade em formas do pretérito imperfeito com 510 dados, 72,3% do total de 705 ocorrências. Já as perífrases imperfectivas de passado apresentaram 195 ocorrências, 27,7%. Vejamos, a seguir, um exemplo deste tipo de verbo:

(197) **Estaba trabajando** y no es conveniente interrumpirlo.../ **Estava trabalhando** e não é conveniente interrompê-lo. (*Una aventura literaria* – Roberto Bolaño)

Neste exemplo, temos uma forma verbal que expressa um processo dinâmico, mas sem delimitar a sua finalização. No período de tempo (não delimitado), o personagem realizou a ação de trabalhar, mas isso não quer dizer que ele trabalhou durante o dia inteiro. Vale salientar ainda que, mesmo que a ação de trabalhar tenha sido interrompida por algum evento, a ação citada foi realizada e não há um ponto determinado de culminação desta.

Para os processos culminados, há 308 dados de pretérito imperfeito, ou seja, 95,6%. Já com as perífrases imperfectivas de passado, obtivemos somente 14 ocorrências, o que corresponde a 4,4%. A grande diferença percentual se deve ao fato de o pretérito imperfeito apresentar um número bem maior de ocorrências. Segue exemplo de verbo de processo culminado:

(198)... **escribía** en su cuaderno escolar una relación minuciosa de sus gastos./... **escrevia** em seu caderno escolar uma relação minuciosa de seus gastos. (*La santa* – Gabriel García Márquez)

Neste exemplo, verificamos a culminação do processo de *escrever*, que, por sua vez, tem seu final delimitado pela conclusão da listagem de gastos. Temos, nesta sentença, um ponto final definido que faz referência a um segmento inteiro de tempo (listagem dos gastos).

Os verbos de culminação, por sua vez, apresentaram 109 dados de pretérito imperfeito, ou seja, 82,5%. Já com as perífrases imperfectivas de passado, somente 23 ocorrências, o que corresponde a 17,5%. Esse tipo de verbo expressa ação pontual, conforme exemplo abaixo:

(199) Luego **nos sentábamos** los tres reprimiendo la respiración./ Logo **sentávamos** os três reprimindo a respiração. (*El verano feliz de la señora Forbes* – Gabriel García Márquez)

Os resultados encontrados, de maneira geral, estão em conformidade com o que propõe Givón (2001, p.287 e 288): associação entre o Aspecto inerente do verbo e as formas verbais de passado. Para o autor, a (im)perfectividade pode ser aferida em uma escala gradual (apresentada abaixo), a partir de dois traços: fronteira temporal (nítida vs. difusa) e duração (curta vs. longa).

	Compacto ⁵²	Processo Culminado	Atividade	Estado
Fronteira	+	+	+/-	-
Duração	-	+/-	+/-	+



 + Imperfectividade

Em nosso estudo, os verbos de culminação apresentaram uma distribuição menor, ocupando a 4ª posição em número de ocorrências (132 dados). Givón (2001) propõe uma menor ocorrência para eles, ou até mesmo que eles estejam ausentes, pois os classifica, em contextos de imperfectividade, como mais marcados e menos previsíveis. Em segundo lugar, temos os verbos de atividade (705 dados) e, em terceiro lugar, os verbos de processo culminado (322 dados), que são considerados, por Givón

⁵² Givón (2001) refere-se a verbos de curta duração, o que corresponderia, na classificação de Vendler (1957,1967), aos verbos de culminação.

(2001), como mais marcados e menos previsíveis, portanto apresentariam maior complexidade estrutural, logo, demandariam mais atenção, mais esforço mental e tempo de processamento. Segundo o autor, os verbos de estado são menos marcados e mais previsíveis (obtivemos mais ocorrências com este tipo de verbo, 934 dados).

Esses resultados apoiam, ainda, a Hipótese do Aspecto Lexical de Andersen (1986), a qual afirma que as formas perfectivas aparecem primeiro com os verbos que expressam culminação e processo culminado, seguidos por atividades e estados. Em contrapartida, as formas imperfectivas surgem primeiramente com os verbos de estado, depois com as atividades, para posteriormente se estender para os processos culminados e para as culminações, conforme pudemos constatar no *corpus*.

No tocante à associação das formas imperfectivas, principalmente, com os verbos de estado e de atividade, podemos citar, ainda, outras pesquisas que confirmam essa associação entre a morfologia verbal e o Aspecto Lexical. Segundo Lafford (2000), as formas imperfectivas estão associadas a eventos atélicos (estados e atividades) e depois a eventos télicos (processos culminados e culminações). De acordo com Laguna (2008), esta hipótese apóia-se em vários estudos sobre a aquisição de Espanhol como Segunda Língua, realizados por Andersen (1991), Bardovi-Harling & Reynolds (1995), Bergstrom (1995) e Robinson (1995). Outro estudo importante foi o realizado por Harley e Swain (1978). Eles entrevistaram estudantes de francês e constataram o uso do pretérito perfeito para ações e do imperfeito para os verbos de estado.

Com base no que foi exposto, vale destacar a caracterização proposta por Pontes (2009, p.95 e 96), em seu estudo com narrativas:

- a) estados: apresentam uma duração indefinida, são atélicos e estáticos;
- b) atividades: são dinâmicas, atélicas e durativas;
- c) processos culminados: são dinâmicos, télicos e durativos;
- d) culminações: denotam eventos instantâneos, télicos e dinâmicos.

Essa caracterização de cunho semântico-lexical auxiliar-nos-á na proposição de critérios para a caracterização escalar de formas aspectuais imperfectivas de passado que apresentaremos ao final deste trabalho.

Passemos, agora, para a correlação entre os tipos de verbos e as funções categóricas imperfectivas de passado em Espanhol.

Tabela 04 – Atuação do aspecto inerente na codificação das funções categóricas do passado imperfeito.

Funções	Estado	Atividade	Culminação	Proc.
imperfectivas	Aplicação/ Total/ Percentual	Aplicação/ Total/Percentual	Aplicação/ Total/Percentual	Culminado Aplicação/ Total/ Percentual
Iterativa	---	26/32/81,2%	----	06/32/18,8%
Presente	36/64/56%	26/64/40,8%	02/64/3,2%	---
Futuro	10/32/32%	20/32/62%	---	02/32/6%
Simultaneida de	---	51/65/78,5%	---	14/65/21,5%
Cortesia	02/06/33,4%	03/06/50%	01/06/16,6%	---
Lúdica	89/188/47,3%	72/188/38,3	---	27/188/14,4%
Contrariedade	07/32/21,8%	25/32/78,2%	---	---

Com base nos dados apresentados na tabela 04, verificamos que os verbos de culminação, seguidos pelos verbos de processo culminado, constituem contextos pouco favoráveis para o uso das funções imperfectivas em foco, inclusive o primeiro tipo de verbo só apresenta dados para as funções de cortesia e de presente. Este resultado pode ser atribuído aos matizes de pontualidade e de culminação da ação prototípicos deste tipo de verbo; já para os verbos de processo culminado atribuímos as baixas porcentagens apenas ao caráter télico (finalização da ação) que limita o uso de formas imperfectivas atreladas a esse tipo de verbo.

Em contrapartida, os verbos de estado e de atividade constituem contextos favoráveis para o uso das funções categóricas de passado imperfeito. Os resultados obtidos corroboram a escala proposta por Givón (2001), já que atestam a correlação entre os verbos de estado e de atividade com o uso das funções imperfectivas. Para o primeiro tipo de verbo, obtivemos resultados mais significativos associados às funções presente (56%) e lúdica (47,3%). Com relação aos verbos de atividade, os percentuais

mais salientes estão relacionados às funções iterativa (81,2%), simultaneidade (78,5%) e contrariedade (78,2%).

Na caracterização das formas-funções de passado imperfectivo em Espanhol, julgamos pertinente as diferenças de cunho semântico. Isto ajudaria na compreensão dessas formas, principalmente, no que diz respeito à problemática diferenciação dos usos dos pretéritos, pois faltam critérios mais claros para caracterizar as formas imperfectivas. Vale salientar, ainda, que, no estudo das formas perfectivas e imperfectivas, os livros didáticos e as gramáticas limitam-se à diferenciação, por exemplo, entre os pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfecto do indicativo, com base no critério de completude e incompletude da ação, deixando de considerar os outros critérios, tais como: dinamicidade, duratividade e delimitação no eixo temporal. Por conta disso, é difícil para o falante nativo ou não a utilização desses tempos na produção textual, conforme afirmam Alegre (2007) e Masip (1999). Podemos sugerir que há uma conexão entre a aprendizagem da morfologia Tempo e Aspecto e a aprendizagem da distinção semântica dos tipos de verbos que está associada às formas imperfectivas de passado.

5.2.3. Nível textual - discursivo

5.2.3.1. Figura e fundo

Nesta seção, analisaremos a relação entre os planos de figura e fundo presentes nos contos literários e as formas do pretérito imperfecto e das perífrases imperfectivas de passado. Os conceitos de *figura* e *fundo* vêm da Gestalt, na Psicologia, referem-se à organização hierárquica das idéias, conceitos utilizados por Hopper e Thompson (1980) para classificação das idéias principais e as secundárias no plano discursivo. A figura diz respeito à informação principal e é responsável pelo desenvolvimento temporal do relato mediante a apresentação sequencial dos fatos que o constituem, equivale ao esqueleto da ação. O fundo apóia a figura, aportando o contexto espacial e descrições da narrativa.

Esses conceitos tentam dar conta de uma questão pragmático-discursiva elementar, a saber: o usuário, em uma dada situação comunicativa, sempre apresenta uma percepção das necessidades do seu interlocutor, e qual seja esta situação de

interação verbal, sempre há, de tudo o que se diz, coisas mais relevantes que outras. Vejamos o exemplo a seguir:

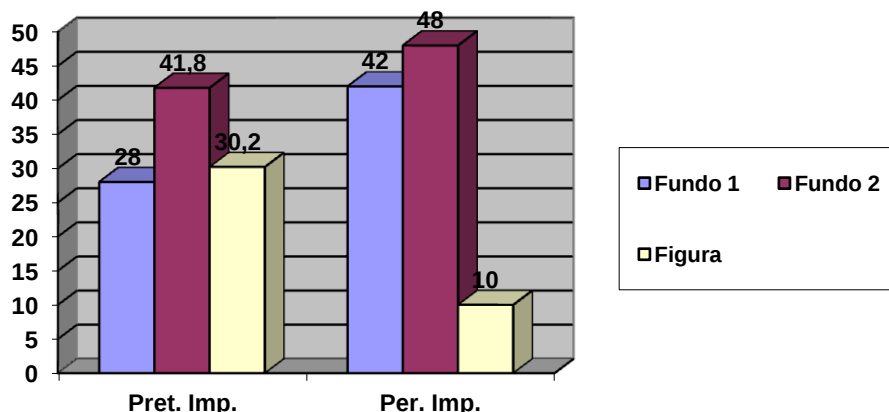
(200) Luego **volvíamos** la cara para poder ver otra vez hacia arriba y miramos las ramas bajas de los amoles que nos **daban** tantita sombra... /Logo **voltávamos** o rosto para cima para poder ver outra vez e vimos os ramos baixos dos amoles que nos **davam** um pouco de sombra.... (*El llano en llamas* – Juan Rulfo)

Em nosso exemplo, a forma verbal imperfectiva (voltávamos) indica a progressão da narrativa, logo, atua como figura. Em contrapartida, a forma imperfectiva (davam) aporta para a localização do cenário do fato narrado, portanto, configura-se como *fundo* da narrativa.

No entanto, em muitos casos, é difícil delimitar com precisão o que é figura e o que é fundo na narrativa, pois não se trata de categorias discretas. Silveira (1997) verificou que os planos não são categorias discretas, mas há uma gradação no que tange à figuricidade – que vai da figura até diferentes tipos de fundo. Chedier (2007), por sua vez, simplifica a proposta de Silveira (1997) e faz o agrupamento das seis categorias em apenas três. Ela mantém a categoria I e reorganiza as categorias II e III em uma categoria que denomina de Fundo I, por estarem mais próximas das características de figura. Ademais, reagrupa as categorias IV, V e VI e as considera como Fundo 2, já que elas estão mais distantes das características de figura.

Em nossa pesquisa, com o objetivo de verificar em quais contextos as formas imperfectivas atuam como fato central (figura) e como informação periférica (fundo), utilizamos a proposta de Chedier (2007). Vejamos, no gráfico a seguir, como se deu, nas narrativas que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, a distribuição das formas verbais do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado.

Gráfico 10: Ocorrência de formas imperfectivas no Plano Textual- Discursivo: Figura/Fundo (%)



No exemplo abaixo, verificamos que a forma imperfectiva “iam”, contribui para a progressão cronológica dos eventos da narrativa. Portanto, atua como *figura* no plano narrativo. Além disso, os resultados apresentados no gráfico acima confirmam que as formas imperfectivas também podem atuar como figura, já que 30,2% das formas de pretérito imperfeito e 10% das perífrases imperfectivas de passado desempenham um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas, nos diversos contos analisados. Nesse sentido, é oportuno discutir a teoria proposta por Hopper e Thompson (1980) para os planos discursivos na narrativa. Pois, segundo os autores, a respeito do gênero narrativo, geralmente, as formas do pretérito perfeito simples e composto (Aspecto perfectivo) têm um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas. Por outro lado, as formas imperfectivas (Aspecto imperfectivo), segundo eles, são utilizadas, para descrever, comentar e apontar detalhes, ou seja, para fornecer elementos que dão sustentação à narrativa, atuando somente como fundo.

(201) Allí **iban** los tres, con la mirada en el suelo, tratando de aprovechar la poca claridad de la noche/ Ali **iam** os três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

No que tange aos percentuais das formas classificadas como fundo 1 (conforme as formas em negrito no exemplo 202 abaixo), verificamos menor ocorrência com dados do pretérito imperfeito: 505 formas, ou seja, 28,% do total das 1803 formas

de pretérito imperfeito encontradas nas narrativas analisadas. Por outro lado, as perífrases imperfectivas de passado apresentaram 122 ocorrências, 42% do total de 290 formas de perífrases que compõem o *corpus* analisado. Verificamos, também, menor ocorrência de formas classificadas como fundo 2 com dados do pretérito imperfeito (conforme as formas em negrito no exemplo 203 abaixo): 754 formas, ou seja, 41,8% do total das 1803 formas de pretérito imperfeito. Por outro lado, as perífrases imperfectivas de passado apresentaram 139 ocorrências, 48% do total de formas perifrásticas.

(202) - Ayer **llovía**, hoy hubo sol, ayer **estaba** triste, hoy va a venir Michele./ - Ontem **chovia**, hoje houve sol, ontem **estava** triste, hoje vai vir Michele. (*Las armas secretas* – Julio Cortázar)

(203)... comprendí que **necesitaba** mi amistad, la amistad de cualquiera. Pero yo no **estaba** en condiciones de brindarle ese consuelo. /... comprendi que **necessitava** de minha amizade, da amizade de qualquer um. Mas eu não **estava** em condições de brindar-lhe esse consolo. (*Clara* – Roberto Bolaño)

Os resultados obtidos em nossa pesquisa apontam que as formas imperfectivas também podem atuar na progressão da narrativa. O narrador pode fazer uso de uma forma imperfectiva, por exemplo, para dar um efeito de lentificação da ação ou, ainda, de suspense na narrativa. Vejamos um exemplo:

(204) Ahora **esgrimía** una navaja e **iba inclinando** lentamente el cuerpo mientras me **miraba** fijamente. / Agora **esgrimia** uma navalha e **ia inclinando** lentamente o corpo enquanto me **olhava** fixamente. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

García Fernández (2004) pontua que, nesses contextos, há uma neutralização do valor aspectual imperfectivo com objetivos de cunho estritamente estilístico, no entanto, encontramos formas atuando na progressão da narrativa, sem conferir um valor que fosse necessariamente estilístico, mas atuando no desenvolvimento do relato. Nesse sentido, podemos sugerir que as formas imperfectivas de passado assumiram novas funções no decorrer do tempo, ou seja, sofreram gramaticalização. Bybee (2003) aponta a seguinte característica para as formas que

sofreram gramaticalização: generalização e abstratização semântica, logo, há o aumento de seus contextos de uso. Por exemplo, as formas imperfectivas de passado, antes usadas apenas como pano de fundo da narrativa, agora, também, podem atuar para a progressão da narrativa.

Se retomarmos as considerações de pesquisadores e gramáticos que estudaram com afinco a relação entre os tempos do passado e a organização discursiva ao longo dos séculos, teremos um panorama da evolução dos usos linguísticos das formas imperfectivas de passado em Espanhol. Uma das primeiras alusões a esse tópico é formulada por Bello (1847) que, ao apontar os usos do co-pretérito (pretérito imperfeito), o situa junto com os adjuntos adverbiais e com outros elementos circunstanciais dos fatos, para decorar o drama, ou seja, para caracterizar os personagens e o cenário da narrativa. Weinrich (1964), na proposta sobre os tempos do mundo narrado, coloca o pretérito imperfeito no fundo da narrativa e o pretérito perfeito na figura. Outros estudiosos, como Alcina & Blecua (1975), Matte Bon (2003) e Cano (2005), corroboram essa tese e afirmam que o pretérito perfeito é usado pelos falantes para sequenciar os fatos. Por outro lado, o imperfeito é utilizado para descrever a cena.

Nossos dados ratificam as considerações de García Fernández (2004), Bertinetto (1986), Gutiérrez Araus (1997), ou seja, houve a especialização das formas imperfectivas, elas passaram a ter seus contextos de uso ampliados, o que, por sua vez, ocasionou aumento na frequência de uso na narração, pois além da descrição de personagens e do cenário, as formas imperfectivas passaram a atuar, também, para a progressão da narrativa e assumiram novas funções (lentificação da ação, frutuação de uma ação iminente, habitual, etc). Nesse contexto, verificamos a neutralização das distinções anteriores relativas às funções primárias (perfectivas x imperfectivas).

Pontes (2009), em sua pesquisa com narrativas produzidas por estudantes universitários brasileiros aprendizes de Espanhol, destaca que formas imperfectivas podem indicar progressão na narrativa e que formas perfectivas podem figurar em circunstâncias secundárias, portanto, como pano de fundo. É necessário, entretanto, que se retomem essas questões em futuras pesquisas com narrativas.

Ademais, é importante destacar que as formas classificadas como fundo 1 estão mais próximas das características de figura, conforme classificação proposta por Chedier (2007). Obtivemos 28% das formas de pretérito imperfeito e 42 % das formas

de perífrases imperfectivas de passado, atuando como fundo 1. Vejamos a ilustração dessas considerações a partir do exemplo a seguir:

(205) **Era** bello, fino, **se llamaba** Esteban, jamás **quería salir** de la casa./ **Era** belo, fino, **se chamava** Esteban, jamais **queria sair** da casa. (*Bruja* – Julio Cortázar)

Nesse exemplo, verificamos que as formas imperfectivas “era”, “se chamava” e “queria sair” apresentam e caracterizam o personagem “Esteban”. Portanto, atuam como fundo 1 no plano narrativo. Essas formas imperfectivas indicam detalhes do personagem criado pela bruxa da narrativa, dão suporte aos fatos que serão narrados.

Vejamos, a seguir, a associação entre o relevo discurso e as funções *categóricas* imperfectivas de passado:

Tabela 05 – Atuação do relevo discursivo na codificação das funções categóricas do passado imperfectivo.

Funções imperfectivas	Fundo 1 Aplicação/ Total/ Percentual	Fundo 2 Aplicação/ Total/Percentual
Iterativa	02/32/6,2%	30/32/93,8%
Presente	10/64/15,6%	54/64/84,4%
Futuro	---	32/32/100%
Simultaneida de	31/65/47,6%	34/65/52,4%
Cortesia	06/06/100%	---
Lúdica	103/188/54,7%	85/188/45,3%
Contrariedade	---	32/32/100%

Em nenhuma das funções sob análise, há dados no plano discursivo figura. Também não há dados em fundo 1 para as funções futuro e contrariedade. Por outro lado, há porcentagens expressivas para a função lúdica (54,7%) e para a cortesia (100%). O fundo 1 constitui o contexto mais favorável para a função lúdica (conforme

exemplo 206), pois neste plano discursivo, há a apresentação do cenário, dos personagens, resumo do que vai ser relatado, fala dos personagens; o que constitui um contexto propício para o uso desta função, já que nela, segundo Gutiérrez Araus (1997), a potencialidade desrealizadora do imperfeito o converte em uma forma idônea para marcar o mundo da fantasia e dos sonhos, ou seja, o falante faz referência a situações que correspondem a uma fantasia, ficção ou figuração e é justamente o fundo 1 o ambiente mais apropriado para a configuração deste mundo da fantasia. Já a função de cortesia (conforme exemplo 207) se presentifica, principalmente, na fala dos personagens.

(206) **Era** divertido, **tomaba** una revista, en busca que le complaciera, **elegía** el lugar preciso y **creaba** cosas por cosa esas predilectas imágenes. / **Era** divertido, **tomava** uma revista, em busca de algo que gostasse, **escolhia** o lugar preciso e **criava** coisa por coisa essas imagens prediletas. (*Bruja* – Julio Cortázar).

(207) No, muchas gracias; yo **quería** un inglés./ Não, obrigado; **queria** um inglês. (*Noventa minutos de rebotica* – Camilo José Cela)

Em contrapartida, o fundo 2 pode ser considerado como o plano discursivo mais favorável para o uso das funções enfocadas, já que reúne orações que especificam um referente ou processo, ou que expressam inferências, ou, ainda, apontam causa, consequência ou adversidade, ou seja, é um contexto mais complexo e subjetivo que abarca uma gama maior de possibilidades de usos imperfectivos. Por conta disso, apresenta as porcentagens mais expressivas para as funções futuro (100%), contrariedade (100%), iterativa (93,8%) e presente (84,4%). Já para simultaneidade (52,4%), podemos sugerir que o uso se deve ao fato de podermos encontrar cláusulas-fundo que especificam o tempo (adjuntos adverbiais e conjunções) e que podem ser utilizadas, acopladas a formas imperfectivas, também, para pontuar a coincidência temporal entre duas ações passadas. A título de ilustração, apresentamos um exemplo para cada função.

(208) A veces me **mandaba** a ver a un jugador./ Às vezes me **mandava** ver um jogador (*La nieve*– Roberto Bolano). *Função iterativa*

(209) Dijo que las flores lo **explicaban** todo. / Disse que as flores **explicavam** tudo. (*La nieve* – Roberto Bolaño). *Função de futuro*

(210) Ahora, el hecho de que nadie le contestara **aumentaba** su martirio. / Agora, o fato de que ninguém lhe respondia **aumentava** seu martírio. (*Sólo vine a hablar por teléfono* – Gabriel García Márquez). *Função de presente*

(211) En una ocasión hablé con su hijo. En otra con Paco. Ambos se **veían** bien, se les **oía** bien, menos nerviosos que yo al menos./ Em uma ocasião falei com o seu filho. Em outra com Paco. **Via**-se e se **ouvía** a ambos bem, menos nervosos que eu, pelo menos. (*Clara* – Roberto Bolaño). *Função de simultaneidade*

(212) ... lo que más **intrigaba** al director era cómo supo Saturno el paredero de su esposa. / ... o que mais **intrigava** o director era como soube Saturno o paradeiro de sua esposa. (*Sólo vine a hablar por telefono* – Gabriel García Márquez). *Função de contrariedade*

Ao finalizarmos esta subseção, constatamos a importância de se analisarem as formas-funções imperfectivas, sob esta perspectiva discursiva atrelada à transitividade e ao Aspecto lexical, o que auxilia na caracterização das formas imperfectivas de passado, bem como na compreensão de seu uso no discurso oral e/ou escrito.

5.2.3.2. Unidades da narrativa

Nesta subseção, analisaremos a relação entre as unidades da narrativa, conforme modelo proposto por Labov (1972b), presentes nos contos literários e as formas do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado. Os estudos de Labov revelaram, nos exemplos reunidos de narrativa natural, uma estrutura relativamente constante que se articula em várias partes. A partir daí, Labov (1972 b) propôs a seguinte divisão para a estrutura de uma narrativa: resumo, orientação, complicação da ação, avaliação, resolução e coda.

O resumo é, aparentemente, um dos componentes menos relevantes da narrativa, podendo estar ausente dos relatos, assim como a orientação e a avaliação.

Labov (1972b) inclui o resumo como um componente a mais da estrutura narrativa e o define como a unidade da narrativa que a sintetiza. De acordo com González (2009), este mecanismo estrutural adverte o interlocutor de que a narração começará e permite que, ao início da narração, já se tome conhecimento, ao menos, parcialmente, do resultado dos acontecimentos. Os verbos que aparecem no resumo, geralmente, estão no pretérito indefinido⁵³. Em nosso *corpus*, não encontramos nenhuma ocorrência de forma imperfectiva de passado, o que ratifica o predomínio de formas perfectivas nessa unidade da narrativa. De acordo com Labov (1972b), este componente da narração é o mais completo do relato, mas muitas narrativas não o apresentam.

Já na orientação, o narrador proporciona informações no que diz respeito ao tempo, ao espaço, aos personagens e as atividades ou condutas da narração. Geralmente, a orientação está na parte inicial, mas pode, também, estar distribuída no decorrer do relato. De acordo com Silva – Corvalán (1987), a orientação, de maneira geral, está marcada por advérbios de tempo ou, ainda, por elementos temporais – geralmente, encontramos o pretérito imperfeito do indicativo. Esses elementos marcam a distância temporal entre o fato narrado e o momento da interação verbal. Das 2083 formas que compõem o *corpus*, encontramos 257 formas de pretérito imperfeito (conforme exemplo abaixo), o que corresponde a 14% do total de formas. Por outro lado, as perífrases imperfectivas de passado não foram encontradas na orientação.

(213) **Montes y yo éramos carne y uña**, siempre juntos en la timba y el café del negro Padilla./ **Montes e eu éramos unha e carne**, sempre juntos na timba e no café do negro Padilla. (*El móvil* – Julio Cortázar)

(214) **Era** bello, fino, **se llamaba** Esteban./ **Era** belo, fino, **se chamava** Esteban. (*Bruja* – Julio Cortázar)

No exemplo (213), podemos observar que a orientação inclui dados dos dois personagens principais do relato, para depois narrar a complicação da ação. No exemplo (214), há a caracterização do personagem criado por uma bruxa, com as características que ela preconizava como ideais para um homem. A orientação proporcionada pelo narrador facilita ao leitor a compreensão dos fatos que serão relatados. Isso não significa

⁵³ De acordo com pesquisas realizadas com narrativa em Espanhol, conforme González (2009).

que a orientação deva ser extremamente obrigatória, mas ela torna a narrativa mais compreensível e exata.

A complicação da ação, segundo González (2009), constitui o núcleo da narrativa, no qual aparecem os diversos fatos narrados, constitui o clímax do relato. Este elemento estrutural se caracteriza pelo uso de sequências ou cláusulas narrativas que apresentam verbos no presente e no passado. Nesta parte, o narrador conta o que aconteceu até chegar ao desfecho. Em nossa pesquisa, dos 2093 dados analisados, 1445 dados, ou seja, 69,2%, estão presentes na complicação da ação. Dessa totalidade, 1170 formas são do pretérito imperfeito, 81%; e 275 de perífrases imperfectivas de passado, ou seja, 19%. Vejamos alguns exemplos:

(215) A veces **se reían**. Otras veces, después de saltar, **se sentaban** en el suelo./ Às vezes **riam**. Outras vezes, depois de pular, **sentavam** no chão. (*La nieve* – Roberto Bolaño)

(216) Parece que el médico **empezaba a escribir** una larga receta.../ Parece que o médico **começava a escrever** uma longa receita. (*Las puertas del cielo* – Julio Cortázar)

No exemplo (215), verificamos que as formas imperfectivas “riam” e “sentavam” contribuem para a progressão cronológica dos eventos da narrativa. No exemplo (216), temos uma forma verbal que expressa um processo dinâmico, mas sem delimitar a sua finalização. Ambas as formas destacadas constituem o núcleo da narrativa e contribuem para que se chegue à resolução do conflito(s) gerado(s) no relato.

A avaliação da narrativa é utilizada pelo narrador para validar sua história, ou seja, para deixar clara a razão do seu relato e do seu objetivo ao narrá-lo. Neste sentido, a avaliação marca a parte central de uma narrativa. Esta unidade não se constitui estritamente uma parte, mas está formada por todos os fragmentos que o narrador utiliza para tornar a história interessante ao seu interlocutor. Os mecanismos de avaliação podem ser: modificadores de intensidade, cláusulas livres, cláusulas livres dentro de cláusulas narrativas ou negações para se referir a acontecimentos que poderiam ter ocorrido, mas não ocorreram. Segundo González (2009), a avaliação retarda o desenvolvimento da narração por meio da utilização de cláusulas não narrativas que mantêm a ação suspensa em um ponto temporal. Por meio da avaliação se narram alguns aspectos da atitude dos falantes ou da importância dos fatos para os

personagens ou para quem conta a história. Os tempos verbais que marcam a avaliação são os pretéritos imperfeito e indefinido; podemos ter, ainda, verbos no presente. Vale salientar que essa unidade da narrativa pode ou não aparecer, bem como o resumo e a coda, pois não são elementos essenciais para a história. Portanto, o narrador pode ou não colocar esses elementos em sua narrativa.

Dos 2093 dados analisados, 307 dados, ou seja, 14,63%, estão presentes na avaliação da narrativa. Dessa totalidade, 292 formas são do pretérito imperfeito, 95,1%; e 15 de perífrases imperfectivas de passado, ou seja, 4,9%. No exemplo abaixo, os trechos de avaliação retardam o desenvolvimento da narração por meio da utilização de cláusulas não narrativas que mantêm a ação suspensa em um ponto temporal. Há a avaliação do ambiente criado pela bruxa, no caso a casa. O narrador considera a casa muito bonita, idéia reforçada por meio do advérbio “verdadeiramente”. Ademais, o narrador avalia como divertido o processo de mobiliar a casa por parte da bruxa. Nesta parte, podemos sugerir que o narrador procura motivar o seu interlocutor a valorizar o fato narrado.

(217) Entonces entró en su casa, que **era** verdaderamente hermosa, y se dedicó a amueblarla poco a poco. **Era** divertido./ Então entrou em sua casa, que **era** verdadeiramente bonita, e se dedicou a mobiliá-la pouco a pouco. **Era** divertido. (*Bruja* – Julio Cortázar)

Destacamos, ainda, a resolução que corresponde à finalização da história, mostra de que forma foi resolvido o problema exposto na complicação da ação. Obtivemos somente 80 dados dos 2093, ou seja, 3,82%. Dessa totalidade, 80 formas são do pretérito imperfeito, o que corresponde a 100% das formas encontradas. Vejamos um exemplo:

(218) Ahora, **esgrimía** una navaja mientras **me miraba** fijamente./ Agora, **esgrimia** uma navalha enquanto **me olhava** fixamente. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

Essa conclusão corresponde à finalização de conflitos, desenvolvidos no decorrer da história. Nesse sentido, podemos afirmar que, neste conto, a narração é finalizada com um fato concreto, o acordo, mas não temos uma reflexão final por parte

do narrador-personagem, ou seja, ele destaca o modo como acabou o conflito, mas não especifica como foi o acordo.

Geralmente, as narrativas finalizam com uma resolução. No entanto, segundo González (2009), em muitas ocasiões, o narrador acrescenta um elemento adicional a sua história (comentário final ou moral da história): a coda, que permite ao interlocutor captar que o relato terminou. Nesse sentido, a coda permite retornar ao tempo presente. A coda é apresentada por meio de cláusulas livres que aparecem ao final da narrativa, para indicar que ela está sendo finalizada. De acordo com Silva-Corvalán (1987), geralmente aparece o pretérito indefinido nesta unidade da narrativa. É importante destacar que a coda e a resolução têm funções que coincidem parcialmente. A primeira aponta, de forma explícita, que o relato acabou com o uso de expressões como: “e assim termina a história”. Por outro lado, a resolução informa o que aconteceu finalmente no relato. Apresentamos um exemplo de coda:

(219) Comprobé a los treinta años que **volvía a ser** vulnerable a pesar de la cama./
Comprovei aos trinta anos que **voltava a ser** vulnerável apesar da cama. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

Neste exemplo, temos a conclusão final a que chega o personagem. Essa conclusão corresponde à finalização de seus conflitos, desenvolvidos no decorrer da história. Nesse sentido, a narração não finaliza com um fato concreto, mas com uma reflexão final por parte do narrador-personagem, ou seja, ao final de tudo, ele retornara ao seu estado inicial de vulnerabilidade. O narrador acrescenta um elemento adicional a sua história (comentário final ou moral da história): a coda, que permitiu ao interlocutor captar que o relato terminou. Encontramos apenas 04 dados de perífrases imperfectivas de passado, ou seja, 0,2%.

Analisemos, agora, a correlação entre as unidades da narrativa e as funções categóricas imperfectivas de passado:

Tabela 06 – Atuação das unidades da narrativa na codificação das funções categóricas do passado imperfeito.

Funções	Complicação	Avaliação
imperfectivas	Aplicação/ Total/ Percentual	Aplicação/ Total/Percentual
Iterativa	32/32/100%	----
Presente	64/64/100%	----
Futuro	29/32/90,6%	03/32/9,4%
Simultaneida de	65/65/100%	---
Cortesia	04/06/66,6%	02/06/33,4%
Lúdica	188/188/100%	---
Contrarieda de	30/32/93,7%	02/32/6,3%

Com base nos dados expostos na tabela acima, podemos verificar que a avaliação da narrativa não constitui um contexto favorável para o uso das funções enfocadas, pois apresentou apenas três funções e com porcentagens muito baixas, a saber: contrariedade (6,3%), futuro (9,4%) e cortesia (33,4%). Nesta unidade, o narrador relata alguns aspectos da atitude dos falantes ou, ainda, pontua a importância dos fatos para os personagens ou para quem conta a história. Nesse sentido, podemos encontrar formas imperfectivas que denotam contrariedade, cortesia por parte de algum personagem, ou, ainda, para indicar a pequena possibilidade de que ocorra um determinado fato no futuro (julgamento por parte do personagem).

Já no que se refere à complicação da ação, esta unidade constitui um ambiente favorável para o uso de todas as funções sob análise. Podemos atribuir este resultado ao fato de esta unidade constituir o núcleo da narrativa, no qual aparecem os diversos fatos narrados e, por conseguinte, os mais variados usos imperfectivos. González (2009) pontua que esta unidade se caracteriza pelo uso de sequências ou cláusulas narrativas que apresentam formas verbais no presente e no passado. Este contexto, também, favorece a ocorrência das outras funções mapeadas, como veremos na seção que trata da variação no passado imperfeito em Espanhol.

5.2.3.3. Tipos de discurso

Na narração, tradicionalmente, existem três formas de citar a fala (discurso) dos personagens: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre. Para incluir os trechos nos quais o discurso se limita à narração dos fatos explicitados na história de cada conto, propomos uma quarta categoria: o discurso do narrador.

O discurso direto é a reprodução literal das palavras do personagem. Em nossa pesquisa, dos 2093 dados analisados, apenas 193 dados, ou seja, 9,23%, estão presentes no discurso direto. Dessa totalidade, todas as formas são do pretérito imperfeito. Analisemos um exemplo:

(220) No, muchas gracias; yo **quería** un inglés./ Não, obrigado; queria um inglês.
(*Noventa minutos de rebotica* – Camilo José Cela)

No exemplo 220, o personagem expressa, de forma direta, a sua insatisfação. Além disso, deixa claro o desejo de que encontrem uma pessoa de nacionalidade inglesa. A forma do pretérito imperfeito é uma forma mais polida que o falante utiliza para se referir ao não cumprimento de sua solicitação.

No discurso indireto (conforme exemplo abaixo), por sua vez, há o conteúdo da fala do personagem relatado pelo narrador. Em nossa pesquisa, dos 2093 dados analisados, obtivemos também poucas ocorrências, somente 32 dados, ou seja, 1,53%. Dessa totalidade, 30 formas são do pretérito imperfeito, 93,7%; e 02 de perífrases imperfectivas de passado, ou seja, 6,3%.

(221) He preguntado al hombre que me lustra los zapatos si no **tenía** miedo de sí mismo./ Perguntei ao homem que lustra meus sapatos se ele não **tinha** medo de si mesmo. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

No exemplo 221, o narrador-personagem relata o que havia perguntado ao seu engraxate. Temos, primeiramente, uma forma do pretérito perfeito composto (He preguntado) e, por último, a forma do pretérito imperfeito que faz referência a uma questão pessoal, ou seja, o fato de o engraxate ter ou não medo de si mesmo, uma

estado que, uma vez adquirido, tende a permanecer estável por muito tempo na vida de uma pessoa.

No discurso indireto livre, temos a fala do personagem que não é destacada pelas aspas, nem introduzida por verbo dicendi ou travessão. A fala surge de repente, no meio da narração, como se fosse do narrador. Encontramos 65 dados de 2093, ou seja, 3,09%. Desse total, todas as ocorrências são do pretérito imperfeito. No exemplo 222 abaixo, não fica claro para o leitor quem fala, se o narrador ou algum personagem. Há, primeiramente, uma forma do pretérito imperfeito, na qual verificamos o questionamento acerca do status de humanidade da bruxa, protagonista do conto. Por último, encontramos as duas formas do pretérito imperfeito no trecho da resposta, fornecida pela mesma voz que levanta a questão no texto.

(222) ¿**Era** un ser humano? Sí lo **era**, sí lo **era**. / Era um ser humano? Sim **era**, sim **era**.
(*Bruja* – Julio Cortázar)

Por fim, apresentamos o discurso do narrador que não faz referência à fala de nenhum personagem, mas se limita a narrar os fatos da história, ou ainda, a tecer comentários sobre os fatos ou sobre os personagens. Dos 2093 dados analisados, muitas ocorrências, 1803 dados, ou seja, 86,15%, estão presentes no discurso do narrador. Deste total, 1515 formas são do pretérito imperfeito, 84%; e 288 ocorrências são de perífrases imperfectivas de passado, ou seja, 16%. Vejamos um exemplo, a título de ilustração:

(223) Una tarde de lluvias primaverales, cuando **viajaba** sola hacia Barcelona conduciendo un automóvil alquilado, María Luz Cervantes sufrió una avería./ Uma tarde de chuvas de primavera, quando **viajava** sozinha próximo a Barcelona conduzindo um carro alugado, María Luz Cervantes, sofreu uma avaria. (*Sólo vine a hablar por teléfono* – Gabriel García Márquez).

Neste exemplo, o narrador introduz seu relato a partir da descrição da cena inicial. Nesta parte introdutória, utiliza a forma imperfectiva “viajava” para referir-se ao momento inicial em que se encontrava a sua protagonista. A continuação, o narrador faz

uso de uma forma do pretérito perfeito “sofreu” para dar sequência à narração dos fatos que irá contar.

Com base no que foi exposto, podemos concluir que as formas imperfectivas de passado, nas narrativas, tendem a ocorrer mais no discurso do narrador, principalmente, a forma perifrástica que se concentrou de forma significativa nesse tipo de discurso. As formas de pretérito imperfeito, apesar de terem sido encontradas nos quatro tipos de discurso, também tendem a se concentrar no discurso narrado. Podemos sugerir que este resultado está relacionado aos planos figura e fundo, já que, apesar de as formas imperfectivas de passado figurarem na progressão da narrativa, tendem a atuar mais como fundo. Portanto, a grande maioria das ocorrências dessas formas tende a aparecer nos trechos relatados pelo narrador.

Passemos, agora, para a correlação entre os tipos de discurso e as funções categóricas imperfectivas de passado.

Tabela 07 – Atuação do tipo de discurso na codificação das funções categóricas do passado imperfectivo.

Funções imperfectivas	Disc. Direto Aplicação/Total/ Percentual	Disc. Indireto Aplicação/Total/ Percentual	Disc. Ind. Livre Aplicação/Total/ Percentual	Disc. Narrador Aplicação/Total/ Percentual
Iterativa	---	---	---	32/32/100%
Presente	---	---	---	64/64/100%
Futuro	---	18/32/56,2%	---	14/32/43,8%
Simultaneidade	---	---	---	65/65/100%
Cortesia	02/06/33,4%	---	---	04/06/66,6%
Lúdica	18/188/9,5%	---	---	170/188/90,5%
Contrariedade	08/32/25%	04/32/12,5%	03/32/9,4%	17/32/53,1%

A partir dos dados expostos na tabela 07, verificamos que apenas a função contrariedade está presente nos quatro tipos de discurso. Para esta função, o discurso do narrador constitui o contexto mais favorável (53,1%), seguido pelo discurso direto com

25%. Podemos atribuir este resultado à questão do espaço dado a estes discursos nos contos analisados, ou seja, ainda que tenhamos encontrado esta função nos outros discursos analisados, ela é mais recorrente nos que têm maior volume textual, neste caso, os discursos do narrador e o direto.

Em relação ao discurso direto, a cortesia figurou como função mais saliente, o que se deve ao fato de, nesta função, geralmente, o falante interpelar o seu interlocutor, ao fazer uma solicitação. Esta pode se dar de forma direta (disc. direto), indireta (disc. indireto), ou, ainda, nas palavras do narrador ao reportar uma situação cortês (disc. do narrador). Já no discurso indireto, a função mais recorrente foi o futuro, o que corrobora a afirmação de Garcés (1997), a partir de seu estudo sobre os usos do imperfeito do indicativo.

Com o discurso indireto livre, encontramos somente uma pequena porcentagem da função de contrariedade (9,4%). Por outro lado, o discurso do narrador resultou como o contexto mais favorável para o uso de todas as funções (menos futuro). Isso se deve ao espaço reservado para este discurso nos contos analisados, ou seja, nele está o cerne da narração e a grande maioria do volume textual, portanto, apresenta-se como um contexto mais complexo e diversificado, o que favorece a ocorrência de uma gama maior de usos imperfectivos.

5.2.3.4. Tipos de relato

Nesta seção, analisaremos a relação entre os tipos de relato, presentes e as formas do pretérito imperfeito e as perífrases imperfectivas de passado. De acordo com Morales (1998), toda narrativa tem o seu marco delimitado pelo tempo e pelo espaço. Nesse sentido, os acontecimentos de um relato podem ser narrados de forma cronológica em que os fatos acontecem (**relato linear**) ou podem se apresentar de forma alternada; ocorre quando o relato da história é iniciado e em determinada parte são narrados fatos passados (**relato retrospectivo**) ou, ainda, são contadas ações futuras (**relato antecipativo**).

No que se refere ao relato linear, dos 2093 dados analisados, obtivemos 692 dados, ou seja, 33,08%. Se compararmos as porcentagens por números de dados em separado, teremos porcentagens diferentes para este tempo, a saber: dos 1803 dados do pretérito imperfeito, 692 formas são do relato linear, o que corresponde a 38,4%. Passemos para a análise de um exemplo em que há a narração dos fatos que se sucedem

de forma cronológica, obedecendo a uma ordem linear. O narrador caracteriza a cena ao mesmo tempo em que conta como o estranho o encontrou.

(224) De pronto sentí ruido de pisadas muy cerca del respaldar de la cama; abrí mis ojos y allí **estaba** frente a mí, el extraño con todo su cuerpo largo como un kilómetro. / De repente senti um ruído de pisadas muito próximo da cama, abri os olhos e ali **estava** diante de mim, o estranho com todo o seu corpo comprido como um quilômetro. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

No que diz respeito ao relato retrospectivo, dos 2093 dados analisados, muitas ocorrências estão presentes, 1401 dados, ou seja, 66,92%. Dessa totalidade, 1111 formas são do pretérito imperfeito, 79,3%; e 290 de perífrases imperfectivas de passado, ou seja, 20,7%. A alta recorrência de formas imperfectivas pode ser observada no excerto abaixo:

(225) Sólo lo hice una vez, dice B, pero entonces comprendí que X **solía recibir** ese tipo de llamadas. Y **creía** que **era** yo./ Somente o fiz uma vez, diz B, mas então compreendi que X **costumava receber** esse tipo de ligação. E **acreditava** que **era** eu. (*Llamadas telefónicas* – Roberto Bolaño)

Não encontramos nenhuma forma imperfectiva de passado em relato de antecipação, o que era esperado, já que nossas formas em estudo remetem ao tempo passado, logo, somente poderiam fazer alusão a um futuro hipotético ou, ainda, condicionado. No entanto, como vimos na seção sobre o mapeamento funcional, só encontramos dados do pretérito imperfeito com valor de futuro em relação ao passado. Para ilustrar o futuro hipotético, vejamos um exemplo de Garcés (1997, p.34):

(226) Su amigo dijo que mañana **se iba** de viaje./ Seu amigo disse que amanhã **ia** de viagem.

Com base no que foi exposto, podemos concluir que as formas imperfectivas de passado, nas narrativas, tendem a ocorrer mais no relato retrospectivo, principalmente, a forma perifrástica. As formas de pretérito imperfeito, apesar de terem sido encontradas no relato linear, também tendem a se concentrar no relato

retrospectivo. Podemos sugerir que este resultado está relacionado à organização discursiva em figura e fundo, já que, apesar de as formas imperfectivas de passado figurarem na progressão da narrativa, tendem a atuar mais como fundo e a grande maioria das ocorrências dessas formas tende a aparecer nos trechos relatados pelo narrador.

Vejamos, agora, a relação entre o tipo de relato e as funções categóricas imperfectivas de passado.

Tabela 08 – Atuação do tipo de relato na codificação das funções categóricas do passado imperfectivo.

Funções imperfectivas	Rel.Retrosp. Aplicação/Total/ Percentual	Rel. Linear Aplicação/Total /Percentual
Iterativa	22/32/68,7%	10/32/31,3%
Presente	----	64/64/100%
Futuro	32/32/100%	---
Simultaneida de	65/65/100%	---
Cortesia	---	06/06/100%
Lúdica	101/188/53,7%	87/188/46,3%
Contrarieda de	12/32/37,5%	20/32/62,5%

Partindo da visualização da tabela acima, podemos perceber que o relato retrospectivo constitui o contexto mais favorável para as funções de futuro (100%), simultaneidade (100%), iterativa (68,7%) e lúdica (53,7%). Para a primeira, podemos atrelar esse contexto categórico ao fato de o uso encontrado para o futuro em nosso *corpus* estar relacionado a um futuro atrelado ao passado, ou seja, a situação é iniciada a partir de um ponto temporal no passado, logo, inevitavelmente, há uma retrospectiva para um momento no passado. Com a simultaneidade, há a coincidência temporal entre duas ações localizadas no passado, portanto, também, há a conexão com o passado. Já com a iterativa a repetição da ação, geralmente, se dá no passado, mas podemos remetê-

la, também, ao presente por meio de um marcador temporal. Na função lúdica, ao embarcar em um mundo imaginário, fantasioso, fictício, há a predominância de recordações, de supostas ações realizadas no passado, bem como de fantasias passadas.

Com o relato linear, obtivemos percentuais significativos para apenas duas funções: presente (100%) e contrariedade (62,5%). Para a primeira, o falante, geralmente, segundo Garcés (1997), reporta uma situação na qual não está muito seguro sobre a sua veracidade. Nesse sentido, podemos sugerir que se além ao relato linear, pois não dispõe de muito conhecimento para relacionar o fato narrado com outros no passado, ou, ainda, para mencionar detalhes anteriores a este fato. Em relação à contrariedade, percebemos somente uma inclinação no estilo dos autores ao preferirem pontuar a contrariedade no decorrer do relato linear.

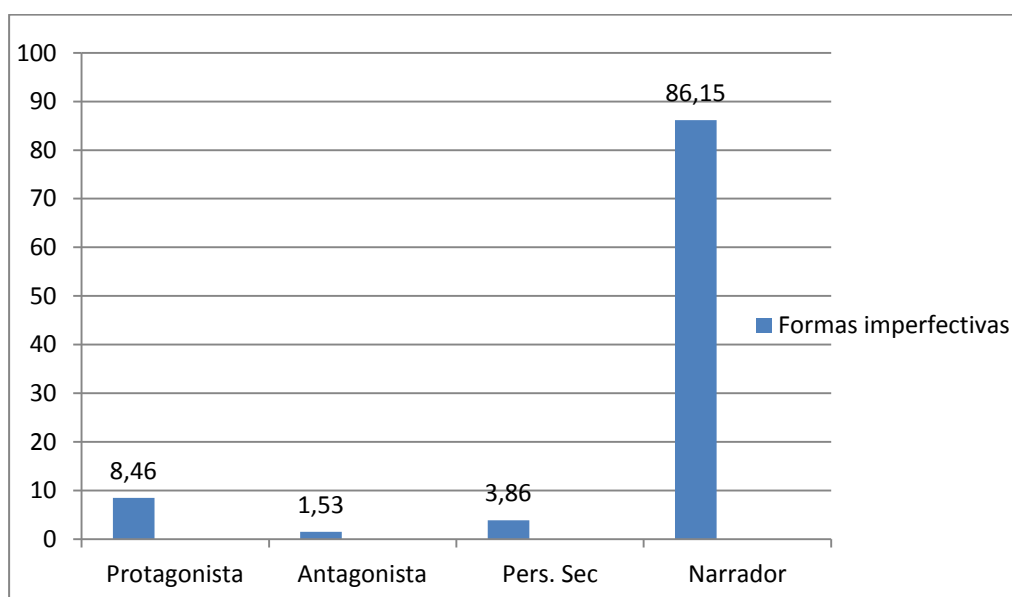
5.2.3.5. Vozes da narrativa

Nesta seção, analisaremos a relação entre as vozes da narrativa e as formas do pretérito imperfeito e as perífrases imperfectivas de passado. Nesse sentido, analisaremos as vozes do protagonista, do antagonista, dos diferentes tipos de narradores e dos personagens secundários.

A narrativa é centrada num conflito vivido pelos personagens. Diante disso, a importância dos personagens na construção do texto é evidente. Pode haver um **protagonista** (personagem principal) e um **antagonista** (personagem que atua contra o protagonista, impedindo-o de alcançar seus objetivos). Há, também, os adjuvantes ou coadjuvantes, esses são **personagens secundários** que também exercem papéis fundamentais na história.

Em nossa pesquisa, dos 2093 dados analisados, 117 formas estão na fala do protagonista (8,46%), 32 formas se referem ao antagonista (1,53%), 81 formas aos personagens secundários (3,86%) e 1803 dados são do narrador (86,15%). Vejamos o gráfico abaixo seguido de exemplos das vozes do protagonista, do antagonista, do narrador e de um personagem secundário.

Gráfico 11: Vozes da narrativa e ocorrência de formas imperfectivas de passado (%)



Seguem exemplos das vozes do protagonista, do antagonista, do narrador e de um personagem secundário dos contos analisados:

(227) Cuando supo que yo **era** chileno se acercó a saludarme./Quando soube que eu **era** chileno veio me saudar . (*La nieve* – Roberto Bolaño)

(228) Y **creía** que **era** yo./E **acreditava** que **era** eu. (*Llamadas telefónicas* – Roberto Bolaño)

(229) Entonces entró en su casa, que **era** verdaderamente hermosa, y se dedicó a amueblarla poco a poco. **Era** divertido./Então entrou em sua casa, que **era** verdadeiramente bonita, e se dedicou a mobiliá-la pouco a pouco. **Era** divertido. (*Bruja* – Julio Cortázar)

(230) Bueno, vos sabés que **estaba** muy mal del pulmón./Bom, tu sabes que **estava** muito mal do pulmão. (*La puertas del cielo* – Julio Cortázar)

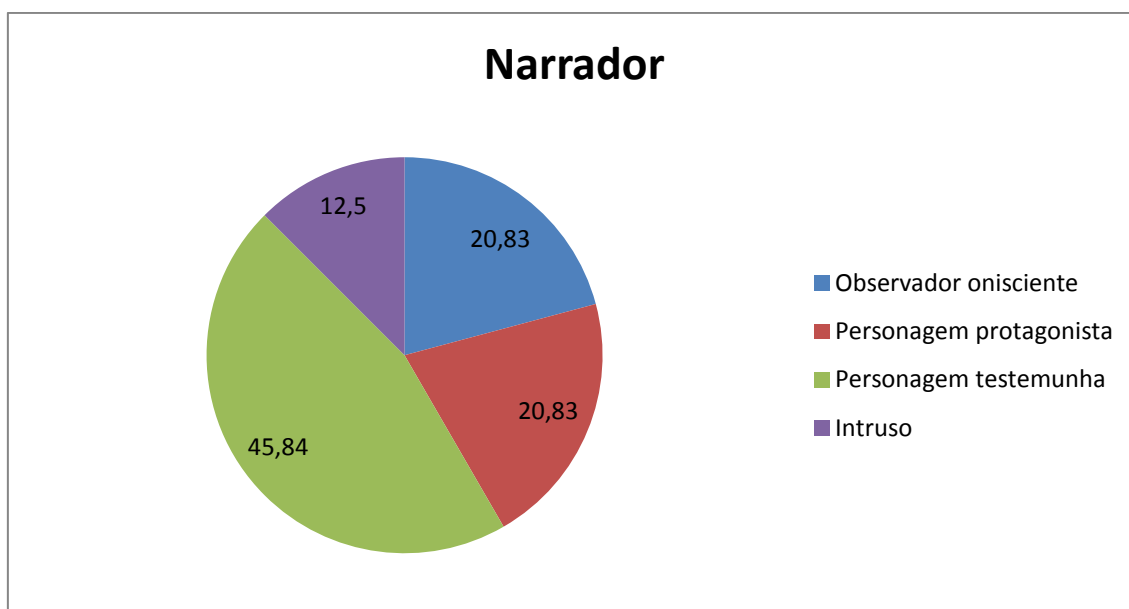
No exemplo (227), o protagonista relata a forma como conheceu a Rogelio. Além disso, deixa claro o motivo pelo qual esse personagem se aproximou dele. No exemplo (228), o antagonista se defende e afirma que o protagonista estava enganado

em relação à autoria das chamadas telefônicas. Já no exemplo (229), encontramos a avaliação do ambiente criado pela bruxa, no caso a casa. O narrador considera a casa muito bonita, ele reforça essa idéia por meio do advérbio “verdadeiramente”. Ademais, o narrador avalia o processo de mobiliar a casa por parte da bruxa, como divertido. No exemplo (230), o doutor Hardoy fala do estado de um dos amigos de Celina.

Por último, vale destacar os tipos de narrador encontrados nos 24 contos que compõem o *corpus* analisado. O narrador, na obra literária, é um ser ficcional criado pelo autor para contar a história e dirige-se a um leitor, também ficcional que é o narratário. Norman Friedman (1955) apresenta seis tipos de narrador: narrador-observador onisciente, narrador-observador câmera, narrador-personagem protagonista, narrador-personagem testemunha, narrador onisciente intruso e narrador onisciente neutro⁵⁴.

Dos 24 contos, conforme gráfico abaixo, obtivemos a seguinte divisão por tipo de narrador: 05 contos com narrador observador onisciente (20,83%), 05 com narrador personagem protagonista (20,83%), 11 com narrador personagem testemunha (45,84%) e 03 contos com narrador intruso (12,5%). Não encontramos, nos contos analisados, as figuras do narrador observador câmera e do narrador neutro.

Gráfico 12: Tipos de narrador (%)



⁵⁴ Ver seção 4.2.3.7. do capítulo de metodologia.

Agora, a título de ilustração, vejamos um exemplo para cada tipo de narrador encontrado nos contos literários:

(231) Comprobé a los treinta años que **volvía a ser** vulnerable a pesar de la cama./
Comprovei aos trinta anos que **voltava a ser** vulnerável apesar da cama. (*El enemigo* – Virgilio Piñera) – *Narrador-personagem protagonista*

(232) Lo que si puedo asegurarles es que el llanto del desgraciado portugués no **estaba provocado** por arrepentimiento de ninguna clase./ O que sim posso lhes assegurar é que o choro do português desgraçado não **estava provocado** por arrependimento de nenhuma classe. (*Marcelo Brito* – Camilo José Cela) – *Narrador onisciente intruso*

(233) Allí **iban** los tres, con la mirada en el suelo, tratando de aprovechar la poca claridad de la noche/ Ali **iam** os três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo) – *Narrador observador onisciente*

(234) Luego **volvíamos** la cara para poder ver otra vez hacia arriba y miramos las ramas bajas de los amoles que nos **daban** tantita sombra... /Logo **voltávamos** o rosto para cima para poder ver outra vez e vimos os ramos baixos dos amoles que nos **davam** um pouco de sombra.... (*El llano en llamas* – Juan Rulfo) – *Narrador personagem testemunha*

Em 231, a conclusão final a que chega o narrador-personagem protagonista corresponde à finalização de seus conflitos, desenvolvidos no decorrer da história. No exemplo 232, podemos perceber que o narrador onisciente intruso coloca-se como bem deseja dentro da narrativa, inclusive dialoga com o leitor. Já no exemplo 233, o narrador-observador onisciente relata os fatos observados por ele e conhece todo o enredo, inclusive os personagens e seus pensamentos. Podemos verificar sua onisciência quando deixa claro que os personagens aproveitam a pouca claridade da noite para seguir viagem. Em 234, encontramos o relato realizado por um personagem que participou da história. Podemos constatar o seu status de narrador personagem testemunha pelo uso que faz da 1ª pessoa do plural, na forma verbal “voltávamos”. Ademais, o narrador ocupa uma posição secundária na narrativa e não tem onisciência dos fatos e dos pensamentos dos outros personagens.

Analiseemos, agora, a correlação entre as vozes da narrativa e as funções categóricas imperfectivas de passado.

Tabela 09 – Atuação das vozes da narrativa na codificação das funções categóricas do passado imperfectivo.

Funções imperfectivas	Narrador Aplicação/Total/ Percentual	Protagonista Aplicação/Total/ Percentual	Pers. Secundário Aplicação/Total/ Percentual
Iterativa	32/32/100%	---	---
Presente	64/64/100%	---	---
Futuro	14/32/43,8%	10/32/31,2%	08/32/25%
Simultaneidade	65/65/100%	---	---
Cortesia	04/06/66,6%	02/06/33,4%	---
Lúdica	170/188/90,5%	12/188/6,4%	06/188/3,1%
Contrariedade	17/32/53,1%	11/32/34,4%	04/32/12,5%

Com base nos dados explicitados na tabela 09, verificamos que a voz do narrador constitui o contexto mais favorável para o uso de todas as funções elencadas. Nesse sentido, como aconteceu no discurso do narrador, podemos sugerir que isso se deve à amplitude dessa voz nos contos analisados, ou seja, ela está presente, de forma predominante, em toda a estrutura da narração e em quase todo o volume textual, portanto, apresenta-se como um contexto mais complexo e diversificado, o que favorece a ocorrência de uma gama maior de usos imperfectivos. Já na voz do personagem principal, há porcentagens mais significativas nas funções de contrariedade (34,4%), cortesia (33,4%) e futuro (31,2%), ou seja, conforme Gutiérrez Araus (1997), quando o protagonista faz uso da sua voz para expressar contrariedade, fazer uma solicitação ou pontuar uma ação futura em relação ao passado, geralmente, faz uso de formas imperfectivas. Isso se repete na voz dos personagens secundários, mas com menor recorrência, no caso das funções de futuro (25%) e de contrariedade (12,5%). Por último, destacamos a presença da função lúdica nos três contextos e de forma gradativa: Narrador (90,5%), protagonista (6,4%) e personagem secundário (3,1%).

Nesta seção, analisamos a correlação entre forma-função nos contextos não variáveis do passado imperfeito em Espanhol. Os dados foram analisados conforme os parâmetros de transitividade, de acordo com Hopper e Thompson (1980); tipos de verbo, conforme Vendler (1957,1967); tipos de modificadores aspectuais; relação figura e fundo, conforme Hopper e Thompson (1980); unidades da narrativa, segundo Labov (1972b); tipos de discurso; tipos de relato e vozes da narrativa literária. Na próxima seção, analisaremos as funções que apresentaram variação, buscaremos os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram o uso das variantes, submetendo os dados a tratamento estatístico através do pacote computacional GOLDVARB.

5.3. Correlação forma-função: análise variacionista

Na etapa de mapeamento funcional, verificamos que o pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado codificam, nos contos analisados, as funções descritiva, habitual, desiderativa e narrativa. Considerando-se que as perífrases imperfectivas de passado e o pretérito imperfeito do indicativo, com base no conceito de regra variável proposto por Labov (1978)⁵⁵, estão em variação, decidimos analisar a competição entre essas formas no *corpus* selecionado para esta pesquisa. Nesse sentido, além de explicitar a regra variável, objetivamos identificar os condicionamentos que favorecem a ocorrência de uma ou outra forma. Em perspectiva Sociofuncionalista, utilizaremos os princípios e métodos da Sociolinguística laboviana atrelados a interpretações funcionalistas dos resultados quantitativos, para verificar as tendências de uso como reflexo da organização do processo comunicativo.

Para alcançarmos tal intento, recorreremos à análise estatística e utilizamos o programa GOLDVARB (2005), do pacote computacional denominado VARBRUL. Por meio desse aparato da estatística, obtivemos os cálculos de frequência das formas sob análise, os pesos relativos e a identificação da ordem de significância dos grupos de fatores testados para cada função. Nas rodadas estatísticas, consideramos o pretérito imperfeito do indicativo como aplicação da regra para as funções descritiva e narrativa, ou seja, como a forma esperada para a codificação da função analisada, e a perífrase imperfectiva para as funções habitual e desiderativa, pois, nas duas primeiras funções,

⁵⁵ De acordo com Labov (1978), duas ou mais formas que, necessariamente, têm o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, ou seja, portam o mesmo significado referencial, constituem uma regra variável.

as formas de pretérito imperfeito foram mais recorrentes, assim como nas duas últimas, obtivemos mais a forma perifrástica. Além disso, como temos muitos grupos de fatores em todas as funções analisadas, resolvemos codificar cada conto por autor, pois essa codificação resultou, em todos os casos, mais significativa nos testes de qui-quadrado⁵⁶. Ademais, excluímos o grupo zona linguística por apresentar sobreposição com os autores dos contos literários, já que cada autor pertence a uma zona específica. Com esses procedimentos, buscamos, também, satisfazer a exigência da navalha de Occam (filósofo medieval Guilherme de Occam), que apregoa que devemos restringir ao mínimo o número de entidades para explicarmos alguma coisa.

Para cada função, foram controlados os seguintes grupos de fatores para evidenciar quais favorecem ou desfavorecem o uso de uma ou outra forma imperfectiva de passado: parâmetros de transitividade, conforme Hopper e Thompson (1980); tipos de verbos, conforme Vendler (1957, 1967); relação figura e fundo (relevo discursivo); unidades da narrativa (Labov, 1972b) e os autores dos contos.

É importante salientar que, nos parâmetros de transitividades, excluímos o Aspecto, já que todas as formas em análise apresentaram o Aspecto imperfectivo. Ademais, para a função habitual, incluímos o grupo de fator denominado modificador aspectual, pois este resultou significativo para a codificação da habitualidade. Passemos, agora, para a análise da variação em cada função analisada.

5.3.1. Variação entre o pretérito imperfeito e a perífrase imperfectiva de passado na função descritiva

A função descritiva, geralmente, está associada ao fundo da narrativa, ou seja, as formas imperfectivas são utilizadas, para descrever, comentar e apontar detalhes. Por meio desta função, o narrador dá sustentação à narrativa, utilizando as formas imperfectivas, neste contexto, como fundo para os acontecimentos que serão narrados.

Na codificação da função descritiva, tivemos de excluir o grupo de fator unidade da narrativa, pois só encontramos as duas formas na complicação da ação. Além disso, houve sobreposição entre os parâmetros de transitividade pontualidade e volitividade, pois apresentaram os mesmos valores e a mesma distribuição para as

⁵⁶ Ver a seção 4.2.4. do capítulo de metodologia desta tese.

formas sob análise. Logo, realizamos duas rodadas separadas: uma excluindo a pontualidade e a outra sem a volitividade. Nesta função, obtivemos, nas duas rodadas, 676 formas de pretérito imperfeito e 32 formas de perífrases imperfectivas de passado. Vejamos dois exemplos que ilustram a variação entre as formas imperfectivas de passado, na codificação da função descritiva:

(235) Entonces entró en su casa, que **era** verdaderamente hermosa./ Então, entrou em sua casa, que **era** verdadeiramente bonita. (*Bruja* – Julio Cortázar)

(236) ... se llamaba Esteban, jamás **quería salir** de la casa./ ... se chamava Esteban, jamais **queria sair** da casa. (*Bruja* – Julio Cortázar)

De todos os grupos testados, o programa selecionou, nessa ordem, como significativos os seguintes: número de argumentos, tipos de verbos, figura e fundo (relevo discursivo), afetamento do objeto, autores dos contos e volitividade. Passemos, agora, às considerações sobre cada grupo. Vejamos o primeiro grupo selecionado:

Tabela 10 – Atuação do número de argumentos no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
+ de 1 Argumento	31/40	77,5	1.000
1 Argumento	645/668	96,6	0.352

A partir dos pesos relativos obtidos, podemos verificar que, com apenas um argumento na oração, há uma menor incidência de formas do pretérito imperfeito do indicativo 0.352, fato que não se repete com a presença de mais de um argumento, pois o peso relativo é 1.000. De modo geral, as formas imperfectivas apresentaram baixos percentuais para este parâmetro, conforme vimos na seção 5.2. deste capítulo, já que, na

narrativa, as formas imperfectivas, geralmente, apresentam apenas um argumento. Quanto maior o número de argumentos, maior será a possibilidade de transferência da ação de um participante para outro e, em geral, são as formas perfectivas que tendem a atuar na transferência de uma ação, no texto narrativo. Hopper e Thompson (1980) atribuem baixos valores de transitividade para as formas imperfectivas de passado e altos valores para as formas perfectivas, como os pretéritos perfeito simples e composto do Espanhol.

Vejamos, agora, os resultados fornecidos para os tipos de verbo, conforme a proposta de Vendler (1957, 1967).

Tabela 11 - Atuação do tipo de verbo no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva.

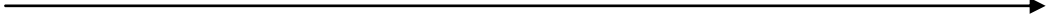
Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Atividade	60/68	88,2	0.997
Culminação	31/33	93,9	0.066
Proc. Culminado	4/7	57,1	0.897
Estado	581/600	96,8	0.368

A correlação entre tipo de verbo e pretérito imperfeito do indicativo é mais significativa com os verbos de atividade, seguida pelos verbos de processo culminado. Se considerarmos a escala de (im)perfectividade, proposta por Givón (2001), verificamos que os verbos de atividade se encaixam na distribuição em relação às formas do pretérito imperfeito, pois estes verbos estão atrelados às formas imperfectivas. De acordo com Givón (2001, p. 287 e 288), a (im)perfectividade pode ser aferida em uma escala gradual, a partir de dois traços: fronteira temporal (nítida vs. difusa) e duração (curta vs. longa):

- (1) Verbos compactos (culminação): em um extremo da escala de perfectividade, estão os verbos que codificam situações cujas fronteiras inicial e final são definidas e coincidentes.
- (2) Verbos de processo culminado: codificam a completude de uma situação. É uma situação com a fronteira final nítida, cuja duração é maior do que a dos verbos de culminação.
- (3) Verbos de atividade: a situação codificada por esse tipo de verbo pode ter as fronteiras inicial e final definidas, mas o foco está na duração.
- (4) Verbos de estado: no outro extremo da escala de (im)perfectividade, verbos de estado focam a duração do evento, sem delimitação das fronteiras.

Vejamos a escala de (Im)perfectividade e marcação proposta por Givón (2001, p.287 e 288):

	Compacto ⁵⁷	Processo Culminado	Atividade	Estado
<i>Fronteira</i>	+	+	+/-	-
<i>Duração</i>	-	+/-	+/-	+



 + Imperfectividade

Com relação à significância de cada tipo de verbo, pudemos verificar que os verbos de atividades favorecem a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo com peso relativo (0.997), seguidos pelos verbos de processo culminado que apresentam peso relativo (0.897). Logo, podemos inferir que as formas do pretérito imperfeito do indicativo tendem a ocorrer, principalmente, em contextos em que os verbos apresentam dinamicidade e cuja duração da situação é maior.

⁵⁷ Givón (2001) refere-se a verbos de curta duração, o que corresponderia, na classificação de Vendler (1957,1967), aos verbos de culminação.

Passemos, agora, para os resultados atrelados ao relevo discursivo:

Tabela 12 - Atuação do relevo discursivo no uso do pret. imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Fundo 1	645/670	96,3	0.444
Fundo 2	31/38	81,6	0.981

O fundo 2 se associa ao pretérito imperfeito do indicativo com um peso bem significativo (0.981). O fundo 1, por sua vez, apresentou-se pouco significativo para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito, com peso (0.444). Na função descritiva, não encontramos dados associados à figura, restringindo-se ao plano discursivo de fundo, o que é esperado em descrições presentes em um texto narrativo, conforme Hopper e Thompson (1980).

O princípio de marcação atua na correlação entre as formas imperfectivas de passado e o relevo discursivo. O fundo 2 apresenta cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo, que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade. Logo, é mais complexo estruturalmente e cognitivamente, pois demanda maior esforço de processamento do que o fundo 1, que está mais próximo da figura e apenas apresenta ou resume o que vai ser relatado; o cenário e os participantes; e a fala dos personagens. Nesse sentido, há a relação entre a forma menos marcada e a situação mais marcada: o pretérito imperfeito do indicativo (forma menos marcada do que as perífrases) com o fundo 2 (contexto marcado).

A tabela a seguir apresenta os resultados associados ao afetamento do objeto

Tabela 13 - Atuação do afetamento do objeto no uso do pret. imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Afetado	91/100	91,0	0.007
Não afetado	585/608	96,2	0.691

Na análise dos dados, temos que o não afetamento do objeto favorece a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo. Obtivemos um peso relativo de 0.691, enquanto que o peso relativo 0.007 restringe o uso do imperfeito do indicativo, ou seja, a presença de um objeto afetado torna o contexto desfavorável para a ocorrência da forma de aplicação em questão. De acordo com Hopper e Thompson (1980), uma situação imperfectiva indica que a ação não chegou ao final, logo, o complemento se encontra parcialmente afetado. Por conta disso, o afetamento do objeto não constitui um contexto favorável para o uso do pretérito imperfeito do indicativo.

Apresentamos, a continuação, os resultados relacionados aos autores dos contos literários:

Tabela 14 – Atuação dos autores dos contos literários no uso do pret. imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Márquez	184/190	96,8	0.411
Bolaño	178/191	93,2	0.633
Piñera	56/60	93,3	0.988

Cortázar	193/196	98,5	0.225
Cela	29/31	93,5	0.285
Rulfo	36/40	90,0	0.333

Os pesos relativos, na tabela acima, evidenciam alto favorecimento do estilo do autor Virgilio Piñera para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo com peso relativo 0.988. Verificamos, ainda, um favorecimento por parte do estilo do autor Roberto Bolaño com o peso relativo 0.633. Já para os outros autores, percebemos uma restrição, pois os pesos relativos não chegaram nem a 0.5, o que seria considerado como um contexto neutro para a ocorrência da forma de aplicação. Com base nos resultados obtidos, podemos inferir que o estilo do autor, mais que a temática de cada conto, é o que influencia no comportamento da variação das formas imperfectivas de passado, nos textos narrativos analisados nesta pesquisa. Nossa hipótese é que esses autores utilizam mais formas do pretérito imperfeito, porque, em seus contos, há valorização pela descrição das situações narradas. De acordo com Matte Bon (2003, p.27), o pretérito imperfeito usa elementos extralinguísticos para caracterizar o contexto situacional de uma informação.

Vejamos, agora, os resultados associados à volitividade:

Tabela 15 – Atuação da volitividade no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Volitivo	91/100	91,0	0.010
Não volitivo	585/608	96,2	0.681

Verificamos que a ausência deste parâmetro de transitividade propicia um ambiente favorável para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo, pois esta ausência apresenta peso relativo de 0.681. Ademais, restringe o uso de perífrases imperfectivas de passado. Podemos deduzir que, quando o falante deixa claro o propósito da enunciação ao interlocutor, na função descritiva, usa, mais frequentemente, perífrases. De acordo com Matte Bon (2003, p. 135), a função das perífrases verbais é a de permitir ao enunciador apresentar o seu ponto de vista sobre os fatos extralinguísticos aos quais faz referência.

Analisaremos, agora, os resultados percentuais dos grupos que não foram selecionados pelo programa estatístico, ou seja, que não foram considerados significativos na competição entre as formas imperfectivas de passado, na codificação da função descritiva. Vale salientar que a discussão dos resultados percentuais é importante para se verificar a pertinência ou não da escolha e controle de determinados grupos de fatores para se avaliar o comportamento das variantes sob análise. Apesar de que não lhes tenha sido atribuído peso relativo, os grupos de fatores podem revelar, pela quantidade de dados e pelos percentuais de frequência, tendências que nos permitem fazer generalizações sobre o comportamento das variantes ou propor que sejam organizadas outras pesquisas e controlados novos grupos de fatores.

Além disso, numa abordagem sociofuncionalista, Tavares (2003) ressalta a importância da frequência das ocorrências, pois, esta é fundamental para o estabelecimento e para a manutenção da gramática de uma língua; para a análise dos estágios do processo de gramaticalização; para o estudo da difusão linguística e social da mudança. Para o uso da forma de aplicação, ou seja, para o pretérito imperfeito do indicativo, foram descartados pelo programa e considerados como não-significativos os seguintes fatores: agentividade, individuação do objeto, modalidade, polaridade, pontualidade e cinese. Vejamos os resultados:

Tabela 16⁵⁸ – Ocorrência de formas do pretérito imperfeito de acordo com a agentividade, individuação do objeto, modalidade, polaridade, pontualidade e cinese.

Parâmetros	Presença	Ausência
	Aplicação/Total/Percentual	Aplicação/Total/Percentual
Agentividade	91/100/91,0%	585/608/96,2%
Individuação	91/100/91,0%	585/608/96,2%
Modalidade <i>realis</i>	585/608/96,2%	91/100/91,0%
Polaridade positiva	585/608/96,2%	91/100/91,0%
Pontualidade	91/100/91,0%	585/608/96,2%
Cinese	31/40/77,5%	645/668/96,6%

A partir dos dados expostos na tabela acima, podemos verificar que a maioria das formas do pretérito imperfeito está relacionada à ausência dos parâmetros de transitividade agentividade, individuação do objeto e pontualidade, que apresentaram os mesmos valores percentuais. Por outra parte, há mais formas de imperfeito associadas a sentenças cuja polaridade é positiva e que apresentam a modalidade *realis*. No entanto, para a presença de todos estes fatores o percentual de frequência é bem próximo do valor fornecido para a ausência, por isso, eles não foram significativos para o fenômeno de variação entre as formas de pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado.

Em relação à cinese, podemos observar que a grande maioria das formas do pretérito imperfeito (645 dados) está associada à ausência deste parâmetro, com um percentual de 96.6% do total de ocorrências. É importante salientar que esse valor pode ser atribuído ao fato de essas formas, na função descritiva, atuarem como fundos 1 e 2 na narrativa, figurando, grande parte das ocorrências, como pano de fundo para os fatos a serem narrados.

Após a análise dos dados sobre a variação entre as formas imperfectivas de passado na função descritiva, podemos caracterizar os contextos favoráveis para a

⁵⁸ Nesta tabela, inserimos os valores das duas rodadas, já que na primeira, havíamos excluído um grupo de fator.

ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo em competição com as perífrases imperfectivas de passado. Favorecem o uso do pretérito imperfeito:

- a) presença de dois ou mais argumentos na oração;
- b) contextos em que os verbos apresentam dinamicidade e duratividade;
- c) cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo, que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade; cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor; opiniões, dúvidas, conclusões;
- d) ausência de objeto afetado na oração;
- e) o estilo do autor, mais que a temática de cada conto (alto favorecimento do autor Virgilio Piñera e, também, favorecimento por parte do autor Roberto Bolaño);
- f) ausência de volitividade.

Os resultados obtidos corroboram constatações de cunho teórico de outros estudos sobre as formas imperfectivas. De acordo com Maldonado (1992), a imperfectividade está presente, principalmente, em contextos que denotam baixos valores de transitividade, como a não – incidência da ação verbal no complemento da oração. No tocante ao Aspecto inerente do verbo, a correlação de verbos dinâmicos e durativos com as formas do pretérito imperfeito do indicativo está em conformidade com os dados do projeto EUROTYP (Bertinetto (2000)) que demonstraram que, no romeno, francês, italiano e espanhol, os falantes tendem a preferir o pretérito imperfeito à forma perifrástica para expressar o valor aspectual progressivo⁵⁹ e durativo. No que diz respeito à volitividade, de acordo com Matte Bon (2003), o falante, quando quer expressar a sua intenção, tende a utilizar as perífrases verbais, logo a ausência de volitividade constitui um contexto favorável para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo, conforme os resultados obtidos. O fato de o fundo 2, típico da

⁵⁹ Descrição de um momento concreto que mostra o desenvolvimento de uma situação, sem informar o seu início e final.

descrição, ser um contexto favorável para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo corrobora as considerações de Matte Bon (2003) sobre os usos deste tempo. Segundo o autor, o falante tende a usar o imperfeito na caracterização de uma situação, bem como nas descrições. Por último, os autores Virgilio Piñera e Roberto Bolaño utilizam mais formas do pretérito imperfeito porque, em seus contos, há uma valorização pela descrição das situações narradas, o que condiz com a proposição de Nunes (2008) de que o tempo linguístico depende do ponto de vista adotado pelo autor da narrativa.

5.3.2. Variação entre o pretérito imperfeito e a perífrase imperfectiva de passado na função narrativa

De acordo com Gutiérrez Araus (1997), na linguagem literária, utilizam-se as formas imperfectivas na progressão das ações da narrativa, quando se quer enfatizar uma determinada ação. Nesse sentido, o autor rompe a norma, com o objetivo de captar a atenção do leitor, e emprega uma forma imperfectiva no lugar de uma perfectiva. Para a análise da função narrativa, realizamos três rodadas estatísticas diferentes, pois houve sobreposição entre a unidade da narrativa e os parâmetros de transitividade modalidade e volitividade: uma excluindo a unidade da narrativa, outra sem a modalidade e a última sem a volitividade. Consideramos o pretérito imperfeito do indicativo como regra de aplicação, pois obtivemos mais ocorrências desse tempo verbal. Na função narrativa, encontramos 644 formas de pretérito imperfeito e 27 formas de perífrases imperfectivas de passado. Vejamos dois exemplos que ilustram a variação entre as formas imperfectivas de passado, na codificação da função narrativa:

(237) Allí **iban** los tres, con la mirada en el suelo, tratando de aprovechar la poca claridad de la noche/ Ali **iam** os três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite. (*La noche que lo dejaron solo* – Juan Rulfo)

(238) ... **proseguía viviendo**, pero al mismo tiempo **empezaba a morirme**. / ... **prossequia vivendo**, mas ao mesmo tempo eu **começava a morrer**. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

De todos os grupos testados, o programa selecionou, na primeira rodada (sem a unidade da narrativa), nessa ordem, como significativos os seguintes grupos de fatores: modalidade, afetamento do objeto, tipos de verbo, polaridade e relevo discursivo. Para a exposição dos resultados, consideramos a primeira rodada, pois selecionou mais grupos. Por fim, consideramos, ainda, os dados do grupo unidade da narrativa da terceira rodada, já que esta apresentou melhor nível de significância estatística. Passemos agora, às considerações sobre cada grupo. Vejamos o primeiro grupo selecionado:

Tabela 17 – Atuação da modalidade *realis* no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<i>Realis</i> ⁶⁰	572/591	96,8	0.273
<i>Irrealis</i>	72/80	90,0	0.999

Os resultados da tabela 17 apontam a correlação entre a presença da modalidade *irrealis* e a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo, há um forte favorecimento para a modalidade *irrealis* com um peso relativo de 0.999. Por outro lado, a modalidade *realis* restringe o uso da forma de aplicação com um peso relativo de 0.273.

Segundo Labov (2001), a narrativa funciona como um método de recapitular a experiência passada através do alinhamento entre uma sequência de proposições e

⁶⁰ Optamos por trabalhar com os termos *realis* e *irrealis* na análise da Modalidade. Conforme a divisão da marcação, proposta por Givón (1995, p. 55), para as modalidades verbais (*realis* x *irrealis* (mais marcada); perfectiva x imperfectiva (mais marcada)).

uma sequência de situações que ocorreram. Neste sentido, a narração pode ser considerada como um texto que expressa uma série de eventos que ocorrem em um determinado tempo, ou seja, a sequência temporal dos fatos relatados pelo narrador, de cada conto analisado, tende a seguir uma ordem. Partindo desse pressuposto, podemos fazer uma correlação com o princípio de iconicidade, mais especificamente, com o subprincípio de sequência. De acordo com Givón (2001), este subprincípio apregoa que a ordem reportada reflete a ordem de ocorrência. Na função narrativa, para que haja a progressão do relato, é necessário que tenhamos uma sequência temporal para os fatos, ou seja, uma juntura temporal da narrativa, conforme Labov e Waletzky (1967). Esta juntura, por sua vez, requer relatos de manifestações de eventos reais por parte do narrador, ou ainda, dos personagens. Por conta disso, é mais frequente o uso de formas perfectivas atreladas à modalidade *realis*. Segundo Back (2008), os usos modais, tempo futuro e negações, característicos de modalidade *irrealis*, na narrativa, não servem como núcleos temporais, quer dizer, não podem figurar como núcleos que garantem a inserção de elementos na juntura temporal. De acordo com Garcés (1997), o pretérito imperfeito do indicativo é utilizado na narrativa literária, na expressão da ação principal do relato, com o objetivo de ressaltar ou de dar ênfase especial para uma determinada ação. Esta afirmação corrobora os resultados obtidos, ou seja, a predileção pelas formas de pretérito imperfeito na competição com a forma perifrástica, para tratar de negações, conjecturas ou hipóteses e considerações sobre um fato narrado. No entanto, é importante pontuarmos que encontramos as duas formas sob análise, também, atuando na progressão da narrativa, sem conferir um valor que fosse necessariamente estilístico, mas, simplesmente, figurando no desenvolvimento das ações relatadas.

Na tabela 18, há os resultados associados ao afetamento do objeto:

Tabela 18 – Atuação do afetamento do objeto no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Afetado	159/167	95,2	0.001
Não-afetado	485/504	96,2	0.902

A partir dos resultados, verificamos que o fator não afetamento do objeto denota um forte favorecimento para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo, obtivemos um peso relativo de 0.902, enquanto que o afetamento mostra peso relativo de 0.001, o que significa uma forte restrição para o uso do imperfeito do indicativo, ou seja, a presença de um objeto afetado torna o contexto desfavorável para a ocorrência da forma de aplicação em questão. Podemos atribuir à ausência de afetamento do objeto um ambiente propício para a variação entre formas imperfectivas, pois a situação imperfectiva não indica a finalização da ação desencadeada, logo, não saberemos se o objeto foi afetado completamente. Neste caso, geralmente, o falante atribui à forma imperfectiva um afetamento parcial do objeto, conforme Maldonado (1992).

A tabela 19 apresenta os resultados relacionados ao tipo de verbo:

Tabela 19 – Atuação do tipo de verbo no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Atividade	341/351	97,2	0.146
Culminação	68/74	91,9	0.989
Processo	89/97	91,8	0.998
Culminado			
Estado	146/149	98,0	0.106

Com base na visualização dos dados da tabela acima, verificamos que, na função narrativa, os verbos de processo culminado e culminação favorecem fortemente a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo com pesos relativos, respectivamente, de 0.998 e de 0.989. Logo, podemos inferir que as formas do pretérito imperfeito do indicativo tendem a ocorrer, principalmente, em contextos em que os

verbos apresentam dinamicidade e denotam, em seu significado lexical inerente, a finalização da ação. Esta correlação já era esperada, pois estamos analisando formas usadas na progressão da narrativa.

García Fernández (2004) atribui esse valor narrativo, de cunho puramente estilístico, aos contextos nos quais formas imperfectivas apresentam valor de Aspecto perfectivo. Segundo o autor, nesses contextos também há uma neutralização do valor aspectual imperfectivo. De acordo com Delfito e Bertinetto (1995, p. 337): “a telicidade é uma função de seu significado léxico. Isto quer dizer que independentemente da realização aspectual em que apareçam, os verbos de culminação sempre pressupõem a consequência do *telos*”. Nesse sentido, o uso de formas imperfectivas com verbos de culminação aparecerá em contextos específicos (habitualidade, frustração iminente da ação, etc.) que propiciem esta combinação, por exemplo, quando o falante tiver a intenção de tratar de uma ação iminente frustrada. De acordo com os resultados obtidos, verificamos que as formas imperfectivas passaram a figurar em contextos de formas perfectivas, mas não só para conferir um valor estilístico. O que percebemos é que essas formas assumiram novas funções, conforme discutimos na seção 5.1. deste capítulo.

Vejamos, agora, os resultados atrelados à polaridade:

Tabela 20 – Atuação da polaridade no uso do pret. imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Positiva	557/576	96,7	0.289
Negativa	87/95	91,6	0.996

Sentenças cuja polaridade é negativa favorecem a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo em competição com a forma perifrástica, na codificação da função narrativa. Se levarmos em consideração o princípio de marcação de Givón (1995, 2001), há o critério de complexidade estrutural que caracteriza a sentença negativa como marcada em relação à sentença afirmativa e, considerando,

ainda, as formas sob análise, temos a perífrase imperfectiva marcada em comparação com o pretérito imperfeito do indicativo. Os resultados dos pesos relativos corroboram o princípio de expressividade retórica proposto por Dubois e Votre (1994). Conforme os autores, um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Nesse sentido, formas marcadas podem tender a ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Logo, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual, ou seja, o pretérito imperfeito do indicativo (estrutura menos marcada), que é considerado como estrutura mais simples em relação às perífrases imperfectivas, tende a aparecer em sentenças negativas (contexto marcado em relação às sentenças afirmativas).

Passemos, agora, para os resultados atrelados ao relevo discursivo:

Tabela 21 – Atuação do relevo discursivo no uso do pret. imperfeito *versus* a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Figura	485/504	96,2	0.868
Fundo1	159/167	95,2	0.003

Os pesos relativos, na tabela 21, evidenciam alto favorecimento por parte do plano discursivo figura para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo, com peso relativo 0.868. Por outro lado, no fundo 1, há uma forte restrição para o uso desta forma, com peso relativo 0.003. O critério de complexidade estrutural (princípio de marcação – Givón, 1995; 2001) pressupõe que o plano discursivo figura é marcado em relação ao fundo 1, já que este está mais próximo da figura e apresenta apenas algumas características do fundo, logo, é mais simples estruturalmente que a figura, conforme Chedier (2007). Vale destacar ainda, que a figura é o contexto marcado para a imperfectividade e de acordo com Givón (1995) a marcação é contextual, nesse caso entre figura e fundo 1, consideramos a figura como contexto marcado. De acordo com Givón (1991, p. 38), na concepção do princípio meta-icônico

de marcação: “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas”. Considerando, ainda, que, na expressão do passado imperfectivo em Espanhol, há uma forma estruturalmente mais marcada (perífrase) do que a outra (pretérito imperfeito do indicativo) e, também, com base nos resultados fornecidos pelo programa estatístico, em uma análise multivariada, podemos verificar que os resultados apontam para o equilíbrio cognitivo, assim como na polaridade, ou seja, formas mais marcadas tendem a ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas aparecem em contextos mais marcados. Portanto, o pretérito imperfeito do indicativo (estrutura menos marcada), que é considerado como estrutura mais simples em relação às perífrases imperfectivas, tende a aparecer no plano discursivo figura (contexto marcado em relação ao fundo¹).

Deter-nos-emos, agora, aos resultados atrelados à unidade da narrativa:

Tabela 22 – Atuação da unidade da narrativa no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa⁶¹.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Complicação	639/664	96,2	0.491
Avaliação	5/7	71,4	0.967

É importante destacar, primeiramente, que somente essas duas unidades da narrativa apresentaram as duas formas de passado imperfectivo sob análise. Verificamos que a grande maioria dos dados se encontra na complicação da ação, que apresenta um peso relativo perto de 0.5, o que denota um caráter mais neutro no tocante à variação entre a forma simples e a forma perifrástica. Já a avaliação apresenta um forte favorecimento para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo, com um peso relativo de 0.967. Esse resultado confirma as considerações de González (2009). A autora, em sua pesquisa com narrativas de experiências pessoais de adolescentes, encontrou, na avaliação da narrativa, formas do pretérito imperfeito, do pretérito perfeito simples e do presente do indicativo.

⁶¹ Valores obtidos na terceira rodada, já que na primeira rodada havíamos excluído este grupo.

Na análise multivariada das formas do pretérito imperfeito do indicativo em competição com as perífrases imperfectivas de passado, foram descartados pelo programa estatístico e considerados como não-significativos, por ordem decrescente de significância estatística, os seguintes grupos de fatores: agentividade, individuação do objeto, volitividade, pontualidade, cinese, autores dos contos literários e número de argumentos, para os quais apresentamos, na tabela a seguir, resultados percentuais.

Tabela 23 – Ocorrência de formas do pretérito imperfeito de acordo com os seguintes parâmetros de transitividade: agentividade, individuação do objeto, volitividade, pontualidade, cinese e número de argumentos.

Parâmetros	Presença	Ausência
	Aplicação/Total/Percentual	Aplicação/Total/Percentual
Agentividade	159/167/95,2%	485/504/96,2%
Individuação	485/504/96,2	159/167/95,2%
Volitividade	159/167/95,2%	485/504/96,2%
Pontualidade	159/167/95,2%	485/504/96,2%
Cinese	159/167/95,2%	485/504/96,2%
2 ou + argumentos	159/167/95,2%	485/504/96,2%

Considerando os valores percentuais de frequência, explicitados na tabela 23, podemos constatar que os percentuais para a presença (95,2%) e para ausência (96,2%) destes parâmetros são muito próximos. Por conta disso, estes fatores não foram significativos para o fenômeno de variação entre as formas de pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado. Podemos deduzir, então, que estes parâmetros de transitividade não influenciam na competição entre as formas sob análise, na codificação da função narrativa, o que pode ser atribuído ao fato de as formas imperfectivas, de modo geral, apresentarem baixa transitividade, conforme Hopper e Thompson (1980). Os autores consideram a imperfectividade um indicador de baixa transitividade porque a transmissão da ação não se dá de forma plena, pois a finalização da ação não é informada. De acordo com Maldonado (1992), o Aspecto imperfectivo ocupa uma posição central entre os indicadores de baixa transitividade. Para a

individualuação do objeto, verificamos que os valores são inversamente proporcionais aos fornecidos para os outros parâmetros de transitividade, apresentados nesta tabela, mas obtivemos valores percentuais bem próximos, logo, esse fator, também, não é relevante para o fenômeno de variação das formas analisadas.

Deter-nos-emos, agora, nos valores percentuais associados aos autores dos contos literários:

Tabela 24 – Ocorrência de formas do pretérito imperfeito de acordo com os autores dos contos literários.

Fatores	Aplicação/Total.	Percentual
Márquez	96/100	96,0
Cela	21/23	91,3
Rulfo	63/67	94,0
Piñera	87/93	93,5
Bolaño	146/152	96,1
Cortázar	231/236	97,9

Analisando os valores percentuais na tabela acima, podemos verificar valores muito próximos para o estilo dos autores explicitados, por conta disso, o programa considerou esse grupo de fator como não significativo para a competição entre as formas sob análise, na codificação da função narrativa.

No que tange à competição entre as formas imperfectivas de passado na função narrativa, apresentamos a continuação, por ordem de significância estatística, os

contextos que favorecem a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo em competição com a forma perifrástica:

- a) modalidade *irrealis*;
- b) não-afetamento do objeto;
- c) verbos que apresentam dinamicidade e que denotam, em seu significado léxico inerente, a finalização da ação;
- d) sentenças cuja polaridade é negativa;
- e) plano discursivo figura;
- f) avaliação da narrativa.

Gutiérrez Araus (1997) atribui às formas de pretérito imperfeito o papel da progressão das ações, na função narrativa, por conta disso, as formas do imperfeito estão atreladas aos verbos dinâmicos. González (2009), em sua pesquisa com narrativas orais, encontrou, na avaliação da narrativa, mais formas de pretérito imperfeito. Sentenças negativas constituem um contexto mais complexo em relação às sentenças afirmativas, por isso, encontramos mais as formas do imperfeito (menos marcadas em relação às perífrases) nas sentenças cuja polaridade é negativa, conforme o princípio de equilíbrio cognitivo (Dubois e Votré (1994). As formas do imperfeito do indicativo (forma não marcada) tendem a ocorrer no contexto mais marcado (modalidade *irrealis* – *mais marcada*, conforme Givón, 1995). Nossos resultados corroboram o exposto.

5.3.3. Variação entre o pretérito imperfeito e a perífrase imperfectiva de passado na função habitual

A função habitual indica uma situação cuja repetição se dá de forma regular, o que gera um hábito ou costume. De acordo com Garcés (1997), quando a ação expressa pelo verbo se repete de modo habitual, o verbo costuma ir acompanhado por modificadores temporais. Na codificação da função habitual, incluímos o grupo de fator

modificador aspectual, pois resultou significativo para a codificação da habitualidade, principalmente, no tocante às perífrases imperfectivas de passado. Ademais, no grupo tipo de verbo, fizemos a amalgamação dos verbos de culminação com os de processo culminado. Dessa forma, eliminamos o nocaute e obtivemos valores mais significativos nos testes de qui-quadrado⁶². Consideramos as perífrases imperfectivas de passado como regra de aplicação, pois obtivemos mais ocorrências dessas formas: 97 dados contra 29 de pretérito imperfeito. Vejamos dois exemplos que ilustram essa função.

(239) **Solía soñar** con ratas, **solía oírlos** por la noche en su cuarto, y durante meses.../
Costumava sonhar com ratos, **costumava ouví-los** à noite em seu quarto, e durante meses... (*Clara* – Roberto Bolaño)

(240) Ese vicio solitario **se hacía** aún más solitario. / Esse vício solitário **ficava** ainda mais solitário. (*El enemigo* – Virgilio Piñera)

De todos os grupos testados, o programa selecionou, nessa ordem, como significativos os seguintes: autores dos contos, agentividade, pontualidade, modificador aspectual e tipo de verbo. Passemos agora, às considerações sobre cada grupo. Vejamos o primeiro grupo selecionado:

Tabela 25 – Atuação dos autores dos contos literários no uso da perífrase imperfectiva versus o pret. imperfeito na codificação da função habitual.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Márquez	48/51	94,1	0.855
Bolaño	4/7	57,1	0.130
Piñera	16/21	76,2	0.635

⁶² Ver a seção 4.2.4. do capítulo de metodologia desta tese

Cortázar	29/47	61,7	0.131
-----------------	-------	------	-------

Com base nos valores dos pesos relativos explicitados na tabela acima, podemos verificar alto favorecimento do estilo do autor Gabriel García Márquez para a ocorrência de perífrases imperfectivas de passado, com peso relativo 0.855. Verificamos, ainda, favorecimento por parte do estilo do autor Virgílio Piñera com o peso relativo 0.635; já para os outros autores, percebemos uma forte restrição, pois os pesos relativos encontrados foram baixíssimos. Virgilio Piñera, para a função descritiva, tende a utilizar mais formas de pretérito imperfeito. Por outro lado, para a função habitual, em seus contos e nos de Gabriel García Márquez, há o predomínio de perífrases imperfectivas de passado. De acordo com Weinrich (1973), os tempos verbais situam o leitor no processo comunicacional da linguagem. Desse modo, o pretérito imperfeito indica um distanciamento sobre o que se está narrando. Nesse sentido, em uma descrição, a voz do narrador lembra a fala do contador de histórias não só pela distância em relação ao fato narrado, que se fundamenta pelo uso frequente do verbo no pretérito imperfeito, mas pelo uso de adjetivos, advérbios e de elementos que compõem a cena descrita. Em um texto descritivo, há a influencia dos conhecimentos prévios e culturais sobre o fato narrado. As perífrases verbais, de modo geral, exigem maior esforço (forma mais complexa estruturalmente e cognitivamente (Givón, 2001)). Por outro lado, o uso de uma forma simples, permite uma descrição menos comprometida, conforme Genta (2008). No caso do estilo de Virgílio Piñera, percebemos uma valorização da descrição em seu relato, o que justifica a predileção pelo uso de formas do pretérito imperfeito, pois se trata de um relato curto de estrutura narrativa mais simples (conto). De acordo com Genta (2008), a escolha de uma forma perifrástica não constitui uma simples opção estilística, mas uma estratégia plena de significado, logo, com a eleição da perífrase imperfectiva de passado, Virgilio Piñera e Gabriel García Márquez buscam marcar a habitualidade de um estado de coisas em seus contos.

A tabela a seguir apresenta os resultados associados à agentividade:

Tabela 26 – Atuação da agentividade no uso da perífrase imperfectiva versus o pret. imperfeito na codificação da função habitual.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Agentivo	31/38	81,6	1.000
Não-agentivo	66/88	75,0	0.031

Na análise dos dados, a presença de um sujeito agentivo favorece fortemente a ocorrência de perífrases imperfectivas de passado, obtivemos um peso relativo de 1.000, enquanto que a ausência deste parâmetro, com peso relativo 0.031, restringe o uso das perífrases, ou seja, a presença de um sujeito agentivo torna o contexto favorável para a ocorrência da forma de aplicação em questão. Nesta rodada, obtivemos o peso relativo igual a 1, o que constitui, conforme Guy e Zilles (2007), praticamente, um nocaute positivo, ou seja, a presença de agentividade constitui um contexto em que a regra variável sempre será aplicada. É importante, destacar, ainda, segundo os autores, que esses dados, praticamente categóricos, devem ser relatados, pois desempenham um papel significativo em processos de mudança e merecem ser discutidos. No caso do passado imperfectivo em Espanhol, o potencial agentivo do sujeito na oração pode constituir, no texto narrativo, um contexto categórico para a ocorrência da forma perifrástica na codificação da função habitual. Torres Cacoullós (2001) ao estudar, diacronicamente, a perífrase estar + gerúndio, no Espanhol falado do México, verificou que essa forma perdeu o sentido locativo espacial original devido a um processo de gramaticalização, e ampliou o sentido aspectual para imperfectivo. O autor identificou, ainda, vários usos imperfectivos para essa perífrase, tais como os valores progressivo e habitual. Portanto, seria oportuna a realização de um estudo sobre a trajetória de gramaticalização das formas imperfectivas de passado que codificam a função habitual, para que possamos compreender melhor o processo de mudança dessas formas.

De acordo com Bergareche (2004), as perífrases habituais, em Espanhol, referem-se a ações-processos (hábitos) simultâneos ao momento de fala (perspectiva de presente) ou, ainda, a situações habituais ocorridas em um momento anterior ao da fala e, neste caso, denotam imperfectividade (Comrie, 1976); daí o porquê de selecionarem um sujeito agentivo e um verbo com aspecto durativo. A proeminência da propriedade

de agentividade se deve, também, ao fato de que uma história é, em geral, desenvolvida por personagens que realizam ações e que, deliberadamente, desencadeiam eventos durativos e dinâmicos, por conta disso as perífrases habituais estão associadas, principalmente, aos verbos de atividade e de processo culminado, como veremos mais adiante.

Apresentamos a continuação os resultados relacionados à pontualidade:

Tabela 27 – Atuação da pontualidade no uso da perífrase imperfectiva versus o pret. imperfeito na codificação da função habitual.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Pontual	9/16	56,2	0.000
Não-pontual	88/110	80,0	0.762

A partir dos pesos relativos obtidos, podemos verificar que as formas verbais que denotam ações pontuais restringem fortemente o uso de perífrases imperfectivas de passado, obtivemos peso relativo 0.000 (nocaute), o que indica que, em contextos cuja ação é pontual, dificilmente encontraremos perífrases imperfectivas na codificação da função habitual. Fato que não se repete com a presença de formas verbais que denotam ações de longa duração, pois o peso relativo para a ausência de pontualidade é de 0.762.

De acordo com Maldonado (1992), a imperfectividade da habitualidade reside no fato de que a série de repetições configura um processo que está em desenvolvimento, para o qual, não há referências no que diz respeito ao início e ao fim. Nesse sentido, constatamos que as perífrases imperfectivas, na habitualidade, estão atreladas a situações dinâmicas e duradouras. Ademais, segundo García González (1992), a interpretação mais clássica para muitas perífrases, em Espanhol, como as de gerúndio, é a de valor aspectual progressivo, ou seja, a descrição de uma situação sem informar o seu início e o seu desfecho. Genta (2008), em seu estudo sobre a perífrase

estar + gerúndio, afirma que esta perífrase apresenta o valor de aspectual progressivo e, conforme Bergareche (2004), juntamente com a perífrase *ir+a+infinitivo*, são as perífrases de maior frequência no Espanhol.

Passemos, agora, para os resultados atrelados ao modificador aspectual:

Tabela 28 – Atuação do uso de modificador aspectual no uso da perífrase imperfectiva *versus* o pret. imperfeito na codificação da função habitual.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Presença	77/99	77,8	0.791
Ausência	20/27	74,1	0.008

Os pesos relativos, na tabela, evidenciam favorecimento do uso de modificar aspectual para a ocorrência de perífrases imperfectivas de passado, com peso relativo 0.791. Por outro lado, a ausência do modificador aspectual representa uma forte restrição para o uso das perífrases, com peso relativo 0.008. Esse resultado já era esperado, pois, tomando-se por base a perspectiva da composicionalidade do Aspecto, os marcadores aspectuais nos auxiliam na leitura aspectual da situação, pois fornecem indícios sobre os valores aspectuais. No caso da habitualidade, muitas sentenças resultam ambíguas entre habitualidade e iteratividade. Para resolver essa ambiguidade, recorreremos à leitura composicional aspectual. Nessa perspectiva, conforme Wachowicz (2003), os modificadores e o contexto desempenham um papel fundamental na escolha entre uma leitura habitual ou iterativa. Por exemplo, os adjuntos adverbiais de tempo podem funcionar, acoplados a uma forma de passado imperfectivo, como coordenada temporal para o passado imperfectivo, caracterizando um período de tempo em que determinada ação se repete de forma contínua.

De acordo com Garcés (1997), quando uma ação se repete de modo habitual, o verbo, geralmente, vai acompanhado por marcadores temporais que indicam frequência, tais como: *cada dia, frequentemente, normalmente, todos os dias, sempre*, entre outros. Lenci e Bertinetto (2000) estudaram a habitualidade e a sua

compatibilidade com as diferentes classes de advérbios e chamam atenção para a combinação dos advérbios de tempo, como “sempre”, com as perífrases, o que justifica o fato de a presença dos modificadores aspectuais favorecer a ocorrência de perífrases imperfectivas de passado.

Vejamos, agora, os resultados fornecidos para a tipologia verbal analisada.

Tabela 29 – Atuação do tipo de verbo no uso da perífrase imperfectiva *versus* o pret. imperfeito na codificação da função habitual.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Atividade	43/51	84,3	0.731
Culminação/Processo	23/28	82,1	0.543
Culminado			
Estado	31/47	66,0	0.234

Podemos verificar que os verbos de atividade favorecem a ocorrência de perífrases imperfectivas de passado com peso relativo 0.731, seguidos pelos verbos de processo culminado amalgamados⁶³ com os verbos de culminação que apresentaram peso relativo 0.543. Por outro lado, os verbos de estado apresentam uma forte restrição para o uso das perífrases imperfectivas de passado, com peso relativo 0.234. Logo, podemos deduzir que as formas perifrásticas tendem a ocorrer, principalmente, em contextos em que os verbos apresentam dinamicidade. Bergareche (2004), em seu estudo sobre a interpretação das perífrases aspectuais do Espanhol, afirma que a leitura progressiva⁶⁴ está associada fundamentalmente a verbos durativos, que, mais frequentemente, estão associados aos verbos de atividade e de processo culminado. Por outro lado, a exigência de um verbo durativo restringe o uso do valor progressivo

⁶³ Estes grupos foram amalgamados para evitar nocautes nas rodadas e porque juntos são mais significativos estatisticamente.

⁶⁴ Descrição de um momento concreto que mostra o desenvolvimento de uma situação, sem informar o seu início e final.

associado aos verbos de culminação, a menos que façamos referência a um momento imediatamente anterior ao verbo de culminação. Neste caso, cabe a combinação com a perífrase progressiva, como podemos verificar no exemplo dado por Bergareche (2004, p.540):

(241) El tren **está llegando** en este mismo momento. / O trem **está chegando** neste momento.

Segundo o autor, também é possível o uso de perífrases imperfectivas com verbos de estado. Neste contexto, teremos uma interpretação mais dinâmica, ou seja, não teremos um estado, mas um comportamento ou, ainda, uma atitude. Vejamos um dos exemplos explorados por Bergareche (2004, p.540):

(242) Últimamente, **estás siendo** una estúpida./ Ultimamente, **estás sendo** uma estúpida.

Segundo Bergareche (2004), neste exemplo, há uma descrição geral que supõe uma ocorrência frequente e típica desse comportamento. Nesse sentido, a interpretação progressiva e de ocorrência única é diluída em benefício de uma leitura habitual. No entanto, não estamos completamente de acordo, pois a depender do contexto comunicativo, podemos interpretar essa situação, também, como uma atitude episódica e não somente como um hábito.

Para o uso das perífrases imperfectivas de passado em competição com as formas do pretérito imperfeito do indicativo, foram descartados pelo programa e considerados como não-significativos os seguintes grupos de fatores: parâmetros de transitividade cinesa, número de argumentos, modalidade, polaridade, volitividade, afetamento do objeto e individuação do objeto (conforme tabela 30); relevo narrativo – figura e fundo (conforme tabela 31) e unidade da narrativa (conforme tabela 32).

Tabela 30 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com cinesa, número de argumentos, modalidade, polaridade, volitividade, afetamento do objeto e individuação do objeto.

Parâmetros	Presença	Ausência
	Aplicação/Total/Percentual	Aplicação/Total/Percentual
Cinese	14/21/66,7%	83/105/79,0%
2 ou + Argumentos.	12/19/63,2%	85/107/79,4%
Modalidade <i>realis</i>	86/108/79,6%	11/18/61,1%
Polaridade Positiva	86/108/79,6%	11/18/61,1%
Volitividade	11/18/61,1%	86/108/79,6%
Afetamento	11/18/61,1%	86/108/79,6%
Individuação	66/88/75,0%	31/38/81,6%

A partir dos dados percentuais expostos na tabela acima, podemos verificar que há uma maior recorrência de perífrases imperfectivas de passado relacionada à ausência de cinese. No entanto, o percentual para a presença é próximo do percentual de ausência, logo, este fator não foi significativo para o fenômeno de variação entre as formas de pretérito imperfeito do indicativo e as perífrases imperfectivas de passado.

No tocante ao número de argumentos, verificamos que, com apenas um argumento, há maior recorrência de perífrases imperfectivas de passado. Contudo, esse fator não é relevante no fenômeno de variação das formas analisadas, o que pode ser atribuído ao fato de os percentuais estarem próximos, e ao fato de as formas imperfectivas, de modo geral, conforme Hopper e Thompson (1980), apresentarem baixa transitividade para este parâmetro.

Com relação à modalidade, podemos observar que a maioria das perífrases imperfectivas de passado está associada à presença da modalidade *realis*, com um percentual de 79.6% do total de ocorrências. Apesar de não ter sido selecionado como grupo significativo, é importante pontuarmos que o percentual de formas das perífrases imperfectivas atrelado a fatos habituais, realizados no passado, está em conformidade com o que afirma Matte Bon (2003). De acordo com o autor, é recorrente o uso de formas imperfectivas para tratar de acontecimentos habituais no passado.

No que diz respeito à polaridade, verificamos que a maioria das ocorrências se dá em sentenças cuja polaridade é positiva com 79.6% do total de formas. No entanto, este grupo de fator não é significativo no que tange à competição entre as perífrases imperfectivas de passado e o pretérito imperfeito do indicativo. Já com

relação à volitividade e ao afetamento do objeto, podemos constatar que há maior recorrência de perífrases imperfectivas de passado relacionada à ausência destes parâmetros, que apresentaram os mesmos valores percentuais. De acordo com Maldonado (1992), em uma situação imperfectiva, não informamos a finalização da ação, o que demonstra que o complemento é afetado, somente, de forma parcial.

Com o objeto individuado, observamos que, na função habitual, a maioria das formas das perífrases imperfectivas de passado está associada à ausência de um objeto individuado, com um percentual de 81,6% do total de ocorrências. Contudo, esse fator não é relevante ao analisarmos o fenômeno de variação, já que o percentual para a presença (75,0%) é próximo do percentual para a ausência (81,6%).

Deter-nos-emos, agora, nos valores percentuais atrelados ao relevo discursivo, conforme tabela 31 abaixo. Os valores percentuais evidenciam maior ocorrência de formas imperfectivas de passado no fundo 2. A continuação, há o fundo 1 e, por último, temos o plano figura. Percebemos que a distribuição das perífrases se dá de forma equilibrada nos três planos discursivos, por isso, o programa estatístico não o selecionou como grupo significativo.

Tabela 31 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com o relevo discursivo.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
Figura	11/15	73,3
Fundo 1	20/26	76,9
Fundo 2	66/85	77,6

Por último, vejamos os valores associados à unidade da narrativa na tabela 32. É importante pontuarmos que não encontramos variação entres as formas sob análise nas outras unidades da narrativa, propostas por Labov (1972b). No que diz respeito às duas unidades analisadas, na complicação da ação, há a maioria das ocorrências com percentual de 77,5%. Em contrapartida, vale destacar que esse grupo de fator foi o último a ser descartado pelo programa estatístico, ou seja, foi considerado, nas rodadas estatísticas, como o grupo que teria chance de ser significativo, caso

houvesse mais dados ou outra distribuição de fatores. Podemos sugerir, então, para estudos futuros, uma rodada com mais dados e que, também, contemple as outras unidades da narrativa.

Tabela 32 – Ocorrência de formas das perífrases imperfectivas de passado de acordo com a unidade da narrativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
Complicação	86/111	77,5
Avaliação	11/15	73,3

Após a análise variável entre as formas imperfectivas de passado na função habitual, elencamos por ordem de significância estatística, os contextos que favorecem a ocorrência das perífrases imperfectivas de passado em competição com o pretérito imperfeito do indicativo:

- a) estilo dos autores Gabriel García Márquez e Virgílio Piñera;
- b) sujeito agentivo;
- c) presença de formas verbais que denotam ações de longa duração;
- d) presença de modificar aspectual;
- e) verbos dinâmicos.

Podemos relacionar esses contextos a estudos de cunho teórico sobre as perífrases imperfectivas de passado. De acordo com Matte Bon (1992), o falante tende a

utilizar as perífrases para expressar o seu ponto de vista, ou seja, quando o sujeito é agentivo tende a utilizar a forma perifrástica, por isso a agentividade constitui um contexto favorável para a ocorrência das perífrases imperfectivas. No tocante aos verbos, assim como nos estudos de Bergareche (2004) e Castañeda Castro (2001), o uso da forma perifrástica está associado a eventos dinâmicos e durativos. Por outra parte, García Fernández (2004) trata do paradoxo do imperfectivo, que consiste no uso de formas imperfectivas com situações dinâmicas, o que ocasiona a estativização de predicados télicos. Nesse sentido, sugerimos que as perífrases imperfectivas de passado podem ser estáticas e dinâmicas. De acordo com Genta (2008), quando temos uma perífrase imperfectiva associada a predicados perfectivos, focalizamos somente o estado intermediário destes e deixamos de lado os limites temporais inicial e final. Neste caso, há o efeito de estativização. Vejamos um exemplo:

(243) **Estábamos hablando** de otras cosas todos los meses.../ **Estávamos falando** de outras coisas todos os meses... (*La nieve* – Roberto Bolaño)

Por outro lado, quando temos uma perífrase associada a predicados estáticos, ela agrega um valor dinâmico que leva o interlocutor a pressupor limites temporais para o estado designado pela oração. Vejamos um exemplo a título de ilustração:

(244) Siempre **estaba sabiendo** lo que pasaba allí. / Sempre **estava sabendo** o que acontecia ali. (*Sólo vine a hablar por telefono* – Gabriel García Márquez)

No que tange aos modificadores aspectuais, estes desempenham um papel fundamental para a leitura habitual das perífrases imperfectivas, já que fornecem, conforme Mendes (2005), indícios para que se determine a leitura aspectual do passado imperfectivo. Por último, o uso de perífrases por parte dos autores Gabriel García Márquez e Virgílio Piñera deve ser uma estratégia para marcar a habitualidade da situação narrada, já que a forma perifrástica, conforme Givón (2001), é mais complexa estrutural e cognitivamente.

5.3.4. Variação entre o pretérito imperfeito e a perífrase imperfectiva de passado na função desiderativa

De acordo com Gutiérrez Araus (1997), quando uma forma imperfectiva de passado expressa desejo, denota uma temporalidade posterior ao momento da enunciação e, geralmente, aparece em enunciados cuja entonação é exclamativa. Na codificação da função de desejo (desiderativa), excluímos o grupo de fator unidade da narrativa, pois só a complicação da narrativa apresentou valores para as duas formas sob análise. Além disso, no grupo tipo de verbo, fizemos a amalgamação dos verbos de culminação com os de processo culminado. No grupo de fator relevo discursivo, amalgamamos o fundo 1 com o fundo 2. Dessa forma, eliminamos os nocautes e obtivemos valores mais significativos nos testes de qui-quadrado. Consideramos a perífrase imperfectiva de passado como regra de aplicação, pois obtivemos mais ocorrências dessas formas: encontramos 113 dados de perífrases imperfectivas de passado e 56 de pretérito imperfeito. Vejamos dois exemplos ilustrativos:

(245) No, muchas gracias; yo **quería** un inglés./ Não, obrigado; eu **queria** um inglês.
(*Noventa minutos de rebotica* – Camilo José Cela)

(246) Era bello, fino, se llamaba Esteban, jamás quería salir de la casa: así **tenía que ser**. / Era belo, fino, se chamava Esteban, jamais queria sair da casa: assim **tinha que ser**. (*Bruja* – Julio Cortázar)

De todos os grupos testados, o programa selecionou, nessa ordem, como significativos: relevo discursivo, agentividade, individuação do objeto e pontualidade. Vejamos, inicialmente os resultados associados ao primeiro grupo selecionado:

Tabela 33 – Atuação do relevo discursivo no uso da perífrase imperfectiva versus o pret. imperfeito na codificação da função desiderativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
---------	-----------------	------------	---------------

Figura	1/20	5,0	0.000
Fundo	112/149	75,2	0.844

A partir dos pesos relativos obtidos, podemos verificar que, no plano discursivo fundo, há maior recorrência de perífrases imperfectivas de passado, com peso relativo 0.844, fato que não se repete com a figura, pois o peso relativo é 0.000, ou seja, nesse plano discurso, praticamente, não há a forma perifrástica, encontramos apenas 1 ocorrência. Temos um nocaute negativo, o que indica que a regra de variação, possivelmente, nunca será aplicada no contexto desse fator, ou seja, no plano da figura.

Tomando por base o princípio de marcação de Givón (1995, 2001), o critério de complexidade estrutural pressupõe que o plano discursivo figura é menos marcado em relação ao fundo, e, considerando, ainda, que, na expressão do passado imperfectivo em Espanhol, há uma forma estruturalmente mais marcada (perífrase) do que a outra (pretérito imperfeito do indicativo) e, também, com base nos resultados fornecidos pelo programa estatístico, em uma análise multivariada, podemos tecer as seguintes considerações:

a) na figura, as perífrases imperfectivas são mais marcadas, pois apresentam maior complexidade estrutural, já que são estruturas maiores e, por isso, tendem a ser mais complexas também cognitivamente, pois demandam maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento. Por conta disso, são menos frequentes do que o elemento não marcado, ou seja, o pretérito imperfeito do indicativo;

b) no fundo, as perífrases imperfectivas de passado (forma marcada) são mais recorrentes do que a forma não-marcada, no caso, o pretérito imperfeito do indicativo. Vale destacar que este contexto é mais marcado em relação ao plano discursivo figura, por conta disso, apresenta formas mais complexas.

Analisemos, agora, os resultados relacionados à agentividade:

Tabela 34 – Atuação da agentividade no uso da perífrase imperfectiva versus o pret. imperfeito na codificação da função desiderativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Agentivo	41/78	52,6	0.010
Não-Agentivo	72/91	79,1	0.981

Com base nos dados apresentados na tabela acima, podemos constatar que a ausência de um sujeito agentivo favorece a ocorrência de perífrases imperfectivas de passado, obtivemos um peso relativo de 0.981. Por outra parte, a presença deste tipo de sujeito apresenta forte restrição para o uso das perífrases, com peso relativo de 0.010.

De acordo com Hopper e Thompson (1980), temos um sujeito agentivo quando ele pode efetuar a transferência de uma ação para o outro participante da situação comunicativa. No tocante à função desiderativa, segundo Garcés (1997), as formas imperfectivas denotam desejo sobre uma ação que pode se concretizar ou não. Nesse sentido, temos um baixo valor de agentividade, já que o sujeito almeja a realização da ação, mas não a concretiza. Ademais, como já pontuamos na função descritiva, segundo Maldonado (1992), a imperfectividade está marcada por contextos que denotam baixos valores de transitividade, como a ausência de sujeito agentivo na oração. Por conta disso, um contexto em que haja um sujeito agentivo irá restringir a ocorrência de formas imperfectivas.

Apresentamos, a continuação, os resultados atrelados à individuação do objeto

Tabela 35 – Atuação da individuação do objeto no uso da perífrase imperfectiva versus o pret. imperfeito na codificação da função desiderativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Individuado	72/109	66, 1	0.002

Não-Individuado	41/60	68,3	1.000
------------------------	-------	------	-------

A presença de um objeto individuado, de acordo com os pesos relativos indicados na tabela acima, restringe fortemente o uso de perífrases imperfectivas de passado, obtivemos peso relativo 0.002. Quando o objeto é não-individuado, há um nocaute positivo, o que indica que a regra, possivelmente, sempre será aplicada no contexto desse fator. Os objetos das ações, desencadeadas pelas formas imperfectivas, caracterizam-se como objetos individuados, quando apresentam as seguintes características: próprio, humano, animado, concreto, singular e determinado.

Por último, verifiquemos os resultados associados à pontualidade:

Tabela 36 – Atuação da pontualidade no uso da perífrase imperfectiva *versus* o pret. imperfeito na codificação da função desiderativa.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Pontual	3/22	13,6	0.000
Não-pontual	110/147	74,8	0.831

As formas verbais que denotam ações pontuais restringem fortemente o uso de perífrases imperfectivas de passado, obtivemos peso relativo 0.000 (nocauté negativo). Por outro lado, a não-pontualidade favorece a ocorrência de perífrases imperfectivas de passado, pois o peso relativo é de 0.831. De acordo com a escala de perfectividade proposta por Givón (2001), explicitada na função descritiva, os verbos pontuais estão associados a formas perfectivas. Por outro lado, as formas imperfectivas estão atreladas a verbos de longa duração, o que corrobora o resultado obtido. No entanto, é importante destacar que há contextos, em que as formas imperfectivas podem estar associadas a verbos pontuais, como os explorados na função habitual.

Na função de desejo, para o uso das perífrases imperfectivas de passado em competição com as formas do pretérito imperfeito do indicativo, apresentamos a seguir, por ordem decrescente de significância estatística, os grupos de fatores que foram descartados pelo programa estatístico: modalidade, polaridade, afetamento do objeto, autores dos contos literários, tipos de verbo, cinese, volitividade e número de argumentos.

Tabela 37 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com os seguintes parâmetros de transitividade: modalidade, polaridade, afetamento do objeto, cinese, volitividade e número de argumentos.

Parâmetros	Presença	Ausência
	Aplicação/Total/Percentual	Aplicação/Total/Percentual
Modalidade <i>realis</i>	98/135/72,6%	15/34/44,1%
Polaridade Positiva	98/135/72,6%	15/34/44,1%
Afetamento	15/34/44,1%	98/135/72,6%
Cinese	2/21/9,5%	111/148/75%
Volitividade	3/22/13,6%	110/147/74,8%
+ de 2 Argumentos	4/23/17,4%	109/146/74,7%

Observamos que, na função de desejo, a grande maioria das perífrases imperfectivas de passado está associada à presença da modalidade *realis*, com um percentual de 72,6% do total de ocorrências. Vale destacar que grande parte das perífrases imperfectivas de passado ocorre em contextos de fatos passados reais, com 98 ocorrências. Apesar de não ter sido selecionado como significativo pelo programa estatístico, é importante considerarmos que o alto percentual, atrelado a fatos reais no passado, está em conformidade com o que afirma Matte Bon (2003). Segundo o autor, em contextos de desejo ou de petições, o uso de formas imperfectivas serve para apresentar a ação verbal como algo que já estava no contexto, o falante depende da força ilocucionária para persuadir seu interlocutor.

No que se refere à polaridade, verificamos que a maioria das ocorrências se dá em sentenças cuja polaridade é positiva com um percentual de 72,6%. No entanto, este grupo de fator não é significativo no que diz respeito à competição entre as perífrases imperfectivas de passado e o pretérito imperfeito do indicativo.

Em relação ao objeto afetado, podemos verificar que este grupo de fator apresenta resultados inversamente proporcionais aos apresentados pelos parâmetros modalidade e polaridade, ou seja, os valores apresentados para a presença destes dois fatores elencados são os mesmos obtidos para a ausência de um objeto afetado. Para a ausência deste parâmetro, há maior recorrência de perífrases imperfectivas de passado com um percentual de 72,6%.

Na análise geral, a maioria das ocorrências de perífrases imperfectivas de passado está atrelada à ausência de cinese por parte da forma verbal, com um percentual de 75,0%. Apesar deste parâmetro de transitividade ter sido descartado pelo programa, podemos deduzir, a partir dos valores percentuais, que a ausência de cinese favorece a ocorrência de perífrases imperfectivas de passado, mas não é significativo na competição entre elas. Já com respeito à volitividade, observamos que a recorrência de perífrases imperfectivas está relacionada à ausência de sujeito volitivo, com um percentual de 74,8%.

Tomando por base os valores percentuais, explicitados na tabela acima, podemos constatar que, com apenas um argumento, há maior recorrência de formas imperfectivas de passado, obtivemos um percentual de 74,7%. Contudo, esse parâmetro, também, não foi significativo no fenômeno de variação das formas analisadas, o que pode ser atribuído ao fato de as perífrases imperfectivas, de modo geral, apresentarem baixa transitividade, conforme Genta (2008). Isso é recorrente, também, nas outras funções, como analisamos anteriormente.

Vejamos, agora, os resultados relacionados aos autores dos contos literários:

Tabela 38 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com os autores dos contos literários.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
Márquez	66/96	68,8
Cela	8/12	66,7

Rulfo	16/29	55,2
Cortázar	23/32	71,9

A partir dos valores percentuais, podemos verificar favorecimento do estilo do autor Julio Cortázar para a ocorrência de perífrases imperfectivas de passado, com o percentual de 71,9%. Para os autores Gabriel García Márquez (68,8%) e Camilo José Cela (66,7%), obtivemos valores percentuais bem próximos. Para o autor Juan Rulfo, obtivemos um percentual de 55,2%. Podemos verificar que os valores encontrados são, relativamente, próximos, por conta disso, o programa considerou, na função de desejo, esse grupo de fator como não significativo para a competição entre as formas sob análise.

Deter-nos-emos, agora, nos valores percentuais atrelados ao tipo de verbo:

Tabela 39 – Ocorrência de perífrases imperfectivas de passado de acordo com o tipo de verbo.

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
Atividade	59/74	79,7
Culminação/Processo	11/23	47,8
Culminado		
Estado	43/72	59,7

Constatamos que a maioria das perífrases imperfectivas de passado ocorre, principalmente, com os verbos de atividade (79,7%) e com os verbos de estado (59,7%), já para os verbos de processo culminado amalgamados com os verbos de culminação, obtivemos um percentual menor de frequência (47,8%). No entanto, este grupo de fator não foi significativo na competição entre as formas imperfectivas de passado.

Com base nos resultados fornecidos pelo programa estatístico, apresentamos, por ordem de significância estatística, os contextos que favorecem a

ocorrência das perífrases imperfectivas de passado em competição com o pretérito imperfeito do indicativo:

- a) cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura;
- b) ausência de um sujeito agentivo;
- c) ausência de um objeto individuado;
- d) formas verbais que denotem longa duração.

De acordo com Maldonado (1992), a imperfectividade está presente, principalmente, em contextos que denotam baixos valores de transitividade, tais como a ausência de agentividade e individuação do objeto. No tocante aos verbos durativos, Bergareche (2004) e Castañeda Castro (2001) correlacionam o uso da forma perifrástica com eventos dinâmicos e durativos. Segundo Matte Bon (2003, p. 135), a função das perífrases verbais é a de permitir ao falante expor o seu ponto de vista sobre os fatos extralinguísticos aos quais faz referência, por isso o fundo constitui um ambiente favorável para a ocorrência da forma perifrástica, pois, nesse plano discursivo, há a fala dos personagens, interferências do falante ou intervenções do locutor, ou ainda, opiniões, dúvidas, conclusões, ou seja, o narrador e personagens, nesse plano discursivo, podem expor o seu ponto de vista. Nossos resultados vão nessa direção, ou seja, podemos correlacionar os resultados de nossa pesquisa aos obtidos pelos autores acima mencionados.

Nesta seção, analisamos o fenômeno de variação linguística nas formas imperfectivas de passado na codificação das funções narrativa, descritiva, habitual e desiderativa. Para cada função, foram controlados grupos de fatores para evidenciar quais favorecem ou desfavorecem o uso de uma ou outra forma imperfectiva sob análise. Na próxima seção, a partir dos resultados obtidos nas análises empreendidas até aqui, proporemos uma configuração escalar para a caracterização do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado.

5.4. Configuração escalar: tendências de uso

Nesta seção, com base nas análises empreendidas neste capítulo, propomos uma caracterização escalar geral para as formas imperfectivas de passado em Espanhol. Para isso, expomos o status de escalaridade dessas formas, apresentamos as escalas de caracterização com bases nos grupos de fatores mais significativos e, por último, discutimos a noção de protótipos mostrando quais são as características prototípicas da forma imperfectiva.

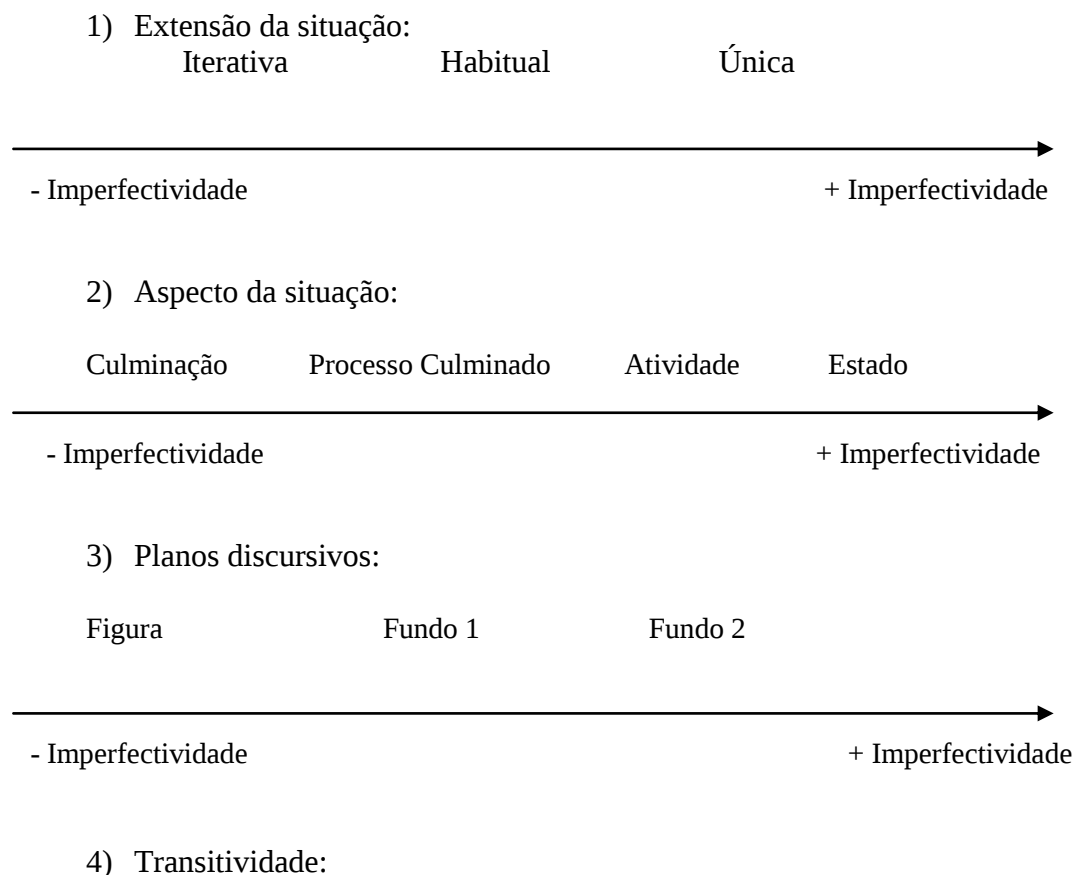
Para a análise linguística das formas imperfectivas de passado, é importante considerarmos que essas estruturas devem ser explicadas com base no uso real a que elas se prestam na comunicação. No contexto de interação verbal, essas formas podem assumir novas funções, perder funções antigas, ou seja, pode haver mudança no uso das formas imperfectivas, e esta costuma ser gradual e lenta. Portanto, essas formas não podem ser descritas como discretas, já que a visão discreta de uma forma impõe uma única análise: ou a forma é imperfectiva ou não é. Se observarmos de maneira mais detalhada os usos de uma forma, perceberemos que as categorias linguísticas possuem uma noção gradual inerente, projetada em diferentes níveis. Hernández (2006) realizou um estudo sobre as perífrases em formação no Espanhol do México, ou seja, analisou estruturas que nem são perífrases e nem locuções⁶⁵, mas apresentam traços que as aproximam do *status* de perífrase verbal. O autor, ao final de sua pesquisa, mostra que essas construções estão em formação e, portanto, as considerada como semi-perífrases, já que estão em via de consolidação. Nesse sentido, na análise linguística, é importante considerarmos que há categorias linguísticas centrais e outras periféricas. Sendo a gramática concebida como um sistema adaptativo (Du Bois, 1985), ou seja, parcialmente autônoma e suscetível a pressões externas, não podemos analisar as categorias como binárias, ou seja, como categorias discretas e estáveis.

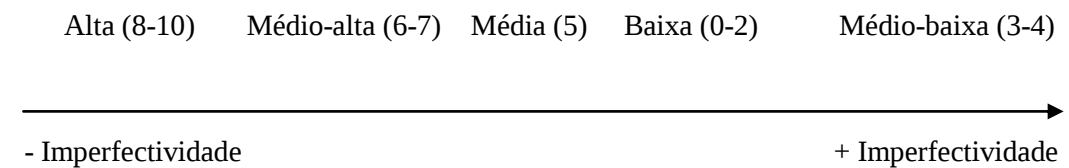
Considerando, ainda, a gramática como uma estrutura maleável e emergente (Hopper, 1987), temos de considerar as formas imperfectivas no *continuum*, concebidas como uma noção não categórica, ou seja, escalar e condicionada por uma série de fatores. Ao estudar a categorização linguística de recipientes como *xícara*, *caneca*, *copo* e *vaso*, Labov (1973) destaca que as entidades são categorizadas tendo por base os seus atributos e não os traços binários, adotados pela abordagem clássica para a análise

⁶⁵ De acordo com Hernández (2006, p. 12), as locuções, diferentemente, das construções perifrásticas, apresentam uma caracterização sintática e semântica diferente e estão associadas não só a um verbo auxiliar, mas podem ser construídas também com outras classes de palavras: substantivos, adjetivos, preposições, conjunções e pronomes.

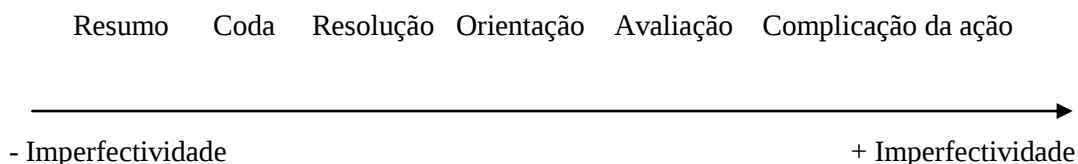
linguística de estruturas gramaticais. Para Hopper e Thompson (1985), a categorização humana não é arbitrária, pois ela procede de instâncias centrais para instâncias periféricas da categoria. Nesse sentido, as instâncias prototípicas parecem ser mais salientes para os falantes, de acordo com a maioria das evidências. Portanto, as categorias prototípicas tendem a apresentar traços mais perceptíveis e tangíveis. Por exemplo, a transitividade, na gramática tradicional, é analisada como uma categoria discreta (transitivo x intransitivo). Por outro lado, Hopper e Thompson (1980) abordam a transitividade como um conjunto de parâmetros que compreende fatores sintáticos e semânticos. Eles concebem a noção de transitividade a partir de dez traços que, embora independentes, funcionam juntos e articulados na língua, o que significa que nenhum traço sozinho é suficiente para determinar a transitividade de uma oração.

Considerando esta perspectiva, entendemos as categorias gramaticais como elementos difusos, isto é, não as concebemos como categorias discretas, estanques e claramente definidas e delimitadas, mas como categorias dinâmicas, não discretas e com limites fluidos. A partir desta perspectiva de escalaridade e com base nos diversos contextos analisados, propomos a seguinte configuração escalar da imperfectividade para cada fator de análise:

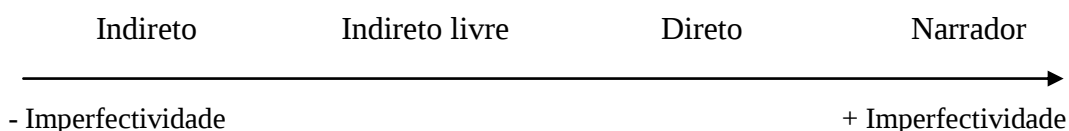




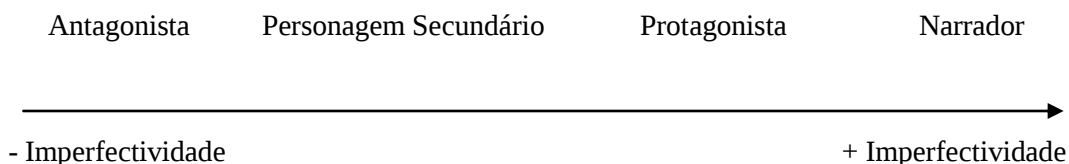
5) Unidades da narrativa:



6) Tipos de discurso:



7) Vozes da narrativa:



Para cada fator de análise destacado, nossa escala pressupõe gradação para a imperfectividade, que se distribui no *continuum*, ou seja, não há um ponto de interseção entre o + imperfectivo e o – imperfectivo, mas há uma distribuição escalar que indica tendência de uso das formas imperfectivas em cada fator analisado em nossa pesquisa.

Se considerarmos a caracterização do que seria uma estrutura tipicamente imperfectiva, o princípio cognitivo de prototipicidade, desenvolvido por Rosch (1973), é extremamente válido. Segundo esse princípio, a categorização humana não é arbitrária, mas procede de exemplares mais centrais para exemplares mais periféricos, são prototípicos os exemplares mais centrais da categoria, justamente os que parecem mais salientes aos falantes. Givón (1984, p.17) assim define a noção de prototipicidade: o membro mais protótipo de uma categoria é o que exhibe o maior número de

propriedades ou características dessa categoria. Todos os outros membros podem então ser classificados de acordo com seu grau de semelhança, ou seja, da sua distância do protótipo.

Com a análise da prototipicidade das formas imperfectivas de passado, há a possibilidade de inclusão de dados não prototípicos, antes deixados à margem por não apresentarem alguns traços característicos. Nesse sentido, há uma distribuição gradiente para os membros de uma dada categoria até chegar ao protótipo desta.

Por conta disso, a noção de protótipo encontrou amplo espaço no âmbito dos estudos de gramaticalização, conforme propõem Hopper e Traugott (1993), visto que este processo caracteriza-se justamente pela fluidez no *continuum* categorial. Dessa forma, parece mais acertado estabelecermos a pertença de um elemento a uma categoria a partir de um grau de similitude com o protótipo, entendido como o exemplar que melhor se reconhece, o mais representativo e distintivo de um grupo, levando em consideração que é o elemento que compartilha mais características com o resto dos membros da categoria e menos com os membros de outras categorias.

O contexto linguístico pode mostrar uma categoria que perde o seu *status* de protótipo e se aproxima de uma outra categoria, ou seja, passa a ser ambígua e, posteriormente, pode figurar em outra categoria. Por exemplo, Torres Cacoullos (2001) ao estudar, diacronicamente, a perífrase *estar + gerúndio*, no Espanhol falado do México, verificou que essa forma perdeu o sentido locativo espacial original devido a um processo de gramaticalização, e ampliou o sentido aspectual para imperfectivo.

Considerando o imperfecto narrativo, verificamos que a forma imperfectiva saiu do contexto de prototipicidade (fundo 2) e se aproximou da função perfectiva, quando no contexto desta (figura) assumiu novos valores. Para García Fernández (2004) esse valor narrativo é de cunho puramente estilístico e se limita aos contextos em que as formas imperfectivas apresentam valor de Aspecto perfectivo. Segundo o autor, nesses contextos há uma neutralização do valor aspectual imperfectivo. No entanto, encontramos formas imperfectivas atuando na progressão da narrativa, sem conferir um valor que fosse necessariamente estilístico, mas atuando no desenvolvimento do relato. Ao analisarmos detalhadamente os contextos de uso dessa função, constatamos que as formas imperfectivas se aproximaram da perfectividade e assumiram as funções das formas perfectivas, ou seja, passaram a atuar na progressão da narrativa.

Ao analisar todas as funções imperfectivas mapeadas, verificamos em todas elas o caráter de continuidade da situação expressa pela forma verbal, logo podemos

sugerir que esta seria a função primária (prototípica) e a base de todas as funções periféricas desempenhas pelas formas imperfectivas de passado em Espanhol. Desse modo, podemos inferir que todos os valores secundários das formas imperfectivas de passado estão relacionados com estratégias do falante, já que o valor passado lhe permite distanciar-se do conteúdo proposicional, logo, pode ser utilizado nas mais diversas situações comunicativas, inclusive, para configurar a atitude do falante frente à proposição expressa (imperfeitos modalizados). No exemplo abaixo, o falante demonstra a sua insatisfação diante da situação relatada:

(247) Los esquemas del crimen se sucedían vertiginosamente. También se habló de honorarios. No **faltaba** más! Asesinos espléndidamente pagados. / Os esquemas do crime aconteciam vertiginosamente. Também se falou dos honorários. Não **faltava** mais! Assassinos esplendidamente pagos. (*Unas cuantas cervezas* – Virgilio Piñera)

Constantando que os fatores linguísticos e extralinguísticos são determinantes no uso das funções imperfectivas e com base nas análises empreendidas em nossa pesquisa, propomos a seguir um quadro com a configuração prototípica que indica tendências de uso do passado imperfectivo em Espanhol em cada domínio funcional⁶⁶ do macrodomínio da imperfectividade⁶⁷:

Domínio	Variáveis	Protótipo
Temporal	Delimitação temporal	Continuidade
	Extensão da situação	Única
Aspectual	Aspecto da situação	Estado
	Visão da situação	Imperfectivo

⁶⁶ Este termo é empregado no sentido proposto por Givón (1984) para domínio funcional, ou seja, corresponde às áreas funcionais que compõem a gramática, que podem se referir a áreas funcionais gerais (ou macrodônios), como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, ou a áreas mais estritas (microdomônios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis, a especificação nominal etc.

⁶⁷ Macrodômio funcional caracterizado por ter limites implícitos, por não ser dêitico e por representar situações em progresso (ações dinâmicas) ou configuradas em sua existência (estado).

Modalidade	Veracidade do conteúdo	<i>Realis</i>
Textual-Discursivo	Plano discursivo	Fundo 2
	Unidade da narrativa	Complicação
	Tipos de discurso	Do narrador
	Vozes da narrativa	Narrador
Transitividade	Parâmetros	Médio-baixa (3-4)

Quadro 06: Características prototípicas das formas imperfectivas de passado.

Com base no quadro acima, podemos verificar, em cada domínio, qual o traço prototípico das formas imperfectivas de passado analisadas. Estes dados podem nos subsidiar no processo de identificação das formas imperfectivas, ou seja, temos atributos/traços que podem nos ajudar a definir essa categoria nos diversos contextos pragmático-discursivos analisados. Nesse sentido, no trabalho com análise linguística, poderemos avaliar quais os exemplares da categoria em análise e quais formas verbais podem ser consideradas como periféricas e, ainda, quais membros são ambíguos. Desse modo, esperamos contribuir no que diz respeito ao estudo da oposição aspectual perfectivo *versus* imperfectivo, já que para estudantes e professores, a ausência de estudos mais concretos sobre a funcionalidade das formas aspectuais impossibilita uma real compreensão em relação à caracterização adequada para cada um de seus usos e valores.

5.5. Considerações finais deste capítulo

Neste capítulo, realizamos a análise dos dados nos níveis semântico-sintático, semântico-lexical e textual-discursivo. Na primeira etapa, fizemos o mapeamento funcional a partir da correlação entre as formas imperfectivas sob análise e as funções que desempenham. Ao final desta etapa, as funções detectadas no *corpus* foram analisadas em duas perspectivas: a) funções codificadas por uma forma (análise dos contextos de uso); b) funções em que há variação (análise de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos). Em seguida, apresentamos as tendências de uso das formas imperfectivas de passado em cada contexto analisado e, por último, discutimos a

noção de protótipos, mostrando quais são as características prototípicas das formas imperfectivas de passado em Espanhol.

No que diz respeito à relação figura e fundo, proposta por Hopper e Thompson (1980), com base nos resultados e análises empreendidas, é necessário que repensemos o papel da imperfectividade atrelada somente ao fundo da narrativa. Os autores limitam-se ao critério formal: a figura está atrelada a formas aspectuais perfectivas e o fundo, a formas imperfectivas. No entanto, a imperfectividade constitui-se um domínio funcional e não está associada somente às formas aspectuais imperfectivas, mas, também, às formas perfectivas. Vejamos um exemplo de pretérito perfeito que expressa um valor imperfectivo durativo:

(248) Desde pequeño he sido feliz, he tenido acceso a las cosas que me gustan y **he desarrollado** mis aptitudes./ Desde pequeno fui feliz, tive acesso as coisas que gosto e **desenvolvi** minhas atitudes.(*El desarrollo* – Juan Morales)

Ademais, temos de considerar os usos das formas imperfectivas que contribuem para a progressão da narrativa, tais como a lentificação da ação, frustração iminente da ação, habitualidade, casos de ambiguidade (leitura perfectiva x imperfectiva). Diante das considerações ora apresentadas, propomos a reformulação da relação figura e fundo, no sentido de analisar a imperfectividade não mais atrelada a formas, mas a um domínio funcional que pode estar presente nos dois planos da narrativa:

- a) Figura: formas perfectivas com função perfectiva ou imperfectiva e usos especializados das formas imperfectivas que contribuem para a progressão da narrativa;
- b) Fundo 1 e 2: formas verbais imperfectivas que dão suporte para os fatos a serem narrados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As funções codificadas pelas formas imperfectivas (pretérito imperfeito e perífrases) em contos literários escritos em Espanhol foi o tema condutor de nossa pesquisa. Para cada função evidenciada, codificada variavelmente ou não pelas formas sob análise, analisamos os contextos de ocorrência tendo como referencial teórico o Sociofuncionalismo. Nestas considerações finais, retomamos os pontos principais abordados em cada capítulo e enumeramos as contribuições de nosso trabalho.

Na introdução, apresentamos: (i) algumas considerações sobre o ensino de Espanhol, mais especificamente, sobre o ensino das perífrases imperfectivas de passado e do pretérito imperfeito do indicativo; (ii) os objetivos desta pesquisa, a saber: a) mapear as funções codificadas pelo pretérito imperfeito do indicativo e pelas perífrases verbais em contos literários escritos em Espanhol; b) descrever o fenômeno de variação linguística e c) examinar os contextos de uso (linguísticos e extralinguísticos) de cada função; (iii) e a relevância de nossa pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos as categorias verbais Tempo, Aspecto e Modalidade. No que tange ao Aspecto, tecemos considerações sobre o Aspecto verbal em Espanhol, sobre o Aspecto imperfectivo em Espanhol e sobre o Aspecto imperfectivo narrativo em Espanhol. No terceiro capítulo, explicitamos os pressupostos teóricos do Sociofuncionalismo, de acordo com Tavares (2003), resultado do casamento teórico do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995) e dos postulados da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972, 1994 e 2001).

Dedicamos o quarto capítulo à exposição dos procedimentos metodológicos: a) *corpus* da pesquisa (24 contos escritos por autores de Língua Espanhola, selecionados a partir dos parâmetros extralinguísticos: zona linguística do Espanhol e autores); b) grupos de fatores distribuídos nos níveis semântico-lexical, semântico-sintático e textual-discursivo e c) procedimentos de análise estatística; utilização do GOLDVARB (versão 2005). Ademais, há uma seção que discute a utilização da narrativa como *corpus* de uma pesquisa e outra que trata de restrições e dados desconsiderados.

Por fim, no capítulo 5, há a descrição e análise dos dados. Obtivemos um total de 2093 dados, sendo que 1803 desses são de formas do pretérito imperfeito do indicativo, 86,15% do total, e 290 de perífrases imperfectivas de passado em Espanhol, o que corresponde a 13,85% do total. Na seção 5.1, apresentamos o mapeamento

funcional das formas imperfectivas de passado. Os dados, na seção 5.2, foram analisados de acordo com os seguintes grupos de fatores: parâmetros de transitividade; tipos de verbo; tipos de modificadores aspectuais; relação figura e fundo; unidades da narrativa; tipos de discurso; zonas linguísticas; contos e autores selecionados; tipos de relato e vozes da narrativa literária. Ainda nesta seção, correlacionamos os resultados referentes a cada grupo com as funções mapeadas na seção 5.1. As funções que apresentaram variação foram, em 5.3, submetidas a tratamento estatístico por meio do pacote computacional GOLDFARB, visando à busca de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam ora o uso do imperfeito, ora o uso de perífrase.

Em relação ao mapeamento funcional, podemos verificar que as maiores porcentagens correspondem aos valores descritivo (33,84%) e narrativo (32,07%), o que nos leva a considerá-los, no *corpus* analisado, como valores primários das formas imperfectivas. Por outro lado, os demais valores podem ser considerados como valores secundários, já que apresentaram percentuais bem menores, a saber: cortesia (0,28%), contrariedade (1,53%), iterativo (1,53%), futuro (1,53%), presente (3,07%), simultaneidade (3,07%), habitual (6%), desejo (8,08%) e lúdico (9%). Este resultado corrobora os estudos de Garcés (1997), Gutiérrez Araus (1997), Brucat (2001) e Ruiz Rampillo (2005) que atribuem valores primários e secundários para as formas imperfectivas de passado em Espanhol.

Com relação às funções codificadas somente pelas formas do pretérito imperfeito do indicativo, obtivemos o seguinte panorama para os parâmetros de transitividade: contrariedade está mais presente em contexto de modalidade *realis* (93,7%) e de polaridade positiva (96,8%); a função lúdica, por sua vez, apresentou resultados mais significativos para a cinese (53,7%) e para a polaridade positiva (90,9%); para a função de cortesia, verificamos, também, que os contextos mais favoráveis são os da modalidade *realis* (100%) e da polaridade positiva (100%); a simultaneidade apresentou dados significativos para a individuação do objeto (93,8%), modalidade *realis* (100%) e polaridade positiva (100%); na função de futuro, há maior recorrência, também, para a polaridade positiva (96,8%) e para a individuação do objeto (87,5%); na função de presente, encontramos resultados mais significativos para polaridade positiva (93,7%) e individuação do objeto (90,6%); e a função iterativa ocorreu, mais frequentemente, em contexto de modalidade *realis* (87,5%) e de polaridade positiva (93,7%).

Verificamos que a polaridade positiva e a modalidade *realis* são os contextos mais favoráveis para o uso dessas funções. Nesse sentido, podemos sugerir que, no uso dessas funções imperfectivas, há o equilíbrio cognitivo contextual, proposto por Dubois e Votre (1994), ou seja, as formas imperfectivas (estruturas marcadas), que são consideradas como estruturas mais complexas em relação às formas perfectivas, tendem a aparecer em sentenças afirmativas (contexto não marcado em relação às sentenças negativas) e reais (*realis* - contexto não marcado em relação ao *irrealis*). Os modificadores aspectuais encontrados expressaram os valores de habitualidade, imperfectivo com valor de presente, de futuro e de simultaneidade. Com respeito aos tipos de verbos (Vendler, 1957, 1967), observamos a associação das funções imperfectivas, principalmente, com os verbos de estado e de atividade. Este resultado corrobora a proposta escalar de (im)perfectividade (Givón, 2001) e outras pesquisas que confirmam essa associação entre a morfologia verbal e o Aspecto Lexical. Segundo Lafford (2000), as formas imperfectivas estão associadas a eventos atélcos (estados e atividades) e depois a eventos télcos (processos culminados e culminações). Esta hipótese apóia-se em vários estudos sobre a aquisição de Espanhol como Segunda Língua, realizados por Andersen (1991), Bardovi-Harling & Reynolds (1995), Bergstrom (1995) e Robinson (1995). No tocante ao plano textual-discursivo, estudamos a imperfectividade no texto narrativo pela relação que tem o Aspecto com a narração, e, também, por ser um tipo de texto que oferece uma grande variedade de usos da imperfectividade. A distinção entre as orações narrativa e não-narrativa, realizada por Labov e Waletzky (1967), foi ampliada por Hopper e Thompson (1980) que incluíram os conceitos de figura e fundo que estão diretamente relacionados à oposição aspectual no texto narrativo, ou seja, seus trabalhos demonstraram que, com raras exceções, as orações narrativas, presentes no plano discursivo figura, são perfectivas e as não-narrativas, presentes no plano discursivo fundo, são imperfectivas. No entanto, podemos afirmar, com base nos resultados obtidos, que as formas imperfectivas também são responsáveis pela progressão das ações da narrativa. Desse modo, elas compõem o núcleo da narrativa, ou seja, atuam como figura e como fundo 1. Ademais, as formas imperfectivas desempenham, na narrativa, as funções de descrever, comentar, informar detalhes, observar ações, ou seja, dão o suporte necessário para as ações principais da narração, logo, atuam, também, como fundo. Em nosso trabalho, constatamos que as formas imperfectivas de passado assumiram novas funções no decorrer do tempo, antes

usadas apenas como pano de fundo da narrativa, agora, também, podem atuar na progressão textual.

No que diz respeito à variação linguística, após a análise dos dados sobre a variação entre as formas imperfectivas de passado nas funções descritiva, habitual, desiderativa e narrativa, verificamos que o imperfeito é mais frequente na função descritiva (condicionado por presença de dois ou mais argumentos na oração, plano discursivo fundo 2, objeto não afetado pela ação verbal, estilo dos autores Virgílio Piñera e Roberto Bolaño, ausência de volitividade e verbos dinâmicos e durativos) e na função narrativa (condicionado por modalidade *irrealis*, plano discursivo figura, objeto não afetado pela ação verbal, verbos dinâmicos, sentenças cuja polaridade é negativa e avaliação da narrativa). As perífrases ocorrem, mais frequentemente, na função desiderativa (motivadas por ausência de sujeito agentivo e de objeto individuado na oração, plano discursivo fundo [fundo 1 e fundo2] e verbos durativos) e na função habitual (motivadas por sujeito agentivo, estilo dos autores Gabriel García Márquez e Virgílio Piñera, verbos dinâmicos e durativos e presença de modificador aspectual).

Considerando cada um dos domínios analisados, temos a seguinte configuração prototípica para o uso das formas imperfectivas de passado em Espanhol: (i) Temporal - situação contínua e única; (ii) Aspectual – verbos de estado associados à imperfectividade; (iii) Modalidade – *realis*; (iv) Textual-Discursivo - fundo 2, complicação da ação, discurso e voz do narrador; e (v) Transitividade – Médio-baixa (3-4). Cada traço prototípico pode ajudar a definir as formas imperfectivas de passado nos diversos contextos pragmático-discursivos analisados. A partir daí, no trabalho com análise linguística, poderemos avaliar quais os exemplares da categoria em análise e quais formas verbais podem ser consideradas como periféricas e, ainda, quais membros são ambíguos. Dessa forma, esperamos contribuir no que diz respeito ao estudo da oposição aspectual perfectivo *versus* imperfectivo.

As seguintes contribuições decorrem do trabalho empreendido nesta pesquisa:

- a) descrição das funções codificadas pelas formas imperfectivas de passado em texto narrativo e dos contextos sintático-semânticos, semântico-lexicais e textual-discursivos em que tais funções, mais frequentemente, ocorrem;

- b) identificação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação na codificação do passado imperfectivo e podem desencadear mudança no sistema verbal do Espanhol;
- c) exposição de dados em que as formas imperfectivas de passado estão distribuídas, ao longo da narrativa, ora em fundo ora em figura, do que decorre proposição de revisão da teoria proposta por Hopper e Thompson (1980) para os planos discursivos da narrativa;
- d) contribuições para os estudos da categoria Aspecto: critério da composicionalidade, multifuncionalidade e variação no domínio da imperfectividade e caracterização escalar do passado imperfectivo;
- e) caracterização escalar das formas imperfectivas de passado, o que pode ser útil para o processo de ensino-aprendizagem em aulas de Língua Espanhola.

Julgamos que seria importante, em futuras pesquisas, ampliar o presente estudo, incluindo mais contos e acrescentando narrativas orais de vários bancos de dados para compará-las com as escritas. Além disso, outros fatores, que não foram incluídos aqui, podem gerar importantes desdobramentos em estudos de natureza sociofuncionalista, tais como os fatores que Freitag (2007) controlou, em sua pesquisa sobre a expressão do passado imperfectivo no Português do Brasil: extensão da situação, tipo de referência, tipo de oração da situação, tipo de oração da referência, continuidade da situação, tipo de sequência discursiva e tipo de episódio. Poderíamos, também, controlar a modalidade em perspectiva escalar (de mais *realis* a menos *realis*), o tipo de perífrase (com gerúndio, particípio e infinitivo), o valor expresso pelo modificador aspectual (duração, progressão, localização e frequência). Podemos sugerir, ainda, a realização de novas análises estatísticas, com amalgamações e reorganização de grupos de fatores, por exemplo, o reagrupamento das vozes da narrativa e de outros grupos que não foram considerados significativos pelo programa estatístico. Podemos indicar, também, um estudo com as formas perfectivas de passado em Espanhol, ou seja, com os pretéritos perfeito simples e composto do Espanhol. Por fim, não resta dúvida de que a análise dos usos linguísticos das formas imperfectivas de passado pode

dar margem a importantes e intrigantes questões de pesquisa e pode contribuir para o ensino Espanhol, com subsídios acerca do funcionamento do passado imperfectivo em Espanhol.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACERO, J. J. 1990. Las ideas de Reichenbach acerca del tiempo verbal. In: Bosque, I. (ed.) **Tiempo y aspecto en español**. Cátedra, Madrid, p. 45-75.

AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra (Orgs.). **Ángel Rama – Literatura e cultura na América Latina**. Tradução Raquel dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: EDUSP, 2001.

ALCINA, J.; BLECUA, J.M. **Gramática española**. Barcelona: Ariel, 1975.

ALARCOS LLORACH, E. Sobre la estructura del verbo español. En: **Estudios de la gramática funcional del español**. Madrid: Gredos, 1978, p. 50-89.

_____. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1994.

ALEGRE, Blanca Palacio. **El tratamiento de los tiempos del pasado en E/LE (pretérito perfecto, indefinido e imperfecto) tomando como referencia el manual aula internacional**. Memoria de la Universidad Nebrija, Facultad de Filología, Departamento de Filología Española I, 2007.

ALEZA IZQUIERDO, Milagros & ENGUITA UTRILLA, José María. **La lengua española en América: normas y usos actuales**. Valencia: Universitat de València, 2010.

ALLENDE, Isabel. La mujer del Juez. En: ALLENDE, Isabel. **Cuentos de Eva Luna**. Buenos Aires: Debolsillo, 2003.

ALVAR, Carlos et al. **Breve historia de la literatura española**. Madrid, Alianza, 1998.

ANDERSEN, R. El desarrollo de la morfología verbal en español como segundo idioma. In: **Adquisición del lenguaje**, ed. J. Meisel, 115-38. Frankfurt: Klaus-Dieter Vervuert Verlag.. 1986. p. 115-38

_____. ‘Developmental Sequences: The Emergence of Aspect Marking in Second Language Acquisition’. In: **Crosscurrents in Second Language Acquisition and Linguistics Theories**. Ed. Thomas Huebner and Charles Ferguson. Amsterdam: John Benjamins. 1991. p. 305-24

AULLÓN DE ARO, Pedro et al. **Breve historia de la literatura española en su contexto**. Madrid, Playor, 1988.

BACK, Ângela Cristina di Palma. **A multifuncionalidade da forma verbal –sse no domínio tempo-aspecto-modalidade: Uma abordagem sincrônica**. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BARALO O. M. La alternancia imperfecto – indefinido en el español no nativo. In: **Actas del VI Congreso de Lingüística General**. vol. 1, Santiago de Compostela, 2004.

BARDOVI-Harlig; KATHLEEN; Reynolds, DUDLEY ,W. **The Role of Lexical Aspect in the Acquisition of Tense and Aspect**. TESOL Quarterly, 29.1: 1995. p. 107-131.

BARRERA, Trinidad (org.). **Historia de la literatura hispanoamericana: siglo XX**. Madrid: Cátedra, 2008.

BARROS, Adil de J.P. de; LEHFELD, Neide A. de S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

BASSOLS, Margarida; TORRENT, Anna. **Modelos textuales**. Barcelona: Eumo-octaedro, 2003.

BERGARECHE, Camus B. Perífrasis verbales y expresión del aspecto en español. In: Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. **El pretérito imperfecto**. Madrid: Gredos, 2004.

BERTINETTO, Pier Marco. **Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo**, Florencia: L'Accademia della Crusca. 1986.

BERTINETTO, Pier Marco y Mario Squartini. **An attempt at defining the class of gradual completion verbs**. Pier Marco Bertinetti, V. Bianchi, J. Higginbotham y M. Squartini (eds.), vol. I, p. 11-26, 1995.

BERTINETTO, Pier Marco, EBERT, Karen, DE GROOT, Casper. The progressive in Europe. In: Östen Dahl (Ed.). **Tense and aspect in the languages of Europe**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

BELLO, A. **Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana**. Caracas: Reproducción Facsimilar, 1841.

_____. **Gramática de la lengua castellana**. Buenos Aires: Sopena, 1847.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

BERGSTROM, A. **The expression of past temporal reference by English-speaking learners of French**. Unpublished PhD dissertation. The Pennsylvania State University, 1995.

BLAS ARROYO, José Luis. **Sociolingüística del español: Desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social**. Madrid: Cátedra, 2005.

BOSQUE, I.; V. DEMONTE. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Espasa. Calpe, 1999.

BRAVO MARTÍN, Ana. **La perífrasis “IR + A + INFINITIVO” en el sistema temporal y aspectual del español**. 399 p. Tesis Doctoral de la Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, Departamento de Filología Española I, 2008.

BRIOSCHI, F., GIROLAMO, C. Di. **Introducción al estudio de la literatura**. 5ªed. Barcelona: Ariel, 2000.

BRIONES, Ana Isabel. **Dificultades de la Lengua Portuguesa para hispanohablantes de nivel avanzado**: estudio contrastivo. Madrid: Ariel, 2001.

BRUCAT, José M. El valor del imperfecto de indicativo en español. In: **Primer Congreso Internacional de la Asociación Coreana de Hispanistas**. Chonbuk: Universidad Nacional de Chonbuk, 2001.

BULL, W. **Time, tense and verb**. Berkeley: University of California Press, 1960.

BYBEE, Joan, PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. **The Evolution of Grammar Tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, JOAN. Cognitive Process in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. v.2. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum, p. 145-167. 2003.

_____. Los mecanismos de cambio como universales lingüísticos. En: MAIRAL, Ed. R. y GIL, J. **Entorno a los universales lingüísticos**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 245-263. 2004.

_____. **From usage to grammar: the mind's response to repetition**. *Language*, 82, pp. 711-733. 2006.

CANO, Rafael A. **Historia de la lengua española**. 2ª Edición. Barcelona: Editorial Ariel, 2005.

CASTAÑEDA CASTRO, A. **Aspecto, perspectiva y tiempo de procesamiento en la oposición imperfecto/indefinido en español. Ventajas explicativas y aplicaciones pedagógicas**. Alicante: Eds. J. L. Cifuentes Honrubia y C. Marimón Llorca, 2001.

CASTAÑEDA CASTRO, A. y ORTEGA O. J. Atención a la forma y gramática pedagógica: algunos criterios para el metalenguaje de presentación de la oposición imperfecto / indefinido en el aula de español/LE. In: **Estudios de Lingüística de la Universidad de Alicante**, anejo 1, pp. 213-248, 2001.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, 1968.

CASTRO, Lucía Tobón. **Algunas consideraciones sobre el aspecto verbal en Español**. Madrid: Thesaurus, 1974.

CEDERGREN, Henrietta J. **Consideraciones sociolingüísticas sobre la microevolución lingüística**, en López Morales y Vaquero, Eds. 1987.

CHEDIER, Carolina Moreira. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COAN, M. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função (ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. Tese (Doutorado em Linguística)- Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.

COMAJOAN, Llorenç & Pérez Saldanya, Manuel Grammaticalization and Language Acquisition: Interaction of Lexical Aspect and Discourse. In: **Selected Proceedings of the 6 th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese as First and Second Languages**, ed. David Eddington, 2005. p. 44-55.

COMPANY COMPANY, Concepción. “¿Qué es un cambio lingüístico”, en COLOMBO, Fulvia y SOLER, María Ángeles (coords.). **Cambio lingüístico y normatividad**. México: UNAM, 2003. p.13-32.

COMRIE, Bernard. **Tense** (4 ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Aspect**. (3 ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

_____. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSERIU, E. **El sistema verbal románico**. México: Siglo XXI Editores, 1976.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em Português**. São Paulo: Contexto, 1990.

CUNHA, Roseli Barros. **Transculturação narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama**. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

DAHL, ÖSTEN. **Tense and aspect systems**. Oxford: Blackwell. 1985.

DELFITO, D. y BERTINETTO, P.M. A case study in the interaction of aspect and actionality: **the imperfect in italian**. Oxford: New York, 1995.

DÍAZ PLAJA, Guillermo. **Historia de la literatura española a través de la crítica y de los textos**. Ciordia, Buenos Aires, 1960.

DIK, Simon C. **Functional Grammar**. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publications, 1981.

DI TULIO, Ángela. **Manual de gramática del español**. Buenos Aires: La Isla de la Luna, 2005.

DUARTE, Cristina Aparecida. **Diferencias de usos gramaticales entre Español / Português**. Madrid: Editorial Edinumen, 2005.

DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (org). **Iconicity in syntax**. Amsterdam : John Benjamins Publishing Company, 1985, p. 343-365.

DUBOIS, S.; VOTRE, Sebastião Josué. **Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico**: a procura da essência da linguagem. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

FERNÁNDEZ RAMÍREZ, S. **Gramática española**. Madrid: Arco/Libros, 1986.

FERNÁNDEZ SORIANO, O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. En: BOSQUE, I y DEMONTE, V. (Eds.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española – Tomo I**. Madrid: RAE – Espasa-Calpe, 1999.

FONTANELLA DE WEINBERG, M.B. Los auxiliares españoles. En: **Anales del Instituto de Lingüística, X**. Universidad de Cuyo, 1970, p. 61-73.

FRANCO, Jean. **Historia de la literatura hispanoamericana**. 7ª edição. Barcelona: Ariel, 1987.

FRIEDMAN, Norman. Point of View in Fiction: **The Development of a Critical Concept**. **PMLA**, Vol. 70, No. 5 (Dec., 1955), pp. 1160–1184.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança**. Tese (Doutorado em Linguística)- Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis:UFSC, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M.A., OLIVEIRA, M. R. e MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 159-241.

GABARDO, T.L. **Reflexões sobre tempo e aspecto nas línguas portuguesa e espanhola.** Dissertação (Mestrado em Linguística da Língua Portuguesa)- Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba: UFPR, 2001.

GARCÉS, María Pilar. **Las formas verbales en español valores y usos.** Madrid: Editorial Verbum, 1997.

GARCÍA GONZÁLEZ, J. **Perífrasis verbales.** 2a ed. Alcobendas (Madrid): SGEL, 1992.

GARCÍA, A. L. **Gramática del español I: La oración compuesta.** Madrid: Arco/Libros, 1994.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. **El aspecto gramatical en la conjugación.** Madrid: Arco/Libros, 1998.

_____. El pretérito imperfecto: repaso histórico y bibliográfico. In: Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. **El pretérito imperfecto.** Madrid: Gredos, 2004.

_____. **Diccionario de perífrasis verbales.** Madrid: Gredos, 2006.

GENTA, Florencia. **Perífrasis verbales en español:** focalización aspectual, restricción temporal y rendimiento discursivo. Tesis doctoral. Universidad de Granada, Granada, 2008.

GILI GAYA, S. **Curso superior de sintaxis española.** Madrid: Bibliograf, 1943.

GIMENO MENÉNDEZ, Francisco. **Sociolingüística histórica:** siglos X-XII. Madrid: Visor, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Historical syntax and synchronic morphology:** An archaeologist's field trip, **CLS #7**, Chicago: University of Chicago, Chicago Linguistics Society, 1971.

_____. **On understanding grammar.** Nova York: Academic Press, 1979.

_____. Tense-Aspect-Modality. In: **Syntax:** a functional-typological introduction. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.

_____. **Syntax:** a functional-typological introduction. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

_____. **Functionalism and grammar:** a prospectus. University of Oregon, 1991a.

_____. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar: a functional-based introduction**. Vol I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.

_____. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

_____. **Bio-Linguistics: the Santa Barbara Lectures**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

_____. **Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

GODOI, Elena. **Aspecto do aspecto**. 1992. 304 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Perífrasis verbales**. Madrid: Arco Libros, 1988.

_____. Los verbos auxiliares. Las perífrasis verbales de infinitivo. En: BOSQUE, Ignacio y DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999.

_____. **Gramática didáctica del español**. Madrid: SM, 2002.

GONZÁLEZ, Silvana Guerrero. **Análisis sociolingüístico de las diferencias de género en narraciones de experiencias personales en el habla juvenil de Santiago de Chile**. (Magíster en Lingüística con mención en Lengua Española) - Curso de Posgrado en Lingüística, Universidad de Chile, Santiago, 2009.

GORSKI, Edair, FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcação e Comportamento Sociolingüístico de marcadores discursivos interacionais na fala de Florianópolis. In: Paulino Vandresen (org.). **Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006, p. 28-50.

GORSKI, Edair M. **O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita**. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

GUTIÉRREZ ARAUS, L. M. **Formas temporales del pasado en indicativo**. Madrid: Arco/Libros, 1997.

GUTIÉRREZ. C.A. **La concordancia de tiempos**. Madrid: Arco/Libros, 2000.

GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, M.A.K. **Language as social semiotic**. London: University Park Press, 1978.

HARLEY, Birgit & Swain, Cerril. **An análisis of the verb system used by young learners of French**. *Interlanguage studies bulletin*, 1978. p. 35-79.

HEINE, Bernard; KUTEVA, Tania. **Language contact and grammatical change**. Cambridge University Press, 2005.

HERNÁNDEZ CAMPOY, Juan Manuel y ALMEIDA, Manuel. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005.

HERNÁNDEZ, José G. Cornonado. **Perífrasis verbales en formación en el español de México**. (Licenciatura en Lingüística con mención en Lengua Española) - Curso de Licenciatura en Lingüística, Universidad Autónoma Metropolitana, México, D.F., 2006.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: Givón, Thomas (Org). **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, P.; S. THOMPSON. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, vol. 56, n° 2: pp. 251-299, 1980.

_____. The iconicity of the universal categories “noun” and “verb”. In: HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p.151-183.

HOPPER, Paul, TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. J. **Emergent grammar**. *Berkeley Linguistics Society*, v.13, 1987, p.139-157.

_____. On some principles in the grammaticalization. In: E. Traugott, B. Heine (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v.1. p. 17-35.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**: expressões da duração e da reiteração, os adjuntos que focalizam eventos, momentos estruturais na descrição dos tempos. São Paulo: Contexto, 2001.

INSTITUTO CERVANTES. **Español una lengua viva**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2010.

KRAMSH, C. **Context and culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. The boundaries of words and their meanings. In: BAILEY, C.; SHUY, R. W. (Orgs.). **New ways of analyzing variation in English**. Washington: Georgetown University Press, 1973.

_____. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978.

_____. Building on empirical foundations. In: Winfried Lehmann e Yakov Malkiel (eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1982.

_____. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. Oxford: Blackwell, 2010.

LABOV, William; WALETSKY, Joshua. Narrative analysis. In: HELM, J. (org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967, p. 12-44.

LAFFORD, Barbara A. **Spanish Applied linguistics in the Twentieth Century: A Retrospective and Bibliography**. Hispania: 2000.p. 711-732.

LAGUNA, Patrícia. **Adquisición de aspecto por parte de Estudiantes de Español en un programa de inmersión**. 2008. Dissertação (Master of the arts for Teachers) – Department of World Languages and Cultures, Indiana University, 2008

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

LAVANDERA, B. **Where Does de Sociolinguistics Variable Stop? Language Society**, Printed in Britain, 1977.

LENCI, A., BERTINETTO, P.M. Aspects, Adverbs and Events. Habituality vs. Perfectivity, en HIGGINBOTHAM, J., PIANESI, F.,VARZI, A.C. **Speaking of Events**. Nueva York: Oxford University Press, 2000.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: Ática, 1985.

LENZ, R. La oración y sus partes. En: **Estudios de gramática general y castellana**. Madrid: Centro de Estudios Historicos, 1935.

LIMA, Maria Claudete. **A não-atribuição de causalidade na crônica geral de Espanha de 1344**. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LISKIN-GASPARRO, J. **Narrative strategies: A case study of developing storytelling skills by a learner of Spanish**. *Modern Language Journal*. 1996. p. 271-286.

_____. **The use of tense-aspect morphology in Spanish oral narratives: Exploring the perceptions of advanced learners**. *Hispania*: 2000. p. 830-844.

LOPEZ-ORTEGA, Nuria R. **Tense, aspect, and narrative structure in Spanish as second language**. *Hispania*: 2000.p. 488-502.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. 3ª Ed. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

LORENZO, Rocío B.; PINO, Ana M. G.;HERMIDA, Mar F. **Curso de Literatura: español lengua extranjera**. Madrid: Edelsa, 2006.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

_____. **Introdução à Linguística Teórica**. [Introduction to Theoretical Linguistics]. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Hélio Pimentel, São Paulo, Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1979.

MALDONADO, J.G. **El aspecto imperfectivo en inglés: su expresión y función en el texto narrativo**. 456 p. Tesis Doctoral de la Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Filología, Departamento de Filología Española I, 1992.

MANACORDA DE ROSETTI, M. y BARRENECHEA, A. M. **Estudios de gramática estructural**. Buenos Aires: Paidós, 1986.

MARÍN, F.M. **Curso de gramática española**. Madrid: Cincel, 1987.

MASIP, Vicente. **Gramática española para brasileños**. Barcelona: Difusión, 1999.

MARTÍNEZ-ATIENZA, M. La expresión de la habitualidad en español. In: Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. **El pretérito imperfecto**. Madrid: Gredos, 2004.

MARTÍNEZ, Juana. El cuento hispanoamericano del siglo XIX. In: MADRIGAL, Luis Íñigo (org.). **Historia de la literatura hispanoamericana: del neoclasicismo al modernismo**. Madrid: Cátedra, 2008, p. 229 – 245.

MATTE BON, F. **Gramática comunicativa del español**. Tomo I: De la lengua a la idea. Madrid: Edelsa, 2003.

MEILLET, Antonie. L'évolution des forms grammaticales. In: **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: 1958 [1912].

MENDES, Ronald Beline. **Estar + gerúndio e ter + particípio: aspecto verbal e variação no português**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em estudos da linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MILANI, Esther M. **Gramática de espanhol para brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2007, p. 09 – 14.

MORALES, Juan Luis Onieva. **Comentario lingüístico de textos literarios contemporáneos**. Madrid: Editorial Playor, 1998.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco/Libros, 2000.

____. **Las variedades de la lengua española y su enseñanza**. Madrid: Arco/Libros, 2010.

MOUNIN, G. Problèmes terminologiques de l'aspect. In: **Linguistique Antverpiensia**, 2. 1968, p. 317-328.

MUÑOZ, D. y G. SOTO. 1999-2000. Construcciones medias de alta transitividad en el español: un enfoque cognitivo-discursivo. **Lenguas modernas**, vol. 27-26: pp. 185-208.

NARANJO, Fina García y GARCÍA, Concha Moreno. Cuentos, cuentos, cuentos. Variación y norma en la presentación de un texto literario. ¿Qué español enseñar? Norma y variación lingüísticas en la enseñanza del español a extranjeros. En: **Actas del XI Congreso de ASELE**. Zaragoza, 2000, p. 819-829.

NEVES, M.H.M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2007.

NICHOLS, J. Functional theories of Grammar. **Annual Review of anthropology**, Vol. 13. p. 97-117.1984.

NOGUEIRA, Márcia T. Considerações sobre o funcionalismo linguístico: principais vertentes. In: **X Seminário do grupo de estudos Discurso e Gramática**. Linguística funcional: a interface linguagem e ensino. Natal: EDUFRN/D&G, 2006, p.23-40.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2008.

OSEGUERA CHÁVEZ, Eva Lydia. **Historia de la Literatura Latinoamericana**. 1ª edição. México: Addison Wesley Longman de México, S.A. 2000.

PALMER, F. R. Mood and Modality. In: **Cambridge textbooks in Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PÉREZ, O.B. **El cuento español, 1940-1980**. Madrid: Editorial Castalia, 1989.

PÉREZ SALDANYA, M. Los tiempos verbales: dificultades teóricas y terminológicas. In: **El pretérito imperfecto**. Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. Madrid: Gredos, 2004.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. In: **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. v.3. São Paulo: Editora Cortez, 2004. p. 165-218.

PIERCE, Charles Sanders. In: BUCHLER, Lohn (ed.). **The philosophy of Pierce**. Nova York: Harcourt and Brace, 1940.

PINTZUK, S. (1988). Varbrul Programs [inédito].

PONTES, Valdecy de Oliveira. **O uso dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito do indicativo em narrativas escritas em espanhol por aprendizes brasileiros em formação docente universitária: uma análise funcionalista**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-graduação em Língua Aplicada. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009. 119p.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1982, 305p.

RAVAGNANI, F.R.; CATELAN, L. **Glossário de estatística**. 1ª Ed. São Paulo: Netra, 2002. 208p.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Gramática de la lengua española - nueva edición reformada**. Madrid: Espasa-Calpe, 1931.

_____. **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa- Calpe, 1983.

_____. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 2009.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

ROBISON, R. **The aspect hypothesis revisited: a cross-sectional study of tense and aspect marking in interlanguage**. *Applied Linguistics*, v. 16, n.3, p.344-370, 1995.

ROCA PONS, J. **Estudios sobre perífrasis verbales del español**. *Revista de Filología Española*, Anejo 67. 1958.

ROSCH, E. Natural categories. In: **Cognitive psychology**, 1973, 4v.

RODRÍGUEZ RAMALLE, Teresa María. **Manual de sintaxis del español**. Madrid: Castalia Universidad, 2005.

ROJO, G. Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español. In: **Tiempo y Aspecto en español**. Bosque, I. (ed.) Cátedra: Madrid, 1990.

ROJO, G. & VEIGA, A. El tiempo Verbal. Los Tiempos Simples. In: Bosque (ed.) **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Espasa- Calpe: Madrid, 1999.

RUIZ CAMPILLO, J. P. **Instrucción indefinida, aprendizaje imperfecto. Para una gestión operativa del contraste imperfecto / indefinido en clase**. *Mosaico*, 15, p. 9-17. 2005.

SÁNCHEZ LOBATO, J. Modelos de uso de la lengua en la literatura actual. La lengua desde la enseñanza, Tendencias actuales en la enseñanza de español como lengua extranjera, I. En: **Actas del Quinto Congreso de ASELE**. Málaga, 1996, p. 235-246.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

SANTOS GARGALLO, Isabel. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco/Libros, 2004.

SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria

Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 147 – 177.

SILVA, Iandra Maria da. **As voltas que o modo dá**: parâmetros funcionais da alternância indicativo/subjuntivo em espanhol. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA CORVALÁN, Carmen. **Tense and Aspect in Spanish Narrative**. Language, 1983.

_____. La narración oral española: estructura y significado. En: E. Bernández (Ed.). **Lingüística del texto**. Madrid: Arco Libros, 1987, p. 265-292.

SILVA, Gezenira Rodrigues. **O aspecto verbal nas formas simples dos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo no Português culto de Fortaleza**: uma abordagem semântico-discursiva. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SILVEIRA, Elisabeth. **O aluno entende o que se diz na escola**. Rio de Janeiro: Ed. Dunya, 1997.

SMITH, Carlota. **The parameter of aspect**. Dordrecht, Boston, Londres: Kluwer Academic Publishers, 1997.

SPULDARO, Eliane Rauber. **A aquisição de distinções aspectuais em Português como segunda língua por falantes nativos de Inglês: o exemplo dos pretéritos perfeito e imperfeito**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

TAVARES, M.A. **A gramaticalização de é, aí, daí e então**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TORRENS ÁLVAREZ, M.J. **Evolución e historia de la lengua española**. Madrid: Arco Libros, 2007.

TORRES CACOULOS, R. From lexical to grammatical to social meaning. **Language in Society**, Cambridge, v.30, p.443-478, 2001.

VEIGA RODRÍGUEZ, A. **La no independencia funcional del aspecto en el sistema verbal español**. Estudios, 57. 1992.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **The philosophical review**. Vol. 02, Nº 2. 1957, p. 143- 160.

_____. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

WEINRICH, H. **Le temps**. Paris: Seuil, 1973.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

8. *Corpus* selecionado para a análise

- 1) BOLAÑO, Roberto. Llamadas telefónicas. In: **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

_____. La nieve. In: **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

_____. Una aventura literaria. In: **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

_____. Clara. In: **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.

- 2) CELA, Camilo José. Noventa minutos de rebotica. In: **Cuentos Madrileños**. Padilla, Jose Montero. Madrid: Editorial Castalia. S.A., 2002.

_____. Marcelo Brito. In: **El cuento español 1940-1980**. PÉREZ, Óscar Barrero. Madrid: Editorial Castalia. S.A., 1989.

_____. La eterna canción. In: **Cuentos para leer después del baño**. CORRALES, J. Barcelona: Ediciones Juan Granica. S.A., 1987.

_____. Claudius, profesor de idiomas. In: **Cuentos para leer después del baño**. CORRALES, J. Barcelona: Ediciones Juan Granica. S.A., 1987.

- 3) CORTÁZAR, Julio. Las armas secretas. In: **Cuentos completos 1**. 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

_____. El móvil. In: **Cuentos completos 1**. 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

_____. Las puertas del cielo. In: **Cuentos completos 1**. 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

_____. Bruja. In: **Cuentos completos 1**. 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.

- 4) MÁRQUEZ, Gabriel García. La santa. **In: Doce cuentos peregrinos.** 17ª edición. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

_____. Me alquilo para soñar. **In: Doce cuentos peregrinos.** 17ª edición. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

_____. Sólo viene a hablar por teléfono. **In: Doce cuentos peregrinos.** 17ª edición. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

_____. El verano feliz de la señora Forbes. **In: Doce cuentos peregrinos.** 17ª edición. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

- 5) PIÑERA, Virgilio. El que vino a salvarme. **In: El que vino a salvarme.** Madrid: Cátedra, 2008.

_____. Unos cuantos niños. **In: El que vino a salvarme.** Madrid: Cátedra, 2008.

_____. Unas cuantas cervezas. **In: El que vino a salvarme.** Madrid: Cátedra, 2008.

_____. El enemigo. **In: El que vino a salvarme.** Madrid: Cátedra, 2008.

- 6) RULFO, Juan. El llano en llamas. **In: El llano en llamas.** Madrid: Editorial Planeta, 2007.

_____. Acuérdete. **In: El llano en llamas.** Madrid: Editorial Planeta, 2007.

_____. La noche que lo dejaron todo. **In: El llano en llamas.** Madrid: Editorial Planeta, 2007.

_____. Diles que no me maten. **In: El llano en llamas.** Madrid: Editorial Planeta, 2007.